



BREVE ESCURIDÃO

GLADYS OSBORNE LEONARD

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

BREVE ESCURIDÃO

GLADYS OSBORNE LEONARD

Conduzindo de luz em luz, através de uma breve escuridão.

— *Longfellow*

Primeira edição: 1942

ÍNDICE

1. Um Antídoto para o Desespero
2. Rumores de Tempestade
3. O Rapaz Brilhante
4. Nos Bastidores
5. As Nossas Mentes Famintas
6. Aviso e Reasseguro
7. «Mudança e Decadência» — Conduzem à Vida Eterna
8. Da Luz para a Escuridão
9. Fardos Desnecessários
10. Um Impulso para Recapturar o Passado
11. Em Busca de uma Arca de Carvalho
12. A Persistência de uma Esposa
13. Não Te Agastes
14. A História Repete-se
15. As Nuvens Adensam-se
16. Linha de Fronteira
17. O Meu Encontro com a Olive M.
18. «Adeus» — Mas Voltamos a Encontrar-nos
19. As Equipas de Resgate

20. Somos Espíritos Aqui e Agora
21. A Metamorfose da Tia Jane
22. O Lado Mais Leve da Vida no Além
23. Podemos Ajudar Aqueles que Partem
24. O Amor Encontra o Caminho
25. Remorso e Expição
26. Bom Demais para Ser Verdade?
27. Defeitos e Desfigurações no Corpo Etérico
28. VISÕES ONÍRICAS
29. Conselhos Oportunos do Mundo Espiritual
30. O Embaixador na Água
31. Os Homens dos Lavagantes
32. «O Plano de Deus — E a Nossa Parte»
33. Profecia versus Dedução
34. Deus Intervirá
35. Os Bigodes do Tigre
36. O Éter como Meio para Manifestações Supernormais
37. Esse Perplexante Elemento Tempo
38. Espíritos Malignos?
39. Mortos — por Pão
40. O Indivíduo e os Propósitos
- 41.

BREVE ESCURIDÃO

CAPÍTULO 1

UM ANTÍDOTO PARA O DESESPERO

Numa recente alocução radiofónica transmitida por um eminente teólogo, foi-nos dito que a Fé Cristã é o único antídoto para o estado de desespero instalado em muitas mentes pelas dores de um luto súbito, ou pelo estrago e destruição causados pelos instrumentos da guerra moderna. Nunca antes o mundo conheceu tal estado de caos e destruição em massa de vidas e propriedades como o que experimentámos recentemente — e ainda estamos a sofrer — nestes dois últimos anos, 1940-1941. E tem sido uma provação dolorosa para a chamada fé de muitas pessoas.

A fé por si só falha-nos frequentemente quando nos encontramos confrontados com as terríveis realidades da vida, e decerto que temos muitos exemplos na história e no ensino cristão que nos deveriam encorajar a adquirir conhecimento e experiência suficientes para nos permitirem construir a nossa concepção de Deus — e o triunfo final do Bem sobre o Mal — sobre uma rocha que nada possa quebrar ou deslocar.

A fé pode conduzir-nos a um conhecimento mais profundo; o conhecimento deve conduzir-nos a uma Fé maior. A fé e o conhecimento podem caminhar de mãos dadas, ajudando-se e fortalecendo-se mutuamente à medida que a sabedoria aumenta. Precisamos de ambos nas nossas vidas. No capítulo 13 do Evangelho de São Mateus, lemos que Jesus se viu impedido de realizar muitos milagres devido à falta de fé daqueles que O rodeavam, o que mostra que a ausência de fé exerce uma influência inibidora ou limitadora sobre o exercício dos poderes Espirituais e Psíquicos.

Podemos colocar a nós próprios a questão: «Porque quis Jesus demonstrar estes poderes se pretendia, com a Sua vida e obras, criar um precedente que proibisse o seu uso futuro pelo homem, com o fundamento de que este se deveria contentar apenas com a fé?»

De acordo, Ele repreendeu, embora muito suavemente, o duvidoso e talvez de mentalidade científica Tomás, que exigia provas, mas deu-lhas; embora nós, que hoje trabalhamos e estudamos arduamente para obter sequer uma centésima parte de tal evidência,

sentiríamos que o Tomé, com o seu conhecimento íntimo de Jesus e as vantagens óbvias daí decorrentes, já tinha tido mais do que a sua justa quota-parte de prodígios!

Mais ainda, com que propósito levou Jesus o Pedro, o Tiago e o seu irmão João «a um alto monte, à parte», onde os quatro viram os espíritos de Moisés e de Elias, que «conversavam com Jesus»? Tão clara e inequívoca foi esta manifestação do que parece aproximar-se, em algum grau, dos fenómenos — no seu melhor — das modernas salas de sessões espíritas, que o Pedro deu por garantido que eles, o Moisés e o Elias, necessitariam que se lhes erguessem tendas! Desta experiência só podemos depreender que Jesus não condenou a comunicação com os Espíritos daqueles que tinham partido para o Além, mas sim que selecionou os de um tipo bom e progressivo, que fossem propícios a dar-Lhe conforto e encorajamento que o pudessem ajudar no Seu caminho, e na provação pela qual sabia que iria fundamentalmente passar.

Não será o anseio por — não, a necessidade de — conforto e encorajamento o que está na base do nosso desejo de comunicar com aqueles que amámos e «perdemos»? Dizem-nos que «a união faz a força», e é a união consciente e a ligação de mentes afins que consideramos tão prestáveis assim que estabelecemos contacto com elas.

Sabemos que isto se aplica inclusive ao nosso convívio com os que estão na Terra, e é muito mais assim quando somos capazes de conversar com, e ser ajudados por, aqueles que alcançaram um maior conhecimento e experiência no Outro Lado da vida. Na minha experiência (e quem pode falar com mais profunda certeza do que quem o faz a partir dos resultados de uma experiência pessoal concreta, mesmo que isso implique um uso abundante do pronome pessoal ao fazê-lo?), é de um benefício inestimável para o indivíduo estar ciente da ajuda e cooperação de tais almas evoluídas e, além disso, há sempre a certeza de desenvolver uma massa coletiva cada vez maior de Bom Sentimento, Bom Pensamento, Boa Intenção — à

medida que cresce o número de indivíduos envolvidos nessa cooperação Espiritual.

No capítulo 6 da Epístola de São Paulo aos Efésios, é-nos dito: «Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais manter-vos firmes contra as ciladas do diabo (mal?).

Porque nós não lutamos contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste mundo, contra a maldade espiritual nos lugares altos.

Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes.»

«A armadura de Deus», de que São Paulo fala — o que é? Não será a Fé perfeita que provém do conhecimento? A Fé que vê, ouve e compreende a razão da sua própria existência e força?

Dizem-nos que «o Amor deve ser bondoso, mas não cego». Não será igualmente verdade que a Fé deve ser sábia, e não ignorante, e que nos deve encorajar a uma maior sabedoria, a um maior conhecimento mental e espiritual? A menos que o faça, não tenderá decerto a ser não progressiva e improdutiva?

E quem deveria compreender melhor os perigos dos «principados e potestades» do Mundo Invisível do que aqueles que pertencem à mesma condição em que tais poderes existem, embora funcionem num Plano Mais Alto de Ser e Pensamento, de modo a estarem protegidos contra eles — e, no entanto, cientes dos mesmos?

Neste reino mais elevado, os nossos entes queridos habitam num estado onde o pensamento se torna instantaneamente criativo; tanto assim que todo o pensamento vago ou negativo é desencorajado logo à partida. Após passarem pelo processo físico chamado Morte, não demoram muito a descobrir a importância do pensamento correto, baseado nas leis do Amor e da Boa Vontade, em oposição ao poder destrutivo exercido por aqueles que se esforçam por exercer a sua luxúria de despotismo inescrupuloso sobre tudo e todos os que consideram como sua presa legítima.

Certamente que não é apenas contra «a carne e o sangue» na terrível luta de hoje que temos de combater, mas contra o poder do pensamento maligno (maldade espiritual) que anima essa carne e esse sangue, e que afeta indubitavelmente as condições astrais ou etéricas que se situam entre os planos Físico e Espiritual.

Estas condições podem reagir adversamente sobre nós, e também interferir com os nossos esforços para alcançar aqueles que amamos no Além; muitas vezes tornam difícil, ou desaconselhável, que eles se nos manifestem sempre que tais poderes dominam em qualquer extensão. Isto comprovei-o para minha própria satisfação, e espero que as experiências e conclusões a que cheguei, e que relato nos capítulos seguintes deste livro, assistam os meus leitores a evitar armadilhas semelhantes e, por outro lado, os ajudem a desfrutar da dita inestimável da comunicação consciente com aqueles que «amaram desde há muito e perderam por um pouco».

Existe uma maneira certa e uma maneira errada de estabelecer comunicação. Existe também um momento certo e um errado para o fazer. É difícil estipular regras rígidas e inflexíveis para cada caso individual; posso apenas expor as experiências tal como ocorreram, e dar aos meus leitores o benefício de quaisquer conclusões a que tenha chegado ao longo de um período de vários anos.

CAPÍTULO 2

RUMORES DE TEMPESTADE

Foi durante uma noite, na Primavera de 1940, que tive uma curiosa experiência que me fez parar, olhar para trás e fazer um balanço cuidadoso de muitos acontecimentos de natureza dita supernormal, que se tinham estendido por um período de dois ou três anos.

Após a partida do meu marido, em 1935, tinha dividido a maior parte da minha atenção entre as minhas habituais sessões de transe e o estudo do corpo etérico e das suas atividades, que considerava

absorventemente interessante. Algumas das experiências anteriores registei-as no meu livro *The Last Crossing*, mas, depois de terminar este, continuei a perseguir as minhas investigações com maior e mais profundo entusiasmo.

Naturalmente, como muitas pessoas enlutadas, o meu interesse era de ordem pessoal, o que me ajudou indubitavelmente a concentrar-me e a recordar os incidentes que estavam particularmente ligados ao meu marido e a mim própria e aos nossos interesses mútuos, tanto no lado terreno da vida como no plano em que ele agora vivia. Isto fez-me provavelmente subestimar a importância de muitos incidentes de interesse geral que mais tarde demonstraram ter grande significado; mas, felizmente, tinha-os registado a todos na altura, ou poucas horas após a sua ocorrência. Ao ler as minhas notas, eles voltaram-me à mente em pormenor claro, como a maioria das experiências psíquicas concretas faz, pois parecem estampar-se na mente com mais força do que qualquer evento físico, assim que se estabelece o hábito de os observar e registar cuidadosamente.

Em 1940, ainda vivia nos arredores de uma pequena cidade costeira. A minha casa estava situada perto da beira das falésias, que desciam até ao mar.

O jardim que rodeava a casa era particularmente aberto e agradável no seu lado leste. Deste lado da casa, no rés-do-chão, havia uma sala composta inteiramente de vidro numa das extremidades; sendo construída para fora do resto da casa, formava uma espécie de grande janela de sacada quadrada, da qual se podia ver o mar à esquerda, o céu acima do chalé vizinho (que ficava a cerca de cinquenta pés de distância) e as traseiras do meu jardim à direita. Era esta sala que estava a ocupar nesta noite específica, no início de 1940. Dormia num divã na parte interior da sala, e um grande par de cortinas pesadas era por vezes puxado total ou parcialmente através da secção que continha as janelas de vidro.

Nesta ocasião, tinha corrido as cortinas antes de me deitar. Dormi durante algum tempo, mas vi-me acordada novamente por volta das

duas horas da manhã. Por alguns momentos fiquei a perguntar-me por que me sentia de repente tão desperta, depois decidi que poderia ser porque não só tinha corrido as cortinas, como me tinha desleixado de abrir a janela, e a atmosfera parecia bastante abafada.

Levantei-me, puxei as cortinas para trás e abri uma das grandes frestas da janela; enquanto o fazia, notei que havia uma grande quantidade de holofotes a rasgar o céu, todos apontando na nossa direção.

O facto de estarem agora a concentrar-se mesmo por cima da nossa vizinhança não me perturbou de todo, e voltei para a cama.

Imediatamente a seguir, ouvi uma terrível explosão, seguida de pesado fogo de artilharia ao longe, e o matraquear de metralhadoras soou bastante perto. Percebi que a guerra estava finalmente a começar a invadir o nosso anterior estado de quietude comparativa. Senti-me um tanto solitária e pensei com tristeza no tempo em que estivemos em guerra com a Alemanha pela última vez, quando o meu marido estava comigo em carne e assumia toda a responsabilidade e problemas por mim, dando-me aquele maravilhoso sentimento de ser cuidada por alguém em quem se tinha implícita confiança e confidência, do qual não há sentimento mais profundo ou mais satisfatório a ser experimentado durante a vida na terra.

Ainda assim os barulhos continuavam, e perguntei-me se o meu marido estaria presente comigo agora em espírito, já que não podia mais estar comigo no corpo físico. Não conseguia vê-lo, nem mesmo «senti-lo», mas, dando por garantido que ele poderia estar comigo, disse em voz alta:

— Este distúrbio não é muito agradável, mas não me importo realmente com ele, e sei que estás comigo, embora não te consiga ver de momento. Espero que não te magoe nem te preocupe estares comigo sob tais condições?

O fogo antiaéreo ainda persistia e, por esta altura, havia uma boa quantidade de aviões a andar em círculos lá no alto. Enquanto os escutava, ouvi e senti um toque distinto na minha almofada, perto da

minha cabeça. Produziu um som audível, como uma pancada nítida, embora tenha sido feito numa superfície macia. Um curioso sentimento de reassseguro e paz apoderou-se de mim, e voltei a adormecer imediatamente.

Penso que o período real de sono normal deve ter durado um tempo muito curto, provavelmente apenas alguns minutos; depois acordei com aquele curioso estado de dupla consciência ao qual nunca fui capaz de me habituar por completo, o qual nunca perde a sua atração e interesse absorvente para mim.

(Chamo-lhe dupla consciência porque, após alguns momentos de uma condição cataléptica do corpo físico, sou capaz de estar ciente daquele outro — como São Paulo lhe chamou — corpo espiritual, que nós, na linguagem moderna, descrevemos habitualmente como o corpo etérico ou astral.

Qualquer que seja o nome pelo qual lhe chamemos, significa aquele corpo sobre o qual sabemos tão pouco, embora o possuamos agora; após a morte física e o corte do cordão que une os dois corpos, encontrar-nos-emos a funcionar no etérico de forma muito semelhante à que fazíamos anteriormente no físico. Este é um facto que é compreendido e aceite pelos estudantes sérios do assunto, e apenas o menciono aqui para benefício daqueles leitores que possam não estar familiarizados com ele.)

Por alguns momentos deitei-me no meu corpo físico, incapaz de me mover ou falar. Percebi que o melhor era ceder a esta condição em vez de lhe resistir, ou de lutar para escapar dela, como tantas pessoas fazem nas suas primeiras experiências etéricas. Na verdade, ninguém poderia ter desgostado e ressentido mais este curioso estado do que eu própria, antes de perceber de que felizes e instrutivas aventuras ele era muitas vezes o prelúdio.

Portanto, não fiquei indevidamente surpreendida quando notei que eu própria — a minha mente, a minha consciência — me transferia gradualmente para aquele outro corpo — o etérico —, no qual me movia fácil e levemente, sem qualquer esforço consciente. Do

lado esquerdo da cama passei pelos pés da mesma e, voltando o meu rosto para a janela, vi com alegria o meu marido de pé, entre as cortinas abertas, de costas para a janela, olhando diretamente na minha direção.

A sala estava na penumbra. Mal conseguia distinguir os objetos materiais nela presentes: a cama, uma estante de livros e uma mesa perto das cortinas; mas notei que a figura do meu marido parecia mais clara do que tudo isto, como se possuísse alguma propriedade autoiluminadora própria. Consequia ver cada traço do amado rosto, e fui em direção a ele ansiosamente. Ele colocou os braços à minha volta, e ergui o meu rosto para o beijar. Ao fazê-lo, notei que a sua pele tinha exatamente a mesma textura firme e suave que possuía na terra. Ficámos imóveis por um curto momento, absorvendo a alegria de estarmos conscientemente juntos de novo; não excitados ou maravilhados, mas simplesmente contentes e agradecidos por ser assim, e por as leis de Deus nos concederem a bênção inestimável de tal experiência.

Depois, de mãos dadas, voltámo-nos para a janela, e vi que os holofotes continuavam a varrer o céu lá no alto, enquanto o fogo de artilharia prosseguia. O contorno escuro do chalé em frente estava apenas visível. No meu corpo etérico sentia-me curiosamente destacada de todas estas condições materiais — a sala, o chalé, o fogo de artilharia e os holofotes.

Lembrei-me de que, antes de adormecer, me tinha apercebido de que os dois últimos — as peças de artilharia e os holofotes — sugeriam que algo de alarmante poderia estar a acontecer; agora, limitei-me a voltar-me para o meu marido e a dizer:

— *Fred*, estamos em guerra novamente.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente em sinal de assentimento, e um vislumbre de desgosto perpassou pelos seus traços por um momento, uma expressão de profunda piedade. Ainda assim, a minha própria atitude mental destacada e impessoal em relação a isso persistiu, e recostei-me contente contra o ombro do meu marido, tão

agradecida por sentir o antigo e reconfortante reassseguro da sua presença que estava quase alheia a cada acontecimento externo.

De repente, senti que o *Fred* dirigia a minha atenção para algo na sala, logo atrás de mim. Voltei-me e vi, sentadas junto a uma pequena mesa, as formas de dois velhos amigos nossos que, eu sabia, ainda viviam na terra, pelo que percebi que estavam presentes nos seus corpos etéricos, tal como eu própria estava.

No rosto de ambos, do homem e da mulher, havia um semblante de terrível medo. Olhavam fixamente na nossa direção, como se pedissem ajuda ou reassseguro mutuamente.

Nunca esquecerei o semblante de tensa apreensão e desesperança, como se estivessem a implorar-nos que lhes déssemos algo que duvidavam da nossa capacidade de dar, mesmo enquanto tentavam alcançá-lo desesperadamente. Senti-me de facto impotente para fazer ou dizer o que quer que fosse para os confortar e, enquanto olhava tristemente de volta para eles, a compreensão chegou-me com uma força quase fulminante de que, antes que passasse muito tempo, muitas pessoas estariam a exhibir exatamente esse mesmo semblante, sentindo essa mesma ansiedade e perplexidade.

Como é habitual numa experiência como a que acabo de relatar, qualquer emoção forte, tal como o medo, o arrependimento ou um doloroso sentimento de piedade, tem o efeito de nos trazer de volta ao corpo físico. Senti-me atraída em direção à cama como que por alguma força magnética irresistível, e rapidamente me tornei consciente de estar no meu corpo natural (usando novamente o termo de São Paulo para o definir).

Fiquei ali deitada por alguns momentos, pensando no que tinha testemunhado. O fogo de artilharia ainda persistia, mas caí — como é costume após tal experiência — num sono sonoro e profundo até de manhã.

CAPÍTULO 3

O RAPAZ BRILHANTE

Quando acordei, lembrava-me de tudo com muita clareza, e muitas questões surgiram na minha mente a esse respeito. Os meus pensamentos voltaram aos dias imediatamente anteriores à declaração de guerra, quando tinha estado agudamente consciente de uma profunda depressão, e também ao período seguinte à declaração, quando parecia que alguma força exterior a mim própria me impedia de me associar de alguma forma com as próprias vibrações de pensamento da guerra. Isto pode ter sido feito pelos meus Guias e amigos no Mundo Espiritual, a fim de que eu pudesse continuar sem sobressaltos os meus estudos psíquicos habituais pelo maior tempo possível.

Estava nessa altura a realizar um trabalho que então parecia — e desde então se provou — importante e prestável para outras pessoas, e o qual não creio que pudesse ter feito se a minha mente estivesse cheia de apreensão relativamente às dificuldades e perigos da guerra.

Uma das primeiras perguntas que surgiu foi:

«Será que aqueles que partiram para o Além, e que eram capazes de comunicar connosco, sabiam que esta guerra poderia ter lugar? O que exatamente tinham dito sobre o assunto, a favor ou contra a possibilidade de tal contingência?»

Lembrei-me de que algumas entidades espirituais, que tinham comunicado através da minha própria mediunidade, nos tinham indubitavelmente avisado contra o perigo da guerra em termos inequívocos; outras tinham sido mais otimistas, confiando provavelmente no poder do Bem para superar o poder do Mal a tempo de evitar tal calamidade, mesmo no último momento.

Muitas almas avançadas do Outro Lado estavam empenhadas no esforço de manter a paz, face a grandes e aparentemente insuperáveis dificuldades; mas, como o reverendo Charles Drayton Thomas me disse numa carta nessa altura: «O mau uso do livre-arbítrio por parte do homem pode perturbar ou atrasar até os Planos do Céu.» E assim, mais uma vez, nos vimos forçados a uma condição de guerra, apesar

dos esforços dos nossos estadistas e líderes na terra, e dos nossos amigos no Além.

Durante os dois anos anteriores à declaração de guerra, tinha vindo a tomar notas de muitas experiências psíquicas minhas. Algumas eram aventuras fora do corpo durante o sono, e outras tinham ocorrido durante a vida diária normal. Tinha mantido um registo cuidadoso da maioria delas com a intenção de as incluir um dia num livro que esperava que não só interessasse aos estudantes de investigação psíquica, mas também àquelas pessoas enlutadas que pudessem ansiar por conhecer alguns detalhes do tipo de vida, ideias e atividades daqueles que partiram para a Vida do Além.

Agora que a guerra estava sobre nós, senti que tinha chegado o momento de o fazer, e também de eu incluir alguma informação recentemente recolhida junto daqueles que partiram da vida física, súbita e tragicamente, por bombas ou balas, ou por quaisquer outros meios como os que são descritos na Lítania como «Batalha, Assassinato e Morte Súbita», contra os quais a Igreja nos ensina a rezar, e dos quais a nossa alma e a nossa mente recuam, como perante qualquer outra experiência não natural e violenta.

Ao examinar os meus registos, verifiquei que a primeira informação concreta que me foi dada do Outro Lado sobre os problemas que se avizinhavam para o nosso país foi na primeira parte de 1938, quando a minha mente não estava decerto apreensiva com esse assunto de forma alguma. Mas, antes de relatar isto, devo voltar a um curioso pequeno incidente que aconteceu vários meses antes, e que me intrigou na altura da sua ocorrência e desde então.

Tinha acabado de me recolher na cama e estava calmamente deitada de costas a preparar-me para o sono, embora não me sentisse sonolenta, quando vi ao lado da cama, a cerca de três ou quatro pés de distância, a forma de um jovem com cerca de vinte anos de idade. Era extremamente loiro, com cabelo brilhante e ondulado e pele clara. Os seus olhos eram de um azul brilhante, mas frio. Da cabeça aos pés

estava vestido de preto; o corte das suas vestes era do período Tudor ou Stuart, diria eu. Parecia estar a usar gibão e calções justos.

O preto profundo do seu vestuário e a sua excecional alvura faziam um contraste marcante entre si. Na sua mão estava uma espada cintilante, que segurava acima da cabeça, com o punho na mão direita e a ponta na esquerda. Estava equilibrado na ponta dos pés, e toda a sua aparência (da qual nunca poderei esquecer um único detalhe, tão claramente ficou gravada na minha mente) transmitia a impressão de algo muito belo, mas implacável e sinistro.

Nunca, que eu saiba, o tinha visto antes, nem a ninguém parecido com ele. Desde então, pensei sempre nele como o Rapaz Brilhante, e nunca esquecerei a curiosa sugestão que dava de algo fria e negativamente maligno; contudo, não sentia que ele próprio fosse fundamentalmente mau, mas sim como se estivesse a ser usado para personificar o mal.

Nunca fui capaz de explicar o seu aparecimento, mas tenho-me perguntado se ele e o seu traje sombrio seriam um aviso simbólico da vinda da guerra, e — ainda estou apenas a supor — se a alvura e a limpidez da sua pessoa seriam um sinal da limpeza e purificação que poderíamos receber após termos passado pela escuridão e tribulação que nos ameaçavam.

CAPÍTULO 4

NOS BASTIDORES

Para voltar ao aviso mais concreto que me chegou em janeiro de 1938. Vinha esperando, há algum tempo antes, ter outro daqueles encontros com o meu marido no seu próprio plano, os quais me permitiam saber o que ele estava a fazer, o tipo de vida que levava e assim por diante, e que eram habitualmente uma fonte de grande encorajamento e conforto para mim.

Foi na noite de 5 de janeiro, ou possivelmente nas primeiras horas da manhã de quinta-feira, dia 6, que tive realmente a experiência que estou prestes a relatar. Tinha estado a dormir durante duas ou três

horas, tinha acordado por alguns minutos e depois adormecido novamente.

Durante o sono, tornei-me consciente de que estava fora do meu corpo físico e claramente ciente do que me rodeava, o qual percebi, sem saber como ou por que o fazia, que não era o da terra. Existe alguma diferença subtil, mas concreta, na atmosfera, uma liberdade de movimentos, uma facilidade e leveza de passo com que nos movemos através de uma sala, por exemplo, que nos permite perceber a diferença.

Vi-me de pé logo à entrada de uma grande sala, e soube que tinha vindo para falar com o meu marido. Cedo o vi de pé, de costas para mim, conversando com um grupo de homens, a cerca de vinte ou trinta pés de onde eu me encontrava. Estavam presentes vários outros grupos de pessoas, todos conversando muito seriamente em voz baixa. A sala estava despojada, não contendo quase nenhum mobiliário exceto nuns bancos de madeira simples em redor das paredes e numa ou duas mesas compridas.

O *Fred*, o meu marido, parecia estar tão absorto na sua conversa com os homens ao seu redor que, ao início, nem sequer se voltou para me falar ou para olhar para mim; contudo, com aquela curiosa faculdade telepática que aumenta mas não substitui inteiramente a fala no Além, soube que ele estava ciente da minha presença. Perfeitamente contente por o estar a ver, observando-o a trabalhar naquilo que estava evidentemente a interessar e a absorver toda a sua atenção, limitei-me a ficar de pé e a esperar, encontrando muito que me ocupasse ao escutar o que ele e os outros discutiam.

Quem quer que tenha observado uma pessoa muito amada passar por meses de doença difícil e incapacidade corporal antes que a Morte liberte a alma do corpo martirizado pela dor, compreenderá a alegria que se sente ao contemplá-la de novo num estado de pleno vigor e bem-estar corporal.

(Utilizo o termo corporal porque, como já expliquei frequentemente nos meus livros anteriores, o corpo etérico é tão

substancial no seu próprio ambiente como o corpo físico o é nas suas condições naturais na terra.)

Fiquei cheia de um sentimento de gratidão por, mais uma vez, o meu marido estar tão alegremente absorto em alguma forma ativa de trabalho. Nos seus anos anteriores na terra, tinha sido um excelente organizador, tendo tido uma grande quantidade de produções e encenações de peças de teatro confiadas a si. Fosse o que fosse que empreendia, lançava-se nisso avidamente, dedicando a força inteira tanto do corpo como da mente ao que quer que fosse, e não poupando esforços para o levar a uma conclusão satisfatória.

Ora, enquanto o escutava, fiquei surpreendida por ouvi-lo falar da possibilidade de alguns acontecimentos gigantescos na terra, os quais — se se materializassem — exigiriam o maior esforço e a mais estreita cooperação por parte de todos os presentes para lidar com eles. A natureza exata de tal eventualidade não foi mencionada, mas deparei que afetaria diretamente algumas das grandes cidades e vilas na terra. Londres foi particularmente mencionada e, à medida que me movia para mais perto dele, vi que o *Fred* segurava um grande papel nas mãos, no qual estavam desenhados planos ou mapas, com notas nas margens. Ele apontava as várias posições de Londres e de outras cidades no plano, e ouvi-o dizer distintamente que «haveria muita limpeza a ser feita», e que seria necessário todo o esforço possível por parte daqueles que o rodeavam para assistir as pessoas na terra a trazer as coisas de volta a um estado normal.

A julgar pelo que ele dizia, interpretei isto como significando uma «limpeza» num sentido literal e prático, e fiquei muito intrigada. Passou-me pela mente que ele se poderia estar a referir aos bairros degradados das nossas grandes cidades e à conveniência de os eliminar, mas imediatamente a minha consciência foi impressionada de que este assunto em discussão era algo diferente, algo tremendo e até aterrador, embora eu não conseguisse sequer adivinhar a sua natureza real.

Depois, o *Fred* passou a falar de «limpeza» sob um aspeto totalmente diferente, e esta parte consegui compreendê-la mais facilmente, pois sabia agora que ele se referia a uma melhoria espiritual, moral e social que ia aparentemente seguir-se à devastação material ou ao que quer que fosse de que tinha falado anteriormente. Mencionou a grande apatia em relação às melhorias necessárias que imperava sempre na mente de algumas pessoas na terra, e como essa mesma apatia e contentamento egoísta com as coisas tal como estavam — por parte daqueles que tinham abundância de confortos pessoais — ia tornar o trabalho muito difícil. Enquanto escutava, deparei que mesmo no Outro Lado existem muitos indivíduos que estão prontos demais para «deixar andar as coisas» quando não estão pessoalmente interessados nelas, e sobre um destes o *Fred* expressou-se em termos inequívocos, criticando-o também por ter falhado em encontrar-se com ele e em acompanhá-lo em parte do caminho, ou em todo o caminho, até ao local na terra sobre o qual se estavam a concentrar. Deparei que um grande esforço espiritual estava a ser feito para minimizar o perigo ou o problema, ou o que quer que fosse que necessitaria de tanta «limpeza», se acontecesse.

(Numa data muito posterior, o meu marido explicou-me que, quando há uma tarefa especial de trabalho a ser feita na terra, a qual exige concentração por parte daqueles escolhidos para a executar, é necessário um certo número de pessoas para formar uma espécie de guarda-costas ou grupo de guias para conduzir os trabalhadores mais qualificados ao local da operação, poupando-os de um esforço mental desnecessário para encontrar o caminho, de forma muito semelhante a uma pessoa que vai numa missão importante na terra pode ser levada de comboio ou automóvel, acompanhada por ajudantes adequados, e transportada ao seu destino sem esforço ou pensamento indevido da sua parte.)

O *Fred* mencionou o nome do homem que lhe tinha falhado e, embora eu não estivesse interessada na altura, fiquei muito divertida mais tarde quando percebi a quem ele se referia, pois era uma ilustração marcante de quão pouco um homem altera as suas maneiras

e hábitos após ter partido, a menos que a sua inclinação para progredir tenha sido ativa e viva quando estava na terra. A pessoa de quem o *Fred* falava era um homem extremamente convencional, até de mentes estreitas, capaz de ser consciencioso, honesto e bondoso quando estava de maré para isso e quando tal não exigia muito esforço da sua parte, mas muito relutante em mudar de opinião, mesmo quando tinha provas concretas colocadas diante de si de que estivera errado. Na verdade, ele detestava mudanças e estimulação mental de qualquer espécie.

Um homem bom, mas macambúzio. Está tudo dito. Há muitos assim.

O grupo de homens em redor do *Fred* começou a desunir-se e alguns deles passaram por mim ao deixar a sala. Notei que todos pareciam pertencer à classe de artesãos respeitáveis e lembravam-me os carpinteiros, pintores e trolhas que tinham trabalhado sob a direção do *Fred* no passado. Não reconheci nenhum indivíduo, mas senti-me familiarizada com o tipo. Eles evidentemente viram-me, mas não tomaram especial atenção a mim, tão absortos estavam nos pensamentos do trabalho que tinham estado a discutir.

À medida que saíam, o *Fred* dirigiu-se a um dos bancos de madeira e sentou-se, continuando a concentrar-se nos planos e notas na sua mão. Percebi que não devia interromper por mais algum tempo e, vendo uma porta aberta que conduzia a uma sala interior e maior, passei por ela e vi mais grupos de pessoas ali reunidos, evidentemente os restos de alguma reunião que tinha acabado de se realizar. Eram de um tipo diferente dos homens com quem o *Fred* estivera a trabalhar. Eu imaginaria que entre eles poderiam estar professores primários e outros que tinham feito trabalho de escritório ou mental, em vez de labor físico quando na terra. Conversavam animadamente e estavam evidentemente extremamente interessados em executar algum ramo mais elevado do mesmo trabalho em que os da sala exterior estavam empenhados. Fiquei impressionada com a expressão alegre e feliz tanto das vozes como dos rostos. Nenhuma ansiedade ou relutância

em aceitar responsabilidade, mas sim um vivo entusiasmo por parte de todos e de cada um.

Falei com alguns deles, mas depois não me consegui lembrar de nenhum pormenor destas conversas, exceto que guardei uma forte impressão de ter estado em companhia muito agradável e feliz, composta por pessoas que estavam unidas com um propósito definitivo e com a determinação de serem leais a esse propósito, ignorando quaisquer dificuldades ou possíveis desilusões que pudessem estar à frente; por outras palavras, «Servindo de boa vontade, como ao Senhor e não aos homens» (Efésios vi. 7), e aí estava a fonte da sua força e alegria.

Eles também deixaram a sala, e tornei-me consciente de que o tempo e a ocasião eram preciosos, pelo que passei novamente pela porta, de volta à sala exterior, e depois parei por um momento para ver que espécie de edifício era aquele em que me encontrava. Era composto inteiramente de madeira, com acabamento num tom castanho-escuro, contudo não dava uma impressão de melancolia, mas antes de repouso. As mesas e os bancos, e algumas cadeiras que agora notava pela primeira vez, eram todos do mesmo material e cor. Não vi nenhuma janela; a luz parecia vir do teto. Tanto quanto me consigo recordar, nunca estive num local assim na terra, no entanto parecia-me familiar, e é provável que o tivesse visitado durante anteriores experiências fora do corpo.

Uma peculiaridade destes locais — onde o trabalho prático para a terra é ensinado e discutido por aqueles que partiram — é que muitos são construídos de madeira, pelo menos aqueles que vi pessoalmente. Não me lembro de alguma vez ter visto esse tipo de «local de trabalho» construído em tijolo, por exemplo, embora tenha visto edifícios no que eram evidentemente Planos Mais Altos do Mundo Espiritual, os quais eram construídos com as substâncias mais belas, assemelhando-se a alabastro, jade, safira e outros materiais semelhantes.

Disseram-me que estes são os Salões de Iniciação, mas nunca trouxe de volta qualquer memória concreta do que fiz ou ouvi lá, embora seja possível que a minha mente superconsciente se lembre e — conforme o tempo e a ocasião o exijam — transfira o conhecimento adquirido para a minha consciência comum, caso em que se recebe aquele súbito esclarecimento e sabedoria espiritual que muitas vezes nos chega durante tempos de aflição ou tensão.

Após inspecionar as salas, olhei novamente para o *Fred* e pensei com a mais profunda piedade em tantas pessoas na terra que anseiam por saber para onde foram os seus entes queridos após a morte; que espécie de lugar é, o que estão a fazer, se estão bem e felizes lá.

Percebi o grande privilégio que era meu naquele momento, e o facto de ser uma repetição de outras experiências igualmente preciosas e confortantes é a razão e a desculpa para eu desejar registá-la em todos os detalhes, na esperança de que possa ajudar mesmo que seja a uns poucos daqueles que não conseguem, por enquanto, ver ou ouvir por si mesmos.

Mais uma vez notei quão forte e saudável o meu querido parecia. Que contraste com a forma pálida e emagrecida que os meus olhos tinham contemplado com tanta tristeza durante muitos meses anteriores à sua partida. Agora, toda a sua estrutura parecia mais larga, mais «corpulenta», direita, forte, e cada movimento seu parecia cheio da vitalidade saudável que a libertação absoluta de limitação e desconforto traz. Na verdade, o *Fred* parecia agora melhor e mais jovem do que parecia há muitos anos. Estava com um aspeto cuidado e usava um fato escuro e bem cortado.

Vi que ele continuava a concentrar-se no seu trabalho. Olhou para mim e soube que eu percebia que a sua preocupação era justificada. Aproximei-me, sentei-me ao seu lado e, recostando-me contra ele, proferi a velha e repetida pergunta feita por tantas pessoas que se amam e que sabem ser desnecessário pormenorizar ou definir o significado exato das palavras que estão a usar:

— Está tudo bem? Estás exatamente igual?

Ele olhou para cima, sorriu ligeiramente e disse simples, mas enfaticamente:

— Sim, claro — como quem diz: «Não há necessidade de perguntar; não há necessidade de responder.»

Contente e feliz, pareceu que me afastava dele e caí num estado de inconsciência, e depois «voltei a mim» no meu corpo físico. Olhei para as horas e vi que eram sete horas, pelo que tinha passado um tempo considerável «No Outro Lado».

CAPÍTULO 5

AS NOSSAS MENTES FAMINTAS

Enquanto permanecia acordada, pensando na minha experiência, fiquei, como de costume, impressionada com a aparência normal de tudo o que tinha visto: a textura, os veios e a coloração do edifício de madeira e do mobiliário, e do fato que o meu marido usava. Percebi como muitas pessoas ficam intrigadas quanto à maneira como é o mundo em que os seus amigos falecidos agora existem e, particularmente, sobre a controversa questão do vestuário.

De que material é feita a roupa e como a obtêm são apenas algumas das perguntas que me fazem, e nunca fui capaz de dar qualquer resposta definitiva, porque nunca me foi dada qualquer explicação nas minhas comunicações com o meu marido ou com outros que satisfizesse o investigador de mentalidade científica. Talvez fosse demasiado difícil explicar o processo de fabrico em termos que nós na terra pudéssemos compreender?

Uma conhecida trabalhadora do movimento espiritualista, que estava a ter uma sessão comigo para falar com o seu filho «morto», perguntou-lhe:

— *Claude*, dizes-me que usas roupas comuns como as que usavas na terra. Estou tão contente por o fazeres, mas, se é assim, onde as obténs? Compra-las, e a quem?

Ele respondeu:

— Mãe, parece que achas estranho eu estar a usar um fato comum, no entanto nunca questionaste a razoabilidade de os Anjos e os Espíritos em geral usarem vestes brancas e coroas de ouro, pois não?

— Não — disse a mãe dele. — Isso parecia-me bastante viável e adequado.

— Bem — respondeu o *Claude* —, obtenho os meus fatos — de que gosto — do mesmo local de onde teria obtido o algodão para fazer as vestes brancas — de que não teria gostado, nem me teria sentido à vontade com elas —, e com esta resposta um tanto enigmática a sua curiosa mãe teve de se contentar.

Penso que esta experiência de ver o meu marido ativamente a trabalhar foi uma das mais longas que já tive e, decerto, foi notável pela facilidade com que observei, ouvi e depois me lembrei dela. Provavelmente temos muitas aventuras destas durante o sono, mas a mente é incapaz de transferir as suas impressões para o cérebro físico quando o corpo etérico regressa à sua contraparte terrena de manhã. Se ao menos os corpos etérico e físico pudessem trabalhar juntos numa parceria perfeita, estando um consciente do outro, obteríamos muito conhecimento prestável sobre a Vida no Outro Lado. Penso que com o tempo isto virá a acontecer, quando tivermos dedicado mais pensamento e estudo ao assunto.

Não voltei a ter nenhuma experiência deste género durante mais de dois meses; depois, uma noite acordei, senti a condição cataléptica habitual que nos avisa da iminência de algo de natureza psíquica e vi o meu marido a caminhar em direção a mim, com bom aspeto, feliz e como se ele também estivesse ansioso pelo nosso encontro. Esta visão durou apenas alguns segundos e tornei-me imediatamente consciente de forma normal outra vez.

Cerca de uma semana mais tarde, estando meio acordada e sentindo-me como se estivesse à beira de sair do meu invólucro físico, embora percebendo que por alguma razão desconhecida estava a

falhar em fazê-lo, captei um vislumbre maravilhosamente claro do *Fred* ali perto, olhando na minha direção numa atitude de espera, com o rosto iluminado por uma expressão de alegre expectativa, como tantas vezes o tinha visto na terra quando tinha saído para algum recado por algumas horas e regressava a casa novamente com tanta feliz antecipação como se tivesse estado fora durante meses.

Queria chegar até ele, mas não me conseguia dissociar do físico. Tinha medo de que ele ficasse desapontado, mas tive de abandonar o esforço e permanecer eu própria contente com a imagem muito nítida que tinha dele.

(Ora, ao ler a entrada no meu diário para esse dia, verifico que tinha escrito:

«Tenho estado a rezar para conseguir ver o *Fred* outra vez, pois não tenho tido muitos fenómenos ultimamente, não suficientemente concretos para ter a certeza — exceto pelo breve vislumbre durante a semana anterior —, mas tenho estado ciente de muita ajuda mental e cooperação de muitas maneiras, e não quero depender de lembretes físicos da sua existência. Ajudaram-me ao início — tão concretos eram — e foram um grande conforto, mas agora posso ter de me encontrar com ele num terreno mais espiritual e mental. Pelo menos, esta é a minha impressão.»)

Sim, decerto deve ter sido a minha «impressão» na altura, senão não a teria escrito; mas tão famintas estão as nossas mentes humanas de contacto com os nossos entes queridos que temos tendência a persistir nos nossos esforços para obter toda a evidência pessoal que conseguirmos da sua existência e interesse em nós próprios.

Penso que existe alguma preguiça mental inerente em nós que nos impele a deixar que Eles façam a maior parte do trabalho que possa estar envolvido, em vez de nos esforçarmos por sintonizar as nossas próprias mentes com uma filosofia de vida mais elevada, o que nos traria espiritualmente mais em linha com as Ideias e os princípios Deles.

As nossas almas estão constantemente a tentar progredir e a estender a mão a outras almas no Além, mas certas condições são necessárias para o sucesso. Estas implicam abdicar de algumas coisas que passámos a considerar essenciais para a nossa felicidade, embora não tenham valor intrínseco e acabem mesmo por nos sobrecarregar, sendo frequentemente um grande desperdício de tempo e vitalidade. O corpo físico e os seus desejos e necessidades (mas nem sempre estas últimas, que são extraordinariamente poucas em número e simples em qualidade quando começamos a enumerá-las) têm tendência a controlar e limitar a vida da alma e a sua consciência espiritual, ao passo que o ideal deveria ser deixar que esta última assumisse o leme. Então verificaríamos que ela poderia guiar-nos e guiar-nos-ia para canais de calma e serenidade, onde as provações da vida quotidiana seriam impotentes para nos abalar ou perturbar.

Encontrar-nos-íamos armados com a consciência de que qualquer condição temporária ou dificuldade ou luta que nos assaltasse é apenas parte da série de experiências de que a nossa educação terrena é composta, e quanto mais cedo aprendermos cada lição cabalmente, menos problemas acumulamos para nós próprios no futuro.

O conhecimento de que não suportamos nenhuma aflição sozinhos, mas que somos ajudados a passar por ela (sem interferência ou pressão indevida) por aqueles que amamos e que conseguem ver a razão dela — e o resultado das nossas lutas melhor do que nós próprios conseguimos, por enquanto —, é decerto um conforto e deveria ser também um incentivo para fazermos esforços mais determinados em prol do progresso espiritual.

No meu próprio caso, penso que o meu desejo de ver o meu marido, e de aprender o máximo possível sobre a sua vida no Mundo Espiritual, era em grande parte motivado pelo desejo de fornecer alguma informação que confortasse outras pessoas enlutadas. Mas existia decerto um motivo egoísta também, o qual não posso negar, mas apenas procuro desculpar com o fundamento de que ansiava por saber se o meu marido aprovava a minha maneira de vida desde a sua partida. Será que o facto de eu estar a viver voluntariamente uma vida

antes pacífica e isolada o agradava e ajudava? Estaria eu, no geral, a agir como ele desejaria?

Lembro-me de uma ocasião, cerca de cinco meses antes da sua partida, em que ele disse de repente, muito seriamente:

— Se alguma vez acontecer algo que me leve de ti — se eu partir antes de ti —, não te cases de novo se o puderes de todo evitar, ouviste? Mas se alguma vez te encontrares em desesperada necessidade de proteção, e souberes que a podes obter através disso, bem, sabes que eu desejaria que o fizesses; mas não o faças se o puderes evitar, ouviste, querida?

Limite-me a responder:

— Sabes que não o farei, e de algum modo lutaria sozinha, não importa o que acontecesse.

Ele pareceu contente com a minha resposta.

Esta conversa voltou-me à mente de forma muito clara numa noite de maio de 1938. Tinha tido uma longa e ocupada noite a ditar cartas, além de outro trabalho, e não tinha terminado senão por volta das onze horas.

Estava uma noite belíssima e saí para dar um passeio ao longo da frente marítima. O sossego e a calma pareciam limpar-me a mente de toda a fadiga, e tornei-me muito recetiva a memórias ligadas à minha vida passada com o *Fred*, e especialmente com a referida conversa sobre o casamento em segundas núpcias. Esperando que ele pudesse estar comigo, embora não o conseguisse ver nem ouvir, comecei a falar com ele sobre este assunto, dizendo-lhe quão profundamente tinha apreciado a sua infalível lealdade e devoção; tudo o que o seu companheirismo na terra tinha significado para mim, e reassegurando-o contra qualquer possibilidade de eu me voltar a casar.

Entre outras coisas, disse:

— Estou a tentar levar uma vida calma e digna. Não achas que o estou a conseguir?

Imediatamente senti um aperto firme no terceiro e no quarto dedos da minha mão direita, que pendia frouxamente ao meu lado. Estava a usar luvas de tecido, e o aperto foi forte e inequívoco através delas. Como referi, ele intensificou-se até se tornar tão forte quanto qualquer pressão humana por mãos físicas poderia ter feito. A fim de o testar, solicitei ao *Fred* (dei por garantido que era ele) que transferisse o aperto para o meu primeiro e segundo dedos, o que ele fez, e notei uma corrente de eletricidade bastante forte passar para a minha mão enquanto ele fazia a mudança. Continuei a caminhar por cerca de um quarto de milha, até à extremidade oposta do passeio marítimo, e depois voltei para trás, com os meus dedos ainda a serem firmemente segurados pela mão invisível.

Após chegar a casa, caminhei de volta outra vez até ao fim da marginal, e depois retornei novamente para casa. O poder não esmoreceu senão quando estava a meio do meu trajeto de regresso, altura em que solicitei ao *Fred* que mudasse o seu aperto de volta para o meu terceiro e quarto dedos, mas ele não o conseguiu fazer; teve sucesso apenas em apertar o primeiro e o segundo mais acima, e com muito mais fraqueza. Nunca experimentei um toque mais firme e inequívoco em nenhuma ocasião.

Após esta experiência, muito poucos fenómenos ocorreram durante algumas semanas, mas tive uma forte consciência mental de estar a ser ajudada do Outro Lado de uma forma muito concreta e confortante.

CAPÍTULO 6

AVISO E REASSEGURO

No domingo, 19 de junho de 1938, tive mais uma vez o privilégio de me encontrar com o meu marido, mas nesta ocasião foi no plano terrestre em vez de ser nas suas próprias redondezas. Durante a noite,

tinha estado na companhia de dois amigos muito queridos, um pastor e a sua esposa, que visitavam a nossa vizinhança. Eles também eram crentes fervorosos numa vida futura e na possibilidade de comunicação entre os dois mundos.

Devo notar aqui que creio que a sociedade de pessoas afins, cujas mentes estão sintonizadas com as mesmas ideias relativas a assuntos espirituais e psíquicos, é propícia aos fenómenos; caso contrário, o melhor é estar-se só, até certo ponto, antes de procurar provas pessoais do Outro Lado.

(Os meus leitores compreenderão que, para tornar claro o meu significado, posso referir-me frequentemente à vida após a morte física como o Outro Lado, e àqueles que para lá foram como «Eles», conforme o caso, por uma questão de brevidade.)

Após deixar os meus amigos, fui imediatamente para a cama e dormi profundamente até muito cedo na manhã seguinte, provavelmente por volta das três ou quatro horas. Quando acordei estava quase escuro, embora uma luz acinzentada estivesse a insinuar-se no céu vindouro do leste, e permitia-me apenas ver os objetos materiais no meu quarto de dormir. Estava deitada sobre o meu lado direito, de frente para uma janela, exatamente na mesma posição em que me tinha deitado.

Acordei com a curiosa sensação de «paralisia» nos meus membros que — como notei antes — tantas pessoas descartam das suas mentes como sendo o restolho de um pesadelo, ao passo que, se ao menos compreendessem os factos, cedo perceberiam que é o precursor de alguma experiência supernormal interessante. O instinto natural parece ser o de sacudir o sentimento cataléptico o mais depressa possível. Mesmo agora, após muitas experiências deste género, o meu primeiro impulso é libertar-me dele; depois lembro-me da razão de ser do mesmo e cesso a resistência, momento em que a sensação desagradável se afasta rapidamente.

Conforme agora despertava totalmente para a observação das coisas ao meu redor, tornei-me consciente do som de uma respiração

calma algures perto de mim. Tão físico e objetivo era o som que comecei a perguntar-me se alguém se teria introduzido no meu quarto através da janela, até que localizei a respiração como vindo da cama gémea vazia ao lado da minha. Inclinando-me para a frente, fui capaz de distinguir o contorno da cabeça do meu marido na almofada branca. Depois ouvi palavras a sair dos seus lábios — uma espécie de sussurro baixo, mas não consegui distinguir as palavras em si.

Sabendo quão precioso era o tempo, quão curtas estas experiências podem ser, inclinei-me ainda mais perto até o meu ouvido direito estar a apenas escassas polegadas acima da sua boca. Ainda assim a voz baixa e indistinta continuava, e senti-me mentalmente impressionada de que havia algo de importância que ele desejava dizer-me, e que algo nas condições na terra não estava a ser prestável para ele. Possivelmente, a sua própria ansiedade em transmitir-me a mensagem era inibidora.

Ele parecia estar, ele próprio, numa espécie de transe, e muito mais tarde soube que assim era de facto, porque sob certas condições «Eles» podem adormecer a fim de contactar o nosso plano, tal como nós adormecemos a fim de sairmos do nosso ambiente físico, ou como um médium pode entrar num estado de transe a fim de obter mensagens do Outro Mundo.

Falei, pedindo-lhe que perseverasse e me dissesse o que tinha vindo dizer-me. De repente, ele pareceu «romper» a condição restritiva e começou a falar clara e distintamente, embora ainda em voz baixa. Disse que poderiam surgir algumas condições no futuro próximo, condições estranhas, nas quais desejava que eu me lembrasse de que ele me amava tão profundamente como sempre, e eu nunca devia esquecer que a sua consideração e ajuda seriam tão fortes para mim como em qualquer momento anterior — mais ainda — e que eu podia depender delas, «viesse o que viesse, sob todas as circunstâncias».

O *Fred* disse muito mais no mesmo tom. Algumas frases, tais como a de cima, foram repetidas várias vezes, num tom baixo e

urgente. Enquanto me inclinava sobre ele, dependente de cada sílaba, senti-me profundamente impressionada pela solenidade de tudo aquilo; contudo, não conseguia imaginar por que haveria ele de sentir necessidade de me reassegurar sobre a sua lealdade e afeto. Após ter terminado de falar, a sua forma desvaneceu-se e caí de volta na minha almofada outra vez, cheia com o prodígio e o conforto da experiência. Dormi por uma hora ou pouco mais e, ao acordar, registei-a. Ao ler as notas com o propósito de as incluir neste livro, verifico que tinha escrito as seguintes palavras:

«O reasseguro e o conforto enquanto o *Fred* falava foram grandes; conforme ele terminou, agradei a Deus por lhe permitir romper e dizer estas palavras concretas. Sei que houve muito mais na experiência do que me consigo lembrar agora, enquanto estou a escrever (8h30, segunda-feira, 20 de junho de 1938), e tenho estado a tentar lembrar-me desde que acordei às 7h30. Talvez volte mais tarde? A parte que efetivamente registo está tão profundamente gravada na minha consciência.

A sua voz — o tom e a expressão — eram ele próprio no seu estado mais sério — amoroso, sincero e bondoso. Trouxe de volta um sentido tão grande dele, como ele é agora e como era para mim na terra. Sabia que estava a ter uma experiência espiritual e etérica. Estive ciente disso do princípio ao fim. Tinha uma vaga recordação de estarem outras pessoas espirituais presentes, como se tivessem estado a ajudar e estivessem a assistir aos resultados, embora se tivessem retirado um pouco enquanto o *Fred* falava comigo.

A impressão deixada na minha mente foi de que tudo tinha sido previamente combinado e ensaiado. Muito do que ele disse soava como se tivesse sido pensado e determinado anteriormente, no entanto sabia que ele tinha sido incapaz de me dizer tudo o que desejava dizer, ou então eu tinha sido incapaz de o ouvir. Provavelmente o último.»

Esta visitação foi seguida invulgarmente depressa por uma segunda, menos de uma semana mais tarde; mas fui impedida de a registar cuidadosamente logo a seguir, como é minha prática habitual,

e só o fiz algum tempo depois. Nesta segunda, a 25 de junho, o meu marido assegurou-me novamente que me seriam dadas proteção e orientação mais tarde, conforme surgisse a necessidade, e disse que eu não devia andar preocupada, e que ele estaria a ajudar-me o tempo todo, e assim por diante.

Lembrava-me do episódio com muita clareza, mas ainda assim não conseguia conceber nenhuma situação a erguer-se (a julgar pelas condições existentes na altura) na qual eu estivesse em tão desesperada necessidade de «proteção» como ele parecia sugerir.

Receio ter minimizado a seriedade das suas mensagens devido a algumas notícias antes inesperadas e dolorosas de uma proveniência diferente, que me encheram a mente por uns tempos com a exclusão de tudo o resto.

CAPÍTULO 7

«MUDANÇA E DECADÊNCIA»

CONDUZEM À VIDA ETERNA

Uma amiga minha muito querida, uma senhora idosa a quem chamarei *Margaret Thomas*, estivera doente, intermitentemente, por dois ou três anos, mas devido à sua notável força de vontade e vitalidade tinha parecido sempre cavalgar facilmente sobre as cristas da sua doença, por assim dizer, e depois continuar novamente muito como dantes, pelo que o seu falecimento imediato estava longe da minha mente, pois esperava sempre que ela recuperasse devido à sua determinação em ver o seu trabalho levado a uma conclusão satisfatória antes de se juntar ao seu marido, que tinha partido há alguns anos.

Enquanto tocava piano, calmamente, uma noite, sozinha, fui assaltada por um cheiro curioso que surgiu bastante perto de mim. Reconheci-o como um que já tinha experimentado antes e de que não gosto. É o cheiro da morte ou da decadência, e habitualmente assinala a morte de alguém conhecido meu. Parei de tocar e tornei-me

consciente de uma presença, mas não conseguia ouvir nem ver ninguém. «Senti» que era alguém que naquele momento estaria provavelmente inconsciente, e cujo corpo etérico se estava já a desprender do seu invólucro físico, porque se aproximava do ponto de dissolução, pelo que enviei pensamentos de encorajamento e paz.

Após alguns momentos fui para o andar de cima e, embora o meu quarto estivesse livre dele quando entrei, o cheiro impregnou a atmosfera inteira um momento ou dois mais tarde. Novamente enviei pensamentos pacíficos e uma prece por uma «boa viagem e uma feliz chegada».

Devo mencionar aqui que este curioso cheiro adocicado e enjoativo de «morte» apenas surge (pelo menos para mim) quando o corpo etérico que o transporta está ainda amarrado ao corpo físico. Após ter finalmente cortado o cordão que une os dois durante a vida terrena, o corpo etérico raramente retém qualquer vestígio dele, e assume imediatamente uma aparência muito mais jovem e saudável do que a do corpo físico que tão recentemente desocupou.

Ouvi dizer que existem exceções a esta regra, e que é possível um corpo etérico transportar este cheiro desagradável por um curto período após a morte em casos onde a pessoa tenha sofrido de certas espécies de doença antes da morte. A minha velha amiga *Margaret Thomas* teve durante muitos anos uma afeição dolorosa na carne que provavelmente se manifestou no corpo etérico desprendido mesmo antes da sua partida.

Não penso que o corpo etérico em si tenha qualquer ligação que seja com este cheiro, mas o cordão que o liga ao físico pode estar contaminado, e pode tornar-se o veículo através do qual ele é transmitido, mesmo após a dissolução dos dois corpos pela morte. É possível que parte do cordão cortado possa permanecer com o corpo etérico por um curto período antes de murchar ou se dispersar. Esta é a explicação que me foi dada do Outro Lado.

Dois dias após eu ter notado este cheiro, a minha amiga partiu. Soube que ela tinha tido períodos de inconsciência durante uns dias

antes da sua partida, e foi evidentemente durante um destes que ela tinha tentado chegar até mim. Ela era uma fervorosa espiritualista, e as comunicações que tinha do seu muito amado marido tinham-na ajudado a compreender as condições da vida pós-morte numa extensão considerável.

Sendo uma mulher extraordinariamente inteligente e capaz, assim que ficou convencida da realidade da vida após a morte (ela era suficientemente crítica nos primeiros tempos das suas investigações para necessitar de uma boa dose de persuasão), aceitou-a e a tudo o que ela implicava de todo o coração; e embora percebesse que tinha de assumir e executar algumas pesadas obrigações e responsabilidades terrenas antes de o fazer, ansiava com todo o seu coração e alma por se juntar novamente ao seu marido, e não tinha medo da morte de forma alguma. Até ao próprio momento em que morreu, pensou no trabalho que estava a deixar para trás e organizou mesmo pequenos assuntos práticos relativos a ele, de uma maneira ordeira e cuidadosa.

Quatro dias após a sua partida, saí para o meu jardim e deitei-me no pavilhão de verão sobre uma longa prateleira almofadada que atravessa todas as traseiras do mesmo e serve de divã. Enquanto ali jazia, descansando calmamente antes de fazer uma curta viagem para me encontrar com uma amiga numa cidade vizinha — as cortinas da janela, a dois pés de distância, foram suavemente erguidas, trazidas para a frente e colocadas sobre a minha cabeça. Ora, elas eram de uma qualidade pesada, linho estampado à mão, forradas com material substancial; la janela estava fechada e nenhuma brisa que fosse entrava pela porta. Levantei-me e recoloquei as cortinas, e notei que permaneciam no lugar enquanto olhava para elas, pendendo bastante pesadas nas suas dobras habituais.

Deitei-me novamente e, no espaço de um momento ou pouco mais, as cortinas foram outra vez erguidas e estendidas cuidadosa e deliberadamente sobre o meu rosto, pescoço e ombros. Novamente me levantei e as recoloquei, e notei de novo quão absolutamente imóveis permaneciam após eu o ter feito, mas assim que me deitei outra vez, foram erguidas pela terceira vez e colocadas sobre mim como antes.

Quando saí, dei-me ao trabalho de ir olhar para um cata-vento. Vi que o pouco vento que corria vinha diretamente de oeste, pelo que não havia possibilidade de as cortinas serem agitadas pelo vento através da porta aberta. Estou certa de que nenhum vento, por mais forte que fosse, poderia ter colocado as cortinas tão suave, mas deliberadamente, sobre a minha cabeça e ombros exatamente da mesma maneira.

Enquanto pensava no assunto, lembrei-me de que tinha falado à *Margaret*, uns dois ou três anos antes, de uma notável experiência espiritual que tinha tido naquele mesmo pavilhão de verão, quando deitada exatamente na mesma posição, em setembro de 1935. Enquanto ali descansava, tinha deixado o meu corpo físico e visitado o meu marido no Mundo Espiritual.

Foi a experiência mais marcante que já tive, e tinha-a impressionado muito. Tínhamos discutido isso frequentemente juntas, e sentia agora a certeza de que ela se tinha lembrado disso e, vendo-me no mesmo local (que ela própria conhecia bem na sua vida terrena), tinha tentado deixar-me saber que o fazia ao manifestar-se-me naquela que era provavelmente a única via aberta para ela de momento. Eu estava um tanto cansada e possivelmente ela conseguiu extrair pouco poder de mim.

Várias noites mais tarde, mesmo antes de adormecer, fiquei estupefacta ao ver um enorme feixe de flores altas. Eram lírios, e os caules estavam envolvidos em prata. Havia também umas folhas curiosas mas muito belas, que me intrigaram, pois também elas pareciam ser compostas de prata. Havia algo de muito belo e de outro mundo nelas e, enquanto olhava, pareceu que a minha mente se abria de súbito para a recordação de um local que tinha visto recentemente e que tinha, temporariamente, esquecido. Foi como se uma cortina fosse erguida e algo esquecido revelado clara e definitivamente.

Lembrei-me então de que, algumas noites antes, durante o sono, tinha assistido ao casamento — ou talvez devesse chamar-lhe segundo casamento — da minha velha amiga com o seu marido. Tinha sido

uma cena muito bela e inspiradora, no entanto havia também nela um ar de alegria que era muito contagiante. Na verdade, era uma estranha mistura do sagrado e do alegre, que tenho notado ser uma combinação comum e habitual no Outro Lado, mas que tão frequentemente falhamos em alcançar na terra. Somos tantas vezes alegres, ou então deprimentemente solenes.

Percebi agora que o feixe de flores me tinha sido mostrado na esperança de que tocasse uma nota na minha mente e, pela lei da associação, me lembrasse de casamentos, e assim conduzisse à recordação da minha visita ao segundo casamento da *Margaret* no Outro Lado.

Não penso que cada marido, ou esposa, conforme o caso, tenha o desejo de tal cerimónia, mas a minha velha amiga adorava estas ocasiões e, quando na terra, tinha um dom para as organizar em grande escala e para reunir numa enorme assembleia todos os muitos amigos que adorava ter ao seu redor. A sua maravilhosa boa disposição e vitalidade eram sumamente contagiantes, e tudo corria sobre rodas se ela tivesse sido a responsável por organizar isso.

Fiquei acordada a pensar nesta experiência com algum divertimento e também com uma boa dose de alegria pela felicidade recém-recuperada da minha amiga. Caí num sono, mas não tardou muito até me tornar consciente de que tinha deixado o meu organismo físico e tinha viajado no meu corpo etérico a fim de visitar a *Margaret* no Mundo Espiritual. Vi-me numa sala agradável, exatamente uma como eu esperaria que ela possuísse; era uma mistura do confortável e do prático, e lembrava-me uma sala na qual ela tinha trabalhado na terra, embora não fosse idêntica a ela em cada detalhe.

Ela estava sentada de costas para mim, em frente a uma escrivaninha. Nas suas mãos segurava um grande papel, parte do qual jazia sobre a mesa, parte segurado na sua mão direita. Vi que a maioria das secções do mesmo estava colorida de rosa. Movi-me para mais perto dela, rindo na minha felicidade por a ver novamente num estado de ser tão satisfatório; porque, mesmo pela sua visão de costas,

vi que ela era mais uma vez uma mulher jovem, no vigor da vida e da saúde, a sua figura esguia e direita, o seu cabelo já não cinzento mas de uma cor castanho-sedosa brilhante.

Fui subitamente travada no meu movimento em direção a ela, pois ela voltou-se e fitou-me com uma expressão terna, mas antes estranha, que me deteve pela sua seriedade. Falou numa voz baixa e impressionante, e disse algo que não consegui apanhar, embora soubesse instintivamente que era de grande importância. Enquanto me esforçava para a frente na minha ansiedade de ouvir as suas palavras, ela disse:

— Não importa, eu ajudar-te-ei; eu mostrar-te-ei o caminho.

Não conseguia imaginar o que ela queria dizer, e senti-me a afastar-me dela; mas, mesmo antes de o fazer, vi que o papel que ela segurava era um mapa. Não foi senão três anos mais tarde que compreendi o que ela me pretendia transmitir.

Na altura, ao regressar ao meu corpo físico, fiquei meramente intrigada e perguntei-me por que razão ela tinha introduzido um mapa no nosso encontro, exatamente como o meu marido tinha feito uns meses antes; mas os mapas desempenharam de facto um papel importante nos assuntos terrenos numa data posterior.

CAPÍTULO 8

DA LUZ PARA A ESCURIDÃO

Durante algum tempo após esta visita à *Margaret*, não tive nada de interesse psíquico para registar. No setembro seguinte, houve uma ansiedade considerável relativamente a uma possível — e parecia então muito provável — eclosão de guerra. O Sr. *Chamberlain* voou para a Alemanha, e os jornais estavam cheios de notícias alarmantes e especulações sobre o assunto.

Eu estava em Londres por alguns dias na altura e, embora me sentisse horrorizada por parecer que enfrentávamos mais uma vez o mesmo perigo que nos tinha assolado em 1914, tinha uma impressão reasseguradora de que ele seria agora evitado. As mensagens que

chegavam em várias sessões eram todas unânimes em declarar que não haveria guerra. Contudo, no plano material, tanto parecia apontar para a sua inevitabilidade.

Senti-me feliz por regressar à minha casa na costa de *Kent*, para escapar das condições perturbadoras de Londres. Mas, à minha chegada a casa, verifiquei que estava igualmente mau; toda a gente andava ocupada em quaisquer preparativos para a guerra que estivessem abertos para si. Foi emitido um aviso dizendo a todos para comparecerem no Quartel-General local da A.R.P. em certos dias, a fim de obterem as suas máscaras de gás ajustadas, e foi durante o pior período do sobressalto, na tarde de quarta-feira, 28 de setembro, que fiz o meu caminho ao longo do passeio marítimo para ter a minha ajustada.

Estava uma tarde linda, e olhei para o mar azul e perguntei-me se seria possível que, numa data não muito distante, estivéssemos a observar aquela mesma extensão de água à procura de um inimigo em aproximação.

Quando caminhei uma curta distância para longe da minha casa, senti o meu marido ao meu lado e ouvi-o dizer, de forma bastante distinta:

— Não haveria guerra agora.

Senti-me aliviada, mas voltei-me para ele e notei que, se assim era, precisaria eu de ir ser ajustada com uma máscara de gás? O *Fred* respondeu prontamente:

— Sim, claro. Faz tudo de uma maneira ordeira e sistemática. Mesmo que te diga definitivamente que não haverá guerra agora, debes enquadrar-te com quaisquer planos e arranjos que estejam a ser feitos para o bem comum e proteção do público. Faz isto sob todas as circunstâncias, tanto agora como no futuro.

Segui o seu conselho na altura (e nunca me esqueci de o fazer em ocasiões posteriores) e, enquanto esperava pela minha vez de ser ajustada, senti-me mais leve e feliz do que me tinha sentido há

algumas semanas. Olhei para os rostos ansiosos de alguns daqueles para quem o ensaio de uma máscara de gás pela primeira vez era evidentemente uma experiência desagradável, e desejei poder dizer-lhes o que me tinha acabado de ser dito a mim própria relativamente à situação, embora — como as coisas correram mais tarde — tenha sido apenas um adiamento do perigo, que foi provavelmente a razão pela qual o meu marido usou as palavras: «Não haverá guerra agora». Tinha havido uma ênfase distinta na última palavra, que não me pareceu importante na altura.

Como todos se lembrarão, muito pouco tempo depois o Sr. *Chamberlain* regressou da Alemanha com a notícia reasseguradora de que a crise tinha passado, e a paz com esse país e a Grã-Bretanha estava aparentemente assegurada. Toda a gente e tudo pareceu instalar-se, mais ou menos, nos seus devidos lugares novamente, e a vida oscilou de volta para os seus canais normais. Sendo assim, isto fez-me esperar por mais algumas experiências psíquicas pessoais, as quais, para grande desaponto meu, não se produziram; pelo que, no sábado, 8 de outubro, fiz disso o objeto de uma prece muito fervorosa.

Naturalmente, era a consciência da presença do meu marido que eu pedia, não tão inteiramente egoísta como poderia ao início parecer, porque tenho sempre verificado que qualquer fenómeno definitivamente associado a ele tem um efeito benéfico nas minhas sessões de transe. Assistentes que não sabiam que eu tinha experienciado recentemente alguma manifestação evidente do meu marido, notavam frequentemente que sessão excepcionalmente boa tinham acabado de ter; e esta condição prestável continuava por um tempo considerável.

No domingo, o dia seguinte à minha prece, deitei-me na minha sala de estar para um curto descanso após o almoço. Não me tinha sentido muito bem e estava estafada por várias causas. Li um romance e confrontei o sono intermitentemente por cerca de uma hora. Depois, enquanto pensava que me devia mexer e fazer um chá, caí de súbito num sono profundo e vi-me mais uma vez no meu corpo etérico. Nesta ocasião não estive ciente da transição real de um estágio para

outro; apenas percebi que estava com o *Fred*, com os seus braços à minha volta, numa atmosfera clara e bela que me encheu de uma felicidade indizível. Não falámos; as palavras eram desnecessárias.

Mas, após alguns momentos, tornei-me consciente de que algum significado simbólico residia por trás deste encontro, e que devia trazer a memória dele de volta comigo para a terra e tentar compreender mais tarde. Senti que gostaria de pedir ao *Fred* para me explicar claramente o que isto significava; mas fui incapaz de o fazer. Beijou-me calma e solenemente e, de imediato, deu um passo atrás, para longe de mim. Enquanto o observava, ele recuou na distância, para uma atmosfera que parecia tornar-se mais clara e mais clara na distância.

Notei que estava de pé de costas para uma espécie de abertura ou porta, mas que estava muito mais escuro ali do que à minha frente. O pensamento veio espontâneo à minha mente: «O *Fred* regressou à sua própria condição mais clara e feliz, graças a Deus; mas para o que estou eu a regressar?»

Ao pensar isto, vi-me forçosamente atraída de volta para as condições terrenas, as quais pareciam tornar-se mais escuras e mais escuras para a minha visão etérica à medida que me aproximava delas. Ao alcançar o meu corpo físico, experimentei uma dose invulgar de dificuldade em ajustar-me a ele. Uma estranha relutância impregnou todo o meu ser, e fiquei ali de pé ao lado do divã sobre o qual jazia o meu corpo terreno, consciente de ambos os lados da vida ao mesmo tempo, da atmosfera bela e inspiradora da alma que tinha acabado de deixar para trás e das condições complexas, difíceis e muitas vezes tristes da vida terrena que sabia que me aguardavam assim que me estabelecesse novamente no corpo físico.

Sabia que tinha de voltar, e foi um instinto inteiramente egoísta que me impeliu a ficar «fora». Percebi quão de boa vontade — inclusive alegremente — eu deveria voltar, sustentada e encorajada como tinha sido pelo encontro confortante com o *Fred*, que senti ter sido uma resposta direta à minha prece. Ao pensar isto, vi-me a

ajustar-me calmamente no meu corpo terreno, no qual fiquei bem desperta de imediato, com um sentimento extraordinário de revigoração e felicidade. Toda a minha fadiga e indisposição anteriores tinham desaparecido.

Nessa mesma noite, estava a pensar sobre a beleza desta breve visita ao *Fred*, enquanto sentada num banco de verga perto da cadeira de braços que ele tinha sempre usado na sua vida terrena. Embora grata pelo privilégio desta experiência, estava intrigada por me ter sentido constrangida a trazer comigo uma memória simbólica que parecia indicativa de mais problemas na terra, isto é, a ideia de eu regressar para a escuridão enquanto o *Fred* regressava para a luz.

Isto tinha-se impressionado na minha mente como tendo algum significado especial. Falei os meus pensamentos em voz alta para ele (como por vezes faço quando só e estou bastante certa de que ninguém me vai ouvir e chegar à conclusão de que a mediunidade me está a dar a volta ao miolo, etc.) e notei que era um tanto estranho que tal nota de aviso tivesse sido tocada, quando obviamente tudo tinha sido tão satisfatoriamente resolvido em relação à situação internacional.

Enquanto falava, a sala inteira ficou cheia com um forte aroma de lírios-do-vale, que eram as flores favoritas do meu marido, e uma tremenda pancada deu-se no tampo da mesa de carvalho que se erguia a uns pés de distância. Percebi que, por alguma boa razão, o *Fred* estava ansioso por que eu não questionasse a necessidade do aviso, mas sim que o aceitasse e dele tirasse proveito quando a necessidade surgisse.

O 18 de fevereiro é o aniversário da partida do meu marido e, nessa data, no ano de 1939, tinha escrito no meu diário: «Este é o fim do quarto ano desde que ele partiu, e não há tantos sinais físicos da sua presença como ao início, mas as provas de orientação mental são muitas. Sinto a sua falta mais do que nunca, mas estou agora mais capaz de a suportar. Sou muito sortuda por saber o que sei. É maravilhoso.»

Sim, é maravilhoso. O agulhão é de facto retirado à morte, e a coragem é plantada no seu lugar. Algumas pessoas dizem que nada as pode compensar pela ausência do homem exterior, da voz amada, do sorriso, do conforto e reassseguro do corpo físico.

Ora, o que significava exatamente este invólucro puramente físico para nós? Não era simplesmente um veículo de expressão para o indivíduo, para a sua alma? Qual dos dois estimamos nós verdadeiramente — o homem real interior, ou o seu envelope material, que apenas tem uma existência temporária e muito curta, no melhor dos tempos? Em muitos casos parece ser o último, pela simples razão de que não estivemos cientes do primeiro. Confundimos a roupa com o homem; por outras palavras, julgamos e avaliamos pela aparência até que a morte arrebate o físico da nossa vista e comecemos a perceber que havia algo acima e além do corpo vulnerável, algo invisível, contudo indestrutível e imortal.

Podemos não estar conscientes de que estamos a pensar nisso exatamente nestes termos, mas é esta percepção intuitiva dos factos que nos espora a descobrir o que aconteceu à mente que animava esse corpo precioso, sem o qual ele não teria significado para nós.

Estudantes experientes perdoar-me-ão se pausar aqui para dar umas poucas explicações elementares para benefício daqueles para quem o assunto da Ciência Psíquica possa ser inteiramente novo. Na verdade, o homem é espírito, alma, mente e corpo físico. Os três primeiros são inteiramente independentes do quarto, exceto quando estão a funcionar nele com o propósito de ganhar experiência através da vida terrena.

Eles — o espírito, a alma e a mente — têm um corpo próprio, um corpo etérico, ordinariamente invisível ao olho mortal, a menos que se tenha desenvolvido a faculdade de ver no plano etérico ou — como alguns prefeririam descrever — ver na mesma taxa de vibração à qual o corpo etérico está sintonizado.

Muitas pessoas desenvolvem as suas mentes superconscientes de modo a poderem percecionar e ouvir neste plano mais elevado. É a

minha firme crença que, quando a vontade de o fazer é suficientemente forte, e o motivo para o fazer se baseia numa vida e num pensamento corretos, o desenvolvimento desta percepção de seres etéricos é possível para toda a gente e, à medida que nos aproximamos deles, eles aproximam-se de nós, porque estão sempre à espera — ansiando — por o fazer.

Desde o primeiro momento após terem alcançado a consciência da nova vida depois da morte, eles têm ansiado por que nos voltemos para eles, por que nos tornemos cientes deles, por que nos sintonizemos com a sua amorosa cooperação e interesse em tudo o que fazemos. As suas mentes, os seus sentimentos, não mudaram porque existem num plano com o qual ainda não nos familiarizámos, um plano que é invisível para nós — devido à sua diferente taxa de vibração — até escolhermos aprender a sintonizarmo-nos com ele.

Porque temos tanto trabalho a sintonizarmo-nos com tantas outras coisas que não importam, ou com coisas que apenas podem importar para nós por um espaço de tempo muito curto, e que não podem decerto ter lugar nessa vida pós-morte para a qual as nossas vidas na terra nos deveriam estar a preparar? Existem tantas procuras terrenas que apenas nos acorrentam e limitam, ocupando esse tempo precioso que poderíamos estar a aplicar no estudo proveitoso da Vida Mais Alta, das nossas próprias possibilidades infinitas e do seu desenvolvimento, prontos tanto para as vidas mais completas e felizes que poderiam ser nossas durante o resto da nossa estada na terra, como em preparação para as maiores oportunidades que teremos após a «morte».

CAPÍTULO 9

FARDOS DESNECESSÁRIOS

Durante uma das minhas experiências fora do corpo, foi-me dada uma lição muito necessária sob forma simbólica relativamente a este ponto. Quando viajo de comboio ou autocarro, tenho tido sempre tendência a levar comigo mais coisas do que as que tenho na verdade

necessitado, simplesmente porque tenho tido receio de poder precisar delas; e pelo seu peso e estorvo tenho sido frequentemente impedida de realizar algum projeto importante e interessante.

A repetição constante de tal experiência não me curou deste hábito estúpido, embora ficasse muitas vezes agastada comigo própria no fim de um dia de passeio cansativo quando me lembrava das coisas que tinha falhado em realizar porque tinha estado sobrecarregada com os meus pertences desnecessários.

Uma noite, durante o sono, vi-me a caminhar ao lado do meu marido e tornei-me consciente de que algo me estava a impedir de desfrutar da experiência tanto quanto habitualmente. Sentia-me estafada e perguntava-me o que estaria a causar tal sensação de peso, quando subitamente percebi que estava a carregar as duas malas com que me sobrecarregava sempre nas minhas viagens para Londres e de regresso. Pareciam terrivelmente pesadas, pelo menos dez vezes o seu peso habitual.

O pensamento passou-me pela mente de que, quando vivia na terra, o *Fred* não me teria permitido carregar nem o mais leve dos artigos enquanto estivesse comigo, no entanto agora ele caminhava a passos largos ao meu lado, aparentemente alheio ao facto de eu me estar a arrastar com estas duas malas pesadas. O meu intrigado e infantil ressentimento desvaneceu-se rapidamente à medida que a verdadeira explicação se insinuava na minha consciência.

Compreendi que ele não podia tirar de mim os fardos estúpidos que eu deliberadamente impunha a mim própria. Tinha permitido que estes artigos impressionassem a sua importância tão fortemente na minha mente durante o dia (com exclusão de assuntos mais importantes) que tinha criado as suas réplicas etéricas, e estava novamente sobrecarregada com eles neste outro plano.

O meu corpo etérico sentia-se leve, como habitualmente; eram apenas estas coisas supérfluas que pareciam ter um peso tão terrível e bloqueador. Senti-me incapaz de continuar a caminhar e, apesar dos

meus esforços para não o fazer, deslizei de volta para as minhas redondezas e corpo físicos.

Ao acordar, vi com surpresa que ambas as malas em questão estavam na verdade sobre a mesa de cabeceira, onde nunca as tinha colocado antes; como tinham ido ali parar, ou porquê, não me conseguia lembrar, mas decidi não me voltar a sobrecarregar com coisas desnecessárias no futuro.

Esta experiência também me fez perceber que, quando nos sobrecarregamos com possessões materiais, também atravancamos as nossas mentes e almas com muito que é sem proveito, e que pode inclusive ser limitador para o nosso progresso e conhecimento espiritual.

Penso que devemos aprender a diferenciar entre as coisas que vale a pena fazer e aquelas que podem ser deixadas de lado, e nós próprios podemos ficar ainda melhor por não as ter feito. Dar a nós próprios tempo e oportunidade para aprender algo sobre o Mundo Espiritual, e as entidades que lá vivem, não nos tem de incapacitar de forma alguma para a execução dos nossos deveres e responsabilidades terrenos. Pelo contrário, seremos capazes de os enfrentar com maior esperança e coragem do que em qualquer momento anterior devido ao nosso conhecimento recém-adquirido de que aqueles que amámos continuam vivos e de que, não só estaremos com eles quando tivermos terminado as nossas vidas físicas aqui na terra, mas que o seu amor e ajuda estão acessíveis para nós.

Não precisamos de esperar, desalentadamente, tristemente, com apenas vislumbres ocasionais da «esperança que tarda em morrer» para nos sustentar. Podemos caminhar firmemente para a frente, para o que quer que nos aguarde, com a consciência sempre crescente de que aqueles que amamos estão connosco agora.

Não precisamos de esperar por algo num futuro nebuloso para nos revelar a verdade. A mente aberta e a vontade de nos tornarmos cientes de outros planos de existência são tudo o que é necessário. Então, porque deveríamos apegar-nos à ignorância, aos preconceitos,

que nos prenderam sempre com as algemas do desgosto e do desânimo no passado?

Porque nos apegamos às saias da dor? Porque nublamos com cuidado a fronte agora? Porque esperamos por um amanhã de amor — Porque não alegrar o precioso Agora? O Éden é vosso — quereríeis habitar nele? Mudai a dor dos homens num gracioso sorriso, E tende assim o Céu aqui neste minuto, E não lá longe no depois de tudo. —
N. Waterman

Sim, seria de facto o Céu; «mudaria de facto a minha dor num sorriso» se pudesse apenas ver de novo aquele rosto amado, ouvir de novo aquela voz que está agora silenciosa. Mas como se pode fazer isso? De que serve ser-nos falado sobre estas coisas que uns poucos afortunados fizeram? Que hipótese tenho eu de experienciar tal alegria?

Esta é uma queixa que se ouve repetidamente, e não tenho hesitação em repetir que toda a gente tem uma hipótese de perceber ou de se tornar ciente desse plano mais elevado de consciência no qual os seus entes «perdidos» agora vivem.

A percepção pode assumir muitas formas diferentes, de acordo com a inclinação natural do indivíduo. É mais fácil para algumas pessoas ver do que ouvir; para outras, ouvir do que ver, e assim por diante; tal como a mente criativa se expressa de forma diferente na pintura, na música, na escultura, na poesia, na representação e no resto. Todas estas são expressões diversas da faculdade artística, da qual os poderes psíquicos (tais como a clarividência, a clariaudiência) são simplesmente uma extensão. Gostaria de incluir a construção, a organização da casa, a culinária e muitas outras procuras ditas caseiras e quotidianas na categoria acima referida. Na verdade, duvido que existam quaisquer interesses e ocupações na vida dos quais a faculdade psíquica esteja inteiramente ausente.

Volumes foram escritos sobre os vários métodos de desenvolver estes poderes. Sociedades foram formadas onde se realizam turmas para este propósito; mas penso que poderá haver muitas pessoas que

lerão estas minhas palavras que são incapazes de se deslocar às cidades maiores onde tal instrução é dada, e que podem também ficar confusas com o grande número de livros sobre o assunto e com a diversidade de opiniões expressas em tantos deles.

A minha própria opinião é que uma mente aberta e uma fé simples baseada no estudo e na aceitação pelo seu valor facial das experiências de outras pessoas, em casos que estão bem autenticados (e existem centenas de tais nos registos da *Society for Psychical Research* por si só, evidência que não pode ser levemente posta de lado), são um bom ponto de partida numa viagem de descoberta como a que é sugerida.

Aceitamos a evidência de outras pessoas sobre tantas outras condições e factos na vida que não conseguimos ver ou experienciar por nós próprios. Porque não tornar as coisas mais fáceis para nós aceitando alguma, pelo menos, da evidência sobre assuntos psíquicos que está aberta para nós? Assim que os nossos amigos no Outro Lado percebem a nossa determinação em chegar até eles, encontram-se connosco a mais de meio caminho. Uma vez iniciada a nossa própria rota, não nos deixemos voltar para trás, hesitar ou vacilar apenas porque, entretanto, lemos algum artigo anti-espiritualista, ou escutámos a opinião mal ponderada de alguma pessoa intolerante que provavelmente nunca teve qualquer experiência de nenhum ramo do assunto. (A ignorância é habitualmente extremamente volúvel, tanto na fala como na escrita.) Uma vez ligados mentalmente com Aqueles no Outro Lado, apenas os preocupamos e intrigamos quando recuamos desta maneira.

George Eliot diz:

Que nunca hesites; nenhum grande feito é feito Por hesitantes, que pedem por certeza. Nenhum bem é certo, mas a mente firme, A vontade individual de procurar o bem; É isso que compele os elementos, e arranca Uma música humana do ar indiferente.

Não precisamos de especificar a forma exata do resultado que desejamos que os nossos esforços nos tragam. Seja qual for a forma

que assumo, se nos dedicarmos a isso no espírito correto, sob as condições corretas, teremos eventualmente sucesso em arrancar uma «música humana do ar indiferente» — uma música que nos satisfará e nos ajudará a levar vidas melhores, mais felizes e mais úteis na terra do que alguma vez pensámos ser possível. Os hesitantes acima referidos são aqueles que passam pela vida exigindo esteios, esteios feitos pelos esforços de outras pessoas, e que nunca aprendem a caminhar ou a aventurar-se sozinhos.

Notarão que coloquei as palavras «*sob as condições corretas*» em itálico. É importante que procuremos distinguir a diferença entre condições favoráveis e desfavoráveis, uma vez que tenhamos decidido dar passos concretos para explorar estes outros planos de consciência, em vez de esperar pacientemente enquanto aprendemos a cultivar o necessário estado de calma receptividade aos esforços do Outro Lado para chegar até nós. O último é o melhor caminho para algumas pessoas, e é o caminho mais seguro para todos sob circunstâncias adversas, quer surjam de uma condição geral, como a guerra, quer de qualquer estado mais pessoal de inquietação.

Tive provas concretas disto, e poderia ter poupado a mim própria uma boa dose de desaponto e mágoa se não tivesse persistido deliberadamente em continuar as minhas experiências em experiências fora do corpo quando teria sido melhor ter-me refreado e ter ficado contente com a clarividência e as impressões mentais. Estas podem ser tão claras e convincentes que se tornam, eventualmente, mais confortantes do que quaisquer fenómenos objetivos ou experiências astrais, porque tocam o intelecto e o coração com a sua força e verdade espirituais. Conforme procedemos, elas tornam-se cada vez mais fortes, e assim faz a nossa capacidade para as receber. A oferta e a procura agem e reagem benéficamente uma sobre a outra, por assim dizer.

Felizmente, existem muitos períodos na vida em que estamos livres de «guerra, fome, peste» e outros problemas, pelo que não está fora de propósito eu mencionar um, pelo menos, dos muitos métodos

simples de assistir o desenvolvimento psíquico de alguém, e que é aprender a respirar corretamente.

Uma respiração suave para dentro e para fora, utilizando a parte inferior e maior dos pulmões, é prestável para o bem-estar tanto físico como psíquico.

Um método que é decerto produtivo em termos de resultados no meu próprio caso é um recomendado, creio eu, nos ensinamentos do *Yoga*. Fecha-se a narina esquerda colocando o dedo firmemente contra ela enquanto se inspira o ar através da direita, calma e lentamente, e depois expira-se novamente através da narina esquerda enquanto se tapa a direita. Depois inspira-se novamente através da esquerda, e expira-se através da direita, e assim por diante. Deverá apenas repetir isto umas poucas vezes, especialmente nos estágios iniciais.

Disseram-me que este exercício poderia ter efeitos prejudiciais se feito em demasia, porque poderia abrir a visão clarividente demasiado depressa. Não faço ideia de por que razão este exercício haveria de ser psiquicamente prestável, pois nunca estudei os métodos do *Yoga*, mas é decerto assim no meu próprio caso e no de vários amigos. Por vezes verifico que me desleixei de o praticar, e é provável que os meus amigos e guias espirituais me tenham impressionado para não o fazer, pois pode não ser desejável para mim «abrir-me» psiquicamente por enquanto.

Se alguém desenvolve a sua sensibilidade a algo, deve aprender a protegê-la. Por outro lado, o aumento da sensibilidade a planos mais elevados de consciência também traz a sua própria influência protetora ao redor de si. O bom senso e a discrição do nosso lado são necessários, e a pessoa cedo compreenderá intuitivamente quando persistir com quaisquer exercícios, estudos e experiências concretos, e quando é melhor deixá-los de lado. Em todo o caso, apenas se lhes deve permitir ocupar uma porção razoável de tempo na vida diária de alguém, mas eles devem ter o seu lugar nela a fim de que possamos experienciar a vida como um todo, e não em parte apenas.

— Oh, mas quão perigosas tais coisas se podem tornar — oiço alguém exclamar.

Quase tudo na vida é potencialmente perigoso. Há momentos para fazer uma coisa e momentos para não a fazer. Um nadador desfruta do exercício dos seus poderes em águas calmas, ou mesmo em águas razoavelmente agitadas, mas seria um tolo e estaria a cortejar o desastre se mergulhasse num mar obviamente tempestuoso à toa. Conduzir um automóvel, voar, praticar montanhismo e muitas procuras comuns e quotidianas são todas acompanhadas de perigo se se persistir nelas sob condições erradas, nos momentos errados.

No início do verão de 1939, penso que os meus amigos do Outro Lado me devem ter impressionado para tentar aumentar os meus poderes psíquicos normais — os quais não devem ser confundidos com a condição de transe na qual realizo a maior parte do meu trabalho profissional — através deste simples exercício de respiração. A julgar pelos acontecimentos que se seguiram, e que em breve registarei, eles tinham muito boas razões para o fazer.

Na verdade, tudo fazia parte de um plano bem traçado e detalhado para ajudar duas pessoas que se estimavam e que estavam agora separadas pela «morte» física.

Antes de estes acontecimentos terem lugar, eu tinha estado ciente de «ver» o meu marido, com uma espécie de clarividência mental, especialmente à noite, quando o meu trabalho do dia estava terminado. Era capaz de notar o corte e o material das suas roupas, algumas das quais eram novas para mim e bastante diferentes de quaisquer outras que ele tivesse usado na terra, mas ficavam-lhe bem e ele parecia saudável e feliz.

Por isso, por enquanto, estava bem contente, sem procurar quaisquer outras experiências etéricas ou fora do corpo. Na verdade, não tinha tido nenhuma destas últimas há algum tempo, tendo estado ciente de uma dificuldade em desprender o meu corpo etérico suficientemente do físico a fim de ver ou ouvir no plano etérico e — como os acontecimentos subsequentes demonstraram — era mais

importante para mim aumentar as minhas faculdades psíquicas normais por enquanto, a fim de que pudesse cooperar com as pessoas do Mundo Espiritual na execução de um projeto próprio delas.

CAPÍTULO 10

UM IMPULSO PARA RECAPTURAR O PASSADO

Quão facilmente se pode ter uma espécie de nostalgia de um local onde se foi feliz com alguma pessoa amada que já não está presente no sentido físico. Anseia-se por reler tais locais, esporada pela esperança de que eles possam exalar algum poder milagroso que trará o passado para a frente, para o presente, imbuindo-o de uma nova vida e significado, de modo a podermos mergulhar na sua felicidade refletida. Quão frequentemente ficamos desiludidas com os resultados. A realidade do passado escapa-nos; apenas ouvimos o bater distante das suas asas!

Imaginava eu que estava a responder ao desejo de trazer de volta memórias preciosas de umas férias pacíficas passadas numa minúscula aldeia de pescadores anos atrás, quando subitamente me vi a planear visitá-la novamente no junho de 1939. Era um local inacessível, inteiramente fora da rota batida. No passado, apenas tinha sido possível alcançá-lo diretamente de automóvel, ou então viajar de comboio até uma estação a algumas milhas de distância, de onde se apanhava um autocarro que corria para uma cidade adjacente a que chamaremos *Deneford*.

(Estou a disfarçar os nomes de locais e pessoas neste episódio porque a personagem principal do mesmo é um homem de negócios. Pode-se perceber quão inconveniente e embaraçoso poderia ser se eu fosse dar o seu nome real, ou o nome da cidade.)

De *Deneford* apanhava-se uma carruagem, ou caminhava-se cerca de uma milha, até uma barca, que nos transportava para o lado oposto de um rio que corria para o mar a cerca de cem jardas ou pouco mais

para a esquerda. Uma coleção de cabanas de madeira, algumas ocupadas por pescadores e outras usadas como ateliês por artistas que apreciavam a beleza primitiva mas madura dos arredores, erguia-se na margem sul. Foi num destes ateliês, um que pertencia a um conhecido aguarelista, amigo meu, que eu tinha passado umas férias pacíficas com o meu marido há vários anos. Planeei visitá-lo com a sua sobrinha, a *Rita*, que partilha as minhas crenças e interesses de muitas maneiras e faz uma companheira agradável em consequência disso.

Na altura pareceu um tanto difícil organizar as férias e a viagem, especialmente esta última, pois não conseguíamos gerir a distância inteira num único dia, e isso implicava ir para Londres no dia anterior, ficar a passar a noite lá e proceder para *Deneford* na manhã seguinte — um procedimento antes caro e cansativo, pois tínhamos de levar uma quantidade considerável de bagagem, porque, além das nossas roupas, tínhamos de empacotar certos utensílios de cozinha e outras miudezas.

O ateliê tinha agora passado para as mãos de uma senhora que assentiu gentilmente e de imediato à ideia de eu o usar. (O proprietário original, o meu amigo artista, tinha partido há uns dois ou três anos). Surgiram vários obstáculos à nossa visita, mas todos foram superados por sua vez.

Um forte impulso, que justifiquei na altura como sendo simplesmente um anseio por reavivar velhas memórias, encheu-me com a determinação de levar o plano por diante e, na quarta-feira, 7 de junho, a *Rita* e eu viajámos para Londres. Tínhamos reservado quartos num confortável hotel vegetariano nas redondezas de *Kensington Gardens*. Após o chá caminhámos sobre a relva, sob a sombra das árvores, banhando-nos na atmosfera de paz que impregnava tudo. Nenhum vislumbre da nuvem escura da guerra iminente nos perturbava por essa altura; tudo parecia, na superfície, pelo menos, normal e calmo.

Após o jantar fomos ver «*Me and My Gal*» no *Victoria Palace* e rimo-nos de coração com as habilidades absurdas do *Lupino Lane*.

Divertimo-nos tanto que inclusive brincámos com a ideia de adiar a nossa viagem para *Deneford* por um dia ou dois e provar as alegrias dos divertimentos e distrações de Londres em vez disso. Penso que sugeri que poderíamos dividir as nossas férias entre as duas coisas. Mas mal tínhamos abordado o assunto quando me senti fortemente impressionada de que devíamos proceder de acordo com o plano e não permitir que nada interferisse com a nossa viagem para o ateliê no dia seguinte, ou a atrasasse.

Assim, cedo na manhã seguinte, em vez de fazermos a enfadonha viagem de comboio, apanhámos a camioneta de longo curso que verificámos correr agora diretamente para *Deneford* e chegámos lá no início da tarde. Não conseguimos arranjar uma carruagem, pelo que alugámos um rapaz para levar algumas das nossas coisas por nós, e nós arrastámo-nos com o resto por uma boa caminhada de uma milha até à barca, a qual — como parece ser o caminho com tais engenhocas — tinha deixado o nosso lado do rio mesmo antes de alcançarmos a curva da estrada que descia para ela.

Pareceram horas até que a barca regressou, pelo que nos sentámos sobre as nossas malas, empoeiradas, desalinhas e cansadas, com tanta paciência quanta a que conseguíamos reunir. Embarcámos nela (será uma barca do género feminino, já agora? Parece-me sempre masculina, devido a certas características antes peculiares que exhibe por vezes) e fomos na locomotiva a vapor ao longo do rio, acompanhadas por diversos rumores e gemidos vindos do interior da nossa embarcação, e seguimos o nosso caminho deixando para trás vários pequenos edifícios de madeira até ao único onde eu tinha ficado antes com o meu marido. Era uma coisa antes primitiva, erguendo-se alta sobre fortes estacas de carvalho. Na preia-mar a maré corria por baixo e, conforme subíamos os degraus para a pequena varanda, da qual uma porta abria para a sala de estar, lembrei-me de como o *Fred*, ao fazê-lo, roncava sempre observações depreciativas sobre a estabilidade do local, acrescentando profecias pessimistas de que iríamos acordar uma manhã e encontrarmo-nos, a nós e ao edifício, no rio.

Estes presságios sombrios nunca se realizaram, e eu adorei cada momento que passei ali. Penso que o *Fred* gostava também, embora parecesse pensar que era seu estrito dever preparar-me sempre para o pior, nisto e noutras coisas, ao passo que eu habitualmente contra-atacava decidindo-me a esperar o melhor e a procurar

Os locais que são suaves e claros, E falar deles para descansar o ouvido cansado Da Fé,

como a *Ella Wheeler Wilcox* o descreve. Possivelmente o meu era o mais irritante dos dois métodos.

Por isso agora marchei orgulhosa e possessivamente degraus acima, seguida pela *Rita*, a quem tinha previamente regalado com uma longa lista das belezas e amenidades do local. Na varanda pisei cautelosamente para o caso de o edifício me trair com o mais pequeno ganido ou tremor; mas não, erguia-se sólido e firme sob os nossos pés, refreando-se harmoniosamente dos sons de protesto por vezes feitos quando o meu marido tinha calcado impiedosamente o seu chão antigo, o qual era na verdade belissimamente feito de fortes madeiras velhas de carvalho, resgatadas de muitos naufrágios no passado longínquo.

Um local celestial para mim, cheio com a graciosa presença da bondosa e amorosa amiga a quem tinha pertencido, e cuja mão eu sentia agora ter-me acenado para ele novamente!

Ficámos no centro da sala de estar, que era a maior das duas divisões que continha. Olhei apreensiva para a *Rita*, aterrorizada para o caso de ela não gostar. Ela lançou um olho especulativo às duas paredes exteriores, as quais eram compostas quase inteiramente de vidro, aos poucos artigos simples de mobiliário, simplesmente uma mesa, um sofá, um par de cadeiras e um guarda-louça de carvalho na verdade muito bonito. Numa das extremidades da sala havia uma alcova e nela erguia-se a cama que ela ia ocupar.

(Eu tinha uma sala mais pequena adjacente; mais velha, penso eu, e decerto mais primitiva em todos os aspetos; tinha uma pequena

varanda para si própria, que sobressaía quase até à beira da água, e muito pouco acima dela).

A voz dela vacilou um pouco conforme disse:

— Nunca vivi num local como este antes.

Mas após uns poucos momentos de mais investigação o seu rosto desfez-se num sorriso, e soube que ele tinha ganho o seu coração como tinha ganho o meu anos antes.

Revigoradas com o banho e o chá, sentámo-nos e descansámos, e olhámos através do rio para as colinas verdes de *Deneford* na distância. Os ponteiros do relógio da eternidade pareceram mover-se para trás para mim, e o meu espírito encontrou cura bem como dor na bela cena.

Fui fortemente lembrada do conselho do *Longfellow*: «Não olhes tristemente para o passado. Ele não volta mais. Melhora sabiamente o presente. Ele é teu. Segue para a frente ao encontro do futuro sombrio sem medo e com um coração viril.»

«Melhora sabiamente o presente» — as palavras pareceram ecoar nos meus ouvidos e foram seguidas por: «O presente — há algo para fazer no presente, pelo que cessa de te lamentar no passado e prepara-te para a ação, agora.»

Que ação poderia ser esta, não fazia ideia. Senti que as adivinhações eram inúteis; que devia colocar cuidadosamente a mensagem no armário da minha mente até que as circunstâncias revelassem o seu significado para mim. Habitualmente verifico que isto acaba por acontecer, pelo que não faço alvoroço nem me preocupo indevidamente a tentar compreender.

— O que vamos fazer esta noite? — perguntou a *Rita*.

Sugeri que fôssemos a *Deneford* outra vez e déssemos uma vista de olhos pelas lojas.

— Mas — objetou a *Rita* —, disseste-me que era o dia de encerramento mais cedo hoje — ao que, antes inconsequentemente,

me vi a responder: — Isso não importará, olharemos para algumas das lojas de móveis antigos. Podemos olhar através das montras se não conseguirmos entrar.

Esta sugestão não pareceu exatamente entusiasmar a *Rita*, mas ela assentiu. Apanhámos a barca através do rio e caminhámos para *Deneford* sob a luz solar do início da noite. A maioria das lojas estava fechada, como esperávamos, e após esgotarmos as possibilidades da única rua principal, vagabundeámos pelas estradas estreitas secundárias. Vi-me a olhar seriamente para cada loja de móveis antigos com que nos deparávamos, e *Deneford* possui um número antes grande delas.

A maioria estava fechada, e eu espreitava ansiosamente através das montras numa tentativa de perfurar a escuridão do seu interior, embora não fizesse ideia do que era que procurava. De uma maneira comum eu não me teria dado ao trabalho de olhar para elas de todo, porque se há uma coisa de que desgosto é de uma expedição de compras. Algum traço feminino normal deve ter ficado de fora da minha constituição à nascença, pois considero o fitar de montras de lojas aborrecido e cansativo, e a caça aos saldos em dias de liquidação detestável.

Procurei explicar o meu interesse presente a mim própria como sendo devido ao facto de dever ter tomado uma nota mental antes de deixar casa de algo de que necessitava para a habitação. Olhei esperançosa para coleções de serviços de chá, velhas caixas de rapé, joias, dentes postiços e outros artigos nas montras, na esperança de que alguns deles me pudessem sugerir o artigo necessário mas esquecido — se é que ele tinha alguma vez existido sequer na minha mente. Mas sem resultado. Continuámos a passar de uma para outra destas lojas e eventualmente chegámos a uma cuja porta por acaso estava aberta, embora estivesse a ficar antes tarde agora, além de ser o dia de encerramento mais cedo, como a *Rita* já tinha notado.

Premi para a frente mais uma vez e entrei nesta loja, embora sem a mais pequena ideia do que queria ver. A *Rita* seguiu-me. Penso que

ela estava a ficar um pouco cansada das nossas peregrinações, pois perguntou desalentadamente:

— O que é que estás à procura, *Gladys*? Queres mesmo comprar alguma coisa?

Olhei desesperadamente ao redor à procura de uma inspiração sem receber nenhuma e, para surpresa minha, ouvi-me a dizer:

— Sim, quero uma arca de carvalho velha.

— Uma arca de carvalho? Onde a colocarias? — questionou a *Rita*, evidentemente lembrando-se de que eu já tinha mobiliário mais do que suficiente na minha casa antes pequena.

Respondi prontamente: — Tenho um lugar esplêndido para ela, mesmo por baixo do grande espelho na alcova. É exatamente o local para uma arca de carvalho de uma certa espécie. Sinto mesmo que tenho de arranjar uma enquanto estou aqui. São muito caras na nossa própria vizinhança e sinto-me certa de que vou arranjar a exata que quero nesta cidade.

Uma jovem mulher adiantou-se para nos perguntar o que queríamos. Ao ouvir os meus requisitos, mostrou-me uma arca velha antes atraente, mas por alguma razão que não compreendi então senti intuitivamente que não devia comprá-la e disse-o, embora achasse difícil explicar o que estava errado com ela, ou o preço, pois parecia enquadrar-se na descrição que eu lhe tinha dado do que pensava querer. Após deixar a loja, e no nosso caminho de regresso para o ateliê, pensei antes irritada: «Claro que não vou comprar uma arca de carvalho. Não quero nenhuma na verdade. Seria apenas um estorvo; mais uma coisa para cuidar e limpar.»

CAPÍTULO 11

EM BUSCA DE UMA

ARCA DE CARVALHO

Afastei o assunto da minha mente até um dia ou dois mais tarde, quando por acaso passámos por uma loja que, embora estivesse numa posição antes proeminente na cidade, não tínhamos notado na nossa primeira visita. Tinha uma fachada maior do que as outras e estava razoavelmente cheia de grandes e pequenas peças de mobiliário; mas havia um aviso na porta que nos informava que o proprietário estava fora e não estaria de regresso senão mais tarde. Olhei para o interior e não consegui ver sinal de uma arca de carvalho, mas enquanto eu investigava as montras, a *Rita*, que esticava a cabeça a fim de conseguir ver através da entrada, exclamou:

— Há uma arca pequenina e bonita aqui, *Gladys*. Está por baixo de algumas outras coisas.

Olhei através da porta de vidro e, embora conseguisse ver muito pouco da arca em questão, apenas um mero contorno, na verdade, senti uma curiosa convicção de que tinha encontrado a única arca que me serviria. A minha busca tinha terminado, e eu devia regressar à loja na primeira oportunidade. Assim o fizemos, e fomos recebidas pelo proprietário, a quem chamarei Sr. *Sinclair*. Era um homem alto, de constituição esguia, com cerca de 60 anos, eu diria, e saudou-nos com bastante civilidade, mas foi antes ríspido e pragmático.

Mostrou-nos a arca de carvalho, que era uma peça antiga atraente e genuína, com uma frente curiosa, uma espécie de variação do entalhe habitual em forma de dobra de linho. Disse-me o preço, que era bastante razoável, mas o meu desfavor instintivo e natural a gastar dinheiro desnecessariamente assumiu de repente o comando e fez-me voltar as costas, prometendo «pensar no assunto» e regressar se desejasse comprar a arca.

Logo após deixar o local, senti que tinha de a comprar, fosse isso uma extravagância ou não. Mal conseguia resistir ao desejo de voltar de imediato e resolver o assunto, mas a minha força de vontade prevaleceu, e regressámos à nossa habitação temporária, para «consultar a almofada».

Na manhã seguinte, ao acordar, sabia que tinha de ir comprar a arca.

Levantei-me e, assim que o pudemos fazer, a *Rita* e eu trotámos de volta à loja.

O Sr. *Sinclair* estava lá e, após fazermos uma pequena negociação sobre o preço da arca, na qual ele se encontrou comigo a meio caminho, ela tornou-se minha, e ele procedeu a mostrar-nos algumas outras peças antigas interessantes, não com a ideia de nos forçar a comprá-las, mas porque estava obviamente genuinamente interessado nelas ele próprio.

Mal o escutava. Ele deve ter-me considerado muito distraída, inclusive aborrecida, embora eu mecanicamente fizesse observações polidas e monossilábicas de vez em quando. Uma coisa estranha me estava a acontecer. A *Rita*, o Sr. *Sinclair*, o mobiliário, estavam quase a desvanecer-se da minha visão conforme me tornava consciente de uma presença. Uma presença que não era deste mundo, eu sabia, pois sentia aquele curioso destacamento das coisas materiais ao meu redor que me faz tentar (se as circunstâncias o permitirem) desligar-me mais definitivamente para as Outras Coisas que instintivamente sinto estarem a reunir-se em redor, esperando para serem observadas, ouvidas e compreendidas; o mais ténue sussurro no éter; um sussurro tentativo de um outro mundo.

Após alguns momentos percebi que o espírito de uma mulher se erguia ao meu lado. Não a conseguia ver, mas percebia-a tão fortemente que, por graus, pareceu como se a sua própria alma e o seu caráter me fossem revelados em pormenor. Deu-me uma impressão clara da sua visão da vida, das ambições e das ideias em geral que tinha mantido quando estava na terra. As suas qualidades finas, direitas e genuínas revelaram-se-me exatamente como se ela tivesse aberto um livro numa página onde eu pudesse ler um registo completo das suas características. Sabia que ela estava a estender mãos amorosas e piedosas ao homem que estava a conversar com a *Rita*, a

apenas uns pés de distância, embora ele estivesse alheio a este fenómeno extraordinário a acontecer perto de si.

Três pessoas, visíveis umas para as outras, mas uma quarta também presente, que era visível para uma de nós apenas, e que urgentemente me sussurrou:

— Diz-lhe — diz-lhe que estou aqui.

— Quem és tu? — perguntei silenciosamente.

— A esposa dele — respondeu ela.

Depois deu-me uma mensagem de uma natureza tão íntima e pessoal que senti que não a poderia de modo algum transmitir. Ter-me-ia sentido relutante em transmiti-la a um amigo íntimo, quanto mais a um completo desconhecido. O meu recuo instintivo foi tão grande que perdi o contacto com a presença etérica e, mais uma vez, me tornei consciente apenas das coisas comuns ao meu redor. Sentia-me exausta, em parte devido ao carácter inesperado da manifestação, em parte devido ao apelo feito à minha mente pela profunda emoção expressa pela mulher em espírito e, talvez acima de tudo, pelo meu próprio encolher egoísta de transmitir a sua mensagem ao seu marido.

Este encolher era devido, eu sei, às ideias estúpidas e convencionais que persistiram por tanto tempo nas nossas vidas diárias na terra, e que continuam a ser o instrumento que nos impede de partilhar o nosso conhecimento espiritual com os outros, e de nos tornarmos assim «canais para a torrente de amor» que flui do Outro Lado da vida para a nossa.

O arcebispo *R. C. Trench* escreveu:

Fazei canais para a torrente de amor Onde eles possam largamente correr, E o Amor tem torrentes transbordantes Para encher cada um deles, sem exceção.

Mas se em algum momento cessares De tais canais providenciar, As próprias fontes do amor para ti Cedo estarão ressequidas e secas.

Pois devemos partilhar, se quisermos manter Essa coisa boa vinda de cima; Cessando de dar, cessamos de ter — Tal é a lei do Amor.

(O *itálico* é meu).

Sim, o meu cobarde desviar de atenções foi na verdade, sinto-me certa, a razão primária para a minha extrema fadiga, muito mais do que o poder retirado de mim para a manifestação em si. Senti que tinha de sair do local, nem que fosse por uns escassos momentos, a fim de me recompor. Murmurei algo à *Rita* sobre ir à mercearia ali perto e disse que voltaria a passar para a apanhar no espaço de cinco minutos.

Quando cheguei lá fora, respirei fundo, recompus-me e fiz algumas compras necessárias — bem como desnecessárias —, nas quais demorei o máximo de tempo possível, esperando não estar de volta à loja de antiguidades senão quando a *Rita* já tivesse saído. Esta esperança realizou-se, e encontrei-me com ela mesmo antes de lá chegar. Pareceu um tanto surpreendida por eu demorar tanto tempo a fazer as minhas compras, mas nada disse. Nem eu, até alcançarmos o caminho calmo que conduzia de volta à barca; então falei-lhe do meu encontro com a mulher em espírito que disse ser a esposa do Sr. *Sinclair*.

— Pergunto-me se ele tinha esposa — continuei. — Ele parece antes um solteirão, embora não saiba bem porquê.

— Sim — exclamou a *Rita* —, ele tinha esposa. Ela morreu há cerca de um ano. Ele por acaso mencionou-o logo após tu saíres para ir à mercearia, mas não disse mais nada sobre ela. O que vais fazer em relação a isso? Vais dizer-lhe que a sentiste?

— Não sei. Como lhe posso dizer? — respondi. — Parecia ele a espécie de homem a quem eu pudesse calmamente dizer que a sua falecida esposa tinha acabado de falar comigo? Ele vai pensar que estou louca; no entanto, não posso desconsiderar o apelo, porque era um apelo, um apelo feito em desespero, lutando por impressionar a sua necessidade urgente em mim. Não, não o posso desconsiderar,

mas vou ter de rezar para que me seja dada confiança antes de tentar falar com ele.

Foi o que fiz e, no dia seguinte, disse à *Rita* que pensava ser meu estrito dever, de qualquer modo, tentar falar ao Sr. *Sinclair* sobre a sua esposa, se conseguisse obter uma oportunidade adequada. Ela prontamente expressou a sua disposição para ajudar e sugeriu que visitássemos a loja novamente sob algum pretexto relativo ao embalamento e transporte da arca de carvalho para a minha casa, e que seria ela a visitar a mercearia desta vez, enquanto eu permanecia na loja na esperança de reunir coragem para dar as minhas notícias ao Sr. *Sinclair*.

— Não me vou afastar muito, nem demorar muito tempo, para o caso de ele te pôr na rua, ou tornar-se violento ou algo assim — disse ela, meio a rir, meio a sério.

Antes de deixar o ateliê, percebi que estava a ser carregada com a determinação de levar o projeto até ao fim sem outro pensamento duvidoso. Senti que alguém mais estava a ajudar — não a mulher com quem me tinha deparado no dia anterior — e senti subitamente que nada importava exceto fazer o meu melhor absoluto para dar a mensagem de que tinha sido incumbida. Assim, quando chegámos ao nosso destino e encontrámos o Sr. *Sinclair* sozinho na loja, mal conseguia esperar que a *Rita* executasse o seu plano de nos deixar a sós e, sem mais preâmbulos, disse-lhe:

— Creio que a sua esposa partiu não há muito tempo.

— Sim — respondeu ele —, assim é. Ela morreu há cerca de um ano.

Prontamente respondi:

— Mas ela não está morta; ela esteve aqui, nesta loja, ontem.

O Sr. *Sinclair* olhou estupefacto. Nenhumas palavras poderiam descrever adequadamente a sua expressão de espanto. Os seus olhos pareciam literalmente correr o perigo de saltar da cabeça.

— O quê? Aqui — nesta loja — a minha esposa?

Houve uma longa pausa, e depois:

— Conseguiu vê-la? — perguntou ele, fixando-me com um olhar perscrutador, como se quisesse perfurar a minha própria alma.

— Não — disse eu. — Mas senti-a, e posso dizer-lhe exatamente como ela é.

Procedi então a dar-lhe um retrato verbal da sua esposa, exatamente como ela se tinha revelado a mim. À medida que avançava de pormenor em pormenor na minha análise do caráter e personalidade dela, o seu rosto mudou da sua expressão de espanto incrédulo para uma de quase estupefação, no entanto iluminada com o que senti com certeza ser um vislumbre de esperança; algo que estava remoto de qualquer sentimento de antagonismo, notei agradecida.

Recostou-se para trás, quase como se procurasse apoio contra alguma grande peça de mobiliário, e disse calmamente:

— Sim, isso descreve a minha esposa exatamente. Ninguém, a menos que a conhecesse na verdade muito bem, a poderia ter descrito com tanta precisão.

Encorajada pela sua atitude, dei-lhe então a mensagem muito pessoal que tinha sentido ser impossível dar.

He inclinou a cabeça, depois olhou para cima e disse simples, quase num sussurro:

— Sim, é verdade. Essa deve ser a minha esposa. É a minha esposa.

Olhámos um para o outro, dois estranhos cujas mentes se estendiam uma para a outra através do abismo feito pela convenção. Nada mais foi dito sobre o assunto, e retirei-me calmamente.

Enquanto caminhávamos para casa, pensei na tensão e no stress desnecessários da vida na terra, tensão que criámos pela nossa falta de fé e esperança. O homem usou sempre mais energia a levantar dúvidas

do que a dissipá-las. Contudo, tinha sido a esperança que tinha nascido nos olhos do Sr. *Sinclair* após eu lhe ter dado a mensagem da sua esposa, e agradei a Deus por isso; a esperança que *Longfellow* disse poder «entranhar a unha da sua âncora nas profundezas da sepultura, e abaixo dela, revelando um mundo mais belo de forma ténue, mas inequívoca, aos nossos olhos desacostumados.»

Chamou a este outro mundo um «doce jogo de sombras», mas não pode haver uma sombra sem alguma substância por trás dela e, se persistirmos na nossa busca pela verdade espiritual, a substância que causou a sombra ser-nos-á também revelada, e um novo mundo, uma nova vida, serão nossos.

Tínhamos de apanhar uma camioneta de longo curso muito cedo de *Deneford* no dia em que regressámos a casa, e fiquei surpreendida por ver que o nosso novo amigo, o Sr. *Sinclair*, estava lá para nos ver partir. Perguntou-me se eu pensava ser possível que a sua esposa pudesse vir ter comigo outra vez e enviar-lhe quaisquer mensagens; pelo que lhe disse para tentar ele próprio ligar-se mentalmente com ela e solicitar-lhe que o fizesse. Perante isto, ele pareceu um tanto surpreendido, mas acenou com a cabeça afirmativamente, embora a ideia de falar diretamente com a sua esposa, ou de se dirigir a Deus em nome dela ou do seu próprio, fosse evidentemente uma ideia nova para ele.

Surpreende-me frequentemente como patético que tantas pessoas imaginem que os seus entes queridos apenas podem comunicar através de um médium, alguém que consideram ser especialmente dotado e favorecido pelo Céu a esse respeito, quando é certo que poderiam obter eles próprios alguma manifestação ou prova de sobrevivência se estivessem contentes em esperar, enquanto cultivavam a atitude de mente correta em relação a isso. A crença de que pode ser e a expectativa calma de que será são os dois fatores prestáveis que trarão resultados se os apoiarmos com uma prece fervorosa. Deus nunca faz ouvidos de mercador ao apelo sincero. Não importa em que forma seja colocado; quanto mais simples, melhor.

«E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes.» (Mat. vi. 7, 8.)

Sim, o vosso Pai sabe da vossa necessidade, mas gosta que faleis com Ele sobre o assunto, tal como qualquer pai terreno deseja a confiança dos seus filhos. É o pensamento por trás das palavras que conta, não o número, ou inclusive a natureza das palavras em si. A hereditariedade, o ambiente, o hábito, podem tornar as coisas mais difíceis para algumas pessoas, mas estes podem ser superados com o tempo pela fé e pela paciência; e quanto maior o esforço exigido e feito, maior o ganho pessoal, porque além do desenvolvimento psíquico desejado, a alma e o caráter serão fortalecidos, e a educação espiritual ganha por esse meio revelar-lhes-á um novo mundo, uma nova compreensão do seu próprio eu interior, das suas possibilidades divinas e dos poderes latentes que estiveram escondidos dentro de si; tesouros enterrados, existentes, mas inúteis até que a sua presença seja percebida.

Ansiava por explicar isto ao Sr. *Sinclair*, mas havia apenas uns escassos momentos livres, pelo que tudo o que pude fazer foi incutir-lhe uma coisa — que Deus o escutaria se ele pedisse que fosse dado poder à sua esposa de modo a que ela pudesse ser capacitada a enviar uma mensagem através de mim. Na altura sentia-me certa de que assim seria, senão não teria tido a temeridade de sugerir isto ao Sr. *Sinclair*. Olhou para mim com algum receio nos olhos, no entanto não era exatamente ceticismo o que ali lia.

Enquanto viajávamos em direção a Londres na camioneta, ocorreu-me que o Sr. *Sinclair*, em comum com muitas outras pessoas, não se conseguia conceber a si próprio como sendo de importância suficiente para Deus para justificar que tal ajuda individual lhe fosse dada. A humildade indevida ao aproximarmo-nos de Deus não é prestável. Um coração contrito Ele não despreza, dizem-nos as Escrituras; mas temos de ter cuidado para não construir uma parede entre Deus e nós próprios a partir do nosso sentimento de indignidade,

ou da consciência da nossa ignorância anterior das Suas Leis e do Seu Amor.

Ora, este livro é escrito primariamente com a esperança de que ajude aqueles que estão enlutados por terem «perdido» alguém que amam na guerra, quer em serviço ativo no estrangeiro, quer na Frente Interna onde, sob as presentes condições de guerra, há tanto perigo a enfrentar quanto o que anteriormente existia apenas no campo de ação onde as forças opostas se encontravam e combatiam uma contra a outra. Também é escrito na esperança de aliviar a tensão contínua dos «cansados da guerra», quer estejam pessoalmente enlutados quer não, porque qualquer informação relativa à realidade do Mundo Espiritual, ao seu prodígio e à sua beleza, deve decerto servir para iluminar alguns dos pedaços escuros através dos quais eles lutam.

CAPÍTULO 12

A PERSISTÊNCIA DE UMA ESPOSA

A fim de transmitir qualquer ideia clara sobre este Outro Mundo, é essencial dar alguns detalhes relativos ao tipo de indivíduos que o povoam; as suas atividades, o seu interesse em nós e, acima de tudo, a sua disposição e, em muitos casos, o seu anseio por nos ajudar. Só se pode dar tal informação de forma satisfatória se se tiver estado em contacto direto com eles, tanto no plano deles como no nosso.

Tem sido meu privilégio ter muitas experiências interessantes deste género; mas sinto que será prestável para os meus leitores se eu registar alguns destes casos que tiveram um valor evidente definitivo, porque consubstanciados por corroboração de outras proveniências. Com esta ideia em mente, não peço desculpa por incluir a história do Sr. e da Sra. *Sinclair* com alguma extensão, pois trata-se de um caso bem autenticado de um esforço determinado a ser feito do Outro Lado da Vida para alcançar e ajudar alguém que foi deixado para trás, solitário e com fome no coração, por estar totalmente alheio às possibilidades de comunicação entre os dois estados de consciência. O que se aplica, neste sentido, às condições de paz, aplica-se também à

guerra, e em capítulos posteriores relatar-vos-ei as histórias e experiências de algumas das pessoas que foram mortas em operações de bombardeamento inimigo sobre Londres.

Após o meu regresso a casa, estive muito ocupada a tratar dos meus atrasos de correspondência, que se acumulam sempre enormemente mesmo durante umas breves férias, pelo que tive pouco tempo para pensar no Sr. *Sinclair*, mas olhava frequentemente para a arca de carvalho, que enquadrava decerto bem com o resto da sala, e tinha uma graça e dignidade especiais próprias.

Várias semanas mais tarde, tive a oportunidade de estar completamente só e estava suficientemente livre para me colocar passiva e, portanto, recetiva a qualquer impressão psíquica que pudesse receber. Sabendo de antemão que seria capaz de ter este período calmo, tinha feito um convite mental à Sra. *Sinclair* para tentar ver se ela me conseguiria dizer algo que fosse prestável para o seu marido.

Quão fiéis Eles são, e quão pacientemente esperam por nós para Lhes darmos a oportunidade de comunicar! Mal me tinha sentado com papel de escrita e caneta diante de mim, quando senti mais uma vez a personalidade viva que tinha conseguido prender a minha atenção na loja de antiguidades em *Deneford*. Por uns momentos fui avassalada por um sentimento de profunda depressão, o que me surpreendeu, vindo de uma mulher com o temperamento da Sra. *Sinclair*, a julgar pelo que eu tinha «sentido» dela no nosso encontro anterior.

Ela evidentemente sentiu a minha reação e explicou-me que esta condição deprimida pertencia ao seu marido, não a si própria, e acrescentou que estava feliz e contente com a sua própria vida, mas não podia evitar andar ansiosa por causa dele. Procedeu então a dar-me algumas mensagens relativas a um assunto puramente pessoal que não vou registar, mas que ele compreendeu, e depois disse-me que tinha trazido várias pessoas consigo, que o seu marido reconheceria. Foram dados nomes e descrições, além de outros elementos de informação que mais tarde se provaram estar corretos.

Em duas ocasiões posteriores, a Sra. *Sinclair* visitou-me novamente, trazendo consigo vários parentes e amigos a quem ela aparentemente deu uma boa dose do seu próprio poder lúcido para comunicar, pois eu conseguia ouvir com bastante clareza o que muitos deles diziam, com uma exceção, e este era um homem chamado *George*. Cada vez que ele começava a falar comigo, interrompia-se com uma explosão de incontornável hilaridade. Depreendi que a Sra. *Sinclair* esperava que ele desse algumas mensagens prestáveis e evidentes, como ela e os outros tinham feito; intermitentemente o *George* tentava recompor-se e, com uma certa dose de dignidade, começava a formular uma mensagem, mas não conseguia ir mais longe do que umas poucas palavras antes de ser mais uma vez avassalado pelo que eu sentia agora ser uma hilaridade antes descabida. Sentindo-me um pouco impaciente, pois sentia que ele estava a usar o poder sem proveito, pedi-lhe que se explicasse. Fez um esforço desesperado para ser devidamente sério e soltou que achava a mera ideia de o seu amigo *Sinclair* «acreditar nesta espécie de coisas» tão excruciantemente cómica que isso lhe tinha afastado tudo o resto da mente!

Parecia impossível ir mais longe com o *George*, e a Sra. *Sinclair* tomou taticamente a situação em mãos, à sua maneira caprichosa e capaz, e continuou com a sua própria evidência.

Quando o Sr. *Sinclair* recebeu as minhas notas relativas ao que acima foi exposto, disse ser típico do *George* encarar as coisas desta maneira; especialmente apreciou a diversão do *George* com o interesse dele, Sr. *Sinclair*, num assunto como a comunicação com os espíritos ou afins. Muitas das mensagens dadas nesta e noutras ocasiões acabaram por se revelar sumamente prestáveis e confortantes; entre elas estava uma referência a um memorial que a Sra. *Sinclair* me disse que o seu marido tinha feito ele próprio e erguido à sua memória no belo adro em *Deneford*.

(Numa comunicação anterior, ela tinha-me dito para lhe pedir para «lhe fazer um memorial como aquele que ela costumava admirar tanto na antiga casa deles, perto de Londres».)

Descreveu algumas dificuldades peculiares que o seu marido tinha encontrado relativamente ao «alinhamento» da sepultura, além de outros assuntos, mas pediu-lhe para não andar preocupado com isso, pois ela gostava muito do mesmo e não queria que fosse mais alterado. Disse que ele o tinha alterado ligeiramente e, nas suas notas referentes a isto, que ele amavelmente me enviou para consulta, vejo que ele escreveu na altura:

«Ela (a sua esposa) diz que não deseja que seja de maneira diferente. Aquilo com que me preocupei após o fixar foi que não estava em linha reta com as outras sepulturas, porque a sepultura não foi aberta em linha reta com as outras. Ela não queria que fosse alterado, porque não ficaria bem por cima do caixão. Era tão notório que fui obrigado a deslocá-lo um pouco, mas quem poderia acreditar que ela sabia!»

(Penso que esta última observação era iluminadora, considerando o ceticismo anterior da mente do Sr. *Sinclair*.)

Ele continuou: «A minha esposa sabia que eu teria alguma maçada com o lote ao lado da sepultura dela» (ela tinha-se referido a isto numa das suas comunicações através de mim), «que era suposto ser para mim. Pouco depois de o memorial ser fixado, apareceu um artigo na Revista da Igreja dizendo que aqueles que possuíam lotes ao lado das suas esposas ou maridos poderiam não os conseguir ter. Quem pensaria ou sonharia que ela sabia tudo o que se estava a passar? Numa carta para si, eu não o poderia ter tornado tão claro. A Sra. *Sinclair* é difícil de superar.»

Nas suas primeiras mensagens através de mim, a Sra. *Sinclair* instou o seu marido a voltar «ao seu antigo interesse nos assuntos da Igreja e na religião». Ele perdoar-me-á se disser aqui que, nos nossos breves encontros, ele não me tinha parecido um homem que estaria interessado quer na religião convencional quer em assuntos ortodoxos da Igreja; mas a sua esposa afirmou enfaticamente que ela própria tinha sido uma trabalhadora fervorosa, e que ele também tivera interesse, mas se tinha afastado deles quando ela adoeceu e «morreu».

Era agora o seu ardente desejo que ele se ligasse mais uma vez à Igreja e se dedicasse ao trabalho de entalhar o belo memorial, uma cópia exata daquele que ela tinha admirado quando na terra. Na sua sabedoria, ela sabia o quanto ele seria ajudado ao dedicar o seu tempo e atenção a um tal trabalho de amor, além da satisfação que provém da criação da beleza.

Desde então, o Sr. *Sinclair* enviou-me uma fotografia da sepultura e posso ver por mim própria que é algo de que a pessoa se poderia orgulhar de facto.

Cerca de um ano mais tarde, o belo Salão Paroquial foi demolido por uma bomba, mas o memorial, que se erguia a apenas escassas jardas de distância, ficou ileso e incólume.

Perguntei-me frequentemente como a Sra. *Sinclair* sabia de mim, uma completa estranha para ela na sua vida terrena. Como sabia ela que eu conhecia *Deneford*, e como entrou em contacto comigo e me impressionou para passar umas férias lá, um local que eu não visitava há mais de dez anos?

Um dia, recentemente, enquanto sentada calmamente na encosta da montanha numa região muito remota de *Deneford*, senti subitamente a presença da minha querida amiga artista que costumava emprestar-me o Ateliê, e ela disse-me que o seu interesse por este local, que ela amava tão profundamente na terra, nunca tinha esmorecido, e que de tempos a tempos o visitava e estava ciente de algumas das mudanças que ali tinham lugar, particularmente as «mortes» de quaisquer dos seus residentes. Foi desta maneira que ela conheceu a Sra. *Sinclair*, que se esforçava por entrar em contacto com o seu marido, mas sem proveito, pois ele estava inteiramente alheio sequer à possibilidade de comunicar.

Devo explicar aqui que a minha amiga, a artista, tinha sido uma fervorosa espiritualista durante muitos anos antes de partir, e não tinha deixado pedra por mover nos seus esforços para ajudar os outros na terra a perceber que aqueles por quem choravam como mortos estavam vivos. Muitas almas desesperadas devem ter ficado gratas

pelos seus infalíveis esforços para as colocar em contacto com aqueles que amavam.

Nenhum medo do escárnio, do divertimento ou do ceticismo com que se pudesse deparar a deteve alguma vez de dar uma mensagem que lhe fosse confiada a partir do Além, e algumas destas eram de um carácter tão marcadamente evidente que transportavam a sua própria convicção de verdade para aqueles a quem se destinavam. Após a sua partida para a Vida Espiritual, a minha amiga assumiu o trabalho de ajudar aqueles que vinham para o Outro Lado e ansiavam por comunicar com algum ente amado na terra, e entre eles estava a Sra. *Sinclair*. Agora, em tempo de guerra, a minha amiga diz-me que está encarregue de um grupo de trabalho «No Outro Lado» que se concentra em ajudar as almas daqueles que partem, quer na Força Aérea, no Exército, na Marinha, quer como civis sob bombardeamento inimigo em casa. Ela sente que este é o trabalho para o qual está talhada e, também, que é de vital importância agora, neste ano de 1941. Esta amiga disse-me que a Sra. *Sinclair* está também a fazer o mesmo trabalho, e que a sua índole sensata, simpática e alegre a talha eminentemente para uma tal tarefa.

Pode ajudar algumas pessoas enlutadas saber que, por muito pouco que sobre a Vida após a Morte tenha sido compreendido por aqueles que são subitamente mortos na guerra e empurrados abruptamente para o Desconhecido, existem sempre estas almas sábias e amorosas que estão prontas para ajudar, confortar e aconselhar, além daqueles que possam estar mais estreitamente ligados ao recém-chegado por laços de parentesco de sangue ou de amizade. É um facto triste que, em tempo de guerra, muitos jovens partem sem conhecer ninguém intimamente ligado a eles no Mundo Espiritual.

A ideia de se encontrarem com os avós e outros parentes de quem ouviram falar mas que nunca viram, exceto em retratos antigos, pouco atraentes e quase difamatórios, deixa-os indiferentes, e eles voltam-se instintivamente para os cuidados e a simpatia daqueles belos espíritos cuja própria presença lhes dá segurança e confiança.

CAPÍTULO 13

«NÃO TE AGASTES»

Para o fim de agosto de 1939, tornei-me consciente de condições psíquicas muito curiosas, além de uma profunda depressão e de uma sensação de tragédia iminente como nunca tinha conhecido antes. Não liguei isto definitivamente na minha mente com a possibilidade de guerra, porque eu, em comum com muitas outras pessoas, tinha estado a rezar para que a evitássemos, e a pessoa não abre deliberadamente a sua mente para o exato oposto daquilo pelo que está a rezar.

Sabia também que os nossos amigos no Outro Lado estavam a fazer o seu melhor para afastar a guerra, se possível. Como um amigo disse numa carta que já citei: «O mau uso do livre-arbítrio por parte do homem pode perturbar ou atrasar até os Planos do Céu.» Os nossos amigos No Outro Lado são seres razoáveis, que não esqueceram as dificuldades da vida terrena, e sabem que existem circunstâncias tão avassaladoras que somos incapazes de nos manter firmes contra elas, e podemos ver-nos compelidos a dar os próprios passos que eles têm estado a trabalhar para nos ajudar a evitar.

Eles não estiveram cegos ao perigo e, uma vez que veem que ele é inevitável, apoiam-nos em cada emergência; encorajando, fortalecendo, de dia para dia, de hora para hora. Precisamos apenas de olhar para trás, para a última guerra, e lembrar o caso bem autenticado dos Anjos de *Mons*, e depois podemos trazer as nossas mentes para a frente novamente, para a fuga milagrosa de milhares dos nossos homens de *Dunkirk*, a fim de perceber que existem de facto ajudantes invisíveis connosco, amparando-nos, que nos apoiarão nas rudes e nas maduras.

Eles não podem quebrar nem as leis de Deus nem as da Natureza, nem interferir com o nosso livre-arbítrio; também não podem evitar que certas experiências venham ao nosso caminho; mas o que podem fazer e farão é ajudar-nos a emergir destas provações como almas mais finas e fortes.

Cedo na Primavera de 1939, os nossos amigos desencarnados instavam-nos a rezar para que os nossos líderes no Parlamento fossem levados a tomar decisões corretas, e recebessem Orientação Divina em todas as suas resoluções.

Quando a declaração de guerra foi transmitida na manhã de domingo, 3 de setembro, percebi a fonte da minha depressão e a razão do tumulto que tinha sentido no éter. Ao início senti-me terrivelmente desapontada por todos os esforços para preservar a paz terem falhado, e rezei para que recebesse algum esclarecimento pessoal sobre o assunto.

Na manhã seguinte, fui impressionada a abrir um pequeno livro que guardava no meu quarto e, ao ler a página que por acaso se abriu diante de mim, vi estas palavras:

«Acautela-te e sossega; não temas, nem se desanime o teu coração. Sossegai e sabeis que eu sou Deus. Descansa no Senhor e espera pacientemente por Ele; não te agastes por causa daquele que prospera no seu caminho, por causa do homem que executa astutos intentos.

Amados, não estranheis a ardente provação que vos há de testar, como se alguma coisa estranha vos acontecesse. A nossa leve aflição, que é só por um momento, produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem.

Ele não temerá más notícias; o seu coração está firme, confiando no Senhor.»

«O seu coração está firme.» Estas palavras estamparam-se na minha mente. Senti que devia não só «firmar» o meu próprio coração, mas ajudar os outros a fazê-lo com o máximo do meu poder; e, mais ainda, ajudá-los e a mim própria a nunca cessar de procurar as «coisas que se não veem», porque a nossa visão mortal poderia estar nublada ou obscurecida pela enormidade e fealdade das «coisas que se veem».

A pessoa não precisa de ter medo de más notícias se o seu coração estiver firmado solidamente. É a falta de fé no poder do Invisível que abre a porta ao medo. O medo não pode entrar pela porta e tomar posse da mente quando a fé detém a chave e recusa entregá-la.

«Sossegai e sabei que eu sou Deus.»

Sim, sossegai; não corrais de um lado para o outro, espalhando as vossas próprias emoções temerosas como uma espécie de infecção maligna por onde quer que passeis. Mantende uma mente «quieta» até que Deus se mova dentro de vós e vos diga o que fazer; depois fazei-o, com toda a vossa força e vontade, seja o que for.

Estes pensamentos foram fortemente impressos em mim, e uma grande calma instalou-se no meu coração. Sabia que havia pessoas em perigo de entrar em pânico mental devido à situação, e tentei inculcar-lhes estas ideias tanto quanto estava ao meu alcance. Não havia mais nada de natureza prática ou útil que eu pudesse fazer de momento, e tornei-me gradualmente consciente de um curioso destacamento da condição de guerra.

Mais tarde, percebi que tinha de ser dissociada até certo ponto das vibrações da guerra, senão não teria conseguido manter as condições psíquicas corretas para o meu trabalho. É essencial que os sensitivos façam isto, sob pena de trazerem condições de pensamento negativas para redor de si próprios e de outros na sua vizinhança imediata. Uma vez tentei explicar isto a um conhecido com quem me cruzei no passeio marítimo numa noite, e ele fitou-me com espanto quando lhe disse que, embora soubesse que havia uma guerra — lia sobre ela nos jornais todos os dias e ouvia as transmissões radiofónicas —, no entanto não a «sentia».

Achei impossível explicar satisfatoriamente que existiam certas barreiras psíquicas protetoras entre a guerra e eu própria, as quais os meus Guias Espirituais tinham provavelmente ajudado a erguer, sabendo que a faculdade mediúnica é muito facilmente afetada por tais vibrações.

CAPÍTULO 14

A HISTÓRIA REPETE-SE

A Primavera de 1940 trouxe consigo algumas experiências extraordinárias em ambos os lados da vida, o espiritual e o físico, e fiquei de facto feliz por ter sido fortalecida e preparada para elas. Agarrei-me tenazmente à memória da injunção para «Acautelar-te e sossegar; não temas, nem se desanime o teu coração». Na verdade, tendo sido preparada desta maneira, as experiências que se seguiram atraíram-me como sendo intensamente interessantes e iluminadoras em vez de aterrorizadoras, como poderiam ter sido.

Foi uma sorte para mim ter uma velha amiga a viver na porta ao lado. Estamos em completa harmonia em todas as coisas que importam. O marido dela está também no Outro Lado, e ela tem tido muitas comunicações dele, através de vários médiuns, incluindo eu própria. Ele contou-lhe como ele e o meu marido se tinham encontrado e estão por vezes a trabalhar juntos.

A casa que a minha amiga, a Sra. *Stonehouse*, ocupa, foi propriedade há alguns anos de *Sir Walter Gibbons*, que possuiu um poder psíquico extraordinário durante a sua vida terrena e teve muitas sessões comigo ao longo de um período de muitos anos. Ele apenas viveu na casa ao lado por um tempo comparativamente curto, e tinha partido uns anos antes de acontecerem os eventos que estou prestes a relatar.

A Sra. *Stonehouse* tinha interesses comerciais em Londres, e passava o seu tempo quase igualmente entre lá e a sua casa de praia. Quando ela estava nesta última, eu habitualmente entrava após o jantar e sentávamo-nos na sala de estar a conversar calmamente por duas ou três horas. Por vezes a luz do dia esvanecia-se, e sentávamo-nos por um bocado no crepúsculo, mas habitualmente acendíamos um

candeeiro elétrico de quebra-luz suave que se erguia perto da cadeira da minha amiga.

Uma noite, na Primavera de 1940, estávamos sentadas juntas nos nossos lugares habituais, estando a minha cadeira a cerca de sete ou oito pés de distância da da Sra. *Stonehouse* no lado oposto da sala. Ela tinha estado a fazer tricô; eu também, e por acaso olhei para ela e notei que o seu trabalho tinha escorregado das suas mãos para os seus joelhos, os seus olhos estavam fechados, embora ela não estivesse a dormir. Falou-me numa voz quieta, quase um sussurro:

— Consegues ver alguma coisa em frente ao meu rosto? Sinto como se houvesse algo a ser segurado em frente de mim, quase a tocar-me, no entanto não consigo ver o que é, e sinto-me impressionada a fechar os olhos.

Olhei e não vi nada por uns momentos. Depois, uma substância ligeiramente enevoadada começou a formar-se em frente ao rosto dela. Cresceu e estendeu-se para baixo sobre o seu pescoço e peito, também ligeiramente acima e além da sua cabeça. Era irregular nas extremidades exteriores, e parecia ser mais densa no centro, de modo que já não conseguia distinguir os seus traços. Após um momento ou dois, pensei que a névoa começava a clarear, e que o rosto da minha amiga se tornava visível novamente, mas estava enganada.

No centro da névoa apareceu um rosto muito mais longo do que o dela, embora estivesse ainda demasiado indistinto para eu distinguir claramente. Disse-lhe isto quietamente, e ela murmurou:

— Não é o meu rosto que estás a ver. Sinto-me certa de que é o rosto de um homem. Não sei quem ele é, mas consigo senti-lo fortemente.

Não somos nenhuma de nós impacientes nestes assuntos, tendo aprendido que uma atitude calma, recetiva e observadora é o melhor sob tais circunstâncias. Enquanto observava o rosto desenvolver-se, primeiro os olhos, o nariz, a testa e depois os traços inferiores, gradualmente o contorno da cabeça inteira revelou-se-me claramente como sendo o do meu velho amigo, *Sir Walter Gibbons*. Olhou para

mim com olhos brilhantes e atentos. O seu rosto estava liso e sem rugas, e ele parecia melhor em saúde e boa disposição do que eu o tinha visto parecer durante alguns anos antes de deixar a vida terrena.

Os meus pensamentos saltaram de volta para os dias em que me tinha sentado a conversar calmamente com ele após o jantar nesta mesma sala, e percebi com um choque de surpresa que a história se repetia de uma maneira notável.

Lembrei-me agora de como, uma noite, enquanto ele se sentava quietamente numa cadeira de braços oposta a mim, tínhamos parado de falar e tínhamos deslizado para um daqueles silêncios repousantes que apenas são possíveis entre amigos que se compreendem.

Subitamente, *Sir Walter* tinha falado quase as idênticas palavras que a *Sra. Stonehouse* agora usava:

— Consegues ver alguma coisa em frente ao meu rosto? Sinto como se algo estivesse a ser segurado em frente de mim, mas não consigo ver o que é.

Olhei e vi a névoa cinzenta a formar-se e, através dela, apercebi-me do que pensava ser o rosto de *Sir Walter*, mas, para surpresa minha, vi que ele tinha mudado a sua forma, e apareceu um bigode, o que me fez perceber que eram os traços de uma outra pessoa que se estavam a construir por cima dos de *Sir Walter*. Ele também sentiu isto, porque disse:

— Não consegues ver quem é? É alguém com bigode. Ele quer particularmente que o vejas e mo descrevas.

O rosto desenvolveu-se, e vi distintamente diante de mim o rosto do falecido *Lord Ypres*, que foi durante muitos anos um amigo íntimo de *Sir Walter*. Disse-lhe quem era, e ele disse:

— Sim, é o *Johnnie*. Estou tão feliz. Quer ele dizer-nos alguma coisa?

Esperei, esperando por uma mensagem, mas *Lord Ypres* nada disse e, após olhar para mim quietamente por dois ou três minutos, o

seu rosto desapareceu gradualmente e a névoa formou-se novamente por alguns segundos. Depois ela também se foi, deixando *Sir Walter* num estado ligeiramente confuso, mas interessado, e feliz por saber que o seu velho amigo o tinha «procurado» desta maneira inesperada, mesmo tendo sido incapaz de nos dizer algo.

Sentámo-nos e falámos por um bocadinho sobre a lealdade e fidelidade deles à amizade, e especulámos quanto à razão especial para *Lord Ypres* fazer este esforço. *Sir Walter* pareceu sentir que havia uma razão, mas não conseguia explicar por que pensava assim, nem adivinhar qual poderia ser a razão. No espaço de um par de anos, ele próprio tinha ido para o Outro Lado, e sei que estes dois amigos se encontraram, e sem dúvida o propósito desta visita foi-lhe explicado.

Por isso agora, quase oito anos depois, sentava-me a observar o rosto de *Sir Walter* impor-se sobre o da minha amiga, a Sra. *Stonehouse*, nesta mesma sala, e ela tinha usado exatamente as mesmas palavras para comigo que ele tinha usado. Pensei nisto com alguma emoção e, enquanto ele olhava para mim bondosamente, encorajadoramente, o seu rosto começou a derreter-se, a névoa formou-se novamente e recostei-me na minha cadeira, apenas para ser puxada abruptamente para a frente de novo pela voz da Sra. *Stonehouse* a dizer sonhadoramente:

— Olha outra vez. Está alguém mais a caminho.

Assim fiz, e vi o rosto de *Lord Ypres* formar-se clara e distintamente. Pareceu que ele olhava para mim intensamente. A sua expressão era muito mais séria do que tinha sido na sua visita anterior. Nesta ocasião, como na última, nada disse antes de desaparecer, mas deixou-me — na verdade ambos ele e *Sir Walter* o fizeram — com um forte sentimento de conforto e reassseguro, e percebi que a longa experiência de *Lord Ypres* na guerra de 1914-1918 o capacitaria a ser de grande serviço, no lado espiritual da vida, a ajudar-nos nesta presente guerra, embora até ao momento muito pouco tivesse acontecido de importância militar.

(Subsequentemente, esta impressão foi consubstanciada numa comunicação do Outro Lado.)

Em várias ocasiões *Sir Walter* apareceu novamente da mesma maneira, e o marido da minha amiga também se mostrou, e trouxe outros amigos com ele que eu não tinha conhecido, mas que ela reconheceu de imediato quando lhos descrevi. A impressão deixada connosco foi de que estavam todos a preparar-se para algo que não nos conseguiam descrever, embora quisessem que nós também estivéssemos preparadas para o que quer que pudesse ser, e que permanecêssemos calmas e firmes.

Por essa altura a Sra. *Stonehouse* teve uma sessão de transe comigo. O seu marido comunicou através da *Feda*, o meu controlo espiritual, e falou longamente sobre o seu trabalho No Outro Lado, e descreveu as tremendas preparações que estavam a fazer para nos ajudar aqui na terra. Os homens que tinham sido mortos na última Guerra, 1914-1918, estavam na vanguarda daqueles que nos apoiavam agora, prontos para nos ajudar onde não nos conseguíamos ajudar a nós próprios.

Fomos avisadas de que os acontecimentos vindouros poderiam abalar a nossa fé e confiança, mas que devíamos sentir a certeza de que, eventualmente, por muito duramente testadas que pudéssemos ser entretanto, com fortaleza, coragem e fé no triunfo final do bem sobre o mal, emergiríamos, não apenas para a paz, mas para um estado de coisas mais brilhante e melhor do que alguma vez tínhamos conhecido antes.

Aqui deve notar-se que em todas as suas mensagens os nossos amigos espirituais vincam o ponto de que não lhes é permitido interferir com o uso do livre-arbítrio do homem na terra. O seu desenvolvimento espiritual, a formação e o aperfeiçoamento da alma e do carácter, advêm quase inteiramente do uso correto deste poder do livre-arbítrio dado por Deus. É a arma que lhe foi dada para talhar o seu próprio destino a partir da substância chamada Vida.

Existe um Plano, um Plano geral — aqueles nos Planos Mais Altos estão cientes dele — que opera inteiramente para o nosso bem. Podemos cooperar com ele, se quisermos, e ajudar assim a que ele se cumpra na terra. Não é necessário para nós conhecer cada detalhe do que este Plano possa guardar para a humanidade.

À medida que se tornar essencial para nós saber, porque algum evento no Plano se aproxima de nós, ser-nos-á revelado. Tudo o que é preciso para que ele se manifeste na terra é a nossa disposição para cooperar com ele; e a nossa disposição deve nascer da nossa aceitação da existência de um Deus cuja Lei é o Amor, e que está sempre a procurar atrair-nos suavemente de volta para o abrigo das Suas Asas.

Não podemos dizer:

Guia Tu os meus pés; não peço para ver A cena distante; um passo basta para mim.

Se apenas estivermos contentes em ser guiadas um passo de cada vez — que é tudo o que temos qualquer direito de esperar —, os nossos pés serão «guiados». Que benefício seria para nós ter o futuro revelado na sua totalidade? Qual seria o propósito de viver uma vida cujo cada detalhe já nos fosse conhecido?

Acabaríamos por perecer de inanição da alma e da mente, pois a Vida ter-se-ia tornado meramente uma série de eventos cujo sabor seria insípido nas nossas bocas por o termos saboreado há tanto tempo em retrospectiva. Não será melhor para nós saber que novas experiências nos aguardam, trazendo a atmosfera limpa e doce do inesperado, do novo e do aventureiro com elas, além das oportunidades para descobrir novos poderes dentro de nós próprios com os quais as enfrentar e aproveitar ao máximo?

Robert Browning escreveu:

O homem deve passar do velho para o novo, Do vão para o real, do erro para o facto, Do que outrora parecia bom, para o que agora se prova melhor; Como poderia o homem ter progredido de outra forma?

Aqueles que partiram para o plano do Espírito apenas são capazes de nos revelar uma certa porção do futuro. Alguns deles estão mais bem qualificados do que outros para o fazer, como espero explicar num capítulo posterior. Habitualmente, tal informação apenas é dada quando é provável que seja de benefício para nós próprios e para os outros sem interferir com o nosso desenvolvimento espiritual e mental, cuja obtenção é uma das razões principais para estarmos na terra de todo. Onde Eles podem, e de facto o fazem, ajudar-nos, é fazendo-nos perceber que não estamos sozinhos na nossa jornada através do stress e da tensão da vida, e que sempre que a luta ameaça tornar-se demasiado grande existem mãos amorosas estendidas para nós, mentes amorosas a inspirar pensamentos de encorajamento e compreensão, cuja própria proximidade guarda bálsamo curativo para a nossa fadiga de espírito.

Em suma, o vento está a ser temperado para a ovelha tosquiada, pois estamos «tosquiados» de facto quando o verdadeiro problema nos ameaça — tosquiados dos pequenos orgulhos e superficialidades que criam barreiras entre nós próprios e aqueles ao nosso redor, quer na terra quer no Além. Deixemos o Futuro em paz, a menos que ele seja voluntariamente revelado a nós a partir do Outro Lado.

Está nas mãos de Deus, e podemos deixá-lo lá com segurança; não procuremos sondar dentro dele. É o Presente que nos concerne, e a nossa própria capacidade de aproveitar ao máximo o dia de hoje, e pavimentar assim o caminho para um amanhã ainda melhor, porque os nossos poderes de o enfrentar e com ele lidar cresceram através do uso e do exercício.

CAPÍTULO 15

AS NUVENS ADENSAM-SE

Na sequência destes acontecimentos na sala de estar da minha vizinha, iniciou-se uma série de fenómenos psíquicos na minha própria casa que serviram para mostrar o conhecimento supernormal por parte de operadores invisíveis, e uma tentativa deliberada da parte

deles de me avisar antecipadamente sobre eventos imediatos que eles sabiam que me causariam um choque, a menos que estivesse até certo ponto preparada para eles.

Não posso fazer melhor do que transcrever as palavras exatas que escrevi no meu diário na manhã de sexta-feira, 10 de maio de 1940.

«Às 8h40 ou 8h45 desta manhã, enquanto sentada na cama (no quarto lilás), bebendo o meu chá — lendo o jornal —, ouvi a porta do quarto abanar violentamente, e várias pancadas nela. Chamei, "Entra, *Rita*", pois pensei que algo de inesperado tivesse acontecido, e a *Rita* me quisesse falar, embora ela quase nunca me perturbe, pois sabe que eu habitualmente rezo e medito logo após as 8h45...

Sem resposta, pelo que saltei da cama, pensando que tinha trancado a porta sem intenção. Ninguém lá... Voltei para a cama. Dois minutos mais tarde, as pancadas e o abanar repetiram-se... Levantei-me rapidamente, corri pelas escadas acima... ninguém de todo no meu lado da casa. O fenómeno repetiu-se uma terceira vez uns dois minutos ou pouco mais tardar (após eu ter regressado à cama).

Depois, várias pancadas na minha bandeja de chá de prata ao lado da cama... Rezei as minhas preces, pedi orientação, etc., para a sessão que ia ter nessa manhã, e por proteção e ajuda para certas pessoas. Espero vir a saber a razão disso mais tarde, mas não me atrevo a tornar-me recetiva psiquicamente, porque tenho uma sessão e, após ela, não serei capaz de o conseguir. Já falei à *Rita* sobre isso.»

As palavras acima foram escritas exatamente às 10 horas dessa manhã. Aqui devo explicar que a minha casa está dividida em duas partes distintas e separadas. Numa vivo eu própria, a fim de poder assegurar silêncio absoluto para as minhas sessões. A outra parte é habitualmente ocupada por uma criada; mas, desde que a guerra começou, a *Rita*, a sua mãe e a sua tia têm estado na posse dela.

Existem portas de comunicação feitas propositadamente que isolam a minha parte e, embora a tia da *Rita* dormisse no meu lado da casa, ela quase nunca estava lá após o início da manhã, pois saía para os seus deveres profissionais todo o dia. Era muito raro que alguém da

família viesse aos meus aposentos, a menos que por combinação, e eram extremamente consideradas e conscienciosas neste ponto, sabendo a natureza do meu trabalho e a importância de condições silenciosas.

A minha assistente, uma senhora bem conhecida no trabalho de Investigação Psíquica, veio para a sua sessão às 10h30 e, mais tarde, falei-lhe sobre as manifestações que me tinham intrigado pela sua violência; e eu tinha sentido a certeza de que nem o meu marido nem qualquer outro amigo meu se manifestariam dessa maneira tão pouco tempo antes de uma sessão, a menos que me quisessem avisar de, ou preparar para, algo de grande importância.

A minha assistente disse-me de imediato que a Alemanha tinha invadido a Holanda e a Bélgica. Ela tinha-o ouvido nas notícias das 10 horas, mesmo antes de deixar a casa ali perto, onde tinha ficado a passar a noite para estar pronta para a sua sessão em vez de fazer a cansativa viagem desde Londres. Disse que prepositadamente não me falou antes da sessão, pois sentiu ser melhor não discutir assuntos excitantes ou perturbadores imediatamente antes.

Estes fenómenos repetiram-se várias vezes durante maio e junho, e cada vez anunciavam o que parecia ser uma catástrofe para os Aliados na situação internacional. Tomei notas na altura, dizendo que aconteceram pela seguinte ordem, começando a 10 de maio:

«Primeiro, a Alemanha invadiu a Holanda e a Bélgica.»
«Segundo, quando o Rei Leopoldo cedeu.» «Terceiro, quando os alemães entraram em Paris.» «Quarto, quando a França cedeu.»

Adicionei:

«É inequívoco. A única altura em que acontece é antes de uma calamidade ou de um acontecimento grave.»

Numa destas ocasiões, a minha amiga, a Sra. *Stonehouse*, estava presente. Estávamos de pé perto de uma porta na minha sala de estar e eu tinha estado a falar-lhe sobre as manifestações anteriores, quando subitamente a porta, logo atrás de onde estávamos, abanou tão

violentamente como tinha feito nas alturas de que lhe tinha acabado de falar. Ela ficou estupefacta com a força e o barulho exibidos, e disse: «Suponho que nos estejam a dar outro aviso», o que infelizmente provou ser o caso.

Alguns dos meus leitores poderão perguntar: «De que utilidade eram estas manifestações? Não seriam um desperdício de poder e energia?» Não, não penso que sim, nem a minha amiga o pensava. Tinham-lhe sido dadas muitas mensagens nas suas sessões recentes, nas quais o seu marido lhe tinha falado das tremendas preparações que Eles estavam a fazer a fim de nos ajudar. Tomámos estas em conjunção com as manifestações dos nossos amigos Espirituais no quarto dela, na porta ao lado, e com aquelas que acabo de relatar, e ficámos muito confortadas pelo conhecimento que exibiam. Não lhe posso chamar pré-conhecimento exatamente, porque a maioria dos acontecimentos ou tinha acabado de acontecer, embora desconhecido para nós, ou estava prestes a acontecer, e os resultados eram uma conclusão inevitável para aqueles que tinham a oportunidade e a faculdade de ver e ouvir «atrás dos bastidores», tal como os nossos amigos Espirituais pareciam possuir.

CAPÍTULO 16

LINHA DE FRONTEIRA

O verão avançava, os «alertas» eram muitos, e os lembretes reais, sob a forma de operações de bombardeamento, da existência e atividades dos nossos inimigos tornaram-se mais frequentes. As restrições relativas a pessoas, que não os residentes, entrarem na cidade tornaram-se muito estritas e, mesmo que pudessem ser contornadas, ou um ponto alargado pela cortesia da polícia, percebi que não era correto encorajar visitantes para o que se tinha tornado agora uma zona um tanto perigosa.

Os barulhos e perturbações não eram propícios a bons resultados durante as sessões: na verdade, cedo se tornou impossível para mim fazer qualquer trabalho psíquico em casa; pelo que, aproveitando o

convite generoso de uma amiga, ia para Londres em semanas alternadas, ficando numa parte razoavelmente central e agradável que se mantinha ainda não molestada pela ação inimiga na altura. Trabalhava ali muito feliz sob as condições mais congeniais. Viajava habitualmente para Londres a um domingo e regressava a casa no sábado seguinte, passando assim oito dias em casa e seis em Londres.

Sou uma dorminhoca muito leve e acho frequentemente difícil de todo conciliar o sono. É muito raro que consiga o que a maioria das pessoas chamaria «uma boa noite de sono». Pelo que fiquei muito surpreendida por verificar que, mal tínhamos um aviso de ataque aéreo, começava a ficar terrivelmente sonolenta; quer os ataques viessem de noite quer de dia, não parecia fazer qualquer diferença.

Um falso alarme não parecia ter este efeito; era quando o alerta era na verdade seguido pela visita de aviões nazis sobre nós ou perto de nós que eu experienciava esta condição pesada, sonolenta, à qual era impotente para resistir. À noite dava-lhe as boas-vindas e, por vezes, quando me preparava para recolher, ouvia o alerta e ia confortavelmente para a cama com o conhecimento de que era o sinal para uma noite de sono sonoro para mim.

Quando isto ocorria durante o dia, era propenso a ser muito inconveniente, pois era apenas com o maior esforço que conseguia evitar cair no sono.

Numa ocasião, preparava-me para a minha viagem habitual para Londres. Tinha acabado de terminar de empacotar a minha mala e verifiquei que tinha cerca de três quartos de hora de espera antes de precisar de ir para o local onde embarcava na camioneta de longo curso de Londres, que ficava a uns minutos de caminhada da minha casa. Enquanto atendia aos deveres finais pequenos que eram necessários, senti inesperadamente o torpor pesado a esgueirar-se sobre mim. Fiquei surpreendida, pois não tinha havido alerta, mas quase imediatamente seguiu-se um. Lutei contra a sonolência, sabendo que tinha pouco tempo livre e que não ousava arriscar adormecer nem que fosse por um momento — mas era demasiado forte para mim.

Quase colapsei sobre o divã que se erguia perto de mim e caí de imediato num sono profundo. Mas suponho que a minha mente subconsciente estava tão agudamente ciente da importância de começar a minha jornada com bom tempo que me acordou exatamente dez minutos antes da hora de apanhar a camioneta. Não tive tempo para descobrir se um ataque aéreo tinha na verdade tido lugar ou não.

Coloquei apressadamente o meu chapéu e o casaco, reuni as minhas coisas e corri até à esquina onde esperava embarcar na camioneta, apenas para verificar que ela estava retida pelo ataque que estava então na verdade a decorrer. Não era imediatamente por cima da cabeça, mas havia uma boa quantidade de atividade a passar-se bastante perto.

As ruas estavam quase desertas, exceto pelo pessoal habitual da A.R.P., Ambulância e Corpo de Bombeiros, que estavam todos de prevenção, prontos e alerta. Não havia mais nada que pudesse fazer, pelo que coloquei a minha mala no passeio, sentei-me sobre ela e preparei-me para esperar, com ataque ou sem ataque. Não ousava arriscar regressar a casa, pois sabia por experiências anteriores que, assim que o sinal de «tudo limpo» soasse, a camioneta correria de onde quer que estivesse retida, recolheria quaisquer passageiros que pudessem estar à espera e seguiria o seu caminho o mais depressa possível. Para horror meu, o estado sonolento dominou-me novamente. Balançava de um lado para o outro, dormitando pesadamente por uns segundos, acordando com um sobressalto para me encontrar em perigo de tombar na sarjeta.

Finalmente, após quase uma hora de tortura a combater a inclinação avassaladora de cair no passeio, sem olhar à opinião de ninguém ou às minhas próprias roupas ou aparência, e apenas «dormir até ao fim», os aviões foram dispersados como de costume, fazendo o seu caminho de regresso através do Canal numa formação antes mais desalinhada do que aquela em que tinham chegado; o sinal de «tudo limpo» soou e, eventualmente, a minha camioneta chegou.

Fiquei imediatamente consciente de me sentir bem desperta e alerta, sem o mais pequeno sinal de sonolência restante. Nunca fui capaz de compreender o que esta condição de sonolência anormal significa, mas no geral, à parte o inconveniente incorrido numa ocasião especial como a que acabo de relatar, ficava antes satisfeita com isso do que de outra maneira.

Contudo, numa data posterior, escrevi a uma amiga que é uma curadora psíquica de longa experiência e falei-lhe sobre o assunto, e ela respondeu de imediato, dizendo:

«Esse estado sonolento não é bom. Não é normal; não fiques satisfeita com ele. Pelo contrário, sê avisada por ele, e contra ele, e sai das condições que o causam o mais depressa possível. Sei que não tens medo da Morte — que até lhe darias as boas-vindas —, mas não sinto que seja a coisa certa para ti ainda. Ainda tens trabalho para fazer. A verdade é que te vais magoar ao persistires em ficar nas condições que causaram o estado.»

Na altura não compreendi, nem compreendo ainda, por que razão a sonolência real haveria de ser prejudicial.

(Acontecimentos subsequentes provaram que a minha amiga tinha razão quando disse que eu me ia magoar, mas isso pertence a outra parte deste livro.)

Londres tinha sido deixada em paz no que diz respeito a ataques aéreos durante as primeiras semanas da minha visita. Fui afortunada por me ser permitido usar uma linda sucessão de aposentos no *The Greater World Sanctuary* em *Lansdowne Road, Holland Park*. Esta é uma casa antiga digna erguendo-se nos seus próprios terrenos; árvores altas abrigam-na, mas não a ensombram.

A atmosfera da casa foi uma revelação para mim do poder e da paz que existem onde cada ação e pensamento são usados para ajudar os outros. É presidida pela minha amiga *Winifred Moyes*, a médium do bem conhecido Guia, *Zodiac*, e sinto frequentemente que a palavra de ordem ali é «Amor e Serviço», literalmente e em cada sentido possível das palavras.

À parte o ensino Espiritual e a cura que decorrem regularmente na bela Capela, as pessoas são ajudadas de uma maneira material — encontra-se trabalho para os desempregados, botas e sapatos para os que deles muito necessitam, e dois abrigos para mulheres indigentes são geridos em conjunção com o Santuário, um em Londres, o outro em *Leeds*.

Uma amiga da *Menina Moyes*, que habitualmente ocupava os aposentos, permitiu-me muito amavelmente usá-los enquanto estava fora com uma irmã inválida. Mal entrei nos aposentos, soube que a condição seria sumamente prestável para o meu trabalho, pelo que fiquei consideravelmente surpreendida quando, após descansar quietamente por um bocado, um sentimento de pressentimento e depressão se esgueirou para a minha mente. Permiti que este se registasse por uns momentos na esperança de o poder seguir e descobrir a razão dele. Fui malsucedida nisto e saí do meu quarto para os aposentos da *Menina Moyes* a fim de afastar as condições.

Poderá ser prestável para alguns leitores se explicar que um estado de depressão pode habitualmente ser facilmente expelido se a pessoa for para outro quarto ou local enquanto se afasta dele mentalmente. Se a pessoa tentar lutar e superá-lo enquanto sentada na mesma atmosfera em que ele se começou a manifestar, é extremamente difícil de superar, porque o éter está carregado com o pensamento.

A pessoa pode regressar ao quarto após um bocadinho, depois de se ter libertado da condição, quando — por via de regra — não haverá regresso. Se houver, saia novamente, mesmo que apenas por uns momentos. Pode sempre ser superado com um pouco de paciência, mas eu, pessoalmente, não tento bani-lo logo de início, porque acho interessante determinar, se possível, que espécie de pensamento é e o que ele denuncia. Aprende-se uma boa dose ao fazê-lo, se se for cuidadosa para não gastar mais tempo do que o absolutamente necessário com o assunto. Permanecer — como algumas pessoas fazem — em qualquer condição de pensamento infeliz por qualquer extensão de tempo pode induzir uma tendência para a morbidez que se

torna mais ou menos permanente e suga a vitalidade e a força de vontade de alguém.

Charles Dickens disse: «Este é um mundo de ação, e não para nos lamentarmos e andarmos sonolentos.»

O Estudo da Ciência Psíquica é frequentemente culpado pelas idiossincrasias de pessoas que deliberadamente se permitem derivar para um estado de mente negativo no qual estão abertas e recetivas a cada vibração de pensamento destrutivo que possa ser captada do éter ao seu redor. Tais pessoas têm a ideia errada de que estão a cultivar um estado sensitivo e psíquico no qual serão capazes de contactar Seres num plano mais elevado. Isto é inteiramente falso; os seus amigos no Além acham difícil contactá-las porque se estão a permitir «sintonizar» numa condição errada que está fora de harmonia com aqueles que partiram.

Após sentar-me quietamente na sala de estar privada da *Menina Moyes*, senti uma paz e uma alegria esgueirarem-se sobre mim. As pessoas do Mundo Espiritual que formam o grupo invisível de ajudantes no *Greater World Sanctuary* eram agora capazes de me tomar em mãos. Comecei a perceber que a minha depressão anterior tinha sido pretendida como um aviso, para que estivesse preparada para águas agitadas à frente, mas tendo-a aceite e tabulado mentalmente como tal, podia agora abrir-me às associações mais felizes do local. Se nos treinarmos para proceder nestas linhas quando os nossos estados de mente negativos nos assaltam, ficaremos carregadas com a força para enfrentar as nossas provações, fazer amizade com elas e tirar qualquer lição que haja para ser aprendida. Isto deixa-nos ainda mais ricas no fim, porque abraçámos os nossos testes em vez de os rejeitar.

Enquanto escrevia as linhas acima, os meus olhos caíram numa página do meu diário na qual tinha escrito no fim das visitas da minha primeira semana à *Greater World House*:

«Esta tem sido uma semana de maravilhosa revelação quanto à ajuda, proteção e orientação espirituais. Deus abençoe a todos.»

Tive várias conversas prestáveis com a minha amiga *Winifred*, e entre elas esteve uma sobre a insónia. Interessou-me ouvir que os seus Guias lhe tinham dado uma explicação que corroborava algumas impressões sobre este assunto que eu própria tinha recebido. Esta explicação aplicava-se particularmente a sensitivos, ou pessoas com percepções psíquicas vivas, e especialmente àquelas que estão a fazer trabalho concreto de natureza espiritual.

Brevemente, parece que existem períodos em que as vibrações malignas abundam na terra. O organismo físico está até certo ponto aberto a estas durante o sono, especialmente quando o corpo etérico tem o hábito de se ausentar nas suas viagens para outros planos, como é o caso de tantas pessoas mediúnicas. Os nossos Guias Espirituais estão cientes deste perigo e não nos encorajam a dormir em tais alturas, mas impressionam-nos a relaxar física e mentalmente, quando experienciaremos muito pouco efeito prejudicial, se é que algum. Se a pessoa achar difícil esvaziar a mente e relaxar mentalmente sob tais condições, pode preencher o tempo pensando nos seus amigos que necessitam de ajuda durante a doença ou o problema, e enviar pensamentos positivos de cura e encorajamento que ajudarão a si própria bem como ao destinatário. Isto é melhor do que andar às voltas na cama, irrequieta e irritada, enquanto tenta induzir o sono que não vem.

Naturalmente, esta explicação não se aplica a cada caso de insónia; muitos podem ser cobertos pela explicação muito mundana de indigestão, cansaço excessivo, tensão nervosa ou outras causas ditas normais. Certamente, desde a nossa conversa sobre o assunto, tenho sido capaz de suportar noites sem dormir com mais equanimidade do que alguma vez fiz antes, e sinto-me muito pouco pior por causa delas no dia seguinte.

Várias semanas passaram; aquelas que passei em casa não foram tão pacíficas, por razões óbvias, como as que passei em Londres, mas para o fim do Verão uma mudança operou-se na cena. Os ataques aéreos tinham-se tornado mais e mais frequentes sobre a costa e outros locais provinciais, e agora Londres começava a ter «alertas». À noite

veio novamente o zumbido antigo familiar e sinistro dos aviões alemães sobre a cidade, do qual aquelas de nós que passaram pela última guerra se lembram muito bem.

Na guerra de 1914-1918, eu tinha passado pela maioria dos ataques aéreos em Londres e nunca me tinha sentido particularmente nervosa; também não me sentia assim agora, embora tenha detestado sempre o barulho. Após as incessantes perturbações na costa de *Kent*, Londres parecia um verdadeiro porto de abrigo e repouso; pelo que agora prestava muito pouca atenção ao som dos aviões, ou ao som da queda de bombas na distância.

De algum modo, isso não se impressionava em mim muito profundamente, e pensei que, embora pudesse haver muitos alertas, provavelmente os ataques viriam apenas a intervalos infrequentes, como sucedera na última guerra, e que o perigo seria cedo superado pelo nosso sistema de defesa.

Uma noite, que por acaso era um aniversário especial e feliz para o *Fred* e para mim, o alerta soou como de costume por volta das nove horas e fui para a cama cerca de duas horas mais tarde. Sentindo-me bastante calma e pacífica, deitei-me, meio a dormir, meio acordada. Consequia ouvir os aviões inimigos no seu «chuga-chuga» lá no alto, às voltas e voltas; o «papoiz» das bombas e o som das peças de artilharia. Muito de súbito, o estranho sentimento deprimido que tinha tido quando cheguei pela primeira vez à casa avassalou-me novamente. Senti que não o conseguia superar enquanto deitada na cama, que me tinha de mover a fim de o afastar. Não podia perturbar a casa indo para o aposento de mais ninguém, para o caso de estarem a dormir (embora mais tarde viesse a saber que não era esse o caso). Após batalhar com a condição por alguns momentos, levantei-me e comecei a caminhar pelo quarto. Mal o tinha feito, o meu coração começou a pregar as partidas mais extraordinárias, batendo desordenadamente no meu peito como uma ave frenética numa gaiola. Não conseguia confiar em mim própria para me manter de pé e agarrei-me aos pés da cama para me amparar. Com grande dificuldade voltei para a cama — cair nela seria uma descrição melhor — e puxei

os lençóis sobre mim o melhor que pude, pois os meus pés e pernas eram como blocos de gelo.

Tremia da cabeça aos pés como com um acesso de maleita. A cama tremia comigo; não me conseguia manter quieta. Sentia-me muito agastada comigo própria, mas não o conseguia controlar. Mal conseguia agora respirar; parecia que estava prestes a partir, e pensei que grande inconveniência e maçada seria para a minha amável anfitriã se eu o fizesse.

Jazia nesta condição miserável e exaustiva por alguns minutos, quando subitamente senti como se mãos curadoras, invisíveis, fossem colocadas sobre o meu plexo solar; depois perdi completamente a consciência das minhas redondezas materiais, dos aviões, das bombas e das peças de artilharia.

Tornei-me consciente outra vez; mas não no meu corpo físico, nem estava no meu quarto de dormir na *Greater World House*.

Em vez disso, verifiquei que estava no meu corpo etérico e com o meu marido numa sala que me era estranha; mais ainda, senti que não era no seu plano habitual, mas sim num local a meio caminho para o qual tinha sido conveniente trazer-me rápida e facilmente. Senti uma maior liberdade e clareza de pensamento do que alguma vez tinha sentido antes. Não havia «puxão» ou influência de qualquer espécie do meu corpo físico, e isso fez-me perceber que o cordão que une ambos os corpos, isto é, o etérico e o físico, ou se tinha quebrado ou estava prestes a quebrar-se. Senti-me inundada de alegria e gratidão por ter sido libertada do meu corpo físico.

Nunca esquecerei, enquanto viva, o intenso sentimento de contentamento e felicidade. O alívio de já não estar sozinha, arrastando-me pela terra com muitas dificuldades, era tão maravilhoso, enquanto contemplava um futuro partilhado mais uma vez com o meu amado companheiro de tantos anos. Sentei-me ao lado dele, prestando muito pouca atenção ao que me rodeava, apenas absorvendo o contentamento de estar finalmente com ele sem o medo

de ter de regressar novamente às condições terrenas quando a manhã chegasse.

Depois olhei para o rosto do *Fred*. Ele olhou de volta para mim, compreensivo, compassivo. Não me lembro se falou em palavras, ou apenas por pensamento, mas com um choque depreendi que, afinal de contas, tinha de regressar ao meu corpo físico — que tinha de deixar este feliz estado de paz e segurança, porque havia ainda algo que eu devia fazer na terra, algum trabalho que tinha de terminar. O momento não tinha ainda chegado em que eu pudesse ficar neste Paraíso e, mesmo enquanto estes pensamentos estavam na minha mente, senti-me atraída suavemente de volta para a terra. O *Fred* continuava a olhar para mi. Ele compreendia a minha relutância em regressar, mas eu conseguia ver que ele sabia ser correto que eu o fizesse.

Num bocadinho, tornei-me consciente de que estava mais uma vez deitada na minha cama.

Um terrível sentimento de desaponto varreu-me por um momento, depois desapareceu, e tornei-me ciente de que o meu corpo estava magnificamente quente, e todos os sinais do acesso de maleita e outros desconfortos tinham desaparecido. O ataque continuava ainda, mas jazi ali a escutar o som das bombas e das peças de artilharia, enquanto pensava no — e revivia repetidas vezes o — sentimento glorioso que tinha tido enquanto no Outro Lado.

Depois caí num sono sonoro e normal, do qual acordei sentindo-me grandemente revigorada e rejuvenescida, e cheia de um grande desejo de continuar com o meu trabalho. Sabia que tinha estado mais perto da Linha de Fronteira que se situa entre a Vida e a Morte do que alguma vez estivera antes, mas que tinha sido ajudada a regressar à terra por mais algum tempo; e, de certo modo para surpresa minha, sentia-me agora contente por ser assim.

Todas as experiências que tive eu própria, e aquelas colhidas de outras pessoas, tendem a mostrar que a Morte pode ter lugar muito facilmente quando a alma deixa o corpo de forma mais ou menos rápida, e isto acontece indubitavelmente na maioria dos casos de

morte através das operações de guerra. Este conhecimento irá, confio sinceramente, confortar aqueles que estão enlutados desta maneira, e que temem que aqueles que amavam possam ter passado por alguma experiência dilacerante durante o processo de dissolução.

Posso assegurar-lhes que assim não é. Do ponto de vista físico, a morte súbita é uma coisa misericordiosa. Implica simplesmente um período de inconsciência, que pode estar presente antes de a alma deixar o corpo, ou depois. Se o último, dá aos ajudantes espirituais, que estão sempre de prontidão para dar toda a assistência, a oportunidade de ministrarem ao corpo etérico e de direcionarem pensamentos calmos e suavizantes para a mente adormecida.

CAPÍTULO 17

O MEU ENCONTRO COM A OLIVE M.

Viajar para a frente e para trás desde a minha casa na costa de *Kent* para Londres tornou-se cedo muito difícil. A Batalha de Inglaterra estava em pleno curso, mas decidi-me a ver as coisas até ao fim e a ficar na minha casa o maior tempo possível. Isto consegui fazê-lo, apesar do facto de implicar viver num estado de constante inquietação e excitação até ao fim de outubro, quando recebi algumas mensagens urgentes do Outro Lado através de duas proveniências diferentes.

Uma veio da Sra. *Plant*, uma amiga com quem vinha tendo sessões há vários anos, embora habitualmente a intervalos antes longos. Ela escreveu-me e implorou-me que deixasse a vizinhança perigosa em que vivia e fosse por um tempo para uma casa mobilada numa localidade mais calma que ela tinha visto, e que podia ser obtida por uma renda muito razoável. Pelo mesmo correio veio uma carta da *Menina Helen MacGregor*, cujos genuínos poderes psíquicos são conhecidos de muitas pessoas. Ela instou-me fortemente a partir o mais depressa possível, e disse que os Guias já tinham organizado algo para mim, e que eu devia aceitar, pois sofreria física e

psiquicamente se persistisse em ficar na minha casa sob as presentes condições.

Disse que eu não percebia o mal que estava a ser feito ao meu sistema nervoso. Isto era inteiramente verdade, pois eu orgulhava-me antes de ser capaz de me manter calma e alegre, não importa o que acontecesse. Esta mensagem da *Menina MacGregor* era evidente bem como prestável. Ela não poderia saber que a Sra. *Plant* tinha acabado de encontrar uma casa para mim, e ela própria nunca tinha conhecido a Sra. *Plant*.

Um resultado peculiar dos ataques aéreos que não pude deixar de notar foi que durante, ou imediatamente após, a queda de bombas ali perto, ou quando ruidosas batalhas aéreas decorriam lá no alto, tinha uma contração aguda dos músculos das minhas pernas, seguida de câibras, que nunca tinha tido na minha vida antes.

Claro que era impossível ter quaisquer sessões, pois nunca se sabia se seriam interrompidas. Além disso, foi-me dito pelos meus Guias que não seria bom dar sessões de transe sob tais condições; pelo que, na verdade, estava a desperdiçar tempo ao continuar na minha casa, e toda a minha força e vitalidade estavam a ser gastas em trabalho doméstico, jardinagem, escrita de cartas e a combater as condições sonolentas que me assaltavam sempre que os ataques aéreos estavam para começar, ou estavam em curso. Era obrigada a lutar contra este estado anormalmente sonolento, pois havia agora dois inválidos na minha casa, e sabia que me devia manter acordada durante os ataques para o caso de a casa ser danificada por bombas ou incendiada. Isto acabou por resultar em eu não ser capaz de dormir de todo, embora não tivesse tempo para me debruçar sobre isto, nem qualquer inclinação para o fazer, pois no melhor dos tempos estava acostumada a uma quantidade de sono muito menor do que a maioria das pessoas.

Contudo, percebi que as coisas não podiam continuar indefinidamente desta maneira, pelo que prestei atenção ao conselho da minha amiga e mudei-me para a casa muito bonita que tinha sido

milagrosamente (ou assim parecia, considerando a escassez de casas mobiladas em áreas «seguras») encontrada para mim, e onde esperava instalar-me para fazer mais algum trabalho psíquico.

Desgostava em grande medida de ser arrancada da minha casa, mas a região para a qual me mudei ficava mais perto de Londres e era uma área sem restrições. Ficava numa vizinhança calma (exceto pelos sons dos aviões nazis a ir para a frente e para trás à noite, o som das peças de artilharia na distância, e umas poucas bombas que eram largadas a intervalos bastante longos) nos arredores de uma pequena cidade em *Buckinghamshire*.

Não comecei as minhas sessões imediatamente, pois havia vários assuntos a serem cumpridos primeiro, incluindo uma jornada longamente adiada ao Norte de Inglaterra, onde tinha combinado começar uma série de sessões. Apenas pude ficar um curto período ali e, após uma viagem de regresso ao Sul muito aventureira, fui finalmente capaz de me instalar para trabalhar sob as minhas condições habituais.

As pessoas que não têm estado em contacto constante com aqueles no Outro Lado mal conseguem perceber a felicidade que tal intercuro traz, tanto ao médium como aos assistentes. Estou a falar por mim própria, claro, e do efeito que o meu trabalho profissional tem tido na minha própria vida e sentimentos; mas foi-me dito por um número de pessoas que experienciaram o mesmo sentido de conforto e de segurança corporal e mental através da consciência da proximidade dos seus amigos no Além.

Mesmo um médium de transe como eu própria, que pode ela mesma estar inconsciente da identidade dos comunicadores espirituais e das suas conversas, está abençoadamente ciente das entidades invisíveis que estão ao seu redor antes da sessão, preparando-a para o trabalho que pretendem fazer através do seu organismo.

Por vezes, a mediunidade profissional deve necessariamente implicar uma certa dose de tensão e ansiedade, mas isto é inteiramente devido às dificuldades materiais que surgem de tempos a tempos e

ameaçam interferir com as condições harmoniosas que são necessárias para um trabalho bem-sucedido e preciso. Se a pessoa é abençoada, ou amaldiçoada, por um agudo sentido de responsabilidade, isto pode aumentar a tensão, embora ao mesmo tempo assegure uma qualidade mais elevada de mediunidade.

Durante os meses que passei na costa de *Kent*, quando estava incapacitada, devido às condições de guerra, de levar por diante o meu trabalho psíquico, sentia-me como se uma porta tivesse sido fechada na minha cara, uma porta que conduzia a algum local lindo e abençoado, e sentia uma espécie de nostalgia espiritual a impregnar o meu próprio ser. Pelo que foi com alegria e gratidão que comecei de novo o trabalho a sério no início do Inverno de 1940.

No janeiro seguinte tive uma sessão com uma velha amiga, a Sra. *Stonehouse*. Após a sessão terminar, a Sra. *Stonehouse* disse-me que esta tinha sido interrompida de uma maneira muito curiosa e interessante. Disse que a *Feda* tinha subitamente quebrado a meio de uma mensagem que o marido dela, a partir do Outro Lado, lhe enviava, e notou que estava ali um homem estranho que se encontrava em grande aflição porque desejava ajudar alguém que estava ainda na terra. A *Feda* descreveu-o, e deu uma grande quantidade de informação relativa a ele, incluindo o seu nome próprio, a que chamarei *Frank* para os presentes propósitos.

A maior parte da evidência dada era desconhecida para a Sra. *Stonehouse*, mas ela percebeu que a *Feda* lhe descrevia um homem que tinha sido recentemente morto na guerra. Ele tinha uma amiga na terra, uma mulher a quem chamarei *Olive M.* Outros amigos e parentes da *Olive* tinham partido, e o *Frank* disse à Sra. *Stonehouse* que estavam todos extremamente ansiosos por causa dela, pois sentiam que ela se encontrava num estado desesperadamente infeliz devido à dor e ao problema através dos quais tinha passado, e continuava a passar. Tinham sido capazes de a influenciar até certo ponto, e ela — a *Olive* — tinha começado a interessar-se pelo Espiritualismo. Ela era naturalmente psíquica, mas a sua infelicidade

impedia-a de ser capaz de desenvolver os seus poderes, que poderiam ter sido consideráveis sob melhores condições.

Sob as existentes, apenas resultavam em flashes ocasionais de clarividência ou «percepção» do Outro Lado, e mesmo sobre estes ela, por vezes, sentia dúvida e incerteza relativamente à sua veracidade. Assistiu a uma ou duas sessões com médiuns profissionais, mas sabia ela própria que nem sempre dava as condições corretas mentalmente, pelo que não era de surpreender que os resultados, embora interessantes e evidentes até certo ponto, fossem antes confusos. Foi durante a transmissão de uma destas mensagens confusas que o *Frank* interveio e sussurrou urgentemente:

— Vai e fala com a *Stonehouse*; vai e fala com a *Stonehouse*.

Ora, a *Olive* conhecia a Sra. *Stonehouse* ligeiramente, mas não fazia ideia de por que haveria de «ir e falar com ela», ou de que utilidade isso seria. Contudo, assim o fez, e falou-lhe sobre a sua própria vida trágica e os seus problemas.

Com a sua habitual discrição e simpatia, a Sra. *Stonehouse* falou à *Olive* sobre as suas próprias experiências psíquicas, e fez o seu melhor para lhe assegurar que aqueles no Outro Lado estavam sempre perto de nós, tentando ajudar-nos, mas que a nossa ignorância de tais assuntos se provava frequentemente um obstáculo no caminho deles, e os impedia de nos contactar tão perfeitamente como desejavam.

Pelo que quando, um pouco mais tarde, a Sra. *Stonehouse* veio para a sua sessão comigo, não estava inteiramente despreparada para a interrupção por parte do *Frank*, e prontamente prometeu que daria a mensagem dele à *Olive*. Neste ponto a *Feda* interveio e disse à Sra. *Stonehouse* que os Guias mais elevados que ajudam e superintendem as sessões — embora nem sempre tornem a sua presença conhecida — lhe davam a entender que a *Olive* devia vir e ter ela própria uma sessão, de modo a que os seus amigos no Outro Lado pudessem falar com ela diretamente. Disseram haver uma razão urgente para que isto fosse feito, e que a sessão devia ser combinada o mais depressa possível.

A Sra. *Stonehouse* ficou surpreendida com este pedido, ou antes ordem, porque sabia que me tinha sido dito, desde a partida do meu marido, que não devia aceitar novos assistentes, mas sim trabalhar calmamente com os antigos experientes, que podiam, por sua vez, ajudar muitos outros. Quando a Sra. *Stonehouse* me disse que os Guias desejavam que a *Olive* viesse ter comigo, percebi que esta ia ser uma das exceções à referida regra, e combinei de imediato um apontamento para ela para uma data breve.

Nunca esquecerei o meu primeiro encontro com a *Olive M.* Estava um dia terrivelmente frio e eu sabia que ela tinha tido uma viagem enfadonha desde Londres de camioneta e, depois, dez minutos de caminhada até à minha casa. Caía uma chuva miúda, pesada e fria, e quando vi a sua silhueta aproximar-se pelo caminho do jardim, corri para a porta a fim de a deixar entrar rapidamente.

Ela parou no limiar da porta, não fazendo qualquer tentativa para entrar na casa, mas olhou perscrutadoramente para o meu rosto com olhos escuros e trágicos, engastados num rosto pálido e abatido que deve ter sido muito belo em dias mais felizes. Tinha fechado o seu guarda-chuva e estava a molhar-se, mas parecia completamente alheia a esse facto. Apressei-a para dentro de casa e para a minha sala de estar, onde ardia uma grande lareira. Insisti para que ela tirasse os seus sapatos «da cidade» encharcados e os pusesse a secar enquanto calçava um par de chinelos meus.

Tudo isto ela fez mecanicamente, quase contrariada, murmurando que «não importava». Enquanto olhava para ela, percebi que nada neste mundo lhe importava agora. Estava física e mentalmente congelada, e totalmente alheia ao facto de estar quase azul de frio e de mal conseguir usar os dedos para desabotoar o casaco.

Dissemos muito pouco uma à outra. Senti-me sem fala face a uma tal dor, cuja intensidade e desesperança eram mais marcadas do que alguma vez tinha testemunhado antes em todos os anos do meu trabalho entre pessoas enlutadas. Havia uma amargura e um

ressentimento, também, por trás da dor desta mulher, e percebi que não seria um caso fácil de lidar.

Enquanto me sentava ao seu lado e me preparava para que a *Feda* me controlasse, fiz uma ou duas observações, mais para quebrar o silêncio e a tensão não naturais do que por outra coisa qualquer. (Por via de regra, falo com os meus assistentes o menos possível antes de uma sessão). Disse que compreendia que ela tinha tido uma mensagem da *Feda* na sessão da Sra. *Stonehouse* há uma semana ou pouco mais tardar, e concluí que ela sabia algo sobre a técnica de uma sessão de transe. Ela respondeu:

— Sim, tenho um pouco de experiência. Comecei a acreditar em tudo isto. Agora, penso que não acredito. Mas a mensagem que a Sra. *Stonehouse* me trouxe parecia evidente; havia coisas nela que ninguém na terra sabia exceto eu própria, e trouxe-me alguma esperança novamente. Costumava ser religiosa e acreditar em Deus. Agora não acredito, ou penso que não acredito. Se Ele existe, penso que deve ser tão frio, distante e impessoal que não importamos muito para Ele nem Ele para nós. Francamente, já não compreendo nada dessa maneira. Tudo o que quero saber é se existe alguma vida pós-morte de qualquer espécie, e se aqueles que amo continuam vivos, ou se são simplesmente apagados como a chama de uma vela.

Tenho de ter a certeza sobre isto — tenho mesmo de ter. Até estar certa, Deus não significa nada para mim. Porque são algumas pessoas, caracteres finos e nobres, arrebatadas no vigor das suas vidas, enquanto outras, vis e inúteis, brutas e patifes, são deixadas aqui para tornarem os outros miseráveis? Qual é o sentido de tudo isto? Onde está o propósito, a menos que eles — as pessoas boas — continuem vivos, e haja uma razão tangível para serem arrancados de nós?

Percebi que era inútil encorajar esta espécie de conversa desesperada, especialmente mesmo antes de uma sessão, pelo que sugeri que não disséssemos mais nada, mas esperássemos quietamente pela vinda da *Feda*. Assim fizemos e, nuns momentos, senti a

influência dela esgueirar-se calmamente sobre mim, e perdi o contacto com as minhas redondezas materiais.

Após a sessão, encontrei uma *Olive* muito mais feliz sentada ao meu lado, embora ela pudesse não parecer sê-lo à primeira vista, pois tinha colapsado na sua cadeira num pranto de lágrimas. Ela estendeu a mão e disse:

— Não se preocupe comigo. É apenas porque estou tão aliviada — tão feliz.

Após uns minutos, ela recompôs-se e disse-me estar certa de que os seus amigos no Outro Lado lhe tinham falado durante a sessão. Tinham-lhe dito muitas coisas que transportaram convicção à sua mente e dissiparam muitas das dúvidas que a tinham perturbado. Deu-me alguma ideia da infelicidade da sua vida, embora eu conseguisse ver claramente que ela guardava muito para si devido à sua natureza naturalmente reservada e sensitiva.

Pelo pouco que ela me contou, deparei que estava agudamente consciente de algum problema na sua perna e anca, que apenas era notório quando se erguia. Sentia que toda a gente ao seu redor, na terra, notava esta incapacidade, e que as únicas pessoas que tinham sido totalmente afetadas por ela eram algumas que tinham partido para o Outro Lado, incluindo o amigo que tinha recentemente «ido para o Outro Lado». Ele, o *Frank*, nunca parecia estar ciente de que ela possuía qualquer defeito físico que detraísse do encanto da sua personalidade. Conseguia compreender perfeitamente esta atitude, porque nunca vi ninguém com movimentos tão belos e graciosos do corpo, da cabeça e dos braços. Enquanto sentada na sua cadeira, movia-se ocasionalmente de tal maneira que me lembrava alguma linda flor a balançar no seu caule. Cada gesto estava cheio de ritmo e harmonia perfeitos. Os seus traços eram belos, também, quase clássicos na sua regularidade, mas iluminados por uma inteligência muito além da média.

Apesar da reserva de maneiras, a sua era uma personalidade fascinante e invulgar, e eu conseguia perceber que quem quer que

caísse sob o seu encanto ficaria alheio à limitação física da qual ela própria estava excessivamente consciente. Provavelmente haveria outras pessoas na terra que teriam gostado dela, e lhe teriam mostrado afeto, se ela lhes tivesse permitido fazê-lo. A da *Olive* não era uma natureza fácil, depreendi, quer para si própria quer para os outros com quem lidar.

Fosse qual fosse a causa, ou causas, ela sofria intensamente de um sentimento de solidão e isolamento de espírito e de mente. Quantos de nós sofrem da mesma maneira, num grau menor ou maior, e com possivelmente menos causa do que a *Olive*? Seja como for, era óbvio que ela não considerava a vida digna de ser vivida, e ansiava por ir para o Outro Lado para se juntar aos amigos que amava e em quem confiava.

O poder psíquico que ela indubitavelmente possuía, embora não treinado e não desenvolvido, assumia por vezes a forma de uma espécie de pré-conhecimento relativo à duração da sua própria vida na terra. Estava convencida de que tinha apenas um curto período para viver aqui, disse-me. Estava completamente certa disso; nada abalaria a sua crença, que era a única e exclusiva coisa que a ajudava a arrastar-se na sua vida diária. Disse que a ideia de continuar essa luta por algo parecido com um longo período a apavorava; simplesmente não a conseguia enfrentar.

Uma das coisas que tinha abalado a sua fé no Espiritualismo (que devia ser muito ténue nessa altura) foi uma mensagem que lhe foi dada por alguém que estava evidentemente sob a impressão de que a recebia psiquicamente. Esta «mensagem» era no sentido de que ela — a *Olive* — viveria até uma idade muito avançada e que muito em breve casaria.

Devido à sua sensibilidade relativamente às suas incapacidades físicas, e a outros assuntos de que deu a entender mas não me revelou, a ideia de casamento e de uma longa existência terrena enchia-a de consternação e repugnância. Depreendi que toda a espécie de ideias desesperadas de escapar a este destino lhe vinham à mente. Foi

enquanto ela as ponderava na sua mente que a Sra. *Stonehouse* lhe tinha dado a mensagem que tinha sido enviada pelos seus amigos Espirituais através da *Feda*.

A *Olive* disse-me que pensou: «Vou dar outra oportunidade às coisas. A Sra. *Stonehouse* decerto não sabia nada relativo a alguma da informação dada através da *Feda*; poderá haver algo nisso. Vou tentar novamente.»

Assim, durante a sua sessão comigo, os seus amigos disseram-lhe que tinham sentido o seu estado mental infeliz e ansiavam por a confortar. Uma das primeiras perguntas que tinha colocado aos seus comunicadores espirituais — após eles lhe terem dado evidência suficiente para a fazer sentir a certeza de que eram de facto os seus amigos «mortos» que falavam com ela — foi se ela tinha estado correta ao sentir que tinha apenas um curto período para viver no seu corpo terreno.

Ora, este é o tipo de pergunta que não é aprovado nem encorajado por aqueles no Além. Disseram à *Olive* que não era assunto dela, nem deles, descobrir quanto tempo ela tinha de ficar na terra. A preocupação deles era como a ajudar a viver o tempo que restasse — longo ou curto — da melhor maneira possível, e a utilizar cada hora dele no desenvolvimento espiritual e mental, em vez de procurar satisfazer a sua mente relativamente à extensão real de tempo que decorreria antes de ela deixar la terra.

Qualquer tentativa sincera de progredir através do aperfeiçoamento da sua própria mente e carácter seria, disseram-lhe, a melhor preparação possível para a sua vida no Outro Lado. O tempo e a maneira da sua partida eles desejavam que ela os deixasse nas mãos de Deus. Era significativo que não negavam a possibilidade de o seu pré-conhecimento ser exato, mas desencorajavam-na enfaticamente de se debruçar sobre isso.

Quando ela me contou tudo isto, juntei as minhas próprias exortações às deles, e ela prometeu que faria o seu melhor para seguir o conselho. Disse-lhe que os seus pensamentos e ideias mórbidos, se

persistisse neles, magoariam os seus amigos no Outro Lado, e que quando nos colocamos deliberadamente em estreito contacto com eles, assumimos uma certa responsabilidade para com eles, e que «depende de nós» justificar o interesse e a ajuda deles ao vivermos à altura das suas esperanças e ambições para connosco, no máximo da nossa capacidade. Eles fazem o seu melhor para nos tornar felizes, e nós devemos fazer o mesmo para os tornar felizes a eles.

A *Olive* prometeu fazer o seu máximo, e deixou-me com a segurança de que sentia que agora podia continuar pelo tempo que fosse necessário, mas acrescentou, enquanto se voltava para descer os degraus:

— Não será por muito tempo, em todo o caso. Sei que não será.

Após ela partir, esta afirmação preocupou-me, porque sabia que o desejo de partir para o Outro Lado nem sempre traz a realização. Na verdade, tenho conhecido muitos casos onde parece ter resultado no prolongamento da vida, para consternação e desaponto do próprio indivíduo, e daqueles que simpatizavam e esperavam pela sua libertação do físico.

As almas experientes no Outro Lado deram frequentemente a seguinte explicação sobre isto: parece que a totalidade, ou parte, da mente subconsciente ou inconsciente está sempre a lutar para reter o seu domínio sobre o organismo físico. Esta mente «inferior» morre com o físico. É a superconsciência que vive além, após a morte, no corpo etérico. É esta parte mais elevada da nossa consciência que reconhecemos e desenvolvemos durante as nossas vidas terrenas quando respondemos ao apelo que o espiritual, o belo e o bom fazem para connosco.

Enquanto existimos no plano físico, a subconsciência desempenha um papel útil. Na doença, ela luta por nós e é frequentemente referida pelos médicos como «as nossas forças naturais de resistência». Inclina a balança a favor da continuação da vida física quando as probabilidades parecem todas a favor da morte. Ora esta subconsciência é sensitiva a, e ressentida de, tudo o que

pareça ameaçar a sua existência. Quando um inválido, ou pessoa idosa, cuja vida na terra parece ser meramente um fardo para si próprio e para aqueles ao seu redor, pensa que deveria partir para o Outro Lado e deixar o seu corpo físico problemático para trás, a mente subconsciente começa a resistir de imediato. Quanto mais o paciente deseja ir, e quanto mais os seus amigos ao seu redor o desejam por simpatia por ele e pelo desejo de melhoria da sua condição, tanto mais firme e fortemente esta mente inferior resiste e se agarra ao seu único meio de existência.

Tenho observado isto acontecer com vários dos meus conhecidos, como muitos dos meus leitores devem ter feito. Os enfermos, infelizes e idosos vivem frequentemente em condições que são tão penosas que parece extraordinário que alguém consiga existir sob elas. Muito frequentemente o fio da vida parte-se inesperadamente, no fim, num momento em que o próprio indivíduo, ou os seus amigos, estão preocupados com algum outro assunto que desvia a sua atenção do caso, e permite assim ao corpo etérico quebrar os seus laços e libertar-se das algemas do físico e do subconsciente. Estou certa de que acidentes fatais ocorrem frequentemente quando o indivíduo menos espera tal contingência e, portanto, o subconsciente tem estado desatento, por assim dizer.

Para os jovens e vigorosos, a mente subconsciente pode ser, e frequentemente é, uma proteção, dando cautela e aviso quando são necessários.

Para os velhos e decrepitos ela pode ser um carcereiro.

Sabemos que há de haver necessariamente exceções para cada regra e, mais tarde, o caso da *Olive* provou ser uma destas. Penso que certos indivíduos estão isentos de, ou parecem ser independentes de, esta lei particular, mas na maioria dos casos a explicação acima relativa ao poder da subconsciência parece aplicar-se de facto.

Por isso, quando a *Olive* expressou a sua opinião de que não viveria muito tempo, isso não me impressionou em demasia na altura. A sua enfermidade física não parecia interferir com a sua saúde

comum em qualquer extensão apreciável; na verdade, ela parecia ter uma reserva considerável de vitalidade e energia, apesar das marcas feitas na sua aparência pela dor e consequente sofrimento mental. Pelo seu próprio interesse, e para evitar o desaponto que ela poderia sentir perante a possível não realização das suas esperanças, escrevi à minha amiga Sra. *Stonehouse* e pedi-lhe que usasse a sua influência para persuadir a *Olive* para uma estrutura de mente mais saudável, o que ela conscientemente tentou fazer.

CAPÍTULO 18

«ADEUS»

MAS VOLTAMOS A ENCONTRAR-NOS

Por esta altura, o meu arrendamento da casa mobilada que estava temporariamente a ocupar aproximava-se do fim. Sabia que o proprietário desejava regressar a ela, inclusive antes de o meu contrato expirar, pois tinha razões urgentes para regressar à vizinhança.

Estava agora a dormir muito mal; o estado curioso e sonolento que tinha experienciado nos primeiros ataques aéreos tinha-me abandonado devido ao facto de que, por um tempo considerável antes de deixar a minha própria casa, tinha sido compelida a estar em alerta para o caso de danos súbitos na habitação por bombas altamente explosivas ou incendiárias, pelo que tinha formado o hábito de dormir com «um olho aberto», o que eventualmente resultou em eu não conseguir dormir de todo se por acaso houvesse o mínimo barulho de fogo de artilharia ou mesmo de bombas distantes.

Infelizmente, nesta nova e outrora calma vizinhança para a qual me tinha mudado, havia muitas mais perturbações, especialmente à noite, do que tinha havido quando cheguei pela primeira vez.

Há alguns meses que vinha a prometer regressar novamente ao Norte de Inglaterra para retomar a série de sessões que tinha começado há algum tempo com pessoas que sabia que fariam bom uso delas, e que viviam em vizinhanças calmas; pelo que quando os meus Guias Espirituais sugeriram que eu devia ir e completar estas sessões assim que conseguisse organizar-me para o fazer, senti que seria um bom plano, pois precisaria apenas de ir para fora por umas semanas antes de regressar ao Sul, e o interlúdio calmo quebraria provavelmente a tendência para a insónia.

Havia uma certa quantidade de trabalho a ser feito durante as três semanas que restavam antes de eu ter de deixar a casa, e um músculo que eu tinha recentemente rompido na minha perna ainda me causava uma grande dose de inconveniência. Apesar disto, tinha um forte sentimento de que devia conseguir dar à *Olive M.* outra sessão antes de partir, e que não devia adiar o fazer até ao meu regresso do Norte. Parecia ser imperativo que ela a tivesse em breve. Falei à Sra. *Stonehouse* sobre isto, e pedi-lhe que combinasse com a *Olive* para ela me vir ver uns dias antes de eu partir.

Quando a *Olive* chegou para esta, a sua segunda sessão, pensei que ela parecia mais calma e feliz do que na sua visita anterior. Dissemos muito pouco uma à outra até depois de a sessão ter terminado. Então ela disse-me que tinha estado de facto mais feliz, ou — como ela colocou — menos infeliz, mas tinha estado por vezes antes perturbada na mente para o caso de as mensagens confortantes que tinha recebido de pessoas no Outro Lado serem devidas a pensamento pio da sua parte.

Admitiu que tinha esperado e aguardado que certos amigos lhe falassem na primeira sessão. Quando eles o fizeram, ela teve medo de que o seu anseio por comunicar com esses amigos particulares tivesse resultado em ela obter um reflexo dos seus próprios pensamentos e desejos. Antes de chegar o momento para a sua segunda sessão, ela tinha ponderado sobre isto, e a sua dúvida e incerteza tinham tirado o primeiro fulgor ao conforto que tinha recebido. As suas pessoas no

Mundo Espiritual sentiram evidentemente esta incerteza de mente, e urdiram um plano pelo qual esperavam libertar a mente dela disso.

Disse-me que, no seu caminho para esta segunda sessão, tinha pensado persistentemente no único amigo, o *Frank*, que tinha recentemente partido, porque estava ansiosa por que ele respondesse a algumas perguntas e desse os seus pontos de vista sobre certos assuntos que a perturbavam, e de que ele sabia quando estava na terra.

Grandemente para surpresa sua, mal a sessão começou, o *Frank* fez a sua aparição, enviou brevemente o seu amor e depois disse-lhe:

— Está alguém mais aqui que te ama, nunca te esqueceu e quer falar contigo hoje.

O meu controlo, a *Feda*, tomou agora as rédeas em mãos e procedeu a descrever um amigo muito amado à *Olive*, um homem a quem ela tinha amado e admirado muitos anos antes, e em cujo julgamento e sinceridade de propósito tinha sempre depositado implícita crença. A *Feda* deu-lhe provas tão convincentes da sua identidade, carreira e do local onde tinha trabalhado, que ela ficou completamente satisfeita por ele estar realmente presente na sala com ela. Ele falou-lhe sobre a sua própria partida da vida física, e de como tinha ajudado o *Frank* quando este foi morto, e dos seus esforços combinados para regressarem e a confortarem — a *Olive*. Tudo o que ele agora lhe dizia, combinado com o facto de ela não ter esperado, nem desejado, uma visita deste homem, desenganou a sua mente inteiramente do medo de que o pensamento pio fosse a explicação correta para as comunicações que tinha anteriormente recebido.

Durante a sessão, a *Olive* tinha novamente perguntado aos seus amigos se a sua convicção interior de que em breve se juntaria a eles era verdadeira. Novamente eles não o negaram, mas pediram-lhe que deixasse a questão repousar, e imploraram-lhe que empregasse qualquer tempo que lhe pudesse restar da melhor maneira possível, mantendo a sua vida e pensamentos em linhas espirituais — não na esperança de que a sua ideia de morrer pudesse em breve ser realizada,

mas porque era o caminho correto a tomar, por muito longo ou curto que o seu tempo na terra pudesse ser.

Uma coisa apenas lhe diriam com respeito à sua partida, e era que ela deixaria esta terra muito subitamente, instantaneamente, mas também lhe disseram que ela saberia que estava prestes a fazê-lo um curto período antes de realmente acontecer. Com esta segurança ela teve de se contentar, e prometeu-lhes que faria o seu melhor para cumprir as suas instruções, e aproveitar ao máximo a sua vida física de modo a justificar a ajuda e o conforto que lhe tinham dado, e a evidência do seu contínuo interesse e amor que lhe tinham revelado naquela manhã.

Quando, após a sessão, a *Olive* me contou tudo o que os seus comunicadores Espirituais tinham dito com respeito à sua partida, senti ser inútil dizer mais, ou dar eu própria qualquer outro conselho, pois percebi que este poderia provar ser um dos casos em que o pré-conhecimento opera de uma maneira extraordinária e incompreensível. Sei que existem tempos e ocasiões em que partes do Plano — o Plano de Deus — são desveladas, quando o conhecimento revelado não interferirá com o nosso uso legítimo do livre-arbítrio, ou com o curso do nosso progresso normal e desenvolvimento de caráter.

Pouco mais foi dito entre a *Olive* e eu própria. Ela sabia que eu partia para a minha visita ao Norte no espaço de uns dias, pelo que lhe disse que combinaria outra sessão para ela no meu regresso, umas semanas mais tarde.

Ela olhou para mim de forma trocista, com um ténue sorriso:

— Oh, não, não combinará. É bondoso da sua parte oferecê-lo, mas antes de você regressar estarei no Outro Lado, com aqueles que me têm estado a ajudar hoje. Partirei esta Primavera. Sei-o, pelo que lhe direi adeus agora.

A sua sinceridade e crença na verdade absoluta da sua afirmação eram inequívocas, e impressionaram-me profundamente. Olhei de volta para ela, para esta mulher que apenas tinha visto uma vez antes

na minha vida, e sobre quem sabia tão pouco, conforme o mundo avalia o conhecimento.

A ideia de que esta era a última vez que a veria na terra parecia estranha, e contudo não estranha. Enquanto olhávamos uma para a outra, o tempo e tudo ao nosso redor pareceram parar. Parecíamos estar envolvidas por uma quietude, a quietude do Eterno, e pela consciência da magnitude da Vida Maior que parecia possuir, envolver e permear os nossos próprios seres. Todas as barreiras e reservas convencionais caíram; eram sem significado, e não detinham lugar nesta estranha situação.

Os olhos da *Olive* encheram-se de lágrimas. Ela inclinou-se para mim, e por um breve momento enlaçámos os braços uma à volta da outra, unidas pelo nosso sentimento da imensidade da vida, vista e não vista, conhecida e não conhecida. Nenhuma outra palavra foi proferida entre nós. A *Olive* recolheu calmamente os seus pertences, a sua mala, o guarda-chuva e os cadernos de notas, e saiu da casa, voltando-se apenas para um breve olhar antes de desaparecer da minha vista.

Dois dias mais tarde, eu e as minhas duas amigas, a Sra. *Plant* e a sua filha *Ruth*, começámos uma longa e enfadonha jornada até à cidade do Norte do País onde eu ia dar a minha primeira série de sessões. As muitas mudanças, e o consequente estar de pé por longos períodos em plataformas de estações frias, cansaram consideravelmente a minha perna danificada e, no fim da minha jornada, sentia-me quase num estado de colapso, mas consegui levar a cabo o meu programa de trabalho, sendo extremamente cuidadosa e descansando a maior parte do tempo.

Uma semana mais tarde preparámo-nos para viajar para o segundo local, uma distância de cerca de sessenta milhas, mas verificámos que teríamos pelo menos quatro mudanças na ferrovia, e demoraria tanto tempo a cumprir as primeiras quarenta e cinco milhas ou pouco mais que poderia ser demasiado tarde para obter um táxi na estação a fim de completar as restantes quinze milhas por estrada. As minhas amigas perceberam a tensão que isto seria para mim, e

decidimos alugar um automóvel e viajar diretamente para o nosso destino. Assim o fizemos, e ficámos num pequeno mas confortável hotel vegetariano.

Enquanto ali estivemos, fomos conduzidas por uma combinação de circunstâncias muito curiosa a um grande pavilhão de madeira numa região montanhosa e muito solitária, perto das margens de um dos mais belos lagos de *Cumberland*. Sinto a certeza de que fomos ajudadas pelo Outro Lado a encontrar este local lindo e pacífico, pois tinha sentido que devia obter repouso absoluto, longe do barulho e das perturbações, e instalar-me algures, nem que fosse por um bocadinho.

Tinha parecido ser quase impossível alcançar este propósito, pois casas mobiladas e quartos nesta região eram muito caros e difíceis de encontrar, mas este chalé primitivo de madeira, que continha apesar de tudo todas as necessidades simples da vida, foi uma solução caída do céu para os nossos problemas. As condições psíquicas eram excelentes e, embora eu não conseguisse quebrar de todo a tendência para dormir levemente, e por períodos muito curtos, a paz e a beleza ao redor deram-me tal repouso espiritual e mental que sabia que a minha saúde geral beneficiaria com eles.

Um dia, em abril, tinha ido dar um passeio sozinha junto ao lago. A pessoa podia caminhar por milhas sem encontrar ninguém, e senti que o terreno comparativamente plano em redor do lago era mais fácil de negociar com a minha perna ainda problemática do que as montanhas que as minhas amigas eram capazes de explorar. Existe algo sobre o mar, ou rios, ou lagos, que considero aumentar a recetividade psíquica de alguém. A água é um fator sumamente importante no desenvolvimento destas faculdades; viver ao lado dela, ou inclusive ter jarras com ela contendo flores no quarto de alguém — tudo é importante.

Assim, nesta tarde específica, caminhei sobre os prados que declinavam suavemente em direção ao lago, e depois segui o ribeiro que corria para ele. Era marginado por um muro de pedra de topo plano com cerca de dezoito polegadas de largura, no qual

caminhávamos frequentemente de preferência a lutar através da erva longa e húmida e dos arbustos.

A luz jogava por entre os montes e na água, as nuvens lançavam sombras misteriosas sobre eles, uma visão linda de facto, e não fiquei surpreendida por me encontrar a responder à beleza ao meu redor com uma vivacidade que me fez quase esquecer o músculo fraco da minha perna, e dancei ao longo do muro de pedra como se estivesse literalmente a caminhar no ar.

Habitualmente caminhávamos cuidadosamente, especialmente se estivesse vento, pois poderíamos facilmente ser sopradas para dentro do próprio ribeiro. Percebendo que era antes perigoso estar a correr desta maneira, refreei-me com um esforço e, enquanto caminhava de forma mais lenta e serena, «senti» uma presença invisível ao meu lado, e soube que era esta presença que tinha sido responsável pelo meu súbito sentimento de júbilo e alegria de movimentos. A minha mente decidiu de imediato que era o meu marido que estava ao meu lado, mas um momento ou pouco mais tardar senti estar enganada, pois a sua habitual cautela e cuidado para comigo nunca resultariam em incutir-me que corresse desta maneira temerária; pois agora sentia novamente o impulso avassalador de o fazer na secção seguinte de muro de que me aproximava. Queria erguer os meus braços e cantar e rir. Palavras pareceram vir-me à mente — palavras que ansiava gritar bem alto:

— Estou livre — estou feliz — estou bem — e isto tornou-me tanto mais alta do que costumava ser!

Ora os três primeiros sentimentos poderiam ter sido produtos da minha própria mente, pois por aquele tempo estava certamente a sentir-me «Livre, feliz e bem», mas percebi que a ideia de ser tanto mais alta nunca teria brotado da minha mente, pois sou de uma altura razoável e nunca tive o mais pequeno desejo de a aumentar. Esta conclusão conduziu-me a tentar sintonizar-me e descobrir a identidade da pessoa invisível que agora sentia a certeza de estar a caminhar bem perto ao meu lado.

Não consegui obter nada de definitivo, apenas uma sensação de que era alguém que experienciava um grande êxtase no sentido de uma liberdade e felicidade recém-encontradas, e que, portanto, tinha apenas recentemente partido. Também senti tratar-se de uma mulher, embora não conseguisse explicar por que razão ou como me sentia tão certa neste ponto. Gradualmente a sensação da presença desvaneceu-se e o incidente passou-me da mente por aquela altura, como tais experiências por vezes fazem, a menos que sejam acompanhadas por evidência concreta de identidade que a pessoa possa registar com a esperança de que possa ser subsequentemente verificada.

Mais tarde, nesse mesmo dia, as minhas duas amigas e eu saímos juntas, e novamente escolhemos a mesma rota favorita que eu tinha tomado de manhã. Na nossa jornada de regresso a casa, quase no mesmo local onde o meu impulso de correr e cantar me tinha assaltado mais cedo no dia, vi-me inesperadamente a pensar na *Olive M.* Não tinha havido nada na nossa conversa ou nos meus pensamentos que conduzisse a isto, e fiquei surpreendida por me ouvir dizer em voz alta para as minhas amigas, que nunca tinham conhecido a *Olive*:

— Quão feliz e livre — e bem — e quão bela a *Olive* estará no Outro Lado, e quão muito mais alta ela será, sem o problema na sua anca.

Vi-me a repetir isto novamente, com ênfase, e subitamente passou-me pela mente que estava a usar quase as idênticas palavras que me tinham impressionado na ocasião anterior, exceto que agora adicionava a palavra «bela». Novamente senti a inclinação para saltar e correr alegremente, mas refreei-a, pois sabia que qualquer exuberância descabida dessa sorte seria prestamente mas firmemente tratada pelas minhas amigas, que temeriam que eu me magoasse com tal exercício desusado.

Ocorreu-me, inclusive na altura, como estranho que eu devesse ter energia mental ou física suficiente restante para desejar fazer tais coisas ao fim do que tinha sido um dia invulgarmente ativo para mim,

pois tinha caminhado consideravelmente mais do que tinha feito há muito tempo.

Não me entrou na cabeça que a *Olive* tinha deixado o seu corpo físico para trás para sempre, e estava agora no Outro Lado. Inclínava-me para a ideia de que o seu corpo etérico se tinha de algum modo desprendido do seu físico, e tentava incutir-me que ele — o etérico — não sofria da mesma incapacidade que o físico, o que sei ser habitualmente, talvez sempre, o caso. O físico pode estar afligido com as desfigurações mais dolorosas, mas o etérico pode ser perfeito e livre de mácula.

Na verdade, pensei que a *Olive* poderia não estar bem, estaria a descansar, e tinha encontrado o seu caminho até mim no seu corpo etérico, e queria que eu soubesse quão diferente ela se sentia enquanto capaz de funcionar nele, em vez de no corpo que a agastava e limitava na sua vida diária. Não foi senão uma semana mais tarde que ouvi dizer que a *Olive M.* tinha sido morta instantaneamente quando uma bomba altamente explosiva de tremendo poder atingiu o edifício em que ela vivia e o demoliu completamente, matando algumas pessoas e ferindo gravemente outras. Isto tinha acontecido cerca de trinta e seis horas antes de eu ter a experiência perto do lago.

A razão por que não soube senão tanto tempo depois foi que a minha amiga Sra. *Stonehouse* ficou ferida na mesma altura, e ninguém mais sabia o meu endereço; pelo que tive de esperar até que a Sra. *Stonehouse* tivesse recuperado o suficiente para lhe permitir solicitar a outra senhora, uma estranha para mim, que enviasse a informação.

Afigurava-se agora que, na noite de abril (não posso dar datas e nomes de locais, por razões óbvias decorrentes de condições e restrições de guerra), a *Olive* se tinha aproximado de uma *Menina* que vivia no mesmo edifício, e sabia algo sobre as dificuldades da vida da *Olive*. Disse a esta amiga:

— Vou para o Outro Lado esta noite. Estou certa disso.

Ela repetiu isto a uma outra pessoa também.

Quando se estava a preparar para ir para a cama, a Sra. Stonehouse entrou no seu quarto e contou-me mais tarde que a Olive se tinha voltado para ela com um sorriso radiante e dito: "Eu vou-me embora esta noite". As palavras "Eu vou-me embora esta noite" foram ditas de forma tão firme, com absoluta convicção e sinceridade, que a Sra. Stonehouse não tentou contradizê-la ou dissuadi-la de uma tal ideia.

Nenhum aviso de ataque aéreo tinha ainda soado e tudo estava calmo no exterior. A Olive meteu-se na cama e a Sra. Stonehouse diz que nunca esquecerá o aspeto de feliz expectativa no seu rosto enquanto ela jazia quieta e composta, aguardando pela libertação que sabia estar a chegar tão cedo. Pouco tempo depois, o alerta soou e foi quase imediatamente seguido por um bombardeamento de maior ferocidade e destruição do que os que alguma vez tinham sentido antes naquela vizinhança particular.

A Sra. Stonehouse tinha deixado a Olive e dirigido-se para os quartos do outro lado do edifício mesmo antes de o alerta chegar. Quase imediatamente após o ataque começar, aquela parte do edifício ocupada pela Olive e por outros recebeu um impacto direto de uma bomba de alto explosivo e a Sra. Stonehouse viu-a desaparecer diante dos seus olhos. O choque foi tremendo e ela própria ficou ferida. Escapou milagrosamente à morte e foi logo resgatada de uma maneira que sentiu ser igualmente maravilhosa.

Ela sabia que estava protegida e que os seus salvadores foram ajudados pelo seu marido e amigos do Outro Lado. Quando recuperou a sua lucidez dispersa (o que fez de forma notavelmente rápida, considerando o terrível choque que tinha sofrido), lembrou-se com gratidão de que a Olive deve ter sido morta instantaneamente, sem sofrimento de qual quer espécie, e com espanto chamou à mente a firmeza com que a Olive tinha afirmado: "Eu vou-me embora — esta noite".

Durante vários dias após ter sabido da morte da Olive, esperei ser capaz de sair do meu corpo durante o sono e que o meu marido me

levasse a visitá-la, para que a pudesse ver na sua recém-encontrada felicidade, pois sabia agora que tinha sido ela quem tinha vindo ter comigo nas margens do ribeiro no meu caminho para o lago. Consegui certamente entrar no meu corpo etérico e tive duas ou três experiências fora do corpo, não de um tipo muito feliz ou prestável, mas nem a Olive nem o meu marido entraram nelas.

Duvido que estivesse realmente no plano deles nesta altura, mas penso que me encontrava no mundo de transição, e incapaz de penetrar mais além devido às más condições psíquicas que prevaleciam no éter em razão dos violentos ataques que estavam a ter lugar, coincidindo por acaso com as próprias ocasiões em que fui bem-sucedida a deixar o meu corpo físico. Se as condições impedem uma pessoa de passar rapidamente através deste mundo de transição, esta dá consigo presa ou retida nele, e o resultado é frequentemente uma estranha amálgama de verdade e falácia, uma espécie de confusão dos próprios medos passados. Dificilmente é um processo feliz ou prestável e poderia muito bem desencorajar o investigador inexperiente de alguma vez voltar a tentar quaisquer excursões fora do corpo. Julgando pelas minhas próprias experiências, e por aquelas que os amigos me têm relatado, penso que a pessoa deve ter o cuidado de não tentar estas experiências quando sabe que condições adversas existem na altura.

Olhando para trás, percebo que a Olive e os seus amigos estavam seguros e felizes no seu próprio plano, e estavam a ser aconselhados a não correrem o risco de ser puxados para o mundo de transição, mas a esperar até que as condições na terra tornassem fácil e possível para mim o visitá-los, ou para eles me visitarem a mim. No nosso último encontro, ela tinha-me assegurado que entraria em contacto comigo o mais rapidamente possível após a sua passagem, e já tinha cumprido esta promessa, embora eu tivesse sido um tanto lenta a somar dois mais dois na altura, porque não estava então ciente da sua morte.

Quase um mês decorrera após a sua passagem e eu não tinha tido mais nenhum sinal ou palavra dela. Numa bela noite de maio, senti-me impelida a ir dar um passeio sozinha. Deambulei ao longo da

nossa rota habitual para o lago, depois meti por um caminho que me era desconhecido, o qual serpenteava ao redor de um pequeno e selvagem "promontório", e era obviamente usado de forma muito infrequente. A atmosfera estava maravilhosamente límpida. As montanhas recortavam-se contra um céu de um azul quase inacreditável. Toda a cena, as colinas, o lago e os bosques de lariço de um verde pálido que o marginavam no lado oposto tinham uma beleza não terrena que quase cortava a respiração da pessoa.

Enquanto permanecia imóvel, a absorver tudo, dei-me conta de uma alegria ainda mais profunda, um sentimento que não brotava de qual quer resposta da minha parte à beleza dos arredores, mas era de um caráter inteiramente diferente, embora não consiga definir a diferença. Comecei a pressentir a presença de pelo menos duas pessoas, visitantes invisíveis do Outro Lado, e sentei-me quietamente no chão e permaneci tão passiva quanto conseguia na esperança de vir a descobrir a sua identidade.

A paisagem que me tinha encantado escassos momentos antes parecia agora recuar por completo, e eu não estava consciente de nada exceto das presenças espirituais que se encontravam ao meu lado. Uma era a Olive; ouvi-a falar. Ela disse:

— *Sim, sou eu, e os outros estão comigo, naturalmente. Tenho estado ansiosa por te contar sobre a minha felicidade maravilhosa.* —

Ela procedeu então a descrever o seu despertar daquilo que parecera ser um período de inconsciência muito breve após a bomba ter caído e provocado a sua morte. Contou-me que se encontrou rodeada por aqueles a quem amava, aqueles que tinham "morrido" e falado com ela nas sessões. Estes incluíam o seu pai e o Frank. Este encontro não conteve qual quer elemento de surpresa para ela, pois estivera a esperar com tanta confiança estar com eles nessa noite; também se lembrava de tudo o que tinha aprendido durante as sessões — e nos livros que tinha lido — relativamente às condições em que as pessoas que recém-passaram para o Lado de Lá se poderiam encontrar.

Fortalecida por este conhecimento, sentia-se contente simplesmente por fazer onde estava; mas o Frank disse-lhe para tentar ajudá-lo a retirá-la das condições que os rodeavam, pois eles deviam partir o mais cedo possível e "ir para casa". Ela estava apenas vagamente consciente do seu redor; o seu único e exclusivo pensamento era no seu pai e no Frank, e na sua alegria por estar com eles novamente. Nada mais parecia importar, embora estivesse vagamente ciente da terrível massa de destroços ao seu redor, da dor, confusão e ansiedade que vinham de outras pessoas na sua vizinhança.

Tentou obedecer às instruções do Frank para se retirar mentalmente de tudo aquilo; para se esforçar por imaginar outro local à distância para onde devia ir com ele. Não fazia ideia de que género de lugar este poderia ser, mas obedeceu-lhe e simplesmente entregou-se à guarda segura d'ele e do seu pai. Caiu então numa espécie de estado dormitante e contente, do qual não foi despertada até chegar ao local a que o Frank tinha chamado "casa".

Não vos posso repetir tudo o que ela me contou, palavra por palavra, mas esforcei-me por me lembrar e registar o que ela disse o mais fielmente possível, embora deva ter omitido ou esquecido uma boa dose de detalhes, mas o essencial foi que ela tinha ficado cheia de alegria e aliviada (como a maioria das pessoas fica) por descobrir que este local para onde foi levada era de facto a "casa dos seus sonhos", que era exactamente o tipo de lugar e de arredores que sempre tinha ansiado possuir na terra, mas que sempre pareciam impossíveis de alcançar.

Podia regozijar-me e simpatizar com ela porque, numa ocasião, cinco anos antes, me tinha sido permitido visitar o meu marido num local dos mais belos no Além, e tinha visto a casa que ele guardava para mim. Esta casa era uma réplica de uma que eu tinha amado na terra, mas com esta estranha diferença: a casa no Mundo Espiritual parecia exactamente como a da terra deve ter aparecido há mais de cem anos — possivelmente dois ou mais — antes de ter sido expandida e alterada.

Eu nunca a tinha visualizado no seu estado anterior, pois estava bastante contente com o seu estado presente; mas, quando dei comigo a olhar para ela no Outro Lado, compreendi como era muito mais digna e bela, embora simples no contorno. Também começou a ocorrer-me que eu a conhecia e amava no seu estado original antigo ainda mais do que amava a casa na terra, e soube que a devia ter visitado em ocasiões anteriores e esquecido quando regressei à terra e ao meu corpo físico.

Perguntei à Olive como é que os seus amigos espíritos a tinham encontrado tão rapidamente, e como era que eles tinham estado no local no preciso momento em que ela fora morta?

Ela explicou que, logo após ter passado para o Lado de Lá, o Frank tinha escolhido fazer trabalho de salvamento; tinha-se juntado a uma "equipa de resgate" na qual o seu pai e outros também trabalhavam, a qual operava, em companhia de muitas outras "equipas" semelhantes, em áreas bombardeadas. Fora-lhe permitido juntar-se a esta em particular que trabalhava na área onde ela foi morta, pois ele estava familiarizado com a vizinhança e a presença dela formava uma ligação natural. Ele tinha-se tornado destro a negociar a viagem de e para o seu próprio plano, pelo que estava habitualmente de serviço na vizinhança sempre que existia qual quer probabilidade de problemas.

Os trabalhadores experientes no Outro Lado captam por vezes as intenções das forças invasoras antes de estas realmente chegarem, mas nem sempre conseguem transmitir-nos este aviso, não por qual quer incapacidade da sua parte em fazê-lo, mas por causa do nosso alheamento, da nossa tibieza em captar as vibrações de pensamento que eles possam estar a tentar enviar-nos.

O Frank tinha a certeza de que a Olive estaria envolvida neste ataque e tinha transmitido esta convicção a ela mais cedo no serão, enquanto estava "em prevenção" para o serviço. Neste ponto interrompi e perguntei à Olive se toda a gente no Outro Lado estava

ciente de antemão quando aqueles que amavam na terra estavam prestes a passar para o Lado de Lá.

Ela respondeu: — *Não, nem toda a gente, mas alguns indubitavelmente estão e, quando estão, nunca se enganam.* —

Perguntei então: — *Por que sabiam os teus amigos espíritos tão categoricamente a teu respeito?* — e a resposta dela foi: — *Nós éramos do velho tempo*, — uma expressão que não me esclareceu na altura. Consequia adivinhar o que ela poderia querer dizer, mas queria informação mais definitiva, a qual aparentemente ela não conseguia dar, ou então percebeu que não existia força nem tempo suficientes justamente nessa altura para lhe permitir embarcar no que se poderia ter provado ser uma longa e difícil explicação. Apenas repetiu "Nós éramos do velho tempo", pelo que, por agora, tive de me contentar.

Receei que a força devesse estar prestes a falhar e, pensando em quão supérflua a pergunta era face a tudo o que ela tinha dito, perguntei: — *Então estás realmente feliz, gloriosamente feliz, tão feliz como esperavas poder vir a ser?* — Ela respondeu: — *Sim, estou completamente feliz. Até mais feliz do que o que ousei esperar, feliz com o meu redor...* — Houve uma pausa, alguma hesitação, e perguntei: — *Não estás totalmente feliz em todos os aspetos, então?* —

De novo houve uma pausa e, com alguma dificuldade, distingi da sua força que falhava rapidamente as palavras: — *Lamento ter causado problemas, problemas desnecessários. Estúpido da minha parte. Não tinha de ser assim. Penso que consigo endireitar as coisas. Não sei, mas dizem-me que consigo.* — A sua voz desvaneceu-se e fiquei a sentir-me muito contente por causa da sua felicidade, embora intrigada com as suas últimas observações. Contudo, numa data muito posterior, vim de facto a saber de um certo assunto em que ela estivera interessada, o qual tinha causado uma boa dose de problemas e inconvenientes a outras pessoas na terra e o qual penso que a teria preocupado quando se lembrasse disso e soubesse que o poderia ter evitado se se tivesse importado em fazê-lo.

Promessas por cumprir, mágoas causadas aos sentimentos de outras pessoas, deveres negligenciados enquanto na terra, são as nuvens que podem obscurecer o que de outro modo teria sido a felicidade perfeita nas nossas novas vidas. Não é a injúria que a pessoa infligiu a si própria que é tão dolorosa de lembrar, mas a coisa que fez ou negligenciou fazer, que magoou outra pessoa. O poeta J. R. Miller pediu a Deus que tivesse piedade de nós nas nossas pequenas contendas uns contra os outros. Ele disse:

Deus tenha piedade de nós todos enquanto nos acotovelamos;
Deus tenha piedade de nós todos pelos triunfos que sentimos Quando um companheiro vai ao chão sob a sua carga nas urzes; Trespasado até ao coração; as palavras são mais afiadas do que o aço, E muito mais poderosas para a desgraça ou para o bem.

Sim, podemos pedir a Deus que tenha piedade de nós e nos perdoe pelas nossas más ações e mesquinhices para com os outros, e podemos estar seguros de que Ele o fará porque compreende as nossas limitações. Somos nós, que não conseguimos ter piedade de nós próprios, que nos punimos mais impietosamente do que qual quer Deus alguma vez faria. Na terra, as palavras são de facto "mais afiadas e poderosas do que o aço", pois ferem frequentemente a alma, ao passo que o aço apenas consegue penetrar a carne. Alguns há que se orgulham da inteligência da mente e do cérebro que facilmente os impele para a crítica oportuna e cruel, e para uma capacidade de triunfar e de "se acotovelarem uns aos outros", esquecendo-se de que, a longo prazo, eles próprios serão os perdedores, os sofredores, quando se encontrarem, após a Morte, num Mundo onde o Amor se posiciona mais alto do que a astúcia, e os princípios importam mais do que os motivos baseados na conveniência.

CAPÍTULO 19

AS EQUIPAS DE RESGATE

Estava interessada no que a Olive me tinha contado relativamente às experiências do seu pai e do Frank na Equipa de Resgate, pois tinha

visto frequentemente pessoas a ir e a vir num tal trabalho nalgumas das minhas aventuras fora do corpo. Durante uma sessão de transe que a Sra. Plant, a sua filha e eu realizámos, comigo como médium, o meu pai comunicou e disse-nos que havia um grande número destas equipas de resgate a trabalhar nesta presente guerra. Afirmou que algumas pessoas estavam mentalmente mais bem dotadas para um tal trabalho do que outras. Para citar as próprias palavras do meu pai:

— *Quando houve um grande ataque aéreo, e tu vês equipas de resgate de homens da ambulância, médicos e enfermeiras, e outras pessoas do teu lado, a tentarem mover destroços, a resgatarem os feridos, todos a fazerem o que podem para aliviar o sofrimento, tu não vês a equipa maior do nosso lado a trabalhar — não tanto nos teus feridos, mas a resgatar e a ajudar os corpos Etéricos daqueles que foram mortos a desembaraçarem-se do físico; e o que é ainda mais difícil, a conseguir que eles consentem em vir connosco. Isso é que é o importante — conseguir que venham connosco. Eles querem saber: "Onde está a minha carteira, o meu relógio, os meus outros pertences?", se estiverem conscientes, como algumas pessoas estão.*

—

— *Eu preferia levar os que estão inconscientes. Os que estão conscientes são os mais difíceis, e querem saber onde estão as pessoas que lhes pertencem na terra. A nossa preocupação é retirá-los dali antes de termos de começar a penosa tarefa de lhes explicar que as pessoas por quem estão a perguntar têm agora de ser deixadas para trás.* —

Aqui o meu pai fez uma pausa por um momento, continuando depois:

— *Eu já sou um veterano agora, mas recuo perante essa tarefa. Fazemos isto (isto é, retirá-los das condições da terra) porque, se não o fizermos, existe a possibilidade de eles ficarem por ali a vaguear, com a mente intrigada e confusa devido à sua incapacidade de fazer com que os seus amigos os vejam ou ouçam. Podem não estar conscientes de que estão mortos. Por vezes sentem-se tão vivos que*

pode ser impossível, nestas condições — as da terra —, convencê-los do contrário. Por vezes, os seus próprios parentes (que passaram para o Lado de Lá anteriormente) estão a trabalhar na nossa equipa. Frequentemente tem havido uma "mobilização de último momento" para o local das operações, e algumas pessoas que trabalham numa equipa podem ser atraídas para uma diferente, telepaticamente, onde alguns dos seus parentes ou amigos correm o risco de ser mortos. —

Neste ponto, a Feda pareceu ter alguma dificuldade em acompanhar as palavras do meu pai e apelou ao filho da Sra. Plant, o Ralph, que também está no Outro Lado e se encontrava presente na sessão; ele interveio e pareceu substituir o meu pai.

O Ralph explicou que as pessoas do Espírito viajam rapidamente de um edifício para outro. Aqueles que tinham amigos no edifício afetado seriam atraídos para lá, e os seus lugares na equipa original seriam instantaneamente preenchidos por outros ajudantes.

— Uma espécie de troca de postos, — chamou-lhe o Ralph.

Outros comunicantes disseram-nos a mesma coisa. Sempre que há uma guerra, um acidente em grande escala ou outra calamidade na terra, formam-se equipas de resgate a partir de voluntários de mentalidade adequada, aqueles que estão mais bem dotados para lidar com a situação particular.

Por exemplo, sei que o meu pai ajuda aqueles que passam para o Lado de Lá em batalha. Ele próprio combateu na sua juventude pelo lado dos franceses na Guerra Franco-Prussiana de 1870. Faleceu na parte inicial de 1915 e penso que o seu coração ficou partido porque não lhe foi permitido juntar-se ao Exército Britânico e ir para fora combater novamente no terreno que ele conhecia tão bem. Como ele tinha quase setenta anos e estava a ficar decididamente "decrepito", esta recusa em aceitá-lo para o serviço ativo podia ser facilmente compreendida, mas ele nunca superou o seu ressentimento e indignação por causa disso.

Aqueles que passaram para o Outro Lado na guerra de 1914-1918 disseram-nos que estão a ajudar agora, nesta presente guerra. Aqueles

que estiveram anteriormente no Exército ajudam o Exército atual; aqueles que estiveram na Marinha ajudam no mar. Esta guerra tem sido, até agora, tão amplamente uma batalha do ar que não é de surpreender que ouçamos falar uma boa dose sobre a maneira como os aviadores que passaram na última guerra, bem como aqueles que já foram mortos nesta, estão a ajudar e a proteger os nossos aviadores, e estão também envolvidos em certas táticas de proteção que, segundo dizem, têm sido o meio de impedir que os atacantes inimigos causem tantos danos a este país como de outro modo poderiam ter causado.

Um jovem aviador que foi morto em 1915, um jovem aventureiro e vigoroso, contou-nos que o trabalho que tinha escolhido fazer nesta presente guerra era ir ao encontro das máquinas alemãs à medida que estas se aproximavam da nossa costa e, depois, ele "escorregava para dentro de uma — uma coisa fácil de fazer" e procedia ao esforço de entrar em contacto com a mente do homem que por acaso estivesse no controlo dos mecanismos para o lançamento real das bombas que transportavam.

Este rapaz contou-nos que por vezes achava impossível influenciar a mente do homem. Ocasionalmente dava consigo confrontado com uma mentalidade que era tão insensível a qual quer sugestão exterior, e de um calibre tão espesso e duro, que ele não conseguia fazer progressos de todo. Outras vezes, quando encontrava um material mais sensível para trabalhar, colocava-se ao lado do homem e, à medida que se aproximavam do campo de operações pretendido, influenciava firme e fortemente a sua mente com a ideia de lançar as bombas num certo momento em que ele, o nosso amigo, tinha a certeza de que elas cairiam num local deserto, onde causariam pouco ou nenhum dano.

Quando lhe perguntámos como transmitia a impressão para fazer isto ao aviador nazi, ele disse:

— *Oh, eu limito-me a sussurrar-lhe ao ouvido: "Larga-a aí, pá, esse é o melhor sítio para ela", e isso costuma resolver o assunto se eu estiver suficientemente em contacto com a mente dele.* —

Algumas pessoas podem rir-se disto ou considerá-lo inacreditável, mas este jovem era um comunicante de confiança, alguém que tinha fornecido as provas mais convincentes à sua mãe, ao seu pai e a outros parentes, ao longo de um extenso período de anos após a sua passagem. Ele era tão fiável em todas as suas outras afirmações que não vejo razão para desacreditar desta. Certamente que, quando a pessoa se dá conta do enorme número de bombas, tanto de tipo altamente explosivo como incendiário, que têm sido lançadas pelo inimigo em espaços abertos, quase de forma temerária, como se tivessem sido propositadamente atiradas para um terreno de descarga bem escolhido para lixo indesejado, bem se pode acreditar que alguma agência invisível desempenhou o seu papel naquilo que de outro modo pareceria ser um procedimento dos mais esbanjadores por parte de homens que foram enviados com o objetivo expresso de causar o maior dano possível com os materiais que tinham à mão.

Eu própria sei que muitas centenas de bombas incendiárias foram lançadas em pântanos abertos perto de uma cidade bastante congestionada onde teriam certamente causado uma grande quantidade de danos se tivessem caído diretamente sobre ela, ao passo que não causaram dano qual quer no local onde realmente caíram.

Este é apenas um caso entre um grande número, como muitas pessoas podem testemunhar. O espanto é, não a quantidade de destruição que os nazis causaram, mas quão *pouca*, considerando o número de homens, máquinas e munições que usaram nas suas operações sobre este país.

Sabemos que na última guerra houve muitos chamados milagres; intervenção sobrenatural que assistiu materialmente os nossos próprios homens; casos bem atestados, tais como os Anjos de Mons, os quais não podemos descartar com um encolher de ombros incrédulo. E já tem havido indícios de que uma tal ajuda espiritual está a ser dada novamente agora, nesta presente guerra, e continuará, estou convencida, a ser dada. O conhecimento de que assim é não deve retirar valor aos nossos próprios esforços. Deus e o Mundo dos

Espíritos ajudam aqueles que estão prontos e dispostos a ajudar-se a si próprios. Eles aumentam os nossos esforços, mas nunca os substituem.

Uma noite, recentemente, dei-me conta de que estava a viajar no meu corpo etérico. Sabia que tinha estado a ajudar algures, mas como, não me conseguia lembrar ao acordar, porque a memória foi apagada por um pequeno incidente que me interessou imenso. Dei comigo numa cidade à beira-mar; havia docas e parecia ser uma cidade portuária movimentada. Estava numa rua de casas pequenas cujas janelas estavam todas com as cortinas bem fechadas, e nenhum sinal dos habitantes terrenos era visível. As pessoas com quem me cruzei na rua eram todas como eu, pessoas a funcionarem temporariamente nos seus corpos etéricos, ou aquelas que tinham passado para o Lado de Lá e que pertenciam ao Outro Sais do Outro Lado. A rua em que me encontrava desembocava noutra, mais estreita e curta, que conduzia diretamente ao mar.

Estava ciente de que alguma tragédia tinha tido lugar recentemente e de que eram necessárias muitas pessoas para lidar com ela. Na verdade, parecia que turnos constantes de ajudantes encontravam o seu caminho descendo por essa rua em direção ao mar, a fim de renderem aqueles que vinham a afastar-se do local das operações, como eu própria vinha, embora não me conseguisse lembrar de quaisquer detalhes relativos a isso. A figura de um homem aproximou-se de mim. Havia algo de familiar no seu andar e na sua silhueta.

À medida que se aproximava, reconheci-o como um velho amigo que eu não via, nem, receio, recordava frequentemente, desde que era uma rapariga jovem; um capitão da Marinha Mercante, um homem rotundo e caloroso. Se ele alguma vez tinha mantido quaisquer crenças espirituais ou religiosas particulares, não fazia a mínima ideia. Certamente que nunca demonstrou qual quer inclinação para falar sobre elas comigo, se é que as possuía.

Eu associava-o habitualmente à ideia de festas e passeios animados, e a uma tendência para beber em demasia, e ele era

certamente a última pessoa que eu esperava encontrar desta maneira; nem tinha havido recentemente nada na minha vida terrena que pudesse ser ligado a ele, ou que me tivesse lembrado dele.

Enquanto corria em direção a ele, com as mãos estendidas, o seu velho sorriso bondoso e humorístico rompeu no seu rosto por um segundo, depois as suas feições retomaram rapidamente uma expressão mais séria, uma expressão que me era inteiramente estranha em todas as minhas memórias dele.

Ao olhar para ele, havia várias mudanças marcantes na sua aparência. Parecia algo mais jovem do que quando o tinha visto na terra pela última vez, o que fora há muitos anos, e a sua tez florida, um tanto arroxeadada, tinha agora suavizado para um bronzeado saudável. Havia um refinamento nas suas feições e expressão que faltara anteriormente, e que era particularmente notório agora. Ele exibia um sentido de dignidade e uma firmeza de propósito que eu nunca antes tinha associado a ele.

Quando na terra, ele estivera, naturalmente, habituado a exercer uma certa quantidade de autoridade como capitão de um navio pertencente a uma linha um tanto importante, mas tinha uma tendência para exibir um gênio impetuoso, quase mal controlado por vezes, ao passo que noutras ocasiões era extremamente jovial e de bom coração para com a maioria dos homens, e certamente para com todas as mulheres e crianças, entre as quais era um grande favorito.

Ao saudá-lo, ele pegou nas minhas mãos rapidamente com as suas e disse:

— *Sim, estou contente por te ver, minha querida. Mas estou a fazer algo importante, a ajudar neste assunto sério. Não posso ficar a conversar contigo. Encontrar-nos-emos de novo.* —

Ele largou as minhas mãos e, com um olhar bondoso, meio apologético, voltou-se e afastou-se rapidamente de mim. Fiquei de pé a olhar atrás dele e notei que usava um fato azul-escuro. Não era um uniforme, no entanto havia algo nele que sugeria categoricamente a sua profissão, e deduzi que o usava de propósito, sabendo que isso

ajudaria a fazer um apelo natural aos homens com quem se estaria a associar, pois ele estava a ajudar em algum desastre marítimo que acabara de ocorrer; a ajudar — como o meu pai descrevera — numa das equipas de resgate que estão sempre à espera para confortar e cuidar das vítimas de tais calamidades.

CAPÍTULO 20

SOMOS ESPÍRITOS AQUI E AGORA

Os estudantes da Ciência Psíquica obtêm habitualmente o seu conhecimento da Vida no Outro Lado quer através dos seus estudos e leituras, quer através de investigações por meio de médiuns experientes, ou, o melhor de tudo, através do desenvolvimento das suas próprias faculdades psíquicas. Infelizmente, a pessoa média tem sabido até agora muito pouco, em qual quer sentido prático, sobre as condições do Lado de Lá. Provavelmente sentiram pouco ou nenhum interesse no assunto até que alguma calamidade os avassale; habitualmente esta toma a forma de luto, a morte inesperada de um parente ou amigo piamente amado. A guerra deixa muitos sofrendores assim no seu rasto, e são estes que eu quero tentar ajudar neste capítulo.

A guerra cobra o seu tributo maioritariamente das fileiras dos jovens e dos que estão em forma. Mesmo que um certo número de pessoas mais velhas tenha sido morto através de ataques aéreos na guerra moderna, são habitualmente aqueles no auge da vida que estão em maioria, porque a sua própria aptidão física e juventude têm sido o meio de os atrair para as condições perigosas que conduziram à sua morte. Para aqueles que os amaram, o conhecimento de que assim tem de ser não suaviza o golpe quando este chega. Por vezes encaramos as mortes de pessoas idosas com uma certa quantidade de equanimidade, especialmente se as vimos passar por um longo período de má saúde e de rápido enfraquecimento da mente e do corpo.

Sabemos que elas provavelmente passariam para o Lado de Lá num espaço de tempo comparativamente curto em todo o caso.

Quando vemos aqueles a quem amamos, para cujo futuro tínhamos feito planos felizes, ceifados na flor das suas vidas — desaparecerem — sumirem-se no Desconhecido —, existe algo de quase aterrorizador no sentido de perplexidade que inevitavelmente sentimos, a menos que saibamos algo sobre o lugar, as condições, para onde eles foram.

O que lhes está a acontecer agora? O que estão a fazer? Como estão a viver? Os bons, os indiferentes, os — não — não posso dizer maus, porque não penso que muitos jovens possam ser colocados nessa categoria. Os seus "pecados" são frequentemente o resultado da ignorância, da hereditariedade ou do ambiente em que foram colocados sem culpa própria.

Deus conhece e tem piedade das tentações e fraquezas de todos nós. O Infinito compreende o Finito, visto que o Finito é incapaz de compreender o Infinito. Estou perfeitamente segura, julgando por uma longa experiência pessoal em condições que me colocaram em contacto direto com o assunto, de que o Amor Infinito tem uma Compaixão Infinita pelos erros da Juventude, e até pelas loucuras das pessoas mais velhas. Era desta Piedade e Compreensão que a Sarah Coolidge falava quando escreveu estas palavras:

Um Milhar de Mundos abrange o nosso; Um Milhar de Almas as nossas Almas encerra; E cada uma, os seus pecados e dores e poderes, O Senhor os vê, o Senhor os conhece; And E do Conhecimento Infinito floresce A rosa que não murcha da Piedade Infinita.

Ilumina a nossa escuridão, Senhor, o Mais Sábio; Tu que tudo vê, dá-nos a ver; Os nossos julgamentos são profanações, A nossa ignorância é crueldade; Enquanto Tu, sabendo tudo, não desprezas Perdoar até coisas tais como nós.

Tem sido o meu privilégio acompanhar muitos daqueles que passam subitamente para a terra para onde foram, ou ser visitada por eles pouco depois de terem deixado os seus corpos físicos. Ora, a maioria destas pessoas tem sido pessoas comuns, de mentalidade decente, não santos de forma alguma, nem as devemos considerar como sendo sempre perfeitas no carácter ou na ação por qual quer

esforço da imaginação — cuja elasticidade pode ser frequentemente medida pelo poder do nosso amor, não pela nossa razão.

Não haja engano quanto a isto. A primeira sensação de que estas pessoas bastante comuns estão cientes, nos seus corpos etéricos, é uma alegria sem limites, uma consciência de bem-estar tal como nunca conheceram durante as suas vidas terrenas; é impossível transmitir qual quer ideia adequada da sua felicidade — em palavras.

Vós — que carregais o fardo de um grande desgosto, um sentimento avassalador de perda, que sofreis a cada hora as "dores da morte" vós próprios, enquanto arrastais o agora miserável processo de "viver" —, vós para quem estou a escrever estas palavras, por favor escutai-me e acreditai que assim é, porque falo das coisas que sei e que acredito que Deus me permitiu experienciar para que as pudesse transmitir novamente àqueles que não têm conhecimento delas.

Tenho visto pessoas que "morreram", e que apenas tinham deixado os seus corpos terrenos escassos momentos antes de me aparecerem, todas gloriosas no seu recém-encontrado estado de felicidade. Na altura, eu estava totalmente ignorante de que elas tinham passado para o Lado de Lá, pelo que a visão não podia ser creditada a qual quer pensamento desejoso ou sentido de expectativa da minha parte.

No caso da minha própria mãe, o qual relatei em detalhe no *My Life in Two Worlds*, eu encontrava-me num local a cerca de trinta milhas de distância de onde a tinha deixado nessa manhã, e acordei a meio da noite para a ver a pairar sobre a minha cama, anos mais jovem, radiante na sua aparência de felicidade e saúde. Não foi senão na manhã seguinte que recebi o telegrama que me dizia que ela tinha passado para o Lado de Lá aproximadamente escassos momentos antes da hora a que me tinha aparecido.

O meu pai também me apareceu pouco depois da sua morte, a qual eu estava ciente que tinha ocorrido, embora não estivesse presente na altura. Ele também parecia estar na perfeição da saúde

corporal e da felicidade, percebia-o na total extensão e queria que eu o fizesse também.

Lembro-me de uma mãe me contar que soube o preciso momento em que o seu amado filho foi morto na guerra no estrangeiro, porque, enquanto escrevia cartas na sua secretária e, no momento, não pensava conscientemente no seu filho, sentiu-se subitamente preenchida com um sentido de êxtase, de uma liberdade maravilhosa, e com isso veio uma consciência do seu rapaz — uma realização da sua presença invisível, preenchendo-a com uma emoção vívida de alegria tal como ela nunca imaginara poder ser possível, e ouviu-se clamar em voz alta:

— *Ele está livre, o Ernest está livre. O seu corpo foi morto. A sua alma está livre.* —

Só mais tarde é que o desgosto natural da mãe pela perda do seu filho se afirmou. Quão triste é que falemos sempre do desgosto e dos estados negativos e infelizes da mente associados à morte — como naturais! O tempo virá em que seremos mais sábios, e o nosso sentimento de desgosto será diminuído pelo conhecimento de que eles — os nossos entes queridos — foram para um lugar muito mais feliz, onde as suas oportunidades são ilimitadas, e onde esperam alegremente pela nossa junção a eles quando chegar a altura certa. Encararemos a sua partida para o próximo mundo com algo da mesma equanimidade de quando a geração mais jovem nos deixa para assumir algum trabalho importante para o qual foi propositadamente educada e treinada, nalgum ponto muito distante do globo, do qual apenas podemos esperar a consolação de uma carta a intervalos infrequentes.

Pensamos numa tal separação como normal, algo contra o qual nos fortalecemos, porque sabemos que estão a assumir a carreira e o trabalho que se pensou ser o melhor para eles, e frequentemente planeado com grande trabalho e despesa. Não os iríamos reter por causa do nosso próprio encolher perante a separação iminente, embora não tenhamos garantia de que os voltaremos a ver neste mundo.

Ansiamos pela carta ocasional que esperamos receber, e essa é quase toda a consolação que podemos razoavelmente esperar por

muitos anos vindouros. No entanto, quando eles passaram para a Vida do Além, é possível para nós experienciar um sentido da sua proximidade tal como nunca tínhamos sentido antes. De tempos a tempos, podemos vê-los ou ouvi-los.

A mãe de quem vos acabo de falar, após sentir a grande alegria que o seu filho lhe estava a transmitir, sentiu inevitavelmente uma reação menos feliz mais tarde, quando teve de lidar com todos os assuntos comerciais e materiais decorrentes da Morte no plano da terra, e que são tão deprimentes porque, por longo uso ao longo dos séculos, estão associados a pensamentos sobre a finalidade e a falta de esperança da morte. Mas de novo, mais tarde, ela deu-se conta da presença do seu filho e, durante o seu estado de sono, foi capaz de o visitar, e ouviu como ele estava a progredir na sua nova vida. Isto aconteceu muitas vezes, e ela assegurou-me de que não desejaria o seu regresso à terra, agora que sabia da plenitude e felicidade da sua vida do Lado de Lá; estava mais do que contente por esperar até se poder juntar a ele.

Tanto a mãe como o filho tinham acreditado na possibilidade de comunicação com os Espíritos, embora tivessem muito pouca experiência prática em assuntos psíquicos antes de o filho passar para o Lado de Lá. A mente aberta cria um caminho aberto, o qual conduz a um conhecimento maior e mais profundo à medida que ficamos prontos para ele. Certamente que é uma regra que o homem ou a mulher médios, ao darem consigo separados pelo falecimento do corpo físico, estejam cientes do sentido de liberdade e de uma gloriosa facilidade de corpo e de mente.

Se souberem algo relativamente às condições das suas novas vidas e arredores de antemão, são capazes de fazer o uso mais pleno das suas oportunidades desde o início. Esta é uma das razões pelas quais os factos relativos à Vida no Além deveriam ser dados a conhecer a toda a gente, tão cedo nas suas vidas terrenas quanto possível, para que, quando tiverem de enfrentar a inevitável transição de um plano de consciência para outro na morte física, estejam bem equipados para a mudança.

Vários comunicantes de confiança do Outro Lado rogaram-nos para não tentarmos entrar em contacto numa sessão com aqueles que foram mortos na guerra até que estes tenham tido tempo amplo para perceberem as suas novas condições. Isto aplica-se particularmente àqueles que estão oficialmente listados como "desaparecidos — presumivelmente mortos". Caso tenham realmente passado para o Outro Lado, podem ser puxados para a tentativa de comunicar antes de estarem prontos para o fazer, e uma grande quantidade de confusão pode surgir, tanto para eles como para nós.

Podem captar as vibrações de pensamento da terra enviadas pelas pessoas que pensam, ou desejam, que eles possam ainda estar vivos. O seu sentimento natural é o de estarem vivos, e eles afirmam que assim é, acrescentando frequentemente descrições do local onde estão a ser cuidados, e dos médicos e curadores que os estão a ajudar, o que tudo se ajusta à ideia de um hospital na terra, e frequentemente leva o participante na sessão a acreditar que eles continuam nos seus corpos físicos.

Um facto essencial que todos devemos perceber antes de percorrermos qual quer distância apreciável na nossa viagem de descoberta pelo chamado Desconhecido é que nós somos espíritos aqui e agora. Nós possuímos os nossos corpos etéricos aqui e agora. Não temos de esperar até passarmos pelo processo da morte física a fim de sermos apresentados a um corpo novo e desconhecido, tanto como um homem naufragado, ao ser arrojado pelas águas nas margens de alguma costa estranha, poderia receber um fato de roupa com o qual se cobrir.

Os nossos corpos etéricos estão em parte encerrados nos, e em parte a rodear os, nossos corpos físicos. Na maioria dos casos, parecem assumir em si próprios as características dos corpos físicos aos quais estão ligados, exceto no caso de meras deformidades físicas, as quais não se mostram no corpo etérico a menos que a mente tenha registado uma impressão extremamente forte no organismo etérico. No caso de um corcunda, ou coxo, ou de alguém que perdeu um membro, o defeito não se duplica no etérico, em nenhum caso comum.

Teria de existir uma insistência incessante e anormal sobre isso para que assim acontecesse.

As linhas feias e a distorção das feições, ou mesmo das silhuetas, que brotam de pensamentos de ódio e de maldade, de anos passados em práticas cruéis e degradantes, iriam certamente estampar-se no corpo etérico, porque a alma e a mente de uma tal pessoa estão afetadas. O etérico toma a sua forma mais da mente e do caráter do que do físico.

O facto de sermos espíritos, e de possuímos estes corpos etéricos enquanto ainda funcionamos no físico, é responsável por uma boa dose de confusão e de mal-entendido entre os investigadores da ciência psíquica. Têm existido casos conhecidos, e cuidadosamente registados pela *Society for Psychical Research*, em que um homem comunicou numa sessão, deu muitos detalhes probatórios relativamente a si próprio, e afirmou que tinha passado para o Outro Lado. Por enquanto ele está convencido de que esta é a verdade, simplesmente porque está a funcionar no seu corpo etérico na altura da sessão, e está ciente de que é consciente de ser capaz de se mover e viajar de forma diferente, de que pode ver e não ser visto, ouvir e não ser ouvido, até se ligar às condições sensíveis e psíquicas na sala de sessões. Terá havido provavelmente muitas ocasiões anteriores em que este homem tinha viajado no seu corpo etérico não apenas na terra mas no Mundo dos Espíritos, onde pode ter encontrado e falado com muitos daqueles a quem consideraria, durante a sua vida terrena normal, como mortos. As suas experiências no Outro Mundo seriam esquecidas ao acordar a menos que, naturalmente, ele estivesse familiarizado com o assunto da sobrevivência, e com a existência do corpo etérico e das suas possibilidades.

O facto de tais pessoas, enquanto realmente vivas nos seus corpos terrenos, se terem "desprendido" e comunicado em sessões de forma muito semelhante à daqueles que passaram definitivamente para o Outro Lado, tem sido usado por pessoas cétricas, ou por aquelas que são antagónicas à ideia de intercurso espiritual entre os dois Mundos,

como um argumento contra a validade das reivindicações do Espiritismo.

Na verdade, isso apoia essas reivindicações. Se o corpo etérico e a mente conseguem funcionar separadamente, e de uma maneira tão clara e inequívoca, à parte do físico, embora ainda ligados a ele, não parece viável que continuem a fazê-lo após a morte do físico, quando uma maior liberdade e novas oportunidades estarão abertas para eles? Ele não morre com o corpo físico. A morte deste último permite-lhe funcionar de forma independente e permanente, ao passo que anteriormente apenas tinha sido capaz de escapar por curtos períodos.

Devido à possibilidade da capacidade da alma para se manifestar desta maneira durante a vida terrena, alguma confusão pode ser causada por vezes, mas devemos enfrentar os factos enquanto estudamos este assunto tremendo e importante, e o tempo e a paciência ajudar-nos-ão a lidar com tais dificuldades e perplexidades.

CAPÍTULO 21

A METAMORFOSE DA TIA JANE

Enquanto estou a escrever sobre o assunto do corpo etérico humano, gostaria de mencionar que os animais também possuem os seus homólogos etéricos, mas que, ao contrário do homem, não parecem ser capazes de funcionar neles senão após a morte física. Contudo, uma vez que o cordão esteja partido que liga os dois corpos, os animais ficam na posse dos seus corpos etéricos exatamente da mesma maneira que o homem.

Estou a falar de animais domésticos, e de outros que são capazes de amor, lealdade e de cooperação inteligente com o homem. Não tive qual quer comunicação com leões ou tigres, ou outros animais selvagens, ou com gado, mas concluo que estes vão para algum reino animal próprio. Em muitas ocasiões tive provas de que um animal tal como um cavalo, cão, gato ou ave foi para o mesmo lugar que os seres humanos, onde tem sido cuidado por aqueles que ou o conheciam e

amavam na terra, ou que gostam de todas as criaturas assim, e cuidam dele até que o seu dono por direito passe para o Lado de Lá e se junte de novo a ele.

Vimos viver para esta velha casa de campo em Cumberland, onde estou a escrever este livro — ou parte dele —, no início do verão de 1941. A parte traseira da casa tem vários séculos, julgo eu. Os quartos que a Sra. Plant, a Ruth e eu ocupamos foram construídos anexados à frente da parte mais antiga, há cerca de cem anos. Existe um jardim minúsculo, vedado dos belos prados inclinados e da alameda de árvores enormes que conduz à estrada, de modo a impedir as vacas de se servirem dos pedaços succulentos de vegetação e de flores que crescem neste pequeno recinto. É um lugar gracioso, presidido por pessoas graciosas e amáveis.

Cerca de uma semana após a nossa chegada, um par de gatos encontrou o seu caminho contornando a casa da parte de trás para a frente. Eram um tanto tímidos e inacessíveis ao início, mas gradualmente chegaram à conclusão de que éramos realmente pessoas bastante "gatais" — na sua própria interpretação desse termo — e tornaram-se amigáveis. Muito em breve juntaram-se-lhes mais duas criaturas na verdade muito selvagens; uma nunca permitia que uma mão humana lhe tocasse, mas passados tempos sucumbiu aos nossos galanteios e tornou-se tão dócil como as duas primeiras chegadas. Um quinto gato juntou-se à procissão felina que fazia o seu caminho com regularidade infalível até à nossa porta da frente, todas as manhãs. Pensámos, de facto, poderia dizer que começámos a esperar, que estávamos agora familiarizadas com a família dos gatos na sua totalidade, mas um dia abrimos a porta para descobrir que ainda outro, o animal com o aspeto mais estranho que alguma vez eu tinha visto, estava sentado no degrau da porta.

Era uma criatura grande, esguia, quase emaciada. Parecia ser de uma altura enorme, a julgar pelo comprimento das suas patas dianteiras esqueléticas, as quais não colocava quadraticamente por baixo de si, mas plantava ligeiramente de lado num ângulo

extraordinário em relação ao resto da sua anatomia. A sua imensa cabeça ossuda era também mantida a um ângulo estranho.

Nem a sua cabeça nem os seus membros pareciam pertencer por completo ao seu corpo. Era como um brinquedo de corda que perdeu os braços, as pernas e a cabeça, e teve estes substituídos de uma maneira casual por outros que de forma alguma se ajustavam ou harmonizavam com o tronco original. A sua aparência geral e comportamento sugeriam um embaraço agudo e uma timidez humilhante das suas próprias peculiaridades físicas. Uma cauda extremamente longa e atenuada dava o toque final a todo o estranho conjunto.

Assim que o vi, batizei-o de "Esmola-pelo-amor-de-Allah". Não havia outro nome possível para ele, na minha mente. Nunca viajei no Oriente, mas esta estranha criatura lembrou-me imediatamente imagens e peças orientais que tinha visto, que retratam pobres mendigos deformados sentados à entrada dos edifícios, numa atitude de piedosa súplica.

Chamei pela Sra. Plant e pela Ruth: — *Venham ver este gato de aspeto curioso no degrau da porta.* — Elas vieram, e concordaram que era de facto uma criatura curiosa, até de aspeto bizarro. Contudo, ele logo se tornou amigável e mostrou o mais profundo apreço por qual quer afeto que lhe déssemos, e também revelou uma natureza muito inteligente, bondosa e amorosa que, com o tempo, nos tornou por completo alheadas da sua falta de atrações pessoais e de vestuário.

Fomos informadas pela nossa simpática esposa do agricultor de que "ele" tinha tido várias famílias de gatinhos, e que o "seu" nome verdadeiro era Darkie. Entretanto ele — quero dizer ela — se tinha tornado tão querida para nós que sentimos que merecia algo melhor do que Esmola-pelo-amor-de-Allah, ou o nome comum e óbvio de Darkie. Havia algo de estranhamente humano nesta gata quando a passámos a conhecer — grotesca e pateticamente humana — e a Sra. Plant sentiu-se inspirada a rebatizá-la com o digno nome de Tia Jane.

Como ela era extremamente surda, não penso que soubesse, ou se importasse com a constante mudança de nomes a que estava sujeita. Com o seu curioso sentido instintivo, ela percebia quando era chamada, ou quando se falava com ela, e de forma contorcida fazia o seu reconhecimento. Ela contorcia-se com tudo. Era o único gesto apropriado de que era capaz. Contorções gratas, contorções afetuosas, contorções apologéticas. Todas contorções, e ela era muito cheirete. Não era uma criatura doce, no sentido habitual desse termo, mas sim querida e amável.

O seu cheiro vinha da sua surdez, que se devia a cancro nos ouvidos, e a sua surdez foi a sua perda.

Uma manhã, um grande camião de mercadorias subiu a alameda e entrou pelos grandes portões que conduziam ao pátio da quinta. Após o motorista ter entregue as suas mercadorias na porta das traseiras, subiu de novo para o seu assento e ligou o camião, não notando a Tia Jane, que estava sentada serenamente a lavar-se imediatamente por baixo de uma das rodas.

E a Tia Jane aparentemente não viu o motorista; nem o ouviu.

Poucos minutos depois, foi encontrada morta perto do local onde a roda do camião lhe tinha batido. A sua dona entrou para nos contar, e reunimo-nos, as quatro, com olhos lacrimosos e corações tristes, para chorar o falecimento da nossa querida, peculiar e amorosa amiga, a Tia Jane.

Percebi que a sua morte foi um grande golpe para a Sra. Plant e para a Ruth, às quais ela se tinha afeiçoado particularmente. Durante vários dias elas ficaram muito deprimidas e mal podiam acreditar que nunca mais veriam a forma angular da Tia Jane a insinuar-se, numa série de movimentos tipo concertina, ao redor da borda da porta.

Exatamente treze noites após a sua morte, eu estava na cama e tinha estado a dormir, ou antes, a dormitar levemente, quando me dei conta de que alguém ou algo me tinha acordado subitamente. O quarto estava muito escuro, mas a atmosfera ao meu redor e perto de mim parecia mais leve do que o resto do quarto. De forma bastante clara, vi

a silhueta de um gato grande e belo, estendida para minha inspeção, segundo parecia, por mãos que me eram invisíveis, pois encontravam-se ocultas pelo corpo do gato que sustentavam.

A cabeça imensa e bela pendia ligeiramente para baixo, de modo que não conseguia ver o rosto. Notei o pelo extremamente luxuoso e aveludado que cobria o corpo magnificamente formado, e um belo exemplar de cauda que se curvava graciosamente ao redor das partes traseiras do animal. O mesmo pelo rico e escuro cobria as longas patas.

Patas longas. Sim, patas muito longas, mas agora não visivelmente fora de proporção com o corpo bem preenchido e de belas formas.

A minha mente deu um esturro; a minha cabeça também deu um esturro levantando-se da almofada. No mesmo momento, o gato ergueu a cabeça e olhou em direção a mim, embora não exatamente para mim.

Era a Tia Jane, *alias* Darkie, *alias* Esmola-pelo-amor-de-Allah.

Não havia como confundi-la. A sua extraordinária personalidade revelava-se nos seus olhos e expressão, mas os seus velhos aspetos de humilhação e de atitude apologética tinham desaparecido, tendo o seu lugar sido tomado por um ar de contentamento e de complacência prazenteiro e divertido de contemplar.

Assim que a reconheci, ela desapareceu da minha vista. Sabia que alguém ma tinha trazido de propósito, mas não conseguia ver quem. Na manhã seguinte, enquanto pensava sobre o incidente, senti-me mentalmente impressionada de que o filho da Sra. Plant, o Ralph, a tinha trazido; ele era muito afeiçoado a gatos quando estava na terra. Contei à Sra. Plant e à Ruth sobre isso, e soube que a primeira tinha dito constantemente: — *Se ao menos eu soubesse que a pobre Tia Jane estava feliz — a ser cuidada! Ela deve sentir tanto a nossa falta, e do afeto que lhe dávamos.* —

Penso que o Ralph pressentiu o desgosto e a ansiedade da sua mãe relativamente à gata, e trouxe-a a mim de propósito, sabendo que as minhas faculdades psíquicas estão desenvolvidas de modo a que possa ocasionalmente ver por clarividência durante as noites paradas e quietas, e sentiu que a sua mãe poderia não ser capaz de o fazer.

CAPÍTULO 22

O LADO MAIS LEVE DA VIDA NO ALÉM

Deve ter havido uma aberta nas nuvens psíquicas nesta altura, uma espécie de desimpedimento no éter, porque na noite seguinte àquela em que vi a Tia Jane tive uma experiência que foi tão feliz quanto inesperada.

Durante algum tempo, o meu marido tinha-me estado a avisar para não procurar por fenómenos durante as condições de guerra, nem para me concentrar em tentar viajar durante o sono no meu corpo etérico. A experiência que estou prestes a relatar responde a uma pergunta que me é frequentemente colocada, especialmente por pessoas jovens e ativas. Elas perguntam:

— O que fazem as pessoas no Outro Lado? Além de orarem e de prestarem atenção a todas as coisas sérias que possam fazer parte da sua educação espiritual, existem formas de recreação? Existem divertimentos, alguma diversão? Será sempre uma existência solene, cheia de boas obras e de obtenção de autodisciplina? —

Existe habitualmente uma expressão um tanto lúgubre nos seus rostos quando me colocam estas questões. Os ensinamentos religiosos ortodoxos não deram qual quer informação definitiva relativamente à vida além desta física. É-nos dito que a Casa de Nosso Pai existe, e que nela "há muitas moradas", mas não nos é dito o que se passa nessas moradas, que tipo de vida nelas se vive, e que género de pessoas as habitam.

A teologia não nos deu nenhuns dados reais relativamente à vida após a morte; na verdade, uma grande quantidade de ignorância — e o

preconceito cego que brota da ignorância — preenche as mentes de muitas pessoas relativamente aos princípios elementares da própria religião. Em outras palavras, elas não conseguem ver a Floresta Espiritual por causa das Árvores Teológicas cuja natureza não conseguem compreender. Um ecrã de matéria desnecessária, frequentemente superficial, foi interposto entre elas e a Verdade pura e simples.

Recentemente, estava sentada num autocarro atrás de duas mulheres, uma muito grande em estatura e de comportamento autoconfiante, a outra magra e de aspeto um tanto desalentado, a julgar pelo que conseguia ver das suas vistas traseiras e perfis.

A senhora forte disse: — *Suponho que saiba que o Reverendo vem fazer os serviços na semana de domingo?* — A magra murmurou um — *Não* — e não pareceu achar que isso importasse de qual quer forma. A primeira, para não se dar por vencida, continuou num tom cada vez mais beligerante: — *Sabe o que ele vai fazer?* — O que apenas obteve outro apático — *Não* — da sua companheira.

— *Bem,* — com crescente ênfase — *ele vai dar-nos alguns ritoais. É isso o que ele vai fazer.* —

A senhora magra, evidentemente com a mente voltada para a comida, acordou consideravelmente e disse esperançosa:

— *Vitualhas? Quando é que ele vem?* —

— *Não, ritoais. Ritoais, eu disse. Como os que ele nos deu quando veio antes.* —

— *Ritoais? O que é isso?* —

Houve uma pausa. A senhora grande ficou sem resposta, mas em nada desanimada, afirmou: — *Bem, é isso o que ele vai fazer, escreva as minhas palavras.* — Depois, sombriamente: — *E eu vou saltar-lhe à espinha. Vou-lhe dar uma lição, veja se não dou.* —

Pelo seu tom e expressão, conseguia ver que o pobre Reverendo estava sujeito a passar por um momento desagradável, embora

estivesse provavelmente a viver numa ignorância mais ou menos feliz do destino que o aguardava quando trouxesse os seus "ritoais" consigo. Eu tinha uma ideia bastante perspicaz de que, quer ele se entregasse a qual quer ritual ou não, receberia na mesma uma reprimenda da senhora. Alguém tinha de servir de bode expiatório para compensar esta pobre mulher pelo seu estado de privação espiritual. Ela — tal como outros — poderia estar normalmente inconsciente disso, no entanto isso rói continuamente a alma e é o cancro na raiz de muita da nossa inquietação e descontentamento.

Agora devo voltar à experiência que tive, a qual, até certo ponto, responde à interrogação sobre se existem quaisquer divertimentos na vida no Outro Lado. Ao falar-vos sobre isso, sei que estou a convidar a uma incredulidade divertida, talvez desdenhosa, por parte de alguns leitores; "Um sonho parvo", consigo ouvi-los dizer. Não, não é um sonho parvo. Aprendi a distinguir entre um mero "sonho" e uma experiência fora do corpo no Outro Lado da Vida.

Demora algum tempo a conseguir fazer isto, e existem momentos em que a pessoa pode estar incerta, mas existem tantas mais ocasiões em que não há a menor dúvida sobre o assunto. É amplamente uma questão de prática e de experiência, como o são todas as outras formas de investigação ou de trabalho experimental. Por isso, tal como com outros episódios que descrevo neste livro, não peço desculpa por o fazer; estou a falar para benefício daqueles que querem saber o que lhes posso contar.

O dia seguinte àquele em que vi a gata, a Tia Jane, calhou ser um aniversário muito querido e estimado. Era o dia em que, há muitos e longos anos, me dei conta pela primeira vez de que me importava com o meu marido — a quem tinha conhecido há apenas pouco tempo na altura — e de que ele se importava comigo. Por isso, neste aniversário fui para a cama a pensar em todos os outros aniversários que tinham passado entretanto, e particularmente sobre aquele que mencionei num capítulo anterior, o qual ocorreu durante os bombardeamentos em Londres.

Tinha estado a dormir, tinha acordado novamente, e senti-me a derivar conscientemente para dentro do meu corpo etérico. Tentei reter a plena consciência de tudo o que pudesse acontecer a seguir, mas fui incapaz de o fazer. Ocasionalmente, a pessoa está ciente da transição de um corpo para o outro, e também da viagem real — se lhe podemos chamar isso — para o Outro Lado. Noutras alturas, está-se consciente da troca de corpos, e não se sabe mais nada até se chegar ao destino da pessoa.

Assim foi comigo nessa noite. Dei comigo num quarto grande e agradável. Tinha um teto alto, janelas amplas, e muitas plantas floridas belas encontravam-se no quarto. Não notei a mobília particularmente, mas tudo parecia estar em harmonia e condizente. Havia muitas pessoas presentes, algumas das quais eu conhecia, bem como estranhos. Todos pareciam estar felizes. Havia o mesmo ar de alegria contagiante que eu tinha notado numa ocasião anterior quando assisti ao reencontro da minha velha amiga Margaret com o seu marido, logo após a sua "morte" no verão de 1938.

Não fiquei surpreendida ao ver o meu marido de pé ao meu lado. Ele estava vestido com um fato de jantar, e parecia particularmente bem e jovem, e sorria feliz para mim da sua altura superior. Havia uma orquestra oculta em qual quer lado e, enquanto eu olhava com interesse para tudo ao meu redor, esta começou a tocar. Qual era a melodia, não sei, mas havia algo de indescritivelmente estimulante, no entanto acalmante, nela. Fazia um apelo extraordinário às emoções e à memória, sem perturbar o prazer e a alegria reais do presente.

Enquanto permanecia ali, percebi que tinha estado um pouco mais de tempo nestas condições do que aquele de que tinha estado ciente, mas que tinha acabado de acordar para elas, por assim dizer. O meu marido colocou o seu braço ao meu redor, pegou na minha mão direita com a sua esquerda, e movermo-nos suavemente juntos no ritmo de uma valsa moderna.

Não, não discutimos quaisquer assuntos profundos ou sérios. Não parámos para analisar o mistério ponderoso de estarmos ali juntos,

nem objetámos ou questionámos qual quer coisa. Estávamos contentes por desfrutar deste interlúdio celestial, e por o aceitar agradecida e felizmente. Outros casais pareciam estar a sentir-se como nós, e a sua alegria contribuía para a nossa — a nossa para a deles.

Notei com algum divertimento que o meu marido conseguia realizar passos muito mais complexos do que os que fizera durante a sua vida terrena, quando, para me agradar, tinha concordado em receber lições de um professor de dança de salão moderna. Ele apenas aprendeu o estritamente necessário a fim de caminhar mais ou menos graciosamente pelo salão, mantendo o tempo perfeito, mas não ia mais além em emular a minha paixão por estudar a técnica dos passos mais elaborados.

Agora, no Outro Lado, quaisquer que fossem os passos que ele realizava, executava-os com uma eficiência suave que tornava o segui-lo uma tarefa agradável e fácil. Sem palavras ou explicações, compreendi, como a pessoa faz quando vive, mesmo que temporariamente, no corpo etérico sensível, que esta sincronização de movimentos era simbólica da harmonia e suavidade que emana de todas as atividades, trabalho ou diversão, nos planos Espirituais. Tudo o que as pessoas que vivem num plano progressivo se propõem fazer, é levado a cabo de uma tal maneira que não interfere com, ou frustra, os planos e o trabalho dos outros.

Se houvesse o perigo de o fazer, um sentimento instintivo contra a realização do projeto logo se faria sentir. Aqueles que não são capazes de responder a tais instintos de aviso não são capazes de comandar e usar a força para qual quer esforço individual importante. Têm de trabalhar com — e sob a direção de — almas mais desenvolvidas até terem ganho sabedoria suficiente para lhes permitir fazê-lo. A vida no Outro Lado é cooperativa e unificada, no entanto nunca se deteriora para um estado mecânico ou automático, porque é essencialmente progressiva.

Ao passo que estávamos a dançar incansavelmente, sem esforço, calhou olhar para o rosto do Fred, e notei novamente quão jovem ele

parecia. Percebi que ele agora aparentava ser pelo menos vinte anos mais jovem do que eu, ao passo que, quando vivia na terra, tinha sido quase vinte anos mais velho! Esta descoberta causou-me um certo choque. Perguntei-me se ele notava a diferença nas nossas idades e aparência. Na terra, ele tinha ficado sempre altamente divertido quando estranhos por vezes nos confundiam com pai e filha. Agora perguntei-me se eles nos poderiam possivelmente confundir com mãe e filho. Sendo mulher, não fiquei divertida.

Ele pressentiu o meu pensamento não falado. Parou de dançar e, segurando-me pelo braço, conduziu-me para fora do salão. Passámos por muitos outros quartos, e descemos longos corredores. A minha mente pareceu prestar pouca atenção a estes e, após o que me pareceu ser um tempo considerável, demo-nos conta perto da entrada de um quarto pequeno, cuja porta estava pesadamente coberta por uma cortina.

O meu marido afastou a cortina e, continuando a segurar-me pelo braço, conduziu-me para dentro e através do quarto (que estava um tanto tenuemente iluminado) até nos encontrarmos perto da parede voltada para a entrada. Vi então que esta parede era composta por qualquer material que não parecia vidro, no entanto dava reflexos como um espelho faz. Ele empurrou-me gentilmente para a frente em direção a ela e, ao olhar para as suas profundezas, vi a minha própria silhueta refletida claramente nesta parede misteriosa.

Era eu própria como aparentava há muitos anos. Fiquei sobressaltada com a extraordinária diferença entre a imagem de mim própria como aparecia agora e aquela que me encarava diariamente na terra, a partir do meu espelho. O meu rosto tinha readquirido as suas curvas suaves, todas as linhas tinham desaparecido, mas a diferença mais marcante era no meu cabelo. Este eu uso "curto" no meu corpo físico, e tinha-se tornado de um castanho um tanto desbotado. Agora, na minha cabeça etérica, era extremamente longo e loiro, como costumava ser. Tinha um brilho brilhante e natural, e caía muito abaixo da minha cintura numa massa espessa e sedosa.

Ao contemplar este meu eu rejuvenescido, não pude deixar de contrastar mentalmente isso com a minha aparência terrena, e este pensamento atuou — como tais pensamentos fazem sempre — como uma espécie de íman, puxando-me de volta para o corpo físico em que estava a pensar. Comecei a perder a consciência do que me rodeava etericamente, e acordei novamente no meu quarto na terra a sentir-me contente por causa do meu feliz encontro com o meu marido, e da descoberta de que não tinha envelhecido no meu corpo etérico, mas tinha retido a aparência de rosto e de silhueta que possuía à idade de vinte e cinco ou vinte e seis anos.

Existem muitas pessoas, especialmente mulheres, que se perguntam se aqueles que as amaram, e que passaram para o Outro Lado alguns anos antes, veem os estragos que a idade crescente faz no rosto e na forma físicos. Elas não precisam de se preocupar. Sinto-me segura de que são os nossos corpos etéricos que são percebidos por aqueles no Outro Lado, não as nossas coberturas físicas. Mas estou a lidar mais detalhadamente com este ponto noutro capítulo.

CAPÍTULO 23

PODEMOS AJUDAR AQUELES

QUE PASSAM PARA O LADO DE LÁ

A ansiedade aguda relativamente ao bem-estar de alguém deixado para trás na terra impedirá por vezes a consciência de responder rápida e felizmente às suas novas condições, especialmente quando a morte chegou de forma violenta ou inesperada.

Isto é particularmente verdadeiro quando a pessoa não teve qualquer conhecimento relativo à Vida no Além durante a sua jornada terrena. Na última guerra, Sir Oliver Lodge emitiu uma mensagem da

maior importância para os enlutados, dizendo-lhes quão pouco prestável é para os recém-falecidos se eles — os enlutados — se entregarem a um desgosto excessivo.

Se aqueles que são deixados para trás tentassem esquecer a sua própria dor e enviassem os pensamentos corretos para aquele cuja perda choram, poderiam ser extremamente prestáveis. Na verdade, não se pode sobrestimar a extensão em que se pode ajudar e encorajar aqueles que recentemente passaram para o Outro Lado ao adotar a atitude correta de mente para com eles, enquanto nos mantemos nós próprios tão alegres e calmos quanto seja humanamente possível.

Sim, é difícil fazer isto; mas não temos nós feito frequentemente sacrifícios supremos por aqueles que amamos, durante as suas vidas terrenas, e considerado tais sacrifícios como nada — menos do que nada? Então por que não levar o nosso altruísmo um pouco mais longe, e ajudá-los a estabelecerem-se nas suas novas vidas ao aliviá-los da ansiedade e da infelicidade relativamente a nós próprios?

Durante esta presente guerra, um jovem a quem chamarei Geoffrey passou para o Outro Lado durante um ataque aéreo numa das nossas grandes cidades. Ouvi os detalhes da sua passagem e do seu despertar no seu corpo etérico após a morte através da sua mãe, que mais tarde entrou em contacto com ele e obteve algumas mensagens notavelmente prestáveis e probatórias da parte dele.

Nestas, ele contou-lhe que, ao despertar pela primeira vez para a consciência no seu corpo etérico, não fazia a mínima ideia de que estava realmente "morto". (Provavelmente isto deveu-se em parte ao facto de ter acordado enquanto ainda estava na terra, e em parte porque era inteiramente ignorante relativamente aos factos da vida após a morte, embora tivesse sido um crente firme na religião ortodoxa e fosse um cristão no sentido amplo do termo.)

Ele disse que ficou imediatamente ciente de uma agradável leveza de corpo e de uma alegria de mente; um sentimento de que "tudo estava bem" com ele, como nunca tinha experienciado antes.

Por um pouco de tempo, ele banhava-se neste feliz estado de bem-estar tanto do corpo como da mente.

Depois, tornou-se consciente de que estava deitado no chão, no meio de um cenário de tal desolação e destruição que ficou estupefacto com a sua própria capacidade de se sentir tão notavelmente feliz e confiante quando rodeado por tais condições. Sentiu-se impulsionado a afastar o horror do seu redor da sua mente, e a voltar-se para algo — alguém — que ele não sabia o que era, que o chamava — o atraía —, como se uma mão invisível tivesse sido colocada no seu braço. Uma voz desconhecida pareceu sussurrar-lhe: — *Não fiques perturbado ou aflito com o que vês ao teu redor. Destaca-te disso, e então poderás libertar-te e vir connosco para onde pertences. Não tens ligação agora com estas condições.* —

— *Sim, estou ligado a elas. Não posso deixá-las. Há algo que tenho de fazer aqui. Tenho de me recompor e descobrir o que aconteceu,* — foi a sua resposta natural e, usando a sua força de vontade a fim de focar a sua atenção nos objetos ao seu redor, voltou-se deliberadamente de costas para os Ajudantes Invisíveis que o tentavam afastar, e que sabiam perfeitamente bem a reação infeliz que se iria instalar se ele persistisse em permanecer onde estava.

Ele olhou para a enorme massa de destroços que se encontrava por todo o seu redor, e tentou reconstruir as suas memórias dos acontecimentos que deveriam ter conduzido a um estado de coisas tão terrível. Começou a lembrar-se de ter ouvido um estrondo tremendo e, agora, a memória completa do ataque aéreo que tinha causado a devastação regressou-lhe.

Pareceu-lhe extraordinário que não sentisse dor. Percebeu que deveria ter passado por um período de inconsciência após a bomba ter caído e destruído o edifício em que estava a trabalhar. Conseguia mover os seus membros livremente e estava aparentemente por completo sem ferimentos, o que o surpreendeu consideravelmente. Tinha observado frequentemente os feridos a serem transportados em macas após um ataque aéreo, sentindo uma pena terrível pela sua triste

situação, pelo que agora sentia um alívio intenso com a sua própria "fuga", e pensou imediatamente na sua mãe, a quem ansiava ver o mais rapidamente possível a fim de lhe fazer saber que não só estava vivo, mas sem ferimentos.

Estava agora dia, e o Geoffrey conseguia ver a silhueta dos edifícios que tinham ficado de pé, bem como os restos dos que foram demolidos; no entanto, a atmosfera parecia um tanto nevoenta, como se a alvorada tivesse dado entrada a um dia ligeiramente de neblina. Ou poderia ser que ele tivesse calculado mal o tempo que decorreria desde que a bomba caíra, e que poderia agora ser o início da noite a avançar, e não a manhã.

Sempre que calhava estar livre, tinha sido seu costume encontrar-se com a sua mãe na esquina da rua seguinte, e procedeu agora rapidamente para o local, prestando pouca atenção às pessoas que se encontravam reunidas ao redor, a tirar notas de, e a trabalhar no enorme monte de pedra, tijolos, cimento e metal retorcido que formava o local em que ele anteriormente tinha vivido e trabalhado.

Quando alcançou o local de encontro habitual, a sua mãe não estava lá. Esperou algum tempo — um longo tempo, pareceu-lhe — e observou para si próprio que, embora algumas horas devessem ter decorrido desde que recuperara a consciência pela primeira vez, a penumbra ou escuridão que se aproximava e que ele tinha então notado não tinha aumentado, embora — julgando por todos os padrões comuns — devesse agora ter ficado completamente escuro.

Começou a sentir-se muito preocupado para o caso de a sua mãe ter ouvido relatos da tragédia, pois sabia que ela estaria terrivelmente ansiosa relativamente à sua segurança. Embora continuasse a achar difícil juntar as ideias mais naturais e simples na sua mente, começou a lembrar-se de que ela tinha ido para o campo por alguns dias, pelo que naturalmente não poderia estar ali para se encontrar com ele.

Não se conseguia lembrar de por que razão ela se tinha ausentado, mas sabia que o tinha feito muito contrariada, como se tivesse pressentido que algum perigo o ameaçava, embora como regra

ela não fosse excessivamente nervosa a este respeito. O Geoffrey pensou então para si próprio: "Se ela ouviu falar de o edifício ter sido bombardeado, que alívio será para ela quando souber que estou seguro."

Mesmo assim, desejava poupar-lhe a ansiedade que sabia que ela sentiria entretanto. Contudo, não havia nada a fazer senão esperar, e ele perguntou-se para onde deveria ir, e onde poderia ficar passar a noite. Após cobrir a curta distância de regresso ao que restava do seu velho edifício, porque o hábito do pensamento o conduzia naturalmente de volta a ele, viu duas ou três pessoas que conhecia e costumava encontrar regularmente no decurso da sua vida diária; por isso aproximou-se delas.

O Geoffrey tinha sido um homem um tanto reservado para a sua idade, de quem se gostava e a quem se respeitava, mas não com o hábito de formar amizades próximas facilmente. As poucas pessoas que eram afortunadas o suficiente para o conhecerem minimamente bem valorizavam a sua amizade e respondiam calorosamente a ela. Por isso, agora ele ficou perplexo quando não obteve resposta às suas observações relativamente à recente catástrofe. Repetiu-as várias vezes, continuando sem efeito. Começou a sentir-se preocupado e tentou colocar-se mesmo em frente da pessoa a quem se dirigia, mas esta parecia olhar através dele, e não para ele. Passou de uma para outra, daquelas que conhecia para aquelas que lhe eram estranhas, mas ninguém prestou a menor atenção a ele.

Afastou-se para a extremidade da rua, para onde esta desembocava na artéria principal. De novo se dirigiu a certas pessoas que se encontravam de pé em pequenos grupos, mas elas não lhe responderam. Notou que aquelas que caminhavam pelo passeio se moviam cautelosamente, como se apalpando cuidadosamente o seu caminho, e percebeu com um choque considerável que a hora do recolher obrigatório tinha chegado, e que estava evidentemente bastante escuro, e estas pessoas encontravam o seu caminho com dificuldade em consequência, ao passo que para ele estava apenas

nevoento, e com a clareza justamente suficiente para distinguir objetos e pessoas mais ou menos claramente.

Cedo começou a perguntar-se se estaria realmente tão sem ferimentos como ao início parecera estar. Perguntou-se se teria sofrido uma concussão quando a bomba caiu, e lembrou-se de histórias que tinha ouvido sobre os efeitos secundários curiosos, frequentemente muito retardados, de um tal estado. Apalpou a cabeça cuidadosamente, mas não conseguiu sentir vestígio de qual quer ferimento, mas isso não o consolou por completo, pois pensou que era possível sofrer uma concussão sem qual quer sinal exterior da sua existência.

Subitamente, começou a sentir-se muito sozinho, e um tanto amedrontado, como uma criança que se dá conta de estar perdida num local estranho. Combateu um ataque iminente de pânico e, recompondo-se, decidiu apresentar-se no hospital mais próximo e explicar os sintomas que o intrigavam, na esperança de obter não apenas tratamento médico, mas também uma explicação para a sua curiosa alucinação — pois era assim que era agora forçado a considerá-la — de ter falado com pessoas que não lhe responderam quando o fez.

Sim, pensou ele, esta ideia de que tinha falado com pessoas deve ter sido ilusão, ou delírio, devido ao estado confuso do seu cérebro. Provavelmente não tinha sido capaz de tornar a sua voz audível, ou então tinha imaginado que se colocara em frente das pessoas e se dirigira a elas.

"Vou tirar da minha mente todas as ideias sobre se falei com alguém, ou não," pensou ele, "e fazer a coisa sensata — ir direto para o hospital."

Esta instituição ficava, ele sabia, a apenas escassas centenas de jardas de distância; e vencendo severamente a tentação de tentar mais uma vez a sua sorte ao procurar atrair a atenção de algumas das pessoas que continuava a pensar ver, para o caso de vir apenas a experienciar o mesmo resultado inquietante, refez os seus passos passando pelos restos do seu velho edifício o mais rapidamente

possível. Sentiu que não queria tentar repetir a sua experiência — ou o que pensava ser uma experiência — de falar com as pessoas e não obter resposta delas, para o caso de estar apenas a agravar e a complicar o seu problema, se este fosse realmente devido a qual quer ferimento interno na sua cabeça.

Quando chegou ao hospital, ou àquela parte dele que permanecia intacta — pois este edifício também tinha sofrido através dos ataques aéreos —, abriu caminho em direção a uma porta onde se lembrava que estaria um homem de serviço. O Geoffrey logo o encontrou, e viu que ele estava inclinado sobre um livro a fazer qual quer registo nele. Entrou imediatamente num relato conciso e, como lhe parecia, claro relativamente ao seu despertar da inconsciência, e aos seus delírios subsequentes, e pediu para ver um médico, e obter uma opinião sobre tudo isso, e algum tratamento.

O homem não prestou absolutamente nenhuma atenção a ele. Nem sequer levantou os olhos do seu livro. O Geoffrey encontrava-se a apenas um par de pés de distância dele, mas agora inclinou-se para mais perto, de modo que o seu rosto quase tocava o do homem, e parecia que ele, o Geoffrey, estava a gritar com ele, mas nenhuma resposta veio. O homem poderia ser perfeitamente surdo, e cego também, para todo o efeito que se produziu nele.

Após escassos minutos, o homem fechou o livro e passou por uma porta na parte de trás do quarto. O Geoffrey ficou ali, impotente e sem esperança. O sentimento de pânico que o tinha atacado na rua ameaçava avassalá-lo novamente. Desta vez ele não tentou combatê-lo, porque percebeu que estava agora demasiado exausto mentalmente para fazer o esforço necessário. Na sua vida terrena tinha tido sempre um sentido inato de, e uma crença na, existência de Deus, e uma fé absoluta na eficácia da oração. Não era de forma alguma um homem que exibisse as suas ideias religiosas em frente dos outros, na verdade pouco diria sobre elas à maioria das pessoas, mas à sua mãe tinha frequentemente afirmado a sua crença no poder e no amor de um Ser Divino, Alguém cujas Leis trabalhavam inteiramente para o nosso bem se ao menos conseguíssemos reconhecê-las e cooperar com elas.

Agora, na sua extremidade, percebeu que tinha de apelar por ajuda a um Poder mais elevado do que o das pessoas na rua, ou o do homem no gabinete, ou o de qual quer pessoa viva no mundo ao seu redor, e enviou uma prece fervorosa, uma súplica que pareceu ser arrancada das próprias profundezas da sua alma.

À medida que orava, por hábito fechou os olhos enquanto o fazia, e pareceu que toda a consciência dos locais e das coisas ao seu redor se derreteu. Deu-se conta de que mãos de cura lhe tocavam, o seguravam de uma maneira tranquilizadora; braços bondosos e confortantes amparavam a sua cabeça e ombros. Sentiu-se contente por se entregar aos cuidados destes amigos invisíveis, e não teve desejo de abrir os olhos novamente, nem teve qual quer curiosidade relativamente à identidade dos seus ajudantes.

Ao entregar-se a eles, sentiu-se a derivar para um sono profundo e, como contou à sua mãe numa das suas sessões, não fazia a mínima ideia de quanto tempo permaneceu nele, mas acordou num local na verdade muito diferente daquele cenário de desolação e destruição que tinha deixado para trás.

Por enquanto, toda a memória da sua experiência penosa tinha desaparecido, e ele estava contente por relaxar e entregar-se por completo ao sentimento de paz e segurança que agora o preenchia. Não desejava saber quem eram estas almas amigas que cuidavam dele, e cuja própria presença o acalmava. Por enquanto, estava contente por derivar neste estado que frequentemente experienciamos na terra durante aqueles escassos momentos em que jazemos na cama, totalmente relaxados no corpo e na mente, imediatamente após acordarmos do sono — no entanto antes de termos readquirido a consciência completa — e desejamos poder prolongar a condição indefinidamente.

Mas, exatamente como o chamamento natural para a atividade nos acena para fora deste estado sonolento para uma consciência mais plena da vida terrena e da sua azáfama, assim o Geoffrey começou a sentir o desejo de se mover, de saber onde estava, em que género de

lugar se encontrava, e que tipo de pessoas o rodeava. Viu que havia muitos dos seus parentes e amigos reunidos ao seu redor. Alguns tinham "morrido" quando ele era uma criança, outros em tempos mais recentes, e aumentou o seu sentimento de segurança e baniu a sua solidão quando descobriu entre eles muitos de quem tinha gostado e em quem tinha confiado nos velhos tempos.

Por um pouco de tempo ficou intrigado, no entanto, por estranho que pareça, não seriamente perturbado, quando percebeu que todas estas pessoas, sem exceção, estavam "mortas". Ora, esta é uma experiência que é comum à maioria das pessoas que passam para o Além, e que têm tido pouco ou nenhum conhecimento relativamente ao tipo de vida que reside além da Morte.

Quando se tornam conscientes no Outro Lado, a explicação que habitualmente lhes ocorre é a de que estão a sonhar — a sonhar com aqueles que estão "mortos e idos", aqueles a quem na terra tinham amado e esquecido, ou então amado e lembrado com um desgosto que, a fim de suavizar a sua própria dor insuportável, colocou as suas memórias de um lado embrulhadas na alfazema e no alecrim de lamentos suaves — coisas sagradas, mas apenas memórias. O primeiro e mais natural pensamento que parece vir a tais pessoas quando acordam e se dão conta de estarem rodeadas por aqueles a quem amaram e "perderam" é alegria, alegria obscurecida pela perplexidade, e pela ideia de que tem de ser — pode ser — apenas um sonho do qual logo acordarão.

Esta explicação foi uma das que se sugeriram ao Geoffrey quando viu ao seu redor várias pessoas que tinha conhecido há anos, durante as suas vidas terrenas, e que tinham morrido desde então; mas, no seu caso, não estava ninguém presente com quem ele desejasse permanecer indefinidamente. A experiência parecia estar a durar muito mais tempo do que um sonho comum. Começou a perguntar-se quando iria acordar, e o pensamento na sua mãe voltou a surgir-lhe na mente. Iria vê-la nesse dia? A que horas, e quando, tinha combinado fazê-lo? Quanto tempo tinha desperdiçado nesta condição confortável e dormitante, quando se deveria estar a mexer e a preparar-se para os

acontecimentos do dia para os quais poderia, mesmo agora, estar terrivelmente atrasado?

A sua ansiedade foi pressentida de imediato por aqueles ao seu redor. À medida que ele se esforçava por se levantar, uma mão de contenção foi colocada no seu ombro, e deu consigo a olhar para o rosto de um homem cuja expressão estava cheia de compreensão humana e de bondade, combinada com uma dignidade de comportamento que era das mais impressionantes.

Havia algo de muito familiar na aparência deste homem. Enquanto o Geoffrey fitava inquiridoramente o seu rosto, viu que as feições e a expressão eram semelhantes às de uma velha fotografia que a sua mãe possuía, e mesmo antes de o estranho falar e lho dizer, percebeu que este deveria ser o seu pai, que tinha passado para o Lado de Lá há muitos anos, quando ele, o Geoffrey, era um bebé.

"Continuo a sonhar. Esta é outra pessoa morta", foi o primeiro pensamento que lhe veio, mas seguindo-se-lhe rapidamente aos calcanhares veio a convicção de que esta teoria do sonho não explicaria tudo o que a sua consciência, que despertava rapidamente, estava agora a começar a revelar-lhe. Pareceu-lhe que o seu reconhecimento da presença do seu pai desempenhava um papel importante neste agitar da memória e da mente. O sentido intuitivo do que é correto ou errado, verdade ou falácia, que aguarda para se afirmar em cada alma que formou o hábito de pensar claramente, começou a afirmar-se no Geoffrey.

O seu pai falou-lhe, dizendo-lhe de uma maneira tranquila e calma que carregava absoluta convicção consigo, que ele, o Geoffrey, tinha deixado o seu corpo físico para sempre. Não regressaria a ele, porque este tinha sido tornado inabitável, inútil, ferido além de qualquer reparação, através dos ferimentos que tinha recebido no recente ataque aéreo.

À medida que a verdade lhe era revelada, e ele percebia que se encontrava agora nalgum estado ou lugar diferente daquele em que a sua mãe existia, um anseio terrível assaltou-o, um anseio de a ver, de

atenuar o desgosto e o choque que sabia que ela estaria a sentir, ao dizer-lhe que estava vivo e bem, sem ferimentos, são de corpo e mente, e que sentia exatamente o mesmo amor por ela que tinha sentido na terra.

Sabia que ela choraria por ele, ansiaria por o ver, ouvir, sentir o conforto da sua presença; e ele ansiava por lhe incutir que, embora este conforto pudesse ser temporariamente retirado dela, continuava a existir, e ele não tinha mudado em relação a ela de maneira qual quer.

A partida não significa o esquecimento. As palavras do Thackeray aplicavam-se ao Geoffrey, e aplicam-se a todos aqueles de quem a Morte se separa por um tempo, pelo que as cito aqui:

"Partida e esquecimento? Que coração fiel consegue fazer isto? Os nossos grandes pensamentos, os nossos grandes afetos, as verdades das nossas vidas, nunca nos deixam. Seguramente que não se podem separar da nossa consciência; seguirão para onde quer que esta vá; e são, pela sua natureza, divinos e imortais."

Todos aqueles que passam para esse Outro Mundo descobrem rapidamente a verdade dessas palavras. O sentimento e o pensamento são aguçados, não embotados, após a chamada morte. O afeto que tem sido uma inspiração, um conforto ou consolo na terra, tem sido a dádiva de Deus para nós, e não é retirado porque a alma à qual foi dado mudou de residência, e se transferiu do corpo físico para o etérico.

Essa mudança de um corpo para o outro não é de modo algum disruptiva. Tudo o que nos atraiu nas nossas vidas terrenas nos atrairá na Vida do Além. O Tomás de Kempis disse: "A tarde da vida tomará o seu caráter do dia que a precedeu", e isto aplica-se ao amor, à memória e ao sentimento sincero de todo o género e descrição.

Apesar da sua intensa ansiedade relativamente à sua mãe, o Geoffrey deu consigo a começar a responder a este pai — que nunca tinha conhecido na terra — com uma avidez que teria surpreendido aqueles que conheciam o seu caráter um tanto reservado. Mais tarde, quando comunicou com a sua mãe através de mim, descreveu-lhe este

encontro, e falou-lhe sobre a coragem e a esperança que este lhe tinha dado, porque percebeu que, se o seu pai existia neste novo mundo e o podia encontrar e ajudar a ele, Geoffrey, então, com o decurso do tempo, ele poderia, por sua vez, encontrar e acolher a sua mãe.

Este pensamento preencheu-o de alegria; sentiu que podia esperar pacientemente agora porque estava à espera de uma certeza, algo que estava destinado a acontecer eventualmente, e que não lhe podia ser negado. Ao mesmo tempo, sabia que a sua mãe poderia não ser capaz de encarar a situação sob a mesma luz. Sentia que eles perceberiam que ele continuava a viver, algures, de algum modo, mas a consciência plena da verdade que era agora sua, não seria — não poderia ser — dela, a menos que ele conseguisse comunicar com ela e falar-lhe sobre isso. Perguntou ao seu pai se o podia ajudar a entrar em contacto com ela, e foi-lhe assegurado que todos os esforços seriam feitos nessa direção. Foi-lhe dito que um grupo de pessoas que tinha uma longa e variada experiência num tal trabalho estaria pronto para lhe dar instrução, e também para o acompanhar quando ele fizesse a sua primeira tentativa de chegar à sua mãe.

Foi avisado de que poderia achar difícil fazer com que ela o visse ou ouvisse de qual quer maneira definida, e que, se falhasse nas suas tentativas de comunicar com ela diretamente, poderia ser ajudado a fazê-lo através do organismo de alguma outra pessoa cujas faculdades psíquicas fossem mais desenvolvidas do que as dela poderiam ser.

Ao início, o Geoffrey recuou um pouco perante esta sugestão. Sentia que o amor e a compreensão que tinham existido entre si e a sua mãe deveriam ser suficientes em si mesmos para lhe permitir dizer-lhe tudo o que ansiava dizer. Sentia-se relutante em expressar o lado pessoal íntimo do seu amor e interesse nela através de um estranho. A sua cortesia inata impediu-o de dizer isto, mas os seus pensamentos foram pressentidos pelo seu pai, que explicou que havia certas dificuldades a enfrentar em qual quer tentativa de chegar às pessoas na terra diretamente, devido à ignorância relativamente à comunicação com os espíritos que ainda existia. Esta estava, contudo, a ser gradualmente derrubada pelo trabalho de investigação de

eminentes cientistas, pensadores e estudantes do assunto que, desafiando todo o ridículo e ceticismo que frequentemente se exhibe para com eles, estavam gradualmente a fazer com que as suas conclusões fossem sentidas e respeitadas pelo resto da comunidade.

Disse que a mãe do Geoffrey possuía indubitavelmente alguns dons psíquicos naturais e, devido à sua natureza artística e sensível, seria provavelmente mais recetiva à influência dos espíritos do que a maioria das pessoas. Mesmo assim, poderia ser difícil influenciá-la justamente no momento certo, quando ela própria pudesse estar no estado de espírito ou condição corretos. O seu desgosto natural poderia causar uma tal ansiedade do seu lado que era duvidoso que ela fornecesse a condição necessária de recetividade psíquica.

O Geoffrey descobriu que isto era na verdade demasiado verdadeiro quando, mais tarde, realizou a sua primeira tentativa de falar com ela. Antes de o fazer, teve muitas experiências maravilhosas no Outro Lado; tantas ideias novas — ou novas luzes sobre velhas verdades — lhe foram reveladas que estas teriam preenchido volumes por si mesmas. Quanto mais via e ouvia, mais ansiava por fazer a sua mãe saber tudo sobre isso, porque sabia quão profundamente isso apelaria à sua inteligência e sentido do bom e do belo.

À medida que começava a olhar ao seu redor, ficou grandemente confortado na sua mente pela evidência que viu relativamente ao lugar importante que o amor ocupava neste Novo Mundo. Viu que o amor persistia além do túmulo, e se manifestava mais fortemente do que qual quer outra força ou emoção, exceto talvez a piedade; não a emoção fraca, vazia e sentimental que por vezes se mascara sob esse nome, mas a emoção real e semelhante à de Cristo que brota dos poços profundos do Amor, e lhe é afim.

Neste plano, o Geoffrey descobriu que o amor e a simpatia são dados livremente a todos os que lhes abrem os seus corações. Isto é uma dádiva maravilhosa para aqueles que passam para o Lado de Lá em sofrimento, ou estão cheios da amargura do desapontamento relativamente às relações humanas na terra. Preenche-os com uma

esperança e fé renovadas nos seus semelhantes, e neles próprios. Mais uma vez sentem que podem ousar amar sem medo de serem traídos. A Ella Wheeler Wilcox disse:

Dá o teu amor livremente, Não contes o custo, Uma coisa tão bela nunca se perde A longo prazo.

CAPÍTULO 24

O AMOR ENCONTRA O CAMINHO

O Geoffrey escutou atentamente o conselho que lhe foi dado por comunicantes experientes no seu próprio plano. Quando chegou o momento de visitar a sua mãe, ficou espantado ao descobrir que tinha decorrido um tempo muito curto desde a sua passagem. Tanto parecia ter-lhe acontecido, tantas novas experiências tinham surgido no seu caminho, que parecia que ele deveria ter passado para o Lado de Lá há um tempo considerável. Lembrou-se cuidadosamente das instruções que lhe foram dadas, dizendo-lhe para esquecer tudo — por enquanto — exceto a sua mãe; não devia esforçar-se ou lutar para se concentrar nela, mas pensar nela como se lembrava dela, calmamente, quietamente e de forma persistente. Isto ele esforçou-se por fazer, e mais tarde contou-lhe que não conseguia descrever qual quer detalhe da viagem que realizou para a visitar, nem conseguia explicar por que método viajou.

Pareceu-lhe que, instintivamente, fechou os olhos e barrou todos os objetos exteriores da sua visão, no seu esforço para a visualizar; e, quando os abriu de novo, estava consciente de uma atmosfera um tanto penumbrosa ou nevoenta, que subitamente lhe lembrou a condição em que se tinha encontrado ao acordar pela primeira vez para a consciência fora do seu corpo físico, quando este último tinha sido morto pela bomba.

Entretanto, esta experiência tinha-se desvanecido da sua mente, e nenhuma alusão tinham sido feitas a ela por qual quer um dos seus companheiros no Outro Lado. Descartou rapidamente a memória disso

no seu grande desejo de falar com a sua mãe. Na penumbra que o impedia de ver mais do que uma pequena parte do quarto em que se encontrava, percebeu a silhueta dela atirada sobre uma cama, num abandono de desgosto. Os seus medos quanto à reação dela à notícia da sua morte estavam confirmados.

Ajoelhou-se ao lado dela, colocou os seus braços ao seu redor e apertou-a contra si, ou pareceu-lhe que o fazia. Não houve resposta. O seu corpo frágil tremia com a violência do seu desgosto, cuja intensidade ameaçava afetar também o Geoffrey, embora ele tivesse sido avisado de que, se cedesse a qual quer emoção excessiva, isso o impediria de exercer qual quer influência sobre a sua mãe. Na sua vida terrena ele tinha sido um homem com uma grande quantidade de autocontrolo e organização de mente; isto veio agora em seu auxílio e, enquanto continuava ajoelhado ao lado dela, forçou-se severamente a um estado de espírito calmo.

O conhecimento da necessidade dela ajudou-o a fazer o esforço, e orou quietamente, no entanto fervorosamente, para que a força lhe fosse dada para penetrar através da angústia dela, e dar-lhe alguma medida de consolação. Em escassos momentos viu com alívio que o soluçar dela se tornou menos violento, e cessou gradualmente. Ela tinha estado deitada parcialmente de bruços, mas agora ergueu-se ligeiramente sobre os cotovelos e olhou em redor inquiridoramente.

O seu rosto estava devastado pelas lágrimas que tinha vertido, mas já não estava contraído. Um olhar nascente de surpresa, iluminado pelo mais ténue raio de esperança, surgiu nas suas feições, e ela sussurrou inquiridoramente, com espanto, suplicantemente:

— *Geoff?* —

Resistindo ao anseio de mais uma vez a envolver nos seus armos e de expressar o seu próprio amor e anseio, continuou a incutir-lhe a ideia de si próprio, da sua presença, e a dar-lhe um sentimento de garantia quanto à realidade da sua existência e amor por ela. Ela pareceu sentir algo disto, porque disse de novo:

— *Geoff?* — Depois, um momento mais tarde: — *Geoff, estás aqui? És mesmo tu? Fala comigo se fores tu.* —

Ele respondeu: — *Sim, estou aqui. Estou vivo. Tenta acreditar nisso. Ganha coragem para continuares a viver, e espera para te juntares a mim. Encontrar-nos-emos de novo e, entretanto, ajudar-te-ei por todos os meios ao meu alcance.* —

(Estas palavras devem ter sido ditas milhões de vezes, por milhões de almas que regressam e anseiam por confortar aqueles a quem amam, e a quem veem sofrer as dores do luto.)

O Geoffrey viu que a sua mãe não ouvia a sua voz, mas a sua expressão tornou-se mais calma. Ela voltou-se e deitou-se de lado e, enquanto fitava o espaço, olhando, como o Geoffrey sentia, através dele, sem o ver, ele soube que alguma medida de conforto tinha sido transmitida da sua mente para a mente dela. Sentia-se um tanto cansado ele próprio agora, no entanto satisfeito e contente por ter vindo vê-la, e por ter sido, até certo ponto, bem-sucedido nesta que foi a sua primeira visita a ela. Sentiu-se a retirar-se quietamente da cena, por nenhuma vontade sua. Pareceu regressar ao seu próprio plano sem qual quer consciência de como lá chegou, exatamente como tinha acontecido na sua viagem dele para a terra.

À medida que se habituava à sua nova vida no Mundo dos Espíritos, o Geoffrey encontrou muitas coisas que o interessavam imensamente. A principal era a realidade de tudo o que via. Nenhuma terra de sombras era esta, mas um lugar que parecia muito mais satisfatório para a mente e para o corpo do que aquele que tinha deixado recentemente.

Sim, mente e corpo, porque descobriu que o seu corpo espiritual era uma réplica do seu físico, mas com esta diferença: não sentia qual quer impulso para as coisas e ações que apelam apenas ao corpo e não deixam impressão na mente, nem moldam o caráter, nem se sentia atraído a fazer qual quer coisa que pudesse causar dor a qual quer outro ser.

Descobriu que não estava privado de prazeres corporais simples. Alguns, tais como viajar e caminhar, e o fascinante método de movimento — uma combinação de deslizar e de "roçar o chão" que descobriu ser recorrido por aqueles que estavam do Lado de Lá há algum tempo, de preferência a caminharem realmente no chão —, eram todos uma alegria para ele. O seu corpo nunca ficava cansado, embora por vezes se desse conta de um cansaço mental ao visitar a terra nalguma missão para ajudar as pessoas, mas isto passava rapidamente quando regressava ao seu próprio plano.

Descobriu que as ocupações e interesses eram muitos e variados no carácter, abrangendo quase todos os tipos que tinham sido seguidos na terra, com a exceção daqueles que causavam sofrimento a qual quer criatura, humana ou animal. Aquelas pessoas que eram artisticamente dotadas na terra, músicos, pintores e escultores, para mencionar apenas alguns, continuavam com o seu trabalho, e aquelas que sentiam o desejo de tais ocupações na terra, mas eram privadas delas por dificuldades e considerações do mundo, descobriram que podiam agora seguir a sua inclinação natural e expressar o seu sentido de beleza na forma que surgisse mais naturalmente para elas.

O Geoffrey amava a cor e a música, mas não conseguia banir por completo da sua mente os sofrimentos do plano que tinha deixado tão recentemente. Lembrava-se da destruição e desolação que tinha testemunhado muitas vezes após um ataque aéreo, dos mortos e dos feridos.

Ele também se lembrava da sua própria perplexidade ao acordar pela primeira vez após a sua morte física, e sentiu que preferia abdicar de muitos dos prazeres da sua nova vida até que melhores condições prevalecessem na terra; e, entretanto, determinou dedicar todas as suas energias a ajudar aqueles que passavam para o Lado de Lá sob condições de guerra, como ele tinha feito, sem preparação ou conhecimento do que se encontrava diante deles.

Esta foi uma escolha sábia da sua parte, pois era frequentemente capaz de ver a sua mãe enquanto trabalhava no plano da terra.

Percebeu que ela nunca mais seria completamente feliz até se juntar de novo a ele no seu próprio plano, mas sentiu que a devia ajudar a tirar o melhor partido das coisas. Ficou muito preocupado com ela, pois pressentia a sua solidão e percebia que ela sentia a sua falta de forma mais aguda à medida que o tempo passava. Ficou profundamente perturbado quando descobriu que havia momentos em que ela se sentia tentada a cometer suicídio a fim de o seguir, e de descobrir para onde ele tinha ido. Ela sentia a certeza de que ele existia em qual quer lado, e a sua única ideia era estar com ele novamente. Ele sabia que, se ela cedesse a esta tentação, descobriria que a morte pelas suas próprias mãos não forneceria solução para os seus problemas. Pelo contrário, a sua solidão seria intensificada, pois teria colocado uma barreira tremenda entre si própria e ele.

Por conseguinte, ele sentiu-se aliviado quando descobriu que ela se tinha decidido a ir a uma sessão e a tentar falar com ele através de um médium experiente. Ela foi impelida a fazê-lo porque possuía percepção psíquica suficiente para sentir que o Geoffrey estava por vezes perto dela, mas não o conseguia ver, embora uma noite tivesse pensado que tinha feito ambas as coisas, mas tivera receio, como muitas pessoas têm, de que a experiência pudesse ser apenas o resultado de um pensamento desejoso. Foi principalmente a fim de obter confirmação relativamente às visitas dele que ela se sentiu encorajada a assistir a uma sessão com um médium de transe, através do qual obteve algumas provas que a convenceram de que o seu filho vivia, a amava e estava a tentar ajudá-la.

Nesta sessão, o Geoffrey contou-lhe que estava ciente das suas intenções de cometer suicídio — e profundamente angustiado com as mesmas —, e explicou-lhe que, se o fizesse, daria consigo num plano diferente do dele — um plano com o qual ele acharia muito mais difícil contactar do que se ela tivesse permanecido na terra, porque se teria retirado deliberadamente do seu lugar de direito. Em vez de esta ação a trazer para mais perto dele, resultaria em estarem mais afastados do que antes. Assegurou-lhe que a oportunidade para aperfeiçoar a alma e o carácter durante la vida terrena era uma dádiva

preciosa, concedida a nós para que pudéssemos estar prontos para assumir os nossos lugares na Vida do Lado de Lá, em condições que são indescritíveis na sua beleza e na riqueza de oportunidades para um maior progresso.

Outros comunicantes, além do Geoffrey, me disseram que, se deitarmos deliberadamente fora a nossa oportunidade de obter a nossa necessária educação da alma na terra, temos de sofrer por isso ao darmos-nos conta de estar numa condição onde é mais difícil progredir do que o era no nosso estado anterior. Na terra estamos nos nossos "lugares de direito", não importa quão intrigantes e difíceis as coisas possam por vezes parecer, e podemos obter ajuda e encorajamento daqueles no Outro Lado; ao passo que se, devido à nossa própria relutância em enfrentar as realidades da vida, cortarmos deliberadamente o cordão que liga o nosso corpo etérico ao físico, damos-nos imediatamente conta de estar no lugar "errado"; errado porque não é aquele no qual era pretendido que funcionássemos.

Contrariamente às nossas expectativas, descobriremos que este se encontra ainda mais em desarmonia com os nossos desejos e inclinações naturais do que as condições da terra das quais de forma tão voluntária nos desprendemos.

Este plano para o qual nos projetámos é também "errado" para aqueles que vivem nas esferas mais elevadas. Estimuladas pelo seu amor e piedade, estas almas mais evoluídas são capazes de visitar ocasionalmente o "plano dos suicidas", mas a comunicação com aqueles que o habitam é mais difícil do que com as pessoas no plano da terra. Sabemos que a comunicação com estas últimas não é de modo algum perfeita ainda, devido à ignorância geral que existe relativamente às condições necessárias. Esta ignorância do que deveria ser um intercuro perfeitamente natural entre aqueles que se amam e desejam ajudar-se mutuamente existe em ambos os lados da vida, nalguns casos.

Aqueles que passaram recentemente e estão, por isso, intensamente desejosos de comunicar, estão frequentemente por

completo alheados da possibilidade de o fazer. Mesmo aqueles que, como o Geoffrey, mantiveram uma certa quantidade de crença na religião ortodoxa, podem ter uma ideia muito vaga quanto ao tipo e maneira de vida que irão levar após a Morte, ou quanto ao conhecimento necessário para tirarem o melhor partido de quaisquer oportunidades disponíveis para visitarem aqueles que deixam para trás na terra.

Nas suas sessões com a sua mãe, o Geoffrey contou-lhe muito sobre a sua vida no Outro Lado, e ela começou a perceber que o seu desgosto excessivo era a única coisa que o impedia de ser completamente feliz na sua nova vida. Sentiu que tinha sido intensamente egoísta, devido à sua ignorância dos factos simples da Vida e da Morte — e da Vida novamente. Foi um grande choque para ela descobrir que este único ser amado, o Geoffrey, por quem teria feito de bom grado qual quer sacrifício a fim de garantir a sua felicidade, tinha estado seriamente preocupado por sua causa. Prometeu-lhe ansiosamente que abandonaria todos os pensamentos de suicídio e que faria o seu melhor para ser feliz enquanto trabalhava e esperava para se juntar a ele. O Geoffrey, por sua vez, assegurou-lhe que, quanto mais corajosamente ela tentasse fazer isso, mais ele seria capaz de a ajudar.

Mais tarde, ela descobriu que isto era verdade e tornou-se cada vez mais ciente dele, e consciente dos seus esforços para a ajudar. Além de assumir algum trabalho útil que a ajudou física e mentalmente, deu consigo capaz de ajudar outras pessoas enlutadas ao falar-lhes da sua própria experiência ao perder e encontrar o seu filho.

Esta curta história do Geoffrey e da sua mãe apoia o apelo de Sir Oliver Lodge aos enlutados. Embora seja natural para nós chorarmos, sentirmos a falta da presença física daqueles a quem amamos, devemos lembrar-nos de que, nos primeiros dias da sua nova vida no Outro Lado, a felicidade deles está nas nossas mãos. Eles sabem que vamos sentir a sua falta. Percebem que nos conseguem ver ou ouvir frequentemente, ao passo que nós estamos cegos e surdos à sua presença.

Simpatizam connosco, mas eles próprios estão rodeados por pessoas que já estiveram separadas desta mesma maneira, mas que desde então foram unidas e estão a viver juntas mais uma vez em perfeita alegria e harmonia. Este conhecimento ajuda os nossos entes queridos, recém-chegados ao Além, a contemplarem o tempo que tem de decorrer antes de nos podermos juntar a eles com muito mais equanimidade do que nós conseguimos; mas, quanto mais esperançosa e felizmente formos capazes de o encarar, mais facilmente poderão eles assumir as suas novas vidas, desimpedidos de cuidados ansiosos por nós e pelos nossos desgostos.

CAPÍTULO 25

REMORSO E EXPIAÇÃO

A ideia mantida por muitos professores da Lei Espiritual de que a Mente Infinita não nos despreza pela nossa ignorância e estupidezes, ou mesmo pelo mal e crueldades que delas advêm, é de facto verdadeira.

A piedade Infinita decreta que, quando acordamos pela primeira vez após a morte física, nos é imediatamente permitido ter um gosto — um vislumbre — da vida mais plena e nobre que pode agora ser nossa se nos qualificarmos para ela.

O Amor Infinito, sendo Todo-Sábio, decreta que devemos compreender quando estivemos errados, e aprender a retificar os nossos erros sempre que for possível fazê-lo, a fim de que, mais tarde, possamos entrar na posse total das nossas maiores possibilidades e poderes; mas é-nos dada uma oportunidade para "obtermos os nossos pontos de orientação" nas nossas novas condições antes de começarmos esta parte da nossa educação espiritual.

Ao enfrentarmos o conhecimento de como e por que razão agimos erradamente durante as nossas vidas terrenas, temos por força de experienciar muito remorso e dor. Mas não somos encorajados a fossar sem esperança numa tal condição; na verdade, não nos é

permitido permanecer em qual quer estado negativo por um momento que seja mais longo do que o absolutamente necessário para aprendermos a nossa lição a partir da revisão dos factos. Assim que estes são percebidos, somos ajudados a começar a endireitar os males que fizemos e, onde for impossível fazer isto, somos encorajados a realizar esforços que, em alguma medida, compensem ou melhorem as condições pelas quais somos responsáveis, mas que descobrimos não conseguir alterar por completo.

Existe uma satisfação em trabalhar para este fim a qual, na terra, frequentemente nos negamos, porque preferimos permanecer num estado de autocomiseração e lamento sem ação, em vez de nos mexermos para assumirmos as nossas falhas e fazermos algum esforço para endireitar as coisas. Se não conseguimos compensar aquele a quem prejudicámos, poderíamos esforçar-nos por ajudar outrem, e encontrar uma paz ao fazê-lo que nos espantaria e encorajaria.

No Outro Lado aprendemos rapidamente que, se um método de restituição nos está fechado por ato nosso, outros estão abertos; existem oportunidades infindáveis de reabilitação e de cooperação com a Vontade e Propósito Divinos ao mesmo tempo.

Escrever estas palavras lembra-me de tocar no desgosto daqueles deixados para trás na terra — o desgosto que pode ser amargurado pelo lamento.

O George Eliot escreveu sobre "a angústia do pensamento de que nunca poderemos expiar junto dos nossos mortos o afeto contido que lhes demos, as respostas leves com que retribuímos as suas queixas ou as suas súplicas, a pouca reverência que mostrámos a essa alma humana sagrada que viveu tão perto de nós, e que foi a coisa mais divina que Deus nos deu a conhecer."

Não percam de vista o facto de o George Eliot ter dito: "O pensamento de que nunca poderemos expiar", porque na realidade podemos sempre expiar qual quer ferimento que lhes possamos ter feito, ao vivermos as nossas vidas terrenas de uma tal maneira que Eles saibam que estamos a fazer o nosso melhor porque os amamos, e

desejamos provar a profundidade e a sinceridade desse amor, como talvez sintamos que falhámos em fazer enquanto eles estavam connosco na carne. Não haja engano; eles veem o interior das nossas mentes e leem o que lá está escrito, e os nossos esforços para levarmos vidas melhores, mesmo que por vezes falhemos, são preciosos penhores para eles da nossa lealdade.

Não tenham medo de tentar por causa de uma possível falha. Eles dizem-nos frequentemente que é o tentar que conta, e que a coragem que nos impele a tentar novamente após repetidas falhas é a expressão mais convincente que lhes podemos dar do nosso amor.

A própria consciência de que estamos a tentar traz-nos a sua própria paz interior, ao passo que a consciência de que estamos a desperdiçar o nosso tempo e substância em lamentos inúteis, numa piedade mórbida, quer por nós próprios, o que é desprezível, quer por aqueles que passaram para o Lado de Lá, o que é fútil e em todo o caso desnecessário, cria em nós um tumulto interior e uma insatisfação que gera um verdadeiro cancro nas nossas almas e mentes. Nenhum bem pode advir daí; é uma barreira autoerguida ao nosso próprio progresso espiritual, e dá dor àqueles que passaram para a Vida do Além, e a quem professamos amar mas nos recusamos a servir. É a nossa mente subconsciente, ou de consciência inferior, que tão facilmente reage a todas as emoções negativas; a superconsciência responde naturalmente aos estados mais inspiradores e positivos.

Aqueles que estão libertos do corpo físico estão libertos da mente subconsciente, e do cativeiro do medo que esta se inclina a impor-nos. Eles respondem aos impulsos da superconsciência e à sua percepção dos Poderes Infinitos que residem no seu interior. Mesmo na terra podemos aprender a tornarmo-nos cientes das nossas possibilidades ocultas, através do reconhecimento da existência da superconsciência, e à medida que aumentamos a nossa recetividade a ela, o poder da consciência inferior diminuirá.

Este estado de espírito mais feliz e mais construtivo trará naturalmente para mais perto da mesma vibração de Ser que a

daqueles que vivem na Vida do Além, e descobriremos que temos acesso às suas mentes, e uma maior percepção da sua presença e desejo de nos ajudar. Descobriremos que, quanto mais eles progridem, maior é a sua felicidade, mais anseiam por derramar um pouco dela sobre nós, e fá-lo-iam frequentemente se apenas conseguíssemos formar o hábito de viver e de pensar segundo linhas mais construtivas.

Tem sido meu privilégio encontrar ocasionalmente os corpos etéricos de alguns dos meus amigos que deixaram temporariamente os seus corpos físicos durante o sono e estão a visitar aqueles a quem amam no Outro Lado, obtendo assim algum descanso e fuga da estreiteza, talvez da solidão, das suas vidas terrenas. Tenho ficado frequentemente espantada com a diferença entre a aparência dos seus corpos terrenos e etéricos, e fervorosamente tenho desejado poder fazê-los compreender a felicidade que estavam a perder na terra pela sua incapacidade de serem conscientes das suas próprias experiências no Outro Mundo e, o mais importante de tudo, o facto de terem estado em contacto com aqueles que amam, cuja existência por vezes duvidam, porque o Mundo dos Espíritos é invisível para a visão não aberta.

Eles parecem achar difícil aceitar a evidência que lhes é oferecida por pessoas cujos dons psíquicos estão mais plenamente desenvolvidos do que os seus próprios possam estar, e que lhes poderiam falar sobre a Vida no Além, e sobre o amor e lealdade incessantes que são derramados sobre eles, apesar da sua surdez, cegueira e incredulidade.

De tempos a tempos nos é dada na terra a prova do facto de que aqueles que amamos permanecem inteiramente leais a nós. Esta lealdade nunca esmorece ou falha; o passar do tempo não surte efeito qual quer sobre ela, a menos que seja para a fortalecer.

CAPÍTULO 26

DEMASIADO BOM PARA SER VERDADE?

Como uma ilustração da lealdade inabalável Daqueles no Outro Lado, devo contar-vos um pouco da história da Kathleen e do Victor. Ambos estes nomes são pseudónimos que estou a usar por razões pessoais, mas posso afiançar a exatidão das afirmações feitas, e caso isso ajude qual quer investigador sério, a Kathleen confirmá-las-ia, eu sei.

O Victor foi morto na parte inicial da guerra de 1914-1918. Deixou para trás uma jovem viúva, a Kathleen, com quem apenas estivera casado por um período muito curto antes de ir para a Frente, onde foi mortalmente ferido. Tinham passado por muitas vicissitudes antes de se casarem, e conheciam-se há um número de anos, e foi um golpe terrível serem separados após uma vida de casados tão breve, embora gloriosamente feliz. Após a passagem do Victor, a Kathleen interessou-se pelo Espiritismo, e entrou em contacto com ele, e ele foi bem-sucedido a dar algumas provas notavelmente boas da sua identidade, o que por um tempo a tornou muito feliz, e aliviou consideravelmente a sua solidão.

Infelizmente, certos assuntos no plano material vieram à luz logo após ela começar a comunicar com o Victor. Ficou perplexa e penalizada por certas disposições que descobriu que ele fizera antes da sua passagem, as quais sugeriam que ele nem se importara tanto nem confiara nela na extensão que ela tinha pensado; pelo menos esta foi a impressão que formou quando confrontada com os factos aparentes. Ficou profundamente ferida com o que tomou como prova da sua falta de confiança nela, e da falta de consideração pelo seu bem-estar.

O Victor pressentiu este estado infeliz de coisas e, várias vezes, em sessões realizadas através da minha mediunidade, assegurou à Kathleen que tal não era o caso. Disse-lhe que ele e ela eram almas gémeas, e que a amava e confiava nela absolutamente, e que sempre o tinha feito quando na terra. Disse que não havia fundamento de qualquer espécie para ela pensar de outro modo, e rogou-lhe que acreditasse nele. Um dia, disse ele, ela saberia que esta era a verdade.

Eu também acreditava que isto viria a acontecer, porque frequentemente "pressentia" a presença do Victor independentemente de quaisquer sessões de transe com a Kathleen, e sentia que, além de ser uma personalidade encantadora e humorística, ele era capaz de sentimentos e princípios muito profundos. Fiquei muito afeiçoada à Kathleen com o passar dos anos, como qualquer pessoa ficaria que conhecesse o seu carácter corajoso, fino e amável.

Por vezes tentava convencê-la de que o Victor realmente a amava e era a sua alma gémea, mas ela apenas abanava a cabeça e dizia: — *Por que fez ele isto? Ou não fez aquilo?* — reportando-se de novo às circunstâncias que tinham abalado a sua fé no amor dele. Ela era, na verdade, muito obstinada neste ponto. Tínhamos muito poucas oportunidades para sessões e, mesmo que tivéssemos tido mais, não penso que o Victor tivesse sido capaz de a influenciar neste assunto único e fundamental. Por vezes penso que ele deve ter ficado profundamente penalizado com a atitude dela, pois sabia que ela se poderia ter poupado a muito sofrimento e desilusão em anos posteriores se apenas se pudesse ter permitido acreditar que tudo o que ele lhe tinha dito era a verdade.

Vinte e cinco anos se passaram. A saúde da Kathleen começou a causar-lhe problemas, e ela desenvolveu uma doença grave nos olhos. Estes dois fatores, combinados com outras preocupações e provações, aumentaram a sua solidão, e eu não podia deixar de me sentir muito triste eu própria por causa dela nas raras ocasiões em que me encontrava com ela. Uma noite, na primavera de 1940, tinha estado a viajar no meu corpo etérico e estado a conversar com o meu marido no Outro Lado.

Quando regressava ao meu corpo físico desta visita, encontrei a Kathleen, que também regressava ao seu. Mas que Kathleen diferente daquela com quem me tinha encontrado há pouco tempo — na terra! Raramente, em todas as minhas experiências, vi alguém tão radiante, tão cheia de luz e de felicidade. Na aparência, parecia pelo menos vinte anos mais jovem. Os seus olhos estavam límpidos e cintilantes, sem qual quer rasto da doença que os perturbava no seu corpo terreno.

Quando a conheci, ela tinha uma tez maravilhosa e agora, muitos anos mais tarde, no seu corpo etérico, continuava a possuir a mesma suavidade clara de pele. O seu cabelo era de um castanho claro e quente de novo, formando uma auréola ao redor do seu rosto. Estava vestida de uma maneira curiosa. A saia do seu vestido tinha painéis flutuantes, cada um assemelhando-se às pétalas de uma flor, pálidos e delicados, no entanto cheios de uma espécie de vitalidade própria, como se vibrassem ao ritmo da sua própria personalidade radiante. Toda a sua aparência me lembrava as flores da primavera. Não falámos. Ela olhou para mim com um sorriso feliz e tranquilizador e, da mente dela para a minha, veio a mensagem de que tinha estado com o Victor, e de que a sua mente superconsciente (que opera no cérebro etérico) aceitava e compreendia a feliz verdade relativamente à sua relação com ele e ao seu amor sincero por ela, a qual a sua mente consciente rejeitava na terra.

Falando com ela através da minha mediunidade, ele tinha-lhe dito frequentemente que ela o visitava no seu corpo etérico à noite, mas como ela não se conseguia lembrar de o ter feito, as palavras dele não a tinham impressionado muito profundamente.

Este encontro entre a Kathleen e eu durou apenas escassos momentos. Penso que tanto ela como eu estávamos a ser puxadas em direção aos nossos corpos físicos, pois a manhã se aproximava e cedo seria altura de acordarmos para um mundo mundano onde a rotina diária dos acontecimentos materiais tinha mais uma vez de ser enfrentada. Percebi que era altamente improvável que ela se lembrasse de ter visto a mim ou ao Victor no mundo etérico durante o seu sono, mas também sabia que ela se sentiria mais feliz ao acordar.

Estas experiências da alma, embora não registradas na mente consciente, exercem uma influência prestável por algum tempo após terem acontecido.

Quando dei comigo de volta ao meu quarto, notei que o meu corpo físico estava deitado no divã na parte traseira do quarto, mas eu continuava no meu corpo etérico, de pé com as costas voltadas para as janelas, entre as pesadas cortinas de damasco, as quais estavam parcialmente afastadas para cada lado da grande abertura quadrada que formava esta extremidade do quarto. Não conseguia ver o meu marido, mas pressenti a sua presença, e soube que havia mais alguém com ele, e que ele e esta outra pessoa me tinham acompanhado de regresso à terra sem que eu estivesse ciente deles.

Fiquei surpreendida ao descobrir que o ar estava impregnado com um perfume dos mais deliciosos. Era como uma combinação de muitos aromas de flores diferentes: não de flores frescas a crescer, mas de alguma mistura sintética que era muito pungente, no entanto das mais reconfortantes. De novo fui lembrada das flores da primavera, dos aromas da primavera, e permaneci ali por escassos momentos a respirá-los. É interessante notar que, quando funcionamos nos nossos corpos etéricos, mesmo que temporariamente, os nossos sentidos etéricos, tais como a visão, a audição, o toque e o olfato, parecem tão aguçados como, ou mais aguçados do que os seus homólogos físicos. Contudo, nunca me consigo lembrar de ter provado qual quer coisa quando no Outro Lado.

Fui rapidamente puxada para dentro do meu corpo físico adormecido e, ao acordar nele, tornei-me consciente de que conseguia ainda cheirar o mesmo perfume curioso, reconfortante, no entanto sintético.

Devo mencionar que, há algumas semanas, vinha a sofrer de um forte ataque de catarro e de uma tendência para a laringite, que tinham sido provocados por uma ação minha das mais imprudentes e estúpidas. Tinha tentado muitos remédios para este catarro sem efeito e, na noite anterior, tinha estado particularmente mau. À medida que

respirava o aroma etérico, senti que este permeava cada parte do interior da minha cabeça, garganta e pulmões, e não fiquei de todo surpreendida ao verificar que nem um rasto de catarro ou de rouquidão permanecia, e que estava inteiramente livre de ambos os problemas.

Enquanto estava deitada a pensar sobre os acontecimentos da noite anterior e a minha visita ao Outro Lado, cheguei à conclusão de que o Victor tinha sido a outra pessoa que estava com o meu marido, a quem eu não conseguia ver, e que, após deixar a Kathleen, ele e o Fred tinham conspirado para carregar a atmosfera com o perfume dador de saúde que indubitavelmente me tinha curado.

Nessa manhã o correio trouxe um postal da Kathleen, de quem não tinha notícias há um tempo considerável. No postal estava a imagem de um ramo de flores da primavera, com o aspeto exatamente igual ao do vestido tipo pétalas em que a tinha visto. No postal ela tinha escrito: "Pensamentos carinhosos para a Páscoa. A primavera está aqui!".

Continuo a possuir e a guardar este pequeno postal como uma recordação de uma experiência feliz e prestável. Depois disso, sempre que pensava neste encontro com a Kathleen, sentia-me convencida de que no seu corpo etérico ela conhecia a verdade sobre o amor do Victor por ela. Por vezes penso que ela o poderia ter conhecido no seu corpo físico, mas principalmente por causa dos muitos desapontamentos, desgostos e mágoas que tinha sofrido na sua vida, os quais não estavam ligados ao Victor, tinha medo de acreditar em qual quer coisa ou em qual quer pessoa que pudesse mais uma vez falhar-lhe. Em outras palavras, tudo o que lhe tinha sido dito do Outro Lado sobre o Victor e o amor dele por ela parecia Demasiado Bom para ser Verdade.

Alguns meses mais tarde, a mãe do Victor, uma alma fina e amável, muito avançada em anos, passou para o Lado de Lá, e a tarefa de passar a pente fino alguns dos seus papéis privados coube à Kathleen. Entre eles encontrou duas cartas, escritas pelo Victor à sua

mãe pouco antes de ser morto. Nelas, ele expressava o seu amor e a sua confiança na Kathleen em termos que não deixavam margem para dúvida qual quer quanto à sua intensa devoção a ela.

Revelavam também o facto de que, por muitos anos antes de se casarem, ela tinha sido a sua mulher ideal, e que tinha ocupado este lugar no seu coração e na sua mente até ao dia da sua morte. Nestas cartas, ele falava de certos assuntos de uma tal maneira que a mente dela ficou completamente em paz relativamente a tudo o que tinha sido dito, feito ou disposto por ele.

Ela escreveu-me imediatamente a contar sobre o achado das cartas. Na sua carta para mim dizia: "Sou a mulher mais feliz do mundo; é impossível que pudesse existir qual quer outra mulher que pudesse estar preenchida com a alegria absoluta que agora sinto." Diz muitos outros aspetos, expressando o seu alívio por finalmente descobrir que o Victor a tinha amado, e que as suas constantes garantias de que o fazia estavam agora provadas ser verdadeiras em todos os sentidos.

Nos muitos meses que decorreram desde que isto aconteceu, a Kathleen tem tido a sua quota-parte total de provações e dificuldades, mas suporta-as com uma paciência que tem as suas raízes na sua recém-encontrada felicidade e confiança na continuidade do amor e da memória nas mentes daqueles que passaram para o Outro Mundo.

CAPÍTULO 27

DEFEITOS E DESFIGURAÇÕES

NO CORPO ETÉRICO

Todos os dias, em tempo de guerra, alguém está a ser morto, ou aleijado, ou mutilado, e a pergunta é frequentemente colocada:

— *Como é o corpo etérico afetado quando o físico perdeu um braço ou uma perna, ou sofreu alguma grave desfiguração através de ferimentos?* —

O facto é que o corpo etérico não é afetado por qual quer incapacidade física.

As pessoas na terra que não percebem este facto ficam frequentemente perplexas quando assistem a uma sessão e o espírito comunicante falha em aludir a alguma desfiguração marcante de que sofria na sua vida terrena. O participante na sessão toma frequentemente isto como uma prova de que a entidade comunicante não é a pessoa que pretende ser, sob o argumento de que a primeira coisa que tentaria dar como evidência da sua identidade seria uma descrição da sua deformidade.

Mas a verdade do assunto é que a alma está apenas demasiado contente por se ver livre daquelas incapacidades que podem ter desgastado e limitado a sua vida terrena. O homem habitua-se rapidamente aos membros e ao organismo perfeitos do seu corpo etérico, e esquece-se dos defeitos do físico. Quando dá consigo capaz de comunicar com alguém de quem gosta na terra, existem tantas memórias mais felizes de que deseja falar. Se souber de antemão que vai ter a oportunidade de falar com alguém na terra através de um médium, é possível que alguns comunicantes mais experientes ou guias espirituais lhe tenham sugerido que tentasse recordar e reproduzir qual quer peculiaridade física marcante durante a sessão.

Quando ele é bem-sucedido a fazê-lo — e pode até exagerá-la, e deter-se nela com alguma extensão —, não caiam no erro de pensar que isso tem algo a ver com o seu estado presente; ele está simplesmente a fazer o seu melhor para vos convencer de que é de facto a pessoa que pretende ser. Pessoalmente, penso ser um erro encorajar estas almas a reproduzirem tais defeitos, ou condições de morte penosas, como evidência. Por vezes, o médium é capaz de os discernir através dos seus próprios poderes psicométricos e dará uma descrição rápida e exata dos mesmos, o que é o método mais desejável desde que não desperte memórias infelizes na mente do comunicante. Um psíquico experiente exerceria julgamento e discrição a este respeito.

No Outro Lado os fisicamente cegos conseguem ver, os surdos conseguem ouvir, assim que se tornam conscientes nos seus corpos etéricos. São os espiritualmente cegos que continuam cegos; os espiritualmente surdos que não conseguem ouvir. Os defeitos espirituais e mentais estão impressos no corpo etérico. Os defeitos que brotam de ferimentos ou de doenças do cérebro físico do indivíduo não entram nesta categoria.

Durante a vida terrena, problemas hereditários, tais como tendências homicidas, alcoolismo, desonestidade e muitas outras características más, podem ser transmitidos de uma geração para outra, mas são apenas tendências. A fim de contrariar estas e de as vencer, a cada alma humana é dada a sua própria luz divina com que iluminar a sombra que foi lançada sobre ela pela fraqueza de outrem.

Pode fazer uso da luz se escolher e, quando começa a fazê-lo — aliás, quando começa seque a desejar fazê-lo —, existem seres espirituais no Outro Lado à espera para assistirem o mais pequeno esforço que possa ser feito. Frequentemente estes ajudantes espíritos são as personalidades idênticas que foram responsáveis em primeiro lugar pelo mal que estão agora a tentar erradicar. Ao fazê-lo, estão a trabalhar na sua própria salvação.

Entrei uma vez em estreito contacto pessoal com uma família que, por muitas gerações, tinha sido dada à bebida pesada. Isto, por sua vez, tinha conduzido a outros excessos, como a embriaguez frequentemente faz, e trouxe tragédia e infortúnio à maioria dos membros da família. O avô, após passar para o Lado de Lá, viu o estrago causado pelos seus próprios hábitos, e tentou influenciar os seus filhos e filhas restantes na terra a absterem-se do álcool. Foi capaz de influenciar o seu filho mais velho, embora tenha demorado alguns anos a fazer qual quer progresso, pois este tinha desenvolvido a tendência para a insobriedade cedo na vida e não exibia qual quer desejo de a vencer até estar bem avançado em anos.

Este filho, após passar para o Outro Lado, viu que a sua própria filha, de quem gostava muito, exibia uma inclinação para o hábito

infeliz, mas também notou que ela estava ciente disso, e desejava libertar-se do gosto pelo álcool. Concentrou-se nela, e ela respondeu sem realmente perceber a origem do seu desejo acrescido de se libertar, e as duas vontades, trabalhando juntas, venceram o hábito por completo. Mais tarde, a filha, que se interessou pelo Espiritismo, soube que tinha frequentemente visitado o seu pai no Mundo dos Espíritos durante o sono, e que ele tinha falado com ela, e a tinha encorajado a fazer todos os esforços no sentido de vencer a tentação de beber.

Embora ela não levasse a memória real das palavras dele de volta para o seu corpo físico na manhã seguinte, a mente superconsciente (que nunca esquece aquilo que aprendeu ou experienciou nos planos Espirituais) gravou gradualmente o sentido delas no seu cérebro e, à medida que ela se tornou ciente destes impulsos interiores em direção ao progresso, fez todos os esforços e ficou inteiramente livre de qual quer desejo por álcool sob qual quer forma. A geração seguinte — os seus filhos — não mostra tendência qual quer para reverter aos hábitos dos seus antepassados, o que mostra que os maus hábitos formados e transmitidos por uma geração passada podem ser vencidos pela boa vontade e persistência da seguinte, e isto, por sua vez, pode criar um novo conjunto de bons hábitos para passar à geração futura.

Isto é verdadeiro progresso. Muita da felicidade daqueles que virão depois de nós está nas nossas mãos. A forma de amanhã é moldada por nós hoje.

Durante a vida terrena, o corpo físico é frequentemente um manto para o verdadeiro caráter. A pessoa pode ser induzida em erro relativamente a um indivíduo se julgar inteiramente pelo exterior físico; mas isto não se aplica ao corpo etérico, cuja aparência conta a sua própria história relativamente ao verdadeiro estado da alma e da mente. Os defeitos puramente físicos não fazem impressão no corpo etérico.

Os estragos causados pela velhice não o afetam se o coração e a mente permanecerem jovens, e é um facto curioso que aqueles que

passaram por grande desgosto e provação mantêm frequentemente uma mentalidade mais jovem e mais fresca do que aqueles que levaram vidas protegidas. As dificuldades enfrentadas e combatidas podem conduzir a uma maior perfeição — através do uso e exercício adequados das faculdades da alma e mentais — do que alguma vez é alcançado por aqueles que evitaram propositadamente as tensões emocionais e os testes da vida, ou foram protegidos de tais por amigos extremos mas equivocados, e que frequentemente se afundam numa espécie de inércia espiritual que estultifica o corpo etérico, deixando a sua marca sobre ele tanto na sua carreira terrena como depois.

É melhor morrer de excesso de trabalho do que enferrujar.

Aqueles que têm uma grande quantidade de trabalho árduo e sério para fazer parecem frequentemente ser capazes de encontrar tempo para intervalos de paz de uma maneira que a pessoa letárgica, apática ou — indo para o outro extremo — picuinhas e excessivamente ocupada nunca consegue. Nestes interlúdios tranquilos, recortados de uma vida normalmente ativa, tanto o corpo etérico como o físico são revigorados.

A contemplação e apreciação do belo sob qual quer forma tem o mesmo efeito; é por isso que é desejável que no nosso desenvolvimento espiritual ou psíquico tentemos fornecer condições que apelem a e fomentem os nossos sentidos artísticos. O corpo etérico moldar-se-á de acordo com o crescimento da alma e da mente. A hereditariedade pode apresentar-nos à nascença as sementes de uma tendência para o bem ou para o mal, mas qual quer uma delas necessita do solo do ambiente no qual criar raízes, e do poder da vontade para as alimentar.

Muitas pessoas que têm um amigo ou parente no Outro Lado — especialmente alguém que as amava e admirava grandemente na terra — recuam perante o conhecimento de que a velhice ou a doença causaram alterações na sua aparência, e de que os seus entes queridos do Lado de Lá devem notar essa deterioração. A esposa cujo marido passou para o Lado de Lá quando ambos eram comparativamente

jovens, ou na época mais madura mas ainda atraente da meia-idade, teme a ideia de que ele possa agora ver as linhas a aprofundarem-se na pele outrora suave, a cor do cabelo a tornar-se cinzenta e sem vida; um esbatimento e murchamento de tudo o que ele outrora admirou e amou.

Muitas mulheres podem sofrer deste medo e, julgando pelas minhas próprias experiências recentes (uma das quais relatei neste livro), gostaria de lhes assegurar que é o corpo etérico que é visto por aqueles no Outro Lado, e que a sua aparência está muito amplamente e, na minha opinião, inteiramente nas nossas próprias mãos. O cultivo de uma perspectiva sã e alegre é a garantia de um corpo etérico jovem e esbelto.

Num capítulo anterior, descrevi-vos como a Olive M___ foi morta e a minha amiga, a Sra. Stonehouse, ferida. Ora, a Sra. Stonehouse é extremamente bonita, embora já não seja jovem. Sempre foi muito admirada pela sua aparência por todos os que a conheciam, e especialmente pelo seu marido, que passou para o Lado de Lá há cerca de dez anos.

Quando a bomba atingiu o edifício em que ela se encontrava, ficou ferida e gravemente cortada no rosto e, apesar do tratamento imediato e especializado, permaneceram algumas cicatrizes desfigurantes. Fiquei muito penalizada com isto; parecia terrivelmente triste que a sua pele e feições tão belas fossem marcadas desta maneira, e sabia que, apesar da sua coragem e vivacidade nunca falharem, ela — sendo mulher, e uma mulher muito feminina — teria por força de sentir isso profundamente.

Cerca de três ou quatro semanas após o desastre em que ficou ferida, estava sentada a ler uma carta dela, na qual dizia esperar que o tempo pudesse diminuir o efeito dos ferimentos no seu rosto. Veio-me a impressão de que tinha de responder à sua carta de imediato, embora não parecesse haver uma necessidade imediata de resposta. Levantei-me, recolhi papel e caneta e comecei a escrever. Senti alguém de pé

perto de mim e ouvi uma voz, que sabia pertencer ao marido da Sra. Stonehouse, dizendo:

— *Diz-lhe que as cicatrizes não estão no seu corpo etérico, que é o que eu vejo, mas apenas no seu físico, e que eu amo-as. São cicatrizes honrosas.* —

Perguntei-lhe como sabia delas, se estavam apenas estampadas no corpo físico da sua esposa e eram aparentemente invisíveis para ele, e ele respondeu que estava ciente delas devido à consciência que ela tinha da sua existência. Repetiu, de forma insistente:

— *Não te esqueças de lhe dizer que eu as amo; são cicatrizes honrosas.* —

Escrevi a mensagem de imediato e, sentindo que ele continuava presente, disse: — *Já fiz o que me pediu. Sei que a sua esposa acreditará que me enviou a mensagem através de mim; mas tentará confirmá-la através de alguma outra fonte completamente diferente? Tente fazer com que outra pessoa lhe envie a mesma mensagem, mencionando especialmente as "cicatrizes honrosas".* —

Ele prometeu fazê-lo, e eu fechei a minha carta e enviei-a.

Poucos dias depois, recebi uma carta da Sra. Stonehouse agradecendo e aceitando com felicidade a mensagem que o seu marido lhe tinha enviado, acrescentando: "Não é maravilhoso? Pouco depois de ter recebido a tua carta com a mensagem do meu marido, recebi uma de uma parente próxima dele, dizendo-me para não me importar com as marcas no meu rosto, porque eram 'cicatrizes honrosas'."

O marido da minha amiga tinha estado sempre em estreito contacto mental com esta parente, de quem gostava muito, pelo que tive a certeza de que ele a tinha usado para dar a confirmação que eu pedira.

Durante uma das minhas experiências fora do corpo, encontrei outra amiga, uma mulher que tinha sido extremamente e invulgarmente bela em anos anteriores. Ela lamentava frequentemente a perda da sua bela silhueta e tez, e especialmente o brilho e a

limpidez dos seus olhos. Quando a vi no seu corpo etérico, tinha readquirido toda a sua antiga graciosidade e elegância.

Parecia mais jovem do que eu alguma vez a tinha conhecido, e o seu corpo etérico retinha evidentemente a sua aparência de um período anterior ao de nos termos conhecido na terra. Notei o seu vestido, que era de um corte e material incomuns.

Da próxima vez que me encontrei com ela na terra, contei-lhe sobre o encontro e descrevi o vestido que ela tinha usado. Ela reconheceu-o imediatamente como um de que tinha gostado particularmente e que tinha usado durante o período mais feliz da sua vida. Possuía muitas memórias felizes de momentos em que tinha usado este vestido na companhia de alguém a quem tinha amado calorosamente e que passara para o Outro Lado há alguns anos. Estava ciente de visitar este amigo no seu corpo etérico, e tinha ocasionalmente trazido de volta uma recordação clara dos seus encontros e do trabalho que tinham feito juntos, do Lado de Lá.

Na terra, os idosos e os enfermos lamentam frequentemente a sua aparente inutilidade.

— *Se ao menos pudéssemos fazer algo, ser úteis para alguém ou para alguma coisa,* — dizem eles. — *Aqui estamos nós, a arrastar uma existência que é apenas um fardo para os outros e uma ajuda para ninguém.* —

Que pena que não saibam a verdade, a qual é que, à medida que a idade física avança, o corpo etérico pode tornar-se mais desprendido, mais independente e ativo do que alguma vez fora antes. Isto é especialmente assim se o indivíduo estiver ciente da existência dos dois planos de consciência e das potencialidades do corpo etérico.

Não importa se a mente está obscurecida, ou se até parece ter cessado inteiramente de funcionar no físico, desde que tenha tido outrora o hábito de ser ativa, e se a vontade de progredir, e de ajudar os outros a fazê-lo, tiver estado presente. Quando vemos alguém a quem amamos deitado inerte e impotente, talvez paralisado num membro ou no corpo, deveríamos lembrar-nos de que a alma é capaz

de viver a sua própria vida à parte do físico, e de que a fraqueza ou a inatividade forçada deste último é provavelmente a oportunidade para uma feliz emancipação do corpo-da-alma, tal como não tinha sido capaz de experienciar antes.

A sua consciência operará agora quase inteiramente nos planos espirituais, tanto no aprofundamento da sua própria educação e progresso como na ajuda aos outros. À medida que desenvolve independência, o corpo etérico pode ser extremamente ativo e prestável na terra, enquanto o seu homólogo físico está deitado, aparentemente inútil e ocioso.

Isto aplica-se particularmente a momentos como o atual, em que muitas almas estão a ser empurradas para o — para elas — Desconhecido sem qual quer preparação. Quando estas almas despreparadas pertencem a uma classe que não desenvolveu qual quer consciência espiritual, seja por falta de desejo, de oportunidade ou por causa do ambiente, frequentemente encolhem-se instintivamente perante os cuidados daqueles que as tentam ajudar após deixarem os seus corpos físicos. Sentem que existe alguma diferença entre si próprias e estes Outros Seres, uma diferença que, nas suas mentes, parece bizarra, misteriosa e totalmente não natural.

Entre estes ajudantes espíritos pode estar alguém a quem reconhecem como estando "morto", e este facto apenas aumenta o seu sentimento de aversão. — *Queremos voltar para as pessoas que estão vivas; voltar para as condições normais em que nos sentimos em casa,* — é o que muitos deles nos contaram ter sido a sua primeira reação ao acordarem naquele Outro Plano.

É nestes casos que as almas daqueles que estão apenas temporariamente a funcionar no Mundo dos Espíritos podem ser de uma ajuda tão tremenda. O facto de continuarem ligadas aos seus corpos físicos fá-las parecer familiares e naturais àqueles seres que se encontram intrigados e que acabaram de acordar para um mundo em cuja existência nunca tinham acreditado. Aceitarão conselhos e ajuda da parte deles, os quais rejeitariam dos "defuntos", como um homem

lhes chamou ao falar-nos sobre os seus sentimentos quando acordou após ter sido morto num navio que foi torpedeado por um submarino inimigo.

Quando este homem se deu a conhecer a mim pela primeira vez, eu estava a visitar uma amiga que possui poderes psíquicos bem desenvolvidos, mas que não é capaz de os usar tão frequentemente como outrora o fazia, devido à sua idade e saúde delicada. Enquanto estava sentada quietamente com ela na sua tranquila sala de sessões, vi subitamente a figura mais patética de um homem pequeno, abaixo da média. Parecia estar a esquivar-se por entre a mobília da sala de uma maneira apologetica, quase furtiva, olhando suplicantemente, no entanto apreensivamente, para a minha amiga.

Descrevi-o a ela, e ela disse: — *Sim, conheço-o. Não o conheci na terra, mas uma noite, enquanto estava fora do meu corpo, dei comigo a ajudar onde tinha havido um naufrágio. Dei comigo numa parte do navio que continuava intacta e vi este homenzinho, que estava retido à terra, terrivelmente amedrontado e intrigado. Não queria escutar as Pessoas do Espírito que estavam presentes e que o tentavam ajudar e afastar dali. Tinha medo delas porque estavam 'mortas', mas escutou-me porque eu estava 'viva', e fui capaz de o influenciar a afastar-se e a aceitar as condições da sua nova vida, da qual lhe assegurei que iria gostar cada vez mais à medida que se habituasse a ela. —*

A minha amiga encontrava-se frequentemente com este homenzinho e ajudava-o a interessar-se por outros amigos, particularmente por alguns jovens agradáveis com quem o colocou em contacto. Conta-me que nunca esquecerá a perplexidade e o medo dele ao dar-se conta de continuar "vivo" após a explosão ter destruído o navio, mas incapaz de se ajustar às suas novas condições.

Fiquei muito interessada em tudo o que ela me contou sobre esta pobre vítima da guerra, e ele evidentemente pressentiu a minha simpatia por ele e o meu interesse nele. Pareceu ganhar confiança e murmurou várias vezes: — *Obrigado, obrigado,* — em tons fervorosos

para com a minha amiga. Esta era evidentemente a sua primeira visita à terra desde que ela o tinha induzido a deixá-la; e usou-a a fim de expressar a sua gratidão para com ela por tudo o que tinha feito ao ajudá-lo a ajustar-se às suas novas condições.

Que pena é que o conhecimento da Vida Eterna, e os factos simples relativos à mesma, não sejam ensinados às crianças concomitantemente com o alfabeto e a aritmética rudimentar! O tempo virá em que isto será feito, sinto-me convencida. A imortalidade é a espinha dorsal de toda a crença religiosa e nós, como uma chamada Nação Cristã, deveríamos ensiná-la e demonstrá-la de formas simples e práticas. Assim que a mentalidade de uma criança esteja suficientemente desenvolvida para lhe permitir apreender os factos elementares da vida, chegou a altura de a ajudar a compreender a verdade sobre a "morte", de lhe retirar o medo e o mistério relativos à mesma, e de substituir isso pelo incentivo para a encarar como a Porta Aberta para uma vida mais ampla e plena, quando esta tiver sido vivida e experienciada de acordo com o melhor das capacidades da pessoa.

Estas crianças cresceriam e desenvolver-se-iam de uma tal maneira que, sempre que a morte as alcance, estariam prontas para assumirem as suas vidas no Outro Lado, de boa vontade e alegremente, ajudadas pelo conhecimento de que não estão separadas daqueles que amam na terra. Aqueles que permanecem, e vivem até uma idade avançada nos seus corpos físicos, estariam conscientes de que continua a existir uma esfera de utilidade — utilidade espiritual — aberta para eles.

Toda a gente que possui uma capacidade mental comum, e que faz bom uso dela, pode trabalhar no Outro Lado nos seus corpos etéricos muito antes de ser realmente cortada dos seus corpos físicos pela morte. A alma anseia por se expressar mais plenamente do que pode possivelmente fazer no organismo terreno envelhecido e enfraquecido e tenho notado que, em tais casos, onde o consegue fazer, o indivíduo está muito mais contente e em paz durante os períodos em que tem de regressar ao seu corpo físico. A sua alma

parece colher alguma força espiritual nas suas excursões etéricas que tem um efeito acalmante e tranquilizador sobre ele. É uma pena que as pessoas idosas que, como já observei, lamentam a sua aparente inutilidade e inatividade forçada, não estejam cientes deste facto.

CAPÍTULO 28

VISÕES DE SONHO

Há cerca de cinco anos, escrevi um livro chamado *The Last Crossing*, que lidava com o assunto do corpo etérico, os seus poderes e atividades. Sir Oliver Lodge gostou deste pequeno livro, especialmente de um capítulo nele que era dedicado aos cuidados espirituais e físicos com os moribundos. Referiu-se uma vez a este capítulo quando me escreveu e, ao ler a sua carta, tive a esperança interior de que o ajudasse quando a sua altura de transição se aproximasse.

Não gostei de lhe dizer isto, mas escrevi-lhe no sentido de que, se alguma vez chegasse a altura em que eu o pudesse ajudar de qual quer forma, esperava ter o privilégio de o fazer. Acrescentei que, se isto soasse um tanto presunçoso, gostaria de o lembrar do rato a ajudar o leão.

Sir Oliver respondeu, dizendo que aceitaria de facto a minha ajuda de bom grado sempre que surgissem circunstâncias em que eu pudesse desempenhar o meu papel de rato. Daí em diante, pensei sempre nele como um leão, um leão nobre, Rei da sua espécie, como na verdade era. Nunca desdenhou usar o seu grande intelecto para discutir quaisquer problemas difíceis de uma tal maneira que os não iniciados pudessem apreender o seu significado, e não tinha dificuldade em seguir a sua linha de pensamento. Desgostava do tipo de argumento que conduzia à dissensão, mas era generoso a dar o seu conhecimento aos outros quando sentia que este seria aceito e apreciado. Estar na sua presença era paz, e conversar com ele era uma inspiração.

Uma noite, cerca de dois meses antes de Sir Oliver passar para o Lado de Lá, eu estava no Outro Lado no meu corpo etérico. Sabia que tinha estado com o meu marido e estava prestes a regressar ao meu corpo da terra, mas não me conseguia lembrar de nenhuns detalhes da minha visita. Enquanto regressava à terra, tive uma daquelas curiosas visões de sonho que frequentemente me surgem entre as minhas experiências etéricas e o meu reacordar no físico. Estes sonhos têm habitualmente algum significado profético, pelo que lhes presto sempre uma atenção particular.

Nesta ocasião, vi uma estrada longa e larga e, subindo por ela, vinha um leão magnífico, no lado oposto àquele em que eu me encontrava. Caminhava lenta e majestosamente, não olhando nem para a direita nem para a esquerda. O seu passo tornava-se cada vez mais lento à medida que se aproximava. Quando tinha passado um pouco por mim, voltou a cabeça deliberadamente em minha direção, fitando-me com um olhar de profundo significado.

Notei que, embora fosse o rosto de um leão, tinha no entanto um aspeto distintamente humano. Depois, muito subitamente, o leão deitou-se e não se moveu mais. Enquanto o observava ali deitado, clamei em voz alta: — *Oh, o Leão deitou-se finalmente!* — Acordei, ouvindo-me repetir estas palavras de novo, e veio-me a convicção de que o Leão representava Sir Oliver Lodge.

Contei a uma amiga sobre isso nesse mesmo dia e tomei nota disso. Escrevi para a família de Sir Oliver, apenas uma carta comum, não dizendo nada sobre o meu sonho, mas perguntando pela sua saúde, a qual me foi dito, em resposta, ser extremamente boa. Contudo, apesar desta garantia, senti a certeza de que a sua alma e o seu corpo etérico se tinham tornado tão desprendidos que o seu tempo de libertação do físico não seria longo e, um par de meses mais tarde, ele passou para o Outro Lado, uma alma grande e nobre que receberia um acolhimento glorioso, não apenas por aqueles que o conheciam e amavam pessoalmente, mas por aquelas miríades de almas a quem ele tinha sido o meio de ajudar — especialmente na última guerra —

através de ser o canal pelo qual os seus entes queridos na terra percebiam a verdade relativa à imortalidade.

A intensa simpatia para com, e tolerância para com a humanidade, que caracterizavam cada ação na sua vida, conduziram-no à verdadeira luz da compreensão através do amor, e de ajudar os outros a fazê-lo, e revelando-lhes os factos da Vida após a Morte.

Sei que Sir Oliver continua a ajudar as pessoas em ambos os lados da vida. As suas experiências terrenas em vastos campos de investigação devem ser de valor inestimável para aquelas almas trabalhadoras mais evoluídas a quem ele se juntou e acredito que os seus esforços combinados resultarão na resolução de algumas das dificuldades relativas à comunicação entre os dois planos de consciência.

Um vasto e violento levantamento na terra, tal como a guerra, traz uma condição correspondentemente drástica para o éter, especialmente para aquele estado de transição que se situa entre a terra e os Planos Espirituais do Ser. Esta condição pode tornar difícil para o indivíduo contactar os planos espirituais; por vezes pode ser desaconselhável para ele tentar fazê-lo e, mesmo que seja bem-sucedido, pode ser impossível reter uma memória do que experienciou do Lado de Lá.

Parece que a viagem de regresso à terra, através do estado de transição, tem um efeito desintegrador na memória e, mesmo quando esta sobrevive a esta experiência, tem outro obstáculo com que lutar quando o corpo etérico contacta de novo o organismo físico, visto que o cérebro etérico encontra uma dificuldade considerável em impressionar o cérebro físico com quaisquer memórias relativas a um plano mais elevado de consciência. Este impedimento será, com o tempo, vencido, à medida que as nossas mentes se tornem mais familiarizadas com as possibilidades de viajar nos nossos corpos etéricos durante o sono e à medida que o nosso conhecimento geral relativo à ciência psíquica aumente.

Como as coisas se apresentam atualmente, o cérebro e a consciência inferior estão sempre de guarda, por assim dizer, para impedir a entrada de qual quer conhecimento relativo ao desconhecido ou sobrenatural, o qual temos frequentemente e de forma errada considerado como sendo anormal, ao passo que pertence simplesmente a um campo de investigação que tem sido até agora inexplorado, devido à ignorância e ao preconceito relativos a tais coisas que existiram no passado, mas que estão agora, felizmente, a desaparecer depressa.

Os nossos Guias Espirituais e ajudantes estão cientes dos obstáculos que nos esperam na retenção da memória de tudo o que aprendemos ou experienciamos ao visitar o seu plano de consciência. Enquanto estamos realmente no seu plano, nós próprios estamos cientes disso também, e conferenciamos com os nossos Guias Espíritos a fim de engendrar algum meio de levar a substância de qual quer experiência prestável de volta para o corpo da terra numa tal forma que sobreviva a qual quer oposição que possa encontrar.

A solução para este problema, a que se chegou no meu caso, e em muitos outros de que tenho ouvido falar, resulta em a pessoa ter um curto sonho imediatamente antes de acordar. Neste sonho, que frequentemente tem lugar num espaço de tempo incrivelmente curto, está incorporado o essencial de tudo o que nós, e os nossos Guias, decidimos ser o mais fundamental para nos lembrarmos, e é habitualmente apresentado sob alguma forma simbólica que deveríamos notar sempre cuidadosamente assim que acordamos, quando as nossas mentes estarão mais recetivas a uma interpretação correta do seu significado.

À primeira vista, o sonho pode parecer um chorrilho de disparates. Anotem os pontos principais para referência futura, e os resultados espantar-vos-ão mais tarde, quando se derem conta da sua relevância para acontecimentos que vos eram desconhecidos à data do sonho, embora pudessem estar no processo de conceção nessa altura.

Não tenho tido um grande número de tais sonhos, ou visões de sonho — como prefiro chamar-lhes, para os distinguir da pura fantasia da imaginação, que frequentemente corre desenfreada durante o sono —, mas cada um que tenho tido provou ser depois notavelmente correto na sua implicação. Saber que assim é encorajou-me a incluir alguns exemplos que parecem ter uma influência no desfecho desta guerra.

A primeira visão de sonho ocorreu num período muito sombrio da guerra, em janeiro de 1941, quando eu não tinha estado a pensar nela conscientemente, nem de forma pessimista nem otimista, visto que estivera muito ocupada na altura com certos problemas e dificuldades meus.

Dormi muito pouco durante a primeira parte desta noite em particular, e apenas peguei no sono perto da manhã. Durante este sono dei-me conta de que estava a vivenciar uma das minhas visões de sonho e, fazendo um levantamento do meu redor, dei comigo sentada na superfície de uma grande extensão de água. Parecia ser o mar, não longe de terra.

Não estava num barco, mas parecia ser capaz de flutuar nesta posição sentada, usando as minhas mãos como remos para me impelir para a frente. O meu marido estava ao meu lado e, apenas por um segundo, relampejou em mim que tinha estado com ele no seu próprio plano, mas não me conseguia lembrar de nada do que tinha feito ou ouvido lá, pelo que, em consequência, alguma parte da informação que provavelmente tinha obtido e esquecido ao passar pelo estado de transição ia agora ser-me dada sob alguma forma simbólica.

O sol e qual quer luz vinda dele pareciam estar atrás de nós; em frente de nós estava o mar aberto, agitado e de aspeto enraivecido, embora a água em que flutuávamos estivesse bastante calma. Também diante de nós, mas ligeiramente para a esquerda, estava uma espécie de edifício de pedra escura com aspeto proibitivo que parecia formar uma pequena ilha própria. Lembrava-me uma fortaleza ou prisão, ou uma combinação de ambas. No centro da mesma havia uma entrada,

um arco, e aquilo preencheu-me de medo, o qual aumentou à medida que percebi que estávamos a derivar lenta, mas inevitavelmente, em direção a ela.

À medida que nos aproximávamos, a escuridão e a melancolia à nossa frente intensificavam-se. Fiz esforços frenéticos com as mãos para inverter o meu rumo, mas sem sucesso. Além disso, parecia ter ficado mais profundamente imersa na água do que antes, e pensei que, mesmo que não fosse levada para dentro daquele lugar tipo fortaleza de aspeto horrível, iria afundar-me em breve. A água em si era cinzenta e feia, e uma ondulação curta estava agora a tomar o lugar da calma anterior. De novo pensei: "Vamos afundar-nos. Não há nada para nos segurar — nada para nos apoiar". Um sentido de desastre iminente estava a avassalar-me rapidamente, quando ouvi a voz do meu marido ao meu lado, dizendo:

— *Tem calma, fica quieta. Observa-me. Nós vamos ficar bem.* —

Sabia que havia alguma grande significação por trás destas últimas palavras: — *Nós vamos ficar bem.* — Observei o meu marido e vi que agora realizava grandes movimentos com os seus braços e mãos na água. Segui o exemplo, em vez de usar os movimentos insignificantes e fúteis que até então tinha feito com apenas os meus dedos. O movimento que agora fazíamos era ousado e rítmico. Dei comigo a voltar-me por completo até ficar com as costas voltadas para o edifício aterrorizador e com o meu rosto voltado para a luz.

Diretamente em frente, a apenas uma curta distância, estava um pequeno porto ou cais. Inclina-se suavemente até à água e, continuando a usar os mesmos movimentos fortes e resolutos, que pareciam tornar-se cada vez mais fáceis de realizar à medida que avançávamos, aproximámo-nos da pequena praia em declive que descia do porto. A água tornou-se mais clara à medida que nos aproximávamos. Conseguia agora ver o fundo e soube que estávamos seguros.

Ao acordar, o sentimento de alívio foi intenso, e soube que o sonho não se tinha reportado a qual quer assunto puramente pessoal, mas tinha alguma influência direta na guerra e no seu desfecho.

CAPÍTULO 29

DICAS OPORTUNAS DO MUNDO DOS ESPÍRITOS

Durante algum tempo após isto não tive quaisquer experiências fora do corpo ou de sonhos. Percebi que as condições de guerra estavam a tornar as condições psíquicas muito difíceis. Ressentia o facto de não ser capaz de chegar ao meu marido como costumava fazer e, uma manhã, ao acordar do sono, pressenti-o ao meu lado e tomei algumas notas daquilo que ele me explicou sobre esta dificuldade.

Uma coisa que me tinha intrigado era que, por vezes durante o meu sono, estava ciente de que me tinha desprendido do meu corpo físico e estava a caminho de visitar o Fred mas, justamente quando pensava ter chegado até ele, uma condição de discórdia, raiva e irritação parecia surgir entre nós, tal como nunca tinha experienciado antes.

A explicação relativamente a isto (estou a citar do registo que fiz na altura) era que as condições de guerra na terra se impunham na minha mente; depois, quando tentava chegar até ele, interpunham-se entre nós e apresentavam uma ideia inteiramente fictícia dele, uma falsa representação, exatamente como a minha memória da sua doença

fez quando tentei pela primeira vez chegar até ele, logo após a sua passagem.

Nas minhas notas escrevi: "Não tenho a certeza ainda, mas penso que consigo vencer esta dificuldade se me conseguir dissociar das condições de guerra. Aqui (nos arredores tranquilos em que estou agora a viver), se eu conseguir apenas ficar um pouco, pode ser possível. Tenho de tirar a ideia e a memória da minha mente (tanto quanto possível) dos combates aéreos e bombardeamentos que tenho experienciado. Estou a orar fervorosamente para que tanto o Fred como eu própria sejamos protegidos se eu tentar fazer isto, e chegar até ele durante as condições de guerra.

Sinto-me segura de que a guerra cria barreiras e dificuldades no éter que inibem as manifestações psíquicas deste lado, isto é, tornam difícil obtermos experiência psíquica de forma clara e objetiva. A realização espiritual, de uma maneira mental, não é interferida. Estou a orar para que tudo o que aconteça seja apenas de acordo com a Vontade de Deus."

Com isto eu queria dizer que apenas me deveria esforçar por tentar obter quaisquer manifestações definidas ou experiências fora do corpo, ou sequer desejar fazê-lo, sob a Vontade de Deus.

A minha razão para desejar fazer estas tentativas não era inteiramente egoísta, pois esperava obter informação que pudesse ser prestável para os outros. Contudo, os meus esforços não foram coroados de sucesso. As únicas memórias do Plano Astral que trouxe de volta nessa altura foram de uma natureza preocupante e pouco prestável, uma estranha mistura de facto e ficção, verdade e inverdade, tão diferente das visitas encorajadoras e confortantes que tinha antes da guerra, e mesmo durante as suas fases iniciais.

Os dias escuros da guerra arrastavam o seu curso fatigante. Pensava frequentemente na minha visão de sonho do edifício de aspeto proibitivo e na sua conclusão feliz, a qual sentia a certeza de que seria eventualmente cumprida. Alguma ligeira confirmação veio em abril de 1941, através da minha amiga Sra. Stonehouse, que me

escreveu a contar que uma noite, em que não houve bombardeamento, estava a dormir no seu quarto em Londres e, subitamente, deu consigo bem acordada.

Para seu espanto, viu que uma procissão de pessoas passava pelo seu quarto. As paredes eram inexistentes no que dizia respeito a oferecer qual quer obstáculo ao progresso destas pessoas. O fluxo constante de humanidade passava firmemente no seu curso, como se estivessem voltados para algum propósito urgente e sério. Ela não conseguia imaginar por que razão passavam pelo seu quarto, dado que não prestavam qual quer atenção a ela; na verdade ela poderia ser invisível para eles, embora fossem tão claramente vistos por ela. (Penso eu própria que seriam algumas das Equipas de Resgate, de que o meu pai e outros tinham falado, visto que uma grande quantidade de estragos estava a ser continuamente feita naquela vizinhança na altura.)

A Sra. Stonehouse observou-os passar com grande interesse, o qual aumentou quando um, um homem, se retirou dos outros e veio direto para a sua cama, inclinando-se ligeiramente sobre ela, de modo a que ela pudesse ver claramente as suas feições. Reconheceu-o como sendo um famoso reformador, um governante e líder num país estrangeiro, que tinha passado para o Lado de Lá nos últimos anos. Enquanto se inclinava sobre ela, olhando direto para o seu rosto, disse:

— *Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem.* —

Embora as palavras usadas fossem de uma natureza tão simples, a sua entonação e maneira foram tão portentosas e sinceras que a impressionaram profundamente. Sentiu que não queriam dizer que o edifício em que vivia ficaria "bem" (na verdade, foi bombardeado até ao chão duas noites mais tarde), mas sentiu a certeza de que se reportavam ao desfecho da guerra, e que ele queria dizer que ficaria "tudo bem" para a Grã-Bretanha no final.

A Sra. Stonehouse tinha experiência suficiente em tais assuntos para saber que as pessoas no Outro Lado expressam frequentemente opiniões definidas sobre acontecimentos futuros, e que as suas

opiniões estão fundadas numa crença na terminação bem-sucedida a que o seu trabalho será eventualmente conduzido, mas também sabia que o livre-arbítrio do homem na terra pode frequentemente adiar os assuntos, ou interferir até certo ponto. Contudo, sentiu grande confiança no que este homem lhe disse, por causa do que sabia relativamente ao seu caráter, sagacidade e experiência.

Penso que os nossos espíritos comunicantes escolhem frequentemente palavras muito caseiras e simples para nos transmitirem mensagens de importância, pois Eles sentem que os nossos cérebros estão mais propensos a recebê-las e a retê-las numa tal forma.

Ora, por esta mesma altura, em abril, as minhas amigas Alice Plant e a sua filha Ruth, e eu, tínhamos feito uma sessão, sendo eu a médium e a Ruth a tomar notas cuidadosas. Tinha estado a pensar no meu lar no sul de Inglaterra e a ansiar por estar de volta a ele, e esperava que pudesse haver qual quer indicação dada na sessão quanto a quando as condições me permitiriam viver e trabalhar lá novamente.

O Ralph, o filho da Sra. Plant no Outro Lado, era, como de costume, o principal comunicante, embora o meu marido interpolasse algum conselho para mim de tempos a tempos, ou se juntasse ao Ralph quando as mensagens eram de um caráter mais geral e se reportavam aos fazeres de nós três.

O Ralph e o Fred disseram saber que eu estava a ficar impaciente e que queria regressar ao Sul, mas sentiam que eu deveria permanecer no Norte e terminar o trabalho que tinha para fazer — isto é, escrever este livro. Disseram que não nos podiam dizer justamente quando o fim real da guerra viria, mas o Ralph afirmou, da forma mais enfática, que: "Em junho, na altura a que chamam do Meio do Verão, haverá algo a acontecer de grande importância; um passo dado, um clímax alcançado, que terá uma grande influência em acontecimentos futuros e provará, mais tarde, ter sido o ponto de viragem da guerra. Não quero dizer que será o fim da guerra, mas terá uma influência sobre

ela." Anteriormente, na mesma sessão, o Ralph tinha dito: "O mal é predominante agora, mas os Planos de Deus acabarão por se afirmar."

Após esta sessão, senti-me mais contente por ficar onde estava, tendo-me sido dito que os Guias queriam o trabalho terminado antes de eu voltar para as condições do Sul, para mim mais interessantes, embora talvez dispersivas, mas frequentemente me perguntava quais seriam essas condições, de uma forma geral, após o fim da guerra. justamente nessa altura, os ataques aéreos noturnos tinham estado a proceder numa escala grande e devastadora, e as nossas perdas de navios tinham sido pesadas. A questão da comida tinha-se tornado um problema grave, as filas fora das lojas, conforme relatado nos jornais, pareciam crescer diariamente em comprimento, e toda a situação parecia particularmente séria.

CAPÍTULO 30

O EMBAIXADOR SOBRE A ÁGUA

Já me referi à maneira como certos factos nos podem ser transmitidos numa visão de sonho, justamente antes de acordarmos do sono. Ora, algumas destas verdades são por vezes disfarçadas sob uma forma trivial, até absurda; provavelmente isto dá-lhes uma melhor oportunidade de se esquivarem às nossas faculdades críticas e assim passarem intactas para a nossa consciência desperta, principalmente por causa da sua vulgaridade.

Parece que as nossas mentes superconscientes, durante o sono, fazem uso de alguns dos pequenos hábitos e idiossincrasias das nossas vidas despertas normais, e agrupam-nos, formando uma imagem de que, ao acordar, frequentemente nos rimos e descartamos das nossas mentes como um "sonho parvo". Poderíamos ser bem recompensados pelo pequeno trabalho envolvido se anotássemos os pontos principais de tais sonhos imediatamente ao acordar. Não precisamos de gastar muito tempo a fazê-lo, nem precisamos de nos deter neles até descobrirmos que existe realmente algo de uma natureza psíquica por trás deles. Então as notas que tirámos provarão ser úteis.

Não deveríamos deixar-nos cair no hábito de viver a fim de sonhar mas, ao darmos uns escassos momentos de atenção àquilo que experienciámos dessa maneira, podemos eventualmente descobrir que recebemos muita orientação e encorajamento nas nossas vidas diárias, embora ocultos à primeira vista em invólucros muito caseiros, exatamente como uma mensagem que muda o curso inteiro das nossas vidas pode estar contida numa coisa barata e frágil chamada envelope, trazida até nós através do prosaico intermédio do correio.

Lembro-me de uma tal mensagem me ser entregue por um rapaz pequeno e cómico no uniforme de um fardado dos telégrafos e, mais tarde, pensei: "Que notícia tremenda, que alegria, que tragédia, nos pode ser entregue de uma maneira tão comum, até ridícula", pelo que não pedirei mais desculpa por vos relatar um sonho que me veio na manhã de 9 de junho deste presente ano de 1941.

Sonhei que, finalmente, a guerra tinha chegado ao fim, e que as minhas amigas Alice Plant e a sua filha Ruth, e eu, estávamos a viajar juntas numa viagem de comboio. A minha mente estava calma e vigilante. Senti a impressão de que tudo o que pudesse ver ou ouvir deveria ser cuidadosamente anotado e lembrado, pois mais tarde provaria ter alguma influência em assuntos muito importantes relativos à paz, e às linhas pelas quais a nova ordem das coisas seria conduzida ao término da guerra. Sabia que esta informação seria provavelmente dada sob forma simbólica, como já expliquei, e que não devia descartar qual quer parte dela devido à sua aparente trivialidade, ou mesmo absurdo.

Dámo-nos conta de estar numa sala de lanches da linha ferroviária, e perguntei-me que tipo de comida, se é que alguma, seríamos agora capazes de obter. "Bastante pobre", pensei, enquanto me mantinha atrás a fim de ver como a Alice e a Ruth se safavam a este respeito. Elas tinham-se adiantado até ao balcão em frente de mim, e senti que estas duas pessoas eram destinadas a representar, para a minha mente, um número vastamente maior de pessoas.

À medida que, de forma um tanto hesitante, faziam os seus pedidos de comida, esta era-lhes entregue com uma prontidão e presteza que me espantou. Entre outras coisas apetitosas, vi com surpresa um bolo de aspeto sumarento, quadrado e coberto com uma cobertura de creme muito atraente; o tipo de bolo que tinha estado em falta nas nossas mesas por um longo, longo tempo.

Perguntei ao homem de serviço (que usava um fato branco muito apessoado) se poderia ter um tal bolo incluído no meu pacote de comida. Ele respondeu que certamente o poderia ter, e trouxe um bolo de camadas gigantesco, do qual cortou alguns pedaços grandes, exibindo uma camada espessa de creme rico no seu interior. Entregou-me estes, e pareceu que procedíamos na nossa viagem, ou visita de inspeção.

Após nos sentarmos no que parecia ser uma carruagem de comboio comum, não olhei pelas janelas da carruagem para observar a paisagem, como habitualmente faço, porque descobri que um grande mapa de Inglaterra, Escócia e Gales tinha sido colocado em frente de mim. O mapa estava muito limpo, de uma cor rosa brilhante. (O rosa é habitualmente tomado como uma cor de esperança, visto simbolicamente.) Fitei-o, e pareceu tornar-se mais substancial, mais sólido, à medida que olhava para ele.

Para a minha mente, assumiu uma importância maior do que a de ser um mero mapa impresso. Senti que estava a olhar para um plano da Grã-Bretanha, a Grã-Bretanha do futuro, quando as nuvens escuras da guerra tivessem rolado para longe, e os esforços extenuantes de todos os envolvidos tivessem construído um país novo, mais limpo e melhor para as gerações presentes e futuras florescerem e progredirem.

Mesmo ao centro do mapa, de norte a sul, estava desenhada uma linha grossa, e os nomes de vários locais sobre ou perto desta linha estavam impressos em letras grandes, carregadas e claras. Senti que estas letras simbolizavam a reconstrução bela e sólida que teria lugar em certas áreas, embora ficasse um tanto intrigada ao ver o número de

espaços abertos que tinham sido deixados aparentemente sem construção.

Lembrei-me de que, nalgumas das minhas visitas fora do corpo aos Planos Mais Elevados, me tinham sido mostrados mapas semelhantes, e que eram sempre pintados com este rosa brilhante e radiante.

Ora, justamente antes de acordar, enquanto continuava a estudar o mapa e a perguntar-me como todas estas melhorias seriam levadas a cabo, dei-me conta de que uma voz sussurrava uma palavra, ou palavras, no meu ouvido esquerdo. A primeira sílaba, ou palavra, foi "van". O resto não consegui ouvir e — sentindo que me estava a ser dada a resposta à minha pergunta não falada — clamei: — *O que disse?* — De novo vieram os sons — eram três ao todo — e de novo ouvi "van".

— *Van* — *van o quê?* — perguntei. — *Será Vanetta? Soa a algo parecido com isso.* —

Mesmo enquanto falava, sabia que a palavra não era Vanetta e, um segundo depois, a voz veio de forma mais clara: — *Van gass en.* —

Estou a dar os sons fonéticos, e sabia na altura que não estavam exatamente corretos, mas que se encontravam muito perto do alvo. Acordei do sonho segurando firmemente a memória dos sons, e ouvi-me repeti-los em voz alta. Escrevi imediatamente a experiência inteira com um detalhe considerável e, ao reportar-me a estas notas, vejo que escrevi: "Não parecia haver propriamente um tal número de locais no mapa como nos mapas comuns existentes da Inglaterra, mas alguns estavam escritos em letras carregadas e brilhantes, embora não me consiga lembrar de quais eram, mas sete ou oito ao longo do centro do país estavam pesadamente marcados. Todo o sonho pareceu satisfatório."

Compreendi que o homem com os bolos era simbólico do estado e condição das coisas ao fim de, ou após, a guerra, embora percebesse, mesmo enquanto sonhava, que antes de tudo isto poder acontecer,

muita água — e a maior parte dela turbulenta — haveria de correr debaixo das nossas pontes, e muito esforço ser feito (simbolizado pelos movimentos fortes e rítmicos que nos tinham conduzido à segurança no meu sonho anterior em janeiro deste mesmo ano de 1941).

Discuti este sonho com a Sra. Plant e com a Ruth e, ao tentarmos interpretar a parte em que nos eram dados os bolos, oscilámos entre a explicação de que, no estado de sonho, eu estava a expressar o meu anseio recalcado e gula por tais iguarias, e a ideia de que significava que haveria abundância de coisas boas para toda a gente ao fim da guerra.

Claro que me inclinei para esta última explicação, a qual de novo poderia ser apenas um pensamento desejoso, ou uma tentativa de salvar o meu amor-próprio, mas lembrei-me de que, quando vi que à Ruth era dado um pedaço de alimento tão surpreendentemente atraente, fiquei curiosa por ver se os outros, incluindo eu própria, seriam servidos igualmente bem, e notei que o bolo que me fora oferecido já tinha sido cortado em fatias de tamanho igual, algumas das quais tinham sido retiradas. Senti que isto significava uma distribuição igual e justa, não apenas das necessidades, mas dos confortos da vida.

O significado das palavras "van gass en" escapou-nos por completo ao início. Depois a Ruth, que é extremamente afeiçãoada à Noruega e a tudo o que é norueguês, disse:

— *Isso soa a norueguês*, — e pegou no dicionário Norueguês-Inglês de Leachman. As únicas palavras que conseguimos encontrar que eram parecidas com aquelas que eu ouvira não nos transmitiam nada de todo, no entanto senti a forte impressão de não as rejeitar. Eram "vand" e "gesant". "Vand" significava água, e "gesant" significava embaixador. Juntas, soavam notavelmente parecidas com "vangassen".

Outra amiga sugeriu que as palavras poderiam ser de origem alemã, e deu uma interpretação que ponderei na minha mente, mas

senti não ser a correta. Mais fortemente do que nunca, senti que "vand" e "gesant" eram os sons corretos.

— *O que poderá significar?* — continuávamos a dizer uma à outra. — Embaixador — água — Embaixador de além-mar? Embaixador sobre a água?

Desisti de tentar procurar uma interpretação, embora convencida agora de que as palavras reais eram "vand" e "gesant", e de que o verdadeiro significado era água e embaixador. Compreendi e apreciei plenamente que a razão para as palavras me estarem a ser dadas numa língua estrangeira era para que, ao acordar, não saltasse para a conclusão de que eram apenas palavras comuns que tinham estado na minha própria mente.

Determinei esperar para ver e, quando o acontecimento histórico de o Sr. Churchill e o Presidente Roosevelt se encontrarem no oceano — "a água" — foi dado a conhecer algumas semanas mais tarde, soube que era na verdade através dos bons ofícios de, e das propostas redigidas pelo "Embaixador sobre a água", que se forneceria a resposta à interrogação do meu sonho quanto a como a paz, e a melhoria geral e progresso no mundo, iam ser alcançados.

CAPÍTULO 31

OS HOMENS-LAGOSTA

Por esta altura tinha havido uma boa dose de especulação e pensamento relativamente à invasão. Os jornais tinham dedicado colunas ao assunto, arejando as suas perspetivas quanto à melhor maneira de se prepararem para uma tal contingência, e agitando o interesse no assunto de todas as formas possíveis. Julgando a partir de pontos de vista normais, parecia haver todas as indicações de que o momento atual, sendo o início do verão, seria uma altura propícia para o inimigo embarcar numa tal campanha.

Durante a noite de sábado, 14 de junho, dei comigo a viajar no meu corpo etérico, e sabia que tinha estado nalgumas das cidades

costeiras que tinha visitado desta maneira. Ao regressar desta visita, não me conseguia lembrar do que tinha feito ou visto, pois a memória foi apagada, antes de poder acordar no meu corpo físico, pela introdução de outra das minhas visões de sonho. Neste sonho dei comigo numa cidade estranha. Sabia que era em Inglaterra, e parecia ser não longe da costa, embora não conseguisse ver o mar em si.

Tinha sido tocado qual quer tipo de alarme, e vi pessoas a apressarem-se de volta para as suas casas, algumas delas segurando os seus filhos pela mão, conduzindo-os para a segurança. Por todo o lado havia a evidência da percepção de perigo imediato. Senti-o, também, e ouvi o familiar *zuúm-zuúm* de aviões sobre a cabeça. Depois, à distância, ouvi um som ainda mais ominoso — o som do marchar de pés e o tilintar de armas.

Disse para mim própria: "Chegou finalmente — a invasão. Os nazis estão aqui. Não estou perto do meu lar, pelo que devo abrigar-me, e permanecer o mais calma possível, e aguardar os acontecimentos."

Um pequeno quiosque encontrava-se perto de mim, um abrigo pobre e inadequado, mas dei um passo para dentro dele e olhei através da porta aberta em direção à direção de onde vinham os sons ominosos do exército que se aproximava. Uma parede alta ocultava-os da vista, e sabia que não os conseguiria ver até que dobrassem realmente a esquina desta parede, que ficava a apenas uma centena de jardas ou pouco mais de onde me encontrava.

Preparei-me para receber o choque o melhor que conseguisse. Por esta altura as ruas estavam completamente desertas. Estava sozinha, e o próprio perigo e desespero da minha posição deram-me o tipo de calma que vem quando a pessoa é confrontada com a percepção inevitável dos seus piores medos. Não conseguia tirar os olhos da esquina ao redor da qual sabia que o inimigo iria aparecer. Os sons da sua aproximação tornaram-se mais fortes. Era apenas uma questão de um segundo ou dois agora, e a tensão era intensa.

Subitamente, o temido inimigo irrompeu à vista. Para meu total espanto, em vez do exército de nazis que tinha esperado, uma fileira de seres humanos dos mais extraordinários surgiu perante os meus olhos assombrados.

Apareceram várias criaturas imensas, vestidas de um vermelho-lagosta brilhante, que cintilava como uma armadura de fogo e dava a impressão de uma espessura e força extraordinárias. Na verdade, pareciam exatamente lagostas gigantes e, embora a sugestão de que as suas carapaças de lagosta pudessem formar vestes de guerra práticas e protetoras pudesse parecer ridícula, a pessoa esquecia isso ao perceber quão impressionante era a sua força, e o sentimento extraordinário de confiança e coragem que era retratado no porte forte e ousado dos homens. Pensei para mim própria: "Não há um número tremendo deles, mas o seu tamanho e força compensam isso."

Não queria dizer apenas a sua força ou tamanho corporal, mas havia um ar de invencibilidade e de propósito indomável ao redor deles. Eram aterrorizadores, no entanto confortantes. Fiquei preenchida com um sentimento de profunda gratidão e alívio, o qual não conseguia analisar, visto que não fazia ideia do que a extraordinária aparição dos Homens-Lagosta poderia possivelmente significar. Apenas sabia que a libertação do medo e perigo presentes tinha chegado, o que não apenas nos concederia espaço para respirar ao adiar o nosso perigo imediato, mas provavelmente o evitaria por completo.

Quando relatei este sonho à Alice e à Ruth Plant na manhã seguinte, elas sugeriram imediatamente que os Homens-Lagosta significavam a Rússia. Tinha havido alguma sugestão nos jornais de que a Alemanha se preparava para invadir a Rússia mas, desde o início desta guerra, tínhamos visto tantos rumores publicados relativamente ao que a Alemanha poderia fazer à Rússia, ou vice-versa, que prestávamos muito pouca atenção ou crédito a estas afirmações. Contudo, no domingo, 22 de junho, como todo o mundo sabe, surgiu o anúncio pela *British Broadcasting Corporation* de que a Alemanha tinha realmente começado a invadir a Rússia, e isto foi logo

seguido por acontecimentos que proclamaram que a Rússia era agora nossa aliada em todos os aspetos que importavam.

Um mês após ter tido o sonho relativamente à Rússia, tive ocasião de escrever a um amigo, um clérigo da Igreja de Inglaterra, para lhe pedir permissão para citar de algumas notas de uma sessão, as quais ele me tinha enviado vários meses antes, e que eu desejava incluir neste livro, dado que se reportavam a condições no Outro Lado durante o tempo de guerra. Chamarei a este amigo Sr. Harding, porque nas suas investigações com outros médiuns algumas provas poderiam ser estragadas se desse o seu nome verdadeiro, mas ele disse-me para declarar que ficará muito contente por ouvir de forma privada de quaisquer investigadores de boa-fé a quem possa ajudar.

No decurso da sua resposta à minha carta, o Sr. Harding contou-me que, a 29 de agosto de 1940, o seu filho Sidney, durante uma sessão de transe através de mim própria, falava sobre a guerra e as probabilidades relativamente ao seu progresso e terminação bem-sucedidos, e disse: — *Deus usa instrumentos estranhos por vezes. Ele pode usar a Rússia.* —

O pai observou: — *Noto que dizes "pode".* —

— *Sim, porque o homem tem livre-arbítrio,* — respondeu o filho. — *Esse é o plano, e o homem pode estorvar, mas não pode em última análise frustrar o Propósito de Deus.* —

Ora, esta foi a primeira predição com influência no facto de a Rússia desempenhar um papel importante nesta guerra. A segunda foi quando o Ralph Plant declarou que um passo importante seria tomado no meio do verão (1941), o qual se verificaria mais tarde ter sido o ponto de viragem na guerra; e, em terceiro lugar, o meu sonho dos Homens-Lagosta a dobrarem inesperadamente a esquina e a evitarem, temporariamente que fosse, o perigo imediato e avassalador para a Grã-Bretanha por parte da Alemanha.

Tomados em conjunto, todos pareciam apontar para o facto de que a Rússia, mesmo que não pudesse ganhar a guerra por nós, serviria de facto a um propósito muito útil, e provaria ter sido uma

ajuda muito real para nós quando, mais tarde, olharmos para trás para a sua entrada forçada nesta guerra.

Escassos dias após a Alemanha ter invadido a Rússia, a Alice Plant, a Ruth e eu realizámos outra sessão, para que o Ralph pudesse comentar — se desejasse fazê-lo — a reviravolta que os acontecimentos tinham tomado tão recentemente. Nesta sessão ele disse que, na sua opinião, embora a Alemanha pudesse fazer algum avanço contra a Rússia, e até conquistar algum do seu território, pagaria tão pesadamente por tudo o que ganhasse que, no fim, ficaria em pior situação devido à sua invasão daquele vasto país.

CAPÍTULO 32

O PLANO DE DEUS

E A NOSSA PARTE NELE

Vós notareis que o filho do Sr. Harding, tal como muitos outros, se referiu ao Propósito e ao Plano de Deus. Em muitas das suas comunicações, as Pessoas do Espírito dizem-nos que a grande mente de Deus — a Mente Infinita — está cheia de planos para a felicidade e o bem-estar da humanidade; para o seu progresso em direção ao belo e ao verdadeiro.

Nenhum outro destino está traçado para ele nesta Mente Infinita, exceto aquele que é Bom, e ele está sempre a ser suavemente atraído nessa direção, muito embora o seu próprio livre-arbítrio (sem o qual não poderia de todo progredir, não tendo escolha entre o bem e o mal) possa por vezes conduzi-lo ao erro, especialmente quando os seus pensamentos se voltam para o amor ao poder, a ambição, a arrogância e a luxúria de dominação sobre os outros.

Desde que o homem desenvolva e encoraje no seu interior uma consideração e simpatia razoáveis pelos outros, e um amor pela

verdade e pela honestidade, não se desviará muito do caminho, nem para fora do alcance das Mãos Guias que estão sempre estendidas para ele, procurando atraí-lo de volta à paz e à segurança.

— *Que seca,* — tenho ouvido as pessoas dizerem. — *A jogar pelo seguro o tempo todo. Que coisa enfadonha a vida se tornaria!* —

Isso é parte do problema na vida. As pessoas têm demasiado medo de ficar entediadas. Confundem a excitação, o perigo, o andar no fio da navalha, o correr riscos desnecessários em seu próprio nome e no de outrem, com a alegria de viver, e apenas percebem demasiado tarde que negociaram a oportunidade de uma felicidade real por um fogo-fátuo, algo que as conduziu em direção a uma miragem que fascina à medida que as atrai para si e, ao fim de uma longa, cansativa e abortada busca, prova não ter substância, deixando-as com um sentimento de frustração e desolação.

O Cowper descreveu os esforços do homem para encontrar um paladar para a vida, através do cortejar da excitação, nas seguintes palavras:

Uma vida toda turbulência e ruído pode parecer, A quem a lidera, sábia e digna de louvor; Mas a Sabedoria é uma pérola, com mais sucesso Procurada em água parada, e sob céus límpidos. Aquele que está sempre ocupado em tempestades, Ou não mergulha por ela, ou traz em vez disso, Vaidosamente industrioso, um prêmio vergonhoso.

Vaidosamente industrioso! Sim, estamos frequentemente dispostos a gastar muita energia e dinheiro, todos os nossos recursos, de facto — sejam mentais ou materiais —, na busca da nossa felicidade em condições onde é impossível encontrá-la. Na busca da paz e da quietude encontraremos a oportunidade para a verdadeira aventura, a alegria real, e a satisfação que provém do progresso consciente do espírito e da mente, e o intercuro com outras almas, sinceras e amigáveis, que buscam as mesmas verdades e conhecimentos duradouros e satisfatórios que nós próprios.

Existe um certo risco em tudo o que de novo tentamos, em cada caminho não trilhado, e devemos por vezes enfrentar esses perigos, e

atacá-los com as armas da coragem e da paciência que forjámos para nós próprios durante os intervalos tranquilos. De tais experiências não procuradas, no entanto não egoisticamente evitadas, emergimos mais fortes e mais sábios, mas devemos dar a nós próprios intervalos para descanso e revigoração do corpo e da mente.

Existem condições infelizes e até perigosas na vida em direção às quais nos podemos ver forçados; pode ser que formem os nossos necessários pontos de teste mas, quando as tivermos enfrentado, feito e aprendido tudo o que pudermos através delas, não é aconselhável que permaneçamos nelas. Lembro-me de que estupidamente permaneci muito mais tempo do que necessitaria nas condições muito perturbadoras que prevaleciam na minha cidade natal na costa de Kent durante a Batalha de Inglaterra, no verão e no outono de 1940. Era perigoso, e era certamente emocionante, e foi uma experiência das mais interessantes; mas, tendo-a tido, deveria ter estado contente por deixar as condições onde não conseguia realizar qual quer trabalho psíquico, nem ter a paz ou inspiração necessárias para escrever.

A Helen MacGregor, a bem-conhecida psíquica, ao enviar-me uma mensagem dos meus Guias dizendo-me que estava apenas a prejudicar-me física e mentalmente ao recusar-me obstinadamente a partir, acrescentou na sua carta para mim: "Quando a pessoa aprendeu a sua lição por passar por qual quer experiência provadora ou difícil, já não é essencial ou aconselhável continuar a repetir a experiência em si. Torna-se então prejudicial." (Acontecimentos subsequentes provaram que isto estava correto, como a maioria dos conselhos e mensagens desta esplêndida médium têm sido — quando foram devidamente notados e seguidos.)

Tivesse eu deixado o meu lar mais cedo do que o fiz, poderia ter realizado muito mais trabalho, e poupado a mim própria uma boa dose de desgaste e falta de sono, mas o meu uso errado do livre-arbítrio manteve-me indevidamente muito tempo em condições que deveria ter deixado algum tempo antes de o fazer. Milhares de pessoas estão diariamente a usar o seu livre-arbítrio de forma errada, em vez de tentarem abrir as suas mentes e tornarem-se recetivas aos impulsos

vindos da Mente Divina. Esta pode atuar diretamente, mas também faz uso das almas que passaram para o Além, e trabalha através delas, ajudando-as e inspirando-as a influenciar-nos, sabendo que podemos estar particularmente recetivos aos pensamentos e cuidados daqueles que conhecemos pessoalmente nas nossas mentes finitas.

Quando se estuda a Ciência Espiritual e Psíquica de uma tal maneira que coloca o estudante em contacto direto com Espíritos de um plano mais elevado, muito cedo se chega à conclusão de que existe um Plano ou Propósito definido em existência; um plano com o qual se pode cooperar se assim se escolher, ou contra o qual se pode, embora apenas por um tempo, correr em sentido contrário. Se o estudante escolher o primeiro caminho, descobrirá que os seus esforços em direção ao progresso ganharão avanço, e as dificuldades e testes que encontrar na sua educação da alma serão facilmente superados, ao passo que se eleger seguir o seu próprio caminho obstinado, fechando a sua mente aos impulsos da sua própria consciência mais elevada, ou intuição, descobrirá que escolheu uma rota longa e sinuosa, juncada de muitos obstáculos e armadilhas e, em consequência, pode nunca chegar a qual quer meta definida durante a sua vida terrena.

Penso que a vantagem de estudar assuntos espirituais e psíquicos reside no facto de podermos comunicar com, e ser ajudados por, seres de uma inteligência e sabedoria maiores do que as nossas próprias. Eles não nos podem coagir ou interferir com o nosso livre-arbítrio, ou forçar-nos a escolher entre o certo e o errado, mas podem, e fazem-no, explicar-nos as vantagens que colheremos e o crescimento e conhecimento espirituais que podemos alcançar ao tentarmos conscientemente fazer o que é correto.

Mesmo que cometamos erros, como disse num capítulo anterior, não precisamos de ficar desanimados, porque se o nosso próprio desejo sincero de progresso nos conduziu ao erro, descobriremos que a ajuda espiritual está disponível para ajudar a ajustar os assuntos e a colocar-nos no rumo correto de novo, tanto melhor equipados para

esforços futuros porque aprendemos uma lição útil. Não fomos quebrados por ela, nem sequer desencorajados, mas sim fortalecidos.

O Plano de Deus existe com o propósito de ajudar o homem a desenvolver a sua alma e caráter para uma consciência cada vez maior da sua própria origem Divina, da sua unidade com o Amor, Sabedoria e Poder Divinos. É a realização da sua condição de herdeiro de tais poderes que o ajuda a alcançá-los e, se isto o conduz a realizar esforços para ser digno de tal conquista, então está a cumprir o seu Destino; está a aproximar-se cada vez mais de Deus. Se os homens e as mulheres se esforçassem por fazer isto, não importa quão circunscritas e limitadas as suas circunstâncias terrenas possam ser, cedo teríamos aquele Céu na Terra pelo qual mecanicamente oramos com os nossos lábios, desejamos com a nossa imaginação, e duvidamos com os nossos intelectos.

A consciência de que um Plano Divino está a trabalhar para o bem do homem não significa que o seu futuro terreno esteja traçado para ele de uma tal maneira que seja obrigado a seguir cegamente, e a submeter-se a circunstâncias das quais seja incapaz de escapar — por outras palavras, a tornar-se um escravo do Destino.

O Plano é amplo e elástico. Tem de ser elástico a fim de garantir que — caso o homem se recuse a cooperar com ele — ele não o quebrou realmente, mas esticou temporariamente as suas linhas para fora das suas posições adequadas. Ele tinha interferido, temporariamente, e provavelmente adiado os assuntos, mas não pode frustrar ou impedir o Plano de Deus de se desenvolver até à sua conclusão última.

Os nossos Espíritos Comunicantes comparam por vezes o Plano a um programa de concerto que foi perfeitamente pensado e organizado, cada item bem colocado e bem equilibrado com a devida consideração tanto para os executantes como para o público. Depois, um dos artistas desiste, ou atrasa-se, e interfere com o fácil desenrolar do concerto, perturbando a sequência dos acontecimentos e causando

provavelmente uma boa dose de consternação e problemas desnecessários a toda a gente envolvida.

Contudo, isso não significa que o programa inteiro colapse, mas houve uma interferência com o seu funcionamento suave e com o curso dos acontecimentos. Um excelente substituto pode ser encontrado no último momento para tomar o lugar do executante recalcitrante, mas o caráter do concerto nesta etapa particular pode ser materialmente alterado ao fazê-lo.

Aqueles no Outro Lado dizem-nos que os detalhes do Plano são conhecidos nos Planos Mais Elevados, e são menos amplamente conhecidos nos planos inferiores, ou naqueles mais próximos da terra. Aqueles que desenvolveram os seus poderes espirituais até um nível elevado, mas que estão voluntariamente a viver num plano inferior àquele a que o desenvolvimento da sua alma lhes dá direito, a fim de estarem mais perto de, e de ajudarem as pessoas na terra, são capazes de compreender e interpretar o Propósito em grande extensão. Percebem o seu provável efeito e influência nas vidas das pessoas na terra. São também capazes de ver as tendências destas pessoas e a maneira como podem reagir ao Plano.

Eles trazem a sua influência para se fazer sentir, para encorajar os seus amigos na terra a cooperarem. Conforme declarado anteriormente, não devem usar a força, ou usar influência indevida, nem interferir com as nossas faculdades naturais de julgamento, as nossas oportunidades de aprender a distinguir o bem do mal, e optando por escolher o bem, mesmo que este não apareça sob uma roupagem tão glamorosa como o mal, como é frequentemente o caso. O velho e batido ditado, "Nem tudo o que reluz é ouro", é notavelmente verdadeiro quando aplicado a estes testes do nosso discernimento espiritual.

CAPÍTULO 33

PROFECIA VERSUS DEDUÇÃO

Os nossos amigos no Outro Lado dão-nos frequentemente previsões espantosamente corretas de acontecimentos futuros. Ficamos por vezes maravilhados com a exatidão de tais afirmações, e inclinados a investir o dador de poderes extraordinários de predição, ao passo que tais profecias são simplesmente a interpretação correta de quais os efeitos que se seguirão a partir das causas presentes, o desenvolvimento do Plano, auxiliado pela escolha do homem em cooperar, ou de outro modo.

Em outras palavras, é uma dedução muito astuta, extraída pela mente inteligente e experiente de uma pessoa que se encontra na posição vantajosa de ser capaz de ver mais daquilo que se passa no mundo do que nós próprios conseguimos, porque a nossa visão está limitada pelas leis da perspetiva que existem na terra. A pessoa pode comparar isso a um homem que, posicionado numa grande altura, usando um telescópio potente, é capaz de ver locais e acontecimentos que são invisíveis para aqueles num nível inferior. Ele encontra-se na posição do "espetador que vê a maior parte do jogo", mas não devemos cometer o erro de o creditar com infalibilidade em quaisquer deduções que possa extrair das suas observações.

Esse é um erro grave que é frequentemente cometido, especialmente quando o comunicante envolvido já marcou alguns pontos corretos no passado. É verdade que alguns indivíduos do Lado de Lá se provaram mais capazes de exercer estes poderes de dedução e previsão do que outros. A sua inteligência natural e o progresso espiritual que realizaram permitem-lhes fazê-lo.

O meu pai, ao falar-me a partir do Além sobre este assunto, disse:

— *Com alguns é natural e necessário que tenham mais previsão do que outros. Para alguns a previsão provaria ser uma arma perigosa, como deixar uma criança brincar com o fogo. Para a alma evoluída uma certa quantidade de previsão vem naturalmente, e ele desenvolve a descrição e a sabedoria para a usar. A sabedoria para a revelar, ou reter, vem para aqueles que estão prontos para ela. A alma ignorante ou estagnada que nunca aprendeu a pensar na terra,*

ou a planear, ou a imaginar, não pode começar facilmente deste lado. Não pode começar a partir do mesmo ponto, com as mesmas vantagens, que o grande pensador ou o homem de génio. O desenvolvimento mental na terra é da maior importância. —

Temos uma tendência para aceitar cada declaração feita por aqueles que passaram para o Lado de Lá como infalível. Isto é responsável por uma boa dose de desapontamento e mal-entendido, especialmente quando tais afirmações têm uma influência em acontecimentos futuros. As profecias de que não haveria guerra, de que tanto ouvimos falar, são um caso em questão.

Muitas delas foram feitas por comunicantes experientes que tinham dado muitas provas da sua exatidão em tais assuntos em ocasiões anteriores. É curioso notar a extensão em que diferentes comunicantes divergiam, embora falando através do mesmo médium.

Na minha opinião, todos os comunicantes inteligentes estavam cientes da gravidade — da excecional gravidade — e perigo da situação. Na verdade, falando das minhas próprias experiências pessoais, eles estiveram a avisar-nos sobre isso com um tempo considerável de antecedência, urgindo-nos a enfrentar a possibilidade, a orar pela libertação da mesma, e por proteção e ajuda caso esta se materializasse.

O seu trabalho e desejo era pela paz, mas percebiam que a determinação de certos líderes para a dominação mundial poderia forçar o nosso país a um estado de guerra. Urgiram-nos a prepararmos, e a orar para que a orientação e inspiração para lidar com a contingência, caso esta surgisse, fossem dadas aos nossos estadistas e conselheiros. Até quase ao último momento esperaram conseguir influenciar os elementos destrutivos que criavam o perigo, para verem a razão, e abandonarem o curso desastroso que forçava o resto do mundo civilizado a um estado de guerra.

Os trabalhadores experientes no Outro Lado, que estavam cientes do perigo, tinham-nos avisado sobre isso muito antes de nós próprios o percebermos. O facto de ter havido algumas exceções notáveis do

Lado de Lá, algumas almas otimistas que esperaram e pensaram, até ao fim, que não haveria guerra, prova que existem diferenças de opinião baseadas em diferenças anteriores de perspectiva e de caráter, e deveria ser uma lição útil para nós, na medida em que nos ensina que não devemos aceitar cada expressão de opinião como sendo uma profecia que não pode falhar.

Tenho passado alguns anos a aconselhar estudantes de Investigação Psíquica a evitarem esta tendência para aceitarem cada afirmação feita relativamente ao futuro como infalível.

Devemos lembrar-nos de que os nossos amigos no Além — as almas inteligentes e evoluídas que estão cientes da existência do Plano — estão determinados a auxiliar o seu cumprimento por todos os meios legítimos ao seu alcance. A fim de fazerem isto, devem descartar toda a ideia de uma possível falha, porque o Pensamento opera ainda mais poderosamente do que faz na terra e sabemos que, se nós no plano físico tentarmos levar a cabo qual quer projeto num espírito de dúvida ou incerteza quanto ao seu sucesso final, ficamos estorvados e limitados nos nossos esforços.

Quando algum amigo bem-intencionado mas pessimista nos faz qual quer sugestão de falha, quando lhe contamos os nossos planos, ou lhe deixamos ver aquilo em que estamos a trabalhar, frequentemente queixamo-nos de que nos "cortaram as pernas". Não sabemos exatamente o que fizeram ou disseram que teve um tal efeito sobre nós, mas fomos recetivos a uma sugestão ou influência de enfraquecimento.

Quando os ajudantes no Além estão a usar os seus esforços nalgum plano benéfico para ajudar os outros, quer do seu próprio lado quer no nosso, têm de evitar todos os pensamentos e emoções negativos. Essa é uma das primeiras lições que aprendem quando se qualificam para um tal trabalho.

Ora, o que acontece quando percebem que algum plano sobre o qual se têm estado a concentrar, tal como o de preservar a paz na terra, é derrubado? O que acontece quando veem que os seus esforços foram

anulados pela obstinação avassaladora daqueles cujo desejo de poder venceu a sua razão, como aconteceu no eclodir da guerra em setembro de 1939?

Permitem-se eles sentir desencorajados, ou vacilar na sua determinação de trazerem um estado de coisas mais feliz e melhor?

Não, eles percebem imediatamente que os elementos destrutivos na terra varreram os assuntos para fora do seu controlo, mas apenas por enquanto. Sabem que o Propósito de Deus não pode ser destruído; acabará por se desenvolver para a melhoria da humanidade, e nenhuns ditadores, opressores ou inimigos do progresso podem fazer mais do que interferir com, ou adiar o Plano temporariamente. No fim, é a força interferente que sofre. Em última análise, destrói-se a si própria. Tornou-se uma força destrutiva em vez de construtiva, e está condenada por si mesma desde o início.

Com este conhecimento seguro nas suas mentes, os nossos Ajudantes Espíritos voltam a sua atenção para a minimização dos maus resultados que advêm de uma tal interferência. Sabem que os seus esforços e vontade renovados, combinados com os nossos, acabarão por trazer o Propósito de Deus à existência, não importa que adiamentos ou estorvos o possam afetar de momento, e que "Os moinhos de Deus moem devagar, mas moem superfino." Eles choram por nós, pelas provações e desgostos que sabem que estamos a passar, mas usam o seu poder para nos encorajar e assistir por todos os meios possíveis.

À parte de quaisquer mensagens que nos possam dar durante sessões ou outras manifestações da sua presença, confortantes como estas nos são num sentido pessoal, existe outro aspeto mais amplo da maneira como eles conseguem, e de facto o fazem, ajudar. A Vontade Divina e o Pensamento Criativo estão a trabalhar interminavelmente para o nosso bem.

O Infinito está continuamente a procurar-nos, tentando tornar-nos conscientes da sua existência, buscando a nossa cooperação. Os nossos amigos que passaram para o Além, e estão desimpedidos do corpo

físico mais grosseiro e dos seus sentidos mais rudes, estão mais cientes disto, e mais recetivos ao seu apelo do que nós. Mas é a vontade de responder que importa, impulsionada pelo desejo de progresso. Cada momento que passamos a aspirar conscientemente à Verdade Espiritual aproxima-nos de uma consciência do Poder e Amor Infinitos, e desenvolve em nós a capacidade cada vez maior de trabalharmos com e para o Propósito benéfico da mente Divina.

A transformação interior em nós próprios pode não se manifestar de qual quer maneira súbita ou marcante. Todo o verdadeiro crescimento procede de uma forma sistemática, seguindo o seu curso natural e inevitável, até que gradualmente nos tornamos cientes de um poder interior vital dentro de nós próprios; uma consciência de, e recetividade para com o Verdadeiro, o Bom e o Belo no Universo. O Amor Infinito encontrou-nos, simplesmente porque nos abrimos, à nossa consciência, para ele.

Ora, aqueles dos nossos Amigos Espíritos que progrediram minimamente no Outro Lado são ainda mais recetivos e desejosos de cooperar com a Mente Infinita. Veem e compreendem a importância de o fazer e, quando notam os nossos esforços nessa direção, regozijam-se e fazem tudo o que é possível para nos encorajar, porque sabem que, quanto mais progredimos nestas linhas, mais nos aproximamos do seu ritmo de vibração.

Em outras palavras, quando optamos por desenvolver os nossos poderes da alma e a nossa superconsciência, em vez de nos limitarmos ao domínio das mentes consciente e subconsciente, e à sua absorção com coisas do plano puramente físico, aprendemos na realidade a tocar a franja do próximo mundo; até mesmo a visitá-lo e a desfrutar de um intercurso prestável com os seus habitantes quando estamos suficientemente prontos para o fazer.

As pessoas no Outro Lado respondem naturalmente a pensamentos otimistas e felizes, porque estão sintonizadas com eles. O corpo etérico é de uma vibração mais fina do que o corpo físico mais denso, e é controlado pela mente superconsciente, a qual

responde ao pensamento construtivo mais do que ao destrutivo, ao otimismo mais do que ao pessimismo. Isto não significa que estejam cegos para os factos óbvios, mas não se detêm deliberadamente na possível falha dos seus esforços até verem que esta é inevitável.

Vós notareis que o meu pai, ao falar de previsão, disse que esta vinha a algumas pessoas naturalmente; o indivíduo experiente e evoluído consegue ver mais longe, e deduzir de forma mais exata a partir daquilo que vê, do que a alma ignorante ou, como o meu pai lhe chamou, estagnada.

Por vezes, um espírito comunicante pode dizer-nos numa sessão que uma carta chegará dentro de cerca de um mês, contendo notícias de um certo tipo sobre as quais dará informação muito exata. Isto provar-se-á mais tarde quando a carta chegar quase na altura combinada, e cada detalhe da "profecia" parecer estar cumprido.

Suporemos que esta carta está a ser escrita na altura da sessão, ou que o escritor está a pensar escrevê-la. Ele vive na África do Sul, onde já aconteceram os factos sobre os quais tenciona escrever. Os nossos amigos espíritos conseguem visitá-lo, se as condições ao seu redor forem tais que tornem o contacto possível, e mais tarde, quando ocorrer uma oportunidade adequada, podem passar-nos a informação de tudo o que viram ou pressentiram. Chamamos frequentemente a um tal procedimento pelo nome de profecia, mas não penso que devesse ser rotulado assim. É simplesmente a prova de que aqueles que passaram para o Lado de Lá conseguem, dadas as condições corretas, visitar locais e pessoas distantes na terra e, depois, dar-nos uma descrição exata do que está a acontecer lá, e do que as pessoas lá estão a planear ou a pensar fazer.

Por vezes, eles veem alguma condição física em nós próprios que sabem que se pode tornar problemática mais tarde, embora nós próprios possamos estar totalmente alheados dela na altura. Se qual quer bem puder advir de o fazerem, falar-nos-ão da sua existência, mas existem muitos casos em que seria desaconselhável fazê-lo, dado que poderia apenas criar um estado de alarme, ou choque, ou

desânimo, de acordo com o temperamento do indivíduo. Num tal caso, esforçam-se por vezes por encontrar alguma pessoa receptiva que esteja propensa a tomar medidas do tipo correto relativamente ao assunto, ou a tornar-se prestável de qual quer maneira.

Uma noite, na parte inicial da guerra, tive o forte pressentimento de que alguém que eu conhecia estava em perigo, mas não senti que fosse em ligação com a guerra. Como não conseguia ir mais além nas minhas tentativas de pressentir a identidade da pessoa, limitei-me a enviar pensamentos de que seria ajudada e protegida, e descartei o assunto da minha mente. Na manhã seguinte não pensei nisso de todo, dado que tinha uma sessão, e mantenho sempre a minha mente tão "vazia" quanto possível de antemão. No fim da sessão, dei-me conta de uma sensação das mais peculiares e desagradáveis ao longo de todo o meu lado direito. Não me conseguia mover, e a minha cabeça foi afetada a uma tal extensão que temi perder a consciência, não da maneira psíquica habitual, como acontece quando o espírito guia começa a ofuscar-nos, mas sim uma perda física de consciência. Este sentimento era muito desagradável, mas sabia que a condição não era minha.

Pressenti que estava a reproduzir os sintomas de um esgotamento ou AVC que tinha afetado alguém querido para mim, e que estava a ser forçada a experienciar as condições em detalhe, de modo a poder perceber o perigo para esta amiga e começar imediatamente a enviar-lhe o meu poder de cura. Embora não conseguisse ver a pessoa, ou sequer pressentir quem poderia ser, sabia que era uma mulher, alguém por quem me importava e com quem estava sintonizada.

Fiquei sentada quietamente, nada dizendo ao meu participante, que naturalmente considerou o meu silêncio como indicativo de que eu estava a demorar um pouco mais do que o habitual para sair do estado de transe em que tinha estado durante a sessão. Em escassos momentos a condição passou, tendo-me alcançado o seu propósito e avisado de que deveria trabalhar espiritual e mentalmente durante o resto do dia, segurando o pensamento de que quem quer que estivesse

envolvido pudesse receber toda a ajuda possível, tanto dos Planos Mais Elevados como na terra.

Após o meu participante se ter ido embora, fui ter com a minha sobrinha, Rita Watkins, e contei-lhe sobre a minha experiência. Disse que sentia a certeza de que alguém que eu conhecia intimamente estava a sofrer de uma síncope ou AVC, e pedi-lhe a ela, também, para enviar pensamentos prestáveis.

No dia seguinte recebi uma carta a dizer-me que a minha grande amiga, Helen MacGregor (de cujos poderes clarividentes e de cura já escrevi), tinha tido um AVC grave, subitamente e sem aviso, enquanto tomava o seu banho na manhã anterior, cerca de duas horas antes de eu receber a condição. Os seus próprios amigos espíritos tinham visto o perigo a aproximar-se no dia anterior, e tinham vindo ter comigo a fim de colocarem a minha mente e poder de cura a trabalhar na vibração da terra e, assim, minimizarem os efeitos da síncope, caso esta viesse, como temiam que acontecesse. Após ter acontecido, visitaram-me de novo, para que eu pudesse continuar a trabalhar mentalmente na Helen enquanto ela estava inconsciente. Os médicos que a trataram ficaram espantados com a sua rápida recuperação de um AVC tão grave.

Em várias ocasiões anteriores, a Miss MacGregor tinha sido enviada a mim, ou eu a ela, nos momentos mais oportunos, quando a ajuda era urgente, até mesmo desesperadamente necessária. Ela continua a ter de cuidar de si própria fisicamente, e não pode arriscar qual quer grande excitação, pelo que é incapaz de fazer marcações definitivas para dar sessões, por causa da tensão da antecipação que está envolvida, mas os seus poderes psíquicos reais continuam tão fortes como sempre, e ela é capaz de os usar naturalmente sempre que seja correto e necessário que o faça. Os seus Guias são capazes de lhe falar de acontecimentos que estão prestes a acontecer, quando uma tal informação é propensa a ser-lhe útil e não meramente alarmante.

Por exemplo, disseram-lhe, em três ocasiões distintas, que o local onde vivia corria o perigo de ser bombardeado nesse mesmo dia. A

explicação disto seria, penso eu, que eles tinham interceptado os pensamentos do inimigo, os quais estariam provavelmente a ser projetados na altura em que o aviso foi dado para as áreas particulares sobre as quais eles iam concentrar-se algumas horas mais tarde. Duas vezes a sua "predição" foi cumprida, tendo o edifício em que a Miss MacGregor vivia ficado ligeiramente danificado; mas, ao receber o terceiro aviso, obteve também a mensagem adicional a dizer que era melhor arrumar as malas, dado que o ataque durante a noite seguinte poderia ser mais severo do que antes.

Ela não ficou alarmada, pois não sentia que viria a ser ferida ela própria, mas sim que deveria estar pronta para deixar o local rapidamente e não ser apanhada desprevenida e despreparada. Nessa noite o bombardeamento foi excepcionalmente severo e o edifício foi novamente danificado, tanto assim que a Helen MacGregor e a sua amiga Margaret Underhill tiveram de reunir os seus pertences e partir na manhã seguinte o mais cedo possível.

Um exemplo bastante interessante da maneira como os nossos Amigos Espíritos usam o seu conhecimento de acontecimentos futuros na terra para nos ajudarem e aconselharem para nosso benefício ocorreu cerca de dezoito meses antes de a guerra rebentar realmente. A Helen MacGregor estava a fazer-me uma visita para passar o dia e, após o almoço, sentámo-nos na minha sala de estar e a Helen disse que via que o meu marido e uma tia minha, que tinha passado para o Lado de Lá recentemente, estavam presentes e desejavam dizer-me algo com o qual eu não me deveria preocupar nem pensar ser uma afirmação contraditória. Deveria agir em conformidade com isso, e notar isso cuidadosamente para consideração futura, quando viria a achar isso prestável.

Disse que faria o meu melhor para cumprir o conselho deles, e instalei-me com papel e lápis pronta para o registo breve de qual quer coisa que me devessem dizer.

Nessa altura, eu estava a considerar seriamente a conveniência de fazer algumas alterações importantes na minha casa. Eram propensas a

ser muito dispendiosas, e a demorar um tempo considerável a serem levadas a cabo, pelo que tinha dado uma boa dose de pensamento a este assunto, e não estava de todo certa de que iria avançar com o projeto, embora soubesse que melhoraria a casa no que dizia respeito às disposições domésticas, e tornaria mais fácil para mim obter a quietude e privacidade absolutas que são essenciais para o meu trabalho psíquico.

A Helen disse-me que o meu marido sabia o que eu sentia sobre o assunto, e disse que seria uma coisa muito boa levar a cabo as alterações, mas que havia um ou dois itens importantes que eu não tinha planeado satisfatoriamente, e que me deveria sentar quietamente sozinha e pedir ao meu pai (que fora um excelente arquiteto amador durante a sua vida terrena) para vir e influenciar-me sobre o assunto. O Fred disse que aprovava todo o resto do plano, e aconselhou-me a levá-lo a cabo durante o outono desse ano de 1938.

Subitamente a Helen pausou, pareceu intrigada, e disse:

— Esta é a parte que tu podes pensar ser contraditória. Eles querem que tu faças as alterações na casa, porque servirá para algum bom propósito ao ser alterada, quer tu a deixes ou não. Eles pensam que tu a deixarás, pelo menos por um tempo. —

Ora, a Helen MacGregor tinha-me dado muitas mensagens durante o decurso dos nossos vinte e cinco anos de amizade, e nem uma se tinha provado alguma vez estar errada. Praticamente todas as comunicações dadas a mim através da sua mediunidade têm sido do maior valor para mim, pelo que, apesar do susto da guerra que se fez sentir durante esse outono, avancei com os planos, entrevistei o construtor e, durante o outono seguinte e início do inverno, as alterações ficaram concluídas.

Fiquei muito feliz e satisfeita com o meu lar na sua nova condição, dispendiosa embora tivesse sido, e escassos meses mais tarde, quando a guerra rebentou, a afirmação feita pelo Outro Lado, através da Helen, no sentido de que a alteração provaria "servir para algum bom propósito" foi verificada, dado que fui capaz de dispor

para que alguns parentes viessem viver para a casa, e fazer todos os ajustamentos necessários à minha vida privada e profissional que a guerra inevitavelmente trouxe.

A predição de que eu poderia não viver muito tempo na casa foi cumprida, visto que, devido às dificuldades relativas a os meus participantes serem capazes de entrar na cidade por causa da lei que proibia qual quer pessoa que não os residentes de o fazer, tive de ir para Londres trabalhar, durante semanas alternadas, como descrevi numa parte anterior deste livro.

Mais tarde tive de deixar a casa e ir para uns arredores mais tranquilos e sem restrições. Se não tivesse sido avisada da possibilidade de todas estas mudanças, poderia ter ficado muito preocupada, e ter-me-ia culpado a mim própria por ter cometido um erro grave ao fazer qual quer coisa na casa de todo.

Pode parecer que vos estou a dar exemplos de um tipo caseiro, até trivial, da maneira como os nossos amigos espíritos nos ajudam, mas é o efeito cumulativo destes que em última análise impressiona as nossas mentes com um sentido da proximidade dos nossos entes queridos, pelo que não peço desculpa por o fazer.

Misericordiosamente, as nossas próprias vidas diárias não são compostas por acontecimentos surpreendentes e tragédias, mas sim pelos acontecimentos comuns e ordinários que afetam a nossa felicidade e bem-estar, e contribuem com a sua quota-parte para a formação do carácter, a edificação das forças da nossa alma.

CAPÍTULO 34

DEUS VAI INTERVIR

Penso ser importante que compreendamos algo das limitações e dificuldades sob as quais os nossos amigos espíritos trabalham quando tentam ajudar-nos, a fim de que não exageremos os seus poderes ou subestimemos a nossa própria capacidade para frustrar os seus planos.

Conforme expliquei, àqueles no Além não é frequentemente permitido impedir-nos de colher a colheita daquilo que nós — na terra — deliberadamente semeámos, mas existem alturas em que eles conseguem, e de facto o fazem, avisar-nos quando veem que estamos em perigo, e este aviso minimiza frequentemente o choque para nós. Experimentei um exemplo deste tipo eu própria uma noite em setembro de 1940, durante a Batalha de Inglaterra, como lhe chamamos agora.

Não tinha havido alarme, ou eu não tinha ouvido nenhum, e tinha ido para a cama e caído num sono invulgarmente profundo, dado que tivera um dia pesado de trabalho no jardim. Deste sono dei dou comigo subitamente acordada, como se uma mão tivesse sido pousada sobre mim, pressionando-se suave e firmemente na minha cabeça até eu estar completamente acordada, e mesmo depois continuou a sua pressão, de modo que percebi que aquilo estava a ser feito para algum propósito definido.

Tudo parecia sossegado e imóvel, e eu fiquei deitada a perguntar-me por que razão tinha sido acordada desta maneira. Mas apenas por um par de minutos; depois, ouvi o som de um avião na distância. Embora tivesse ouvido centenas deles, quase diariamente, durante os últimos dois ou três meses sem lhes prestar qual quer atenção especial, nesta ocasião fiquei imediatamente preenchida com um vivo sentido de apreensão.

Voei para fora da cama, caí de joelhos, coloquei as mãos firmemente sobre os meus ouvidos, e enviei um apelo fervoroso por proteção. À medida que o fazia, veio o estrondo de uma bomba, caindo a cerca de meia milha de distância, depois outra — mais perto — e ainda outra tão próxima que a casa pareceu balançar e esticar-se como se estivesse a lutar para se arrancar do chão pelas suas

fundações, dando-nos o mesmo sentimento de quando o dentista está a tentar arrancar um dente grande e as suas raízes estão a protestar — quase audivelmente, parece na altura — por estarem a ser separadas das suas amarras.

Ao todo, foram largadas oito bombas de alto explosivo, e o ruído foi tão ensurdecedor que não conseguia acreditar que alguma parte da minha casa não tivesse sido atingida. Assim que a última bomba caiu, corri pelo corredor para a minha sala de estar, sentindo a certeza de que o outro lado da casa devia ter ficado gravemente danificado.

No caminho encontrei a Rita, a minha sobrinha, que vinha ao meu encontro, pois ela também tinha sentido que alguns dos quartos não poderiam ter escapado a estragos, tão grande fora a violência das explosões. Na manhã seguinte, quando saí e vi quão perto da minha casa estavam sete das oito bombas (largadas a apenas escassas jardas umas das outras), considerei na verdade como um milagre, ou resposta à oração, que nem a minha casa nem aquelas no curso direto do atacante tivessem sido realmente atingidas. As bombas tinham caído todas em terreno baldio, na borda da falésia e na praia logo abaixo, falhando algumas casas por uma questão de vinte a trinta pés, e enterrando-se inofensivamente na argila, fazendo uma linha de crateras profundas onde tinham caído.

Se não tivesse sido acordada, sinto a certeza de que teria sofrido bastante com o choque, pois sou terrivelmente sensível ao ruído e por vezes tenho-me sentido bastante doente como resultado de um som inesperado. Para mim, em todo o caso, a maior parte da tensão dos ataques aéreos não tem sido o conhecimento do perigo, mas sim os sons violentos e disruptivos no éter ao nosso redor. Se o Adolf Hitler tivesse inventado uma bomba silenciosa para usar nos seus ataques à Grã-Bretanha, penso que eu poderia ter mantido uma atitude mental muito mais cristã para com ele do que aquela que tenho sucedido a fazer!

Contudo, tudo isto é por sinal, e sinto que quero voltar às predições relativamente à guerra — a profecia do Ralph Plant sobre a

reviravolta dos acontecimentos no Meio do Verão de 1941; a afirmação do Sydney Harding ao seu pai de que "Deus pode usar a Rússia"; o meu próprio sonho dos Homens-Lagosta. À medida que remoía isto na minha mente logo após chegar a notícia de que a Rússia tinha sido envolvida na guerra, tentei tomar estes factos em consideração em ligação com os termos que o meu marido tinha usado — no sonho sobre voltarmos as costas à fortaleza escura e enfrentarmos a luz e a segurança de novo —: — *Nós vamos ficar bem*, — acoplados às mesmíssimas palavras ouvidas pela Sra. Stonehouse da parte do seu visitante Espírito enquanto este se inclinava sobre ela durante a noite.

Perguntava-me se a Rússia seria suficientemente forte para reter a Alemanha, para desempenhar o seu papel suficientemente bem, de modo a dar qual quer contribuição substancial para a nossa vitória final sobre os nazis. Verdade que, no meu sonho, os Homens-Lagosta, embora fossem poucos em número em comparação com o enorme exército de nazis que eu tinha esperado ver, pareciam muito formidáveis na sua armadura vermelha, dura e cintilante. O seu porte era extraordinariamente confiante, quase jovial, o que me impressionou fortemente na altura; no entanto, o Ralph Plant tinha insinuado que a Alemanha poderia fazer algum progresso na Rússia, embora não pensasse que ela eventualmente a conquistasse.

Andava a remoer estes assuntos na minha mente há alguns dias e, cedo na manhã de 22 de julho de 1941, acordei com a convicção forte e invencível, que tinha experienciado antes, de que no Seu próprio Tempo Deus iria intervir nesta guerra. Por clarividência, ouvi uma voz que não reconheci dizer-me: — *Estende a tua mão e abre esse livrinho ao teu lado*. — Pelo momento tinha-me esquecido de que, na noite anterior, tinha trazido um pequeno livro na mão — com várias outras coisas — e o tinha colocado sobre a mesa ao lado da minha cama. Por que razão tinha feito isto, não sei, dado que não abria ou olhava para este livro particular há escassas semanas.

Fiz como me fora ordenado e, ao esticar-me para o livro, este abriu-se e dele caiu um pequeno pedaço de papel que eu deveria ter

enfiado lá dentro há muito tempo, pois tinha sido rasgado de um velho almanaque. Nele estava um texto: "Não por força, nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos." No verso deste estava escrito: "Nesta era de pressa e correria e atividade movimentada por toda a parte, se não tivermos cuidado permitir-nos-emos ficar demasiado absorvidos na execução e cuidado de coisas que são legítimas ou que podem parecer absolutamente necessárias, para esperarmos em Deus. Sejamos precavidos para não ficarmos tão engolidos no serviço que falhemos em esperar em Deus pelo dote e revigoramento Espirituais."

Ao voltar-me para as palavras do texto de novo, senti uma convicção interior da sua verdade, e da certeza de que se aplicariam ao curso e término desta guerra. Deus mover-se-ia, Ele interviria nela na altura certa, a qual, no fim, provaria ser a melhor altura para nós. Deus usa pessoas humildes e coisas simples como Seus instrumentos, e alcança grandes fins a partir de pequenos começos. Senti que os símbolos que me tinham sido dados nas minhas visões de sonho, triviais e até ridículos como pudessem aparecer aos não iniciados, podiam ser comparados aos marcos de sinalização que apontam o caminho para o nosso destino, dando-nos confiança e encorajamento ao assegurarem-nos de que estamos pelo menos na estrada certa.

Será que o conselho "para esperar em Deus" significa que devemos pousar as ferramentas e deixar que Ele faça o nosso trabalho por nós? Não, significa que devemos continuar por todos os meios ao nosso alcance, trabalhando até ao máximo da nossa força e capacidade (como sugerido no meu sonho, quando flutuámos para águas seguras com movimentos ousados e determinados), mas dando a nós próprios tempo para pensar em Deus, para nos abirmos à orientação, e àquele estranho mas definido sentimento de força readquirida que provém da comunhão consciente com Ele.

Não precisamos de gastar um tempo valioso de que necessitamos para os deveres necessários do dia, mas não devemos deixar que o sentido da nossa azáfama O feche do lado de fora, como frequentemente fazemos. Em outras palavras, podemos continuar com

os nossos trabalhos, quaisquer que eles sejam, e ainda assim deixá-LO entrar.

Podemos aprender a estar conscientes d'Ele sem retirarmos os nossos pensamentos e energias de tudo o que estivermos a fazer, especialmente se tivermos tido o trabalho, antes de iniciarmos as nossas tarefas, de Lhe pedir para deixar o Seu Santo Espírito estar connosco, sustentando-nos e inspirando-nos em tudo o que fizermos.

CAPÍTULO 35

OS BIGODES DO TIGRE

Para algumas pessoas Deus parece estar a uma longa distância, e este sentimento desencoraja-as de fazerem qual quer tentativa definida de Lhe chegar em oração ou em pensamento. Em tais casos, a comunicação com almas individuais que passaram para o Além é de um valor inestimável, porque mais cedo ou mais tarde um tal contacto conduz-nos a um reconhecimento de um Criador Divino, um Poder por trás da maravilha e conforto do nosso intercurso pessoal com aqueles que conhecemos, amámos e em quem confiámos durante as suas vidas terrenas, e que podem parecer muito mais reais para os nossos corações humanos do que um Deus vago e impessoal que nunca vimos com os nossos olhos físicos.

Conheci muitos ateus e agnósticos que, através da mediunidade da sala de sessões, encontraram o Deus cuja existência duvidavam. A percepção de que o Amor persistiu além do túmulo num sentido pessoal abre a possibilidade, e mais tarde a certeza, de que este também existe numa forma maior e mais infinita. Quando este conhecimento os conduz ainda mais longe, isto é, a uma consciência do Plano, então a vida no plano da terra, com os seus aparentes problemas e dificuldades, pode ser enfrentada com uma paz interior e uma coragem maior do que qual quer uma que tenha sido conhecida antes.

Descobrimos que "Todas as coisas cooperam para o bem" de uma maneira que é na verdade impressionante. Trouxemo-nos sob a Lei

Divina, a qual trabalha para o nosso bem nas coisas mais pequenas, bem como nas maiores. Na verdade, ficamos frequentemente espantados com a maneira como os mais minúsculos detalhes foram organizados e encaixados no seu lugar de direito no Plano. À medida que a nossa apreciação desta verdade cresce, e nos familiarizamos com a ideia de que não existem limites impostos ao crescimento espiritual, descobrimos que ocasionalmente conseguimos um vislumbre daquilo que está a ser organizado para nós algum tempo antes de ser altura de acontecer. É apenas um vislumbre, uma infusão momentânea com o Conhecimento e Propósito Infinitos, cujos detalhes são tão aparentemente pequenos e triviais que, numa data posterior, quando a coisa ou acontecimento acontece do qual fez parte, ficamos sem saber como compreender por que razão nos deveria ter sido "dada" aquela única fração de conhecimento isolada e incompleta relativamente ao futuro.

Referimo-nos frequentemente a isso como um pedaço curioso e inexplicável de clarividência, ou previsão, e não compreendemos por que razão obtivemos tanto e não mais, visto que a sua exiguidade fez com que parecesse ser quase sem valor para nós. Como questão de facto, somos nós próprios os culpados porque ainda não aprendemos a abrir-nos suficientemente às revelações mais completas que poderiam — e eventualmente serão — nossas, se tentarmos seriamente compreender a Ciência Espiritual, e vivermos em harmonia consciente com as suas Leis.

Ainda assim, mesmo as migalhas de pré-conhecimento que conseguimos adquirir podem provar ser úteis quando acontecem os acontecimentos maiores dos quais nos deram uma dica oportuna, porque ganhamos uma garantia a partir do facto de as termos recebido de que "tudo está em ordem", e de que não precisamos de ficar desanimados com o que quer que esteja a acontecer, dado que já era conhecido "do Lado de Lá" — está no Plano — e, portanto, tudo deve estar bem.

Um exemplo deste tipo de percepção relativamente a um acontecimento futuro aconteceu-me há alguns meses. Podereis

lembrar-vos de que, na parte inicial de 1940, a minha amiga Sra. Plant tinha alugado uma casa mobilada para mim em Buckinghamshire, a fim de que eu pudesse viver nuns arredores comparativamente tranquilos por um tempo, uns onde não houvesse restrições de tempo de guerra relativamente a visitantes a entrarem na cidade.

Quando tomei posse da casa fiquei muito agradada com ela, e especialmente com o hall, as escadas e o patamar, que eram mais espaçosos do que na maioria das casas mais pequenas. As escadas eram particularmente largas, com um degrau amplo e fácil, bem alcatifadas, e fáceis de negociar de todas as formas. Na parte inferior da escadaria estava pendurada uma grande pele de tigre, um exemplar notavelmente belo. Estava pendurada na parede que formava o vão da escadaria, correndo direto desde o rés-do-chão até ao teto do patamar no andar de cima.

A cabeça do tigre estava pendurada para baixo, acima do quarto ou quinto degrau a partir deste fundo. Tinha uns bigodes magníficos e, sempre que eu descia as escadas, estes tocavam no meu cabelo se eu caminhasse no lado do lado direito, perto da parede. Eu habitualmente evitava isto caminhando no centro, ou um pouco para a esquerda, o que era ainda mais natural, visto que o corrimão corria ao longo desse lado.

O tigre estava num bom estado de conservação, muito parecido com a realidade, e frequentemente sentia que queria pedir desculpa à magnífica besta, primeiro que tudo porque um da minha própria espécie o tinha matado e, em segundo lugar, porque — juntando a injúria ao insulto — tinha sido pendurado nesta posição ignominiosa, com a sua cabeça pendurada para baixo.

Na azáfama do desempacotar e de colocar as coisas diretas, mal notei o tigre na minha primeira noite, mas na manhã seguinte passei por baixo dele e, à medida que os seus bigodes escovavam levemente o meu cabelo, parei abruptamente nas escadas imediatamente por baixo dele, e senti aquele curioso sentimento de "tudo-no-mundo-está-parado" que vem quando a pessoa se torna inesperadamente

clarividente, ou pressente o Mundo Invisível, ou o futuro. Na minha mente relampejou a mensagem: "Algo vai acontecer-me, algo de momento, neste mesmíssimo degrau, por baixo dos bigodes do tigre."

Talvez apenas escassos segundos tenham sido ocupados pelo "vazio" psíquico, e pelo pré-conhecimento subsequente, mas as palavras, ou o sentido delas, foram tão claras e definidas como se as estivesse a ler num livro. Senti, psiquicamente, que o que quer que fosse que ia acontecer "por baixo dos bigodes do tigre" poderia ser considerado por mim como uma calamidade, e que me estava a ser permitido antecipá-lo mentalmente a fim de suavizar o golpe quando este viesse, e para me assegurar de que, qual quer que fosse a sua natureza, fazia parte do Plano, e era conhecido de antemão, portanto não seria para meu detrimento em última análise, mas sim o contrário.

A condição passou. Continuei ainda a demorar-me no mesmo degrau, sentindo-me normal de novo, e tentando sondar o que a mensagem poderia significar. Como possuo um bom sentido de equilíbrio, parecia improvável que alguma vez escorregasse, ou falhasse o pé nas escadas. Perguntei-me se a pele de tigre poderia algum dia soltar-se das suas amarras e envolver-me num abraço cerrado e provavelmente poeirento, fazendo-me assim perder o equilíbrio.

Mesmo que isto acontecesse, estava tão perto do fundo das escadas que teria tido uma distância muito curta para cair; além disso, o tigre parecia estar preso de forma segura à parede, tanto quanto conseguia ver. Ao fitá-lo para cima, ele olhava fixamente de forma feroz, ou assim parecia, para mim abaixo. As suas mandíbulas abertas e os caninos imensos estavam justamente acima do meu rosto voltado para cima.

Esperava que o seu espírito, onde quer que estivesse, compreendesse o quanto eu detesto usar peles de animais mortos; ou o seu uso em casa. O meu irmão tinha-me oferecido uma vez trazer-me várias peles belas de África, para usar como tapetes, mas eu tinha-as

recusado, porque sabia que tais coisas criam uma condição que é — psiquicamente — não muito boa.

Antes de vir a perceber este facto tinha tido uma dura lição dada pelo meu guia, a Feda. Tinha organizado uma sessão com o Sir Walter Gibbons e, no último momento, justamente antes da sessão, não conseguia encontrar o tapete de lã que habitualmente envolvo ao redor das minhas pernas, dado que estas ficam muito frias durante e após a condição de transe. Não desejando perder tempo a procurar ao redor, peguei apressadamente no meu casaco de pele, um casaco caro e quase novo, do seu cabide, e aconcheguei-o ao redor dos meus joelhos.

Fiquei sob controlo, e o Sir Walter contou-me mais tarde que a Feda surgiu, começou a falar com ele, e depois subitamente pausou, farejou como um cão de caça a recolher o rasto, depois murmurou: — *Animais mortos; animais magoados. Sinto as vibrações deles por todo o meu corpo. Onde estão eles?* — Ela tateou por todo o meu redor, no ar, com as suas — na realidade as minhas — mãos. Após um momento pareceu localizar o seu objetivo e atirou-se ao meu casaco de pele, arrancou-o da sua posição ao redor das minhas pernas e realizou vários movimentos extraordinariamente fortes e destros, tão rapidamente levados a cabo que o Sir Walter não teve tempo de interferir — na verdade estava demasiado surpreendido para o fazer —, acompanhados por sons ominosos de rasgar e fender. Concluído isto, a Feda deu um ou dois pequenos grunhidos de satisfação e observou: — *Ela (querendo dizer eu própria) deveria saber melhor do que usar animais mortos por todo o seu corpo.* —

Depois disso, descartei todas as peles e comprei substitutos de pele, os quais, por sinal, achei mais baratos, mais saudáveis e mais leves, embora justamente tão quentes e elegantes de usar.

Assim, armada com o conhecimento de que não tinha associação com a armadilha e matança de animais selvagens, não sentia que pudesse haver qual quer condição de animosidade entre mim própria e a alma do tigre, se esta ainda existia em forma etérica. Portanto, decidi

exercer o cuidado normal ao subir ou ao descer as escadas (embora, de alguma forma, soubesse que seria o descer que importaria), e descartei o assunto da minha mente.

Dois meses mais tarde, a 22 de dezembro, sentia-me particularmente bem e enérgica, e estava ocupada a preparar as coisas para um Natal de tempo de guerra o mais alegre possível, escrevendo cartas, cozinhando a minha refeição noturna, tudo ao mesmo tempo. Tinha ido ao andar de cima buscar algo, e vinha a descer as escadas com a minha mão esquerda no corrimão quando, subitamente, pareceu que um golpe terrível tinha sido desferido na parte de trás da minha perna direita, a meio caminho entre o joelho e o tornozelo.

Pareceu que algo estalou, com um estouro audível, uma parte do qual pareceu correr perna acima por dentro e a outra metade correu perna abaixo. A dor era intensa, e tornei-me consciente de que não conseguia apoiar-me na perna afetada, pelo que transferi rapidamente o meu peso para o pé esquerdo, e agarrei-me ao corrimão, horrorizada com a percepção de que algo de drástico me tinha acontecido que iria interferir com o meu trabalho e com certas disposições importantes que me tinha comprometido a levar a cabo escassos dias mais tarde.

Enquanto ali permanecia, agarrando-me desesperadamente à barra do corrimão, descobri que me encontrava de pé no degrau imediatamente por baixo dos Bigodes do Tigre.

Olhei para cima para ele. Ele olhou para baixo para mim. Lembrei-me, tão claramente como no dia em que aconteceu, da mensagem que tinha relampejado na minha consciência de que algo me iria acontecer neste mesmíssimo local. Esta memória trouxe-me consolo e garantia imediatos, no conhecimento de que tinha sido sabido de antemão, e de que, se respondesse a isso com o espírito correto, difícil e perturbador para todos os meus planos como aparentava ser, verificar-se-ia ser para o meu bem-estar no fim. De algum modo arrastei-me pelos escassos degraus seguintes, num pé e com as mãos, e clamei por ajuda à minha sobrinha, que felizmente se encontrava num quarto adjacente.

Após exame por um cirurgião, verificou-se que eu tinha roturado um músculo na minha perna, e fiquei rendida *hors-de-combat* por escassas semanas, e continuo ainda, vários meses mais tarde, a sentir os efeitos disso fisicamente, embora apenas em ligeiro grau.

Ora, qual era a utilidade, podereis vós perguntar, do meu pré-conhecimento de um tal acontecimento, e também do acontecimento em si?

Durante várias semanas, mesmo antes de ter tomado posse da casa, vinha a planear passar a semana a seguir ao Natal com uma amiga numa cidade a cerca de trinta ou quarenta milhas de distância, com vista a observar uma cabana lá, na esperança de que provasse ser adequada para o meu trabalho, em cujo caso iria fazer imediatamente disposições para a tomar, e mudar-me para lá no fim de janeiro. Conforme as coisas se passaram, tivesse eu feito isso e teria cometido um grande erro. A amiga que ia visitar foi compelida a deixar o local, o qual achou muito frio e húmido, e não se dando com ela como tinha esperado. Se eu tivesse alugado a cabana que ela tinha encontrado para mim, ela teria provavelmente tentado permanecer lá, com sério detrimento para a sua própria saúde. Tais condições não teriam sido boas para mim, também.

O facto de ter sido impedida de levar a cabo este projeto conduziu também a que escrevesse este livro, o qual sincera e humildemente espero que possa ser o meio de ajudar algumas almas cansadas da guerra a ganharem coragem para enfrentarem os desgostos e ansiedades que um tal holocausto como a guerra inevitavelmente deixa no seu rasto.

Fui também capaz de ajudar a Olive M___ e outros ao ficar onde estava por enquanto, e depois mais tarde subindo para o norte de Inglaterra, onde fui capaz de encontrar as condições, liberdade e tempo em que obter mais algumas experiências psíquicas para este livro, as quais o Outro Lado tinha em mente muito antes de eu ter qual quer ideia de o escrever. Tivessem eles dito para o fazer enquanto estava no sul de Inglaterra e teria sentido que seria impossível, com a

casa para cuidar, correspondência considerável, e mesmo o número limitado de sessões de transe que é agora possível para mim.

Várias semanas antes do meu "acidente" tinha ficado psiquicamente ciente do desejo dos meus Guias de me atraírem para o norte de Inglaterra, mas estupidamente deixei a ideia escorregar para o plano de fundo da minha mente, de modo que, quando o convite veio para visitar um local mais à mão, a impressão de ir para o Norte foi completamente apagada por enquanto. A adesão à primeira impressão, quando esta surgiu de forma clara e inconfundível na consciência da pessoa, verifica-se sempre ser o melhor curso a longo prazo, e é aconselhável tirar notas claras do que a pessoa pressente na altura, e reportar-se a elas a intervalos. Eu tinha feito isto, mas tinha guardado as notas depois, e esquecido o assunto até que acontecimentos subsequentes me puxaram de volta à lembrança e ao conhecimento de que tinha de refazer mentalmente os meus passos.

O Plano estava a ser desenvolvido e não apenas a minha própria pequena parte nele estava envolvida mas, por causa do que me aconteceu através do "acidente" na minha perna, o bem-estar e felicidade de várias outras pessoas foram afetados em grau considerável. Tudo isto foi um exemplo de como a obstinação e determinação da pessoa em levar a cabo um certo curso que não se ajustaria ao Plano tem de ser ocasionalmente vencida de uma maneira que pode parecer bastante drástica, e as ideias e intenções da pessoa guiadas de volta para os canais corretos.

À medida que desenvolvemos a nossa consciência interior, estendendo-nos em direção ao mundo espiritual por orientação, seremos encontrados a mais de meio caminho. A revelação total do Planos não é necessária para nós, nem a deveríamos esperar ou pedir. Por vezes devemos estar contentes por encontrar o nosso caminho no escuro; ao fazê-lo aprendemos a depender de algo maior e mais fino do que os nossos meros sentidos físicos. Não há necessidade de exigir uma luz para nos ajudar no nosso caminho quando podemos depender de sermos conduzidos, como fomos lembrados ao escutar as palavras inesquecíveis que o Rei citou na sua transmissão no primeiro Natal da

guerra: "Sai para a escuridão e coloca a tua mão na Mão de Deus. Isso ser-te-á melhor do que a luz e mais seguro do que um caminho conhecido."

É no caminho conhecido (conhecido porque o traçamos com as nossas próprias mentes punitivas e finitas, preferindo o produto do nosso próprio pensamento desejoso e obstinado aos impulsos do espírito) que frequentemente nos desviamos, ao passo que — uma vez que coloquemos a nossa mão na Mão de Deus — a Mente Invisível mas Infinita nunca falha em conduzir-nos num caminho seguro e reto.

CAPÍTULO 36

O ÉTER COMO O MEIO

PARA MANIFESTAÇÕES SUPERNORMAIS

Quando nos é dada uma oportunidade adequada, é apenas natural que perguntemos às pessoas que passaram para o próximo plano de consciência após a morte física que nos digam onde estão, e como trabalham e se manifestam nas suas próprias vidas, e ao ajudarem-nos no nosso plano. A resposta que nos têm dado é — Que vivem no éter, como nós, e trabalham e se manifestam nele.

O dicionário define o éter como "um fluido elástico subtil que penetra o espaço e preenche os interstícios entre partículas de ar e outra matéria; o meio através do qual as ondas de luz são propagadas." As descobertas da ciência moderna ensinaram-nos que outras coisas são propagadas através do éter, e os nossos amigos no Outro Lado asseguram-nos de que existem muitos mais poderes ocultos aguardando descoberta, jazendo dormentes, por assim dizer, nesta estranha substância, até que aprendamos da sua existência, e de como fazer uso deles. Asseguram-nos de que o poder do pensamento se torna criativo no éter, usando as forças invisíveis nele para produzir resultados que se tornarão visíveis e audíveis.

A Mente Divina manifesta-se em e através do éter, e a mente humana, em ambos os lados da vida, é capaz de o fazer se a alma tiver

sido desenvolvida para o nível correspondentemente elevado de consciência. Em outras palavras, o éter é a atmosfera na qual a mente criativa se torna manifesta.

Tanto quanto consigo compreender, parece que as mentes no Outro Lado acham mais fácil produzir resultados no seu próprio plano do que no nosso. Na verdade, parece ser extremamente difícil para elas produzirem resultados objetivos no nosso a menos que encontrem uma condição criativa correspondente em nós — a qual possam manipular. A sua intenção de se manifestarem a nós desta maneira objetiva, o seu poder para o fazerem, e a condição correta do nosso lado, devem todos sincronizar. Na correria e tensão da vida moderna na terra é difícil para Eles encontrarem-nos justamente no estado recetivo correto no qual possam extrair o nosso poder psíquico, amalgamá-lo com o seu próprio, e produzir o resultado que desejam. Devem frequentemente esperar e vigiar por um tempo considerável antes que uma tal combinação única de condições corretas se apresente e, mesmo quando o faz, pode ser de tão curta duração que a manifestação resultante é frequentemente descrita por nós próprios como vista "num relance", dando-nos pouca ou nenhuma oportunidade para observar detalhes. À medida que nós, do nosso lado, nos habituarmos à ideia de que tais manifestações são de facto uma possibilidade, estas permanecerão mais tempo na nossa esfera de visão.

Tais fenómenos são prestáveis e confortantes, e são especialmente recorridos por aqueles no Outro Lado durante os nossos primeiros anos de luto a fim de nos ajudarem a passar pelas dores mais agudas da perda e separação. Mais tarde, os nossos amigos espíritos usam-nos ocasionalmente para nos darem uma garantia da sua presença, quando as condições na terra tornam difícil para nós "pressenti-los" nós próprios, ou conscientemente alcançá-los durante o sono, e tive um ou dois exemplos — que me impressionaram na altura como patéticos e tocantes, no entanto aliviados pela própria simplicidade que os caracterizava — do seu interesse inabalável nas nossas vidas diárias e ocupações.

Na parte inicial de agosto de 1940, o dia após ter chegado a casa da minha semana de trabalho em Londres, pretendia "deitar mãos à obra" no jardim, que se tinha tornado muito crescido e negligenciado enquanto estive fora. Tinha tudo pronto quando, subitamente, senti uma relutância em fazer o trabalho. Isto era das mais invulgares para mim. Pensei que a viagem difícil e longa me tinha cansado invulgarmente, e que se descansasse escassos momentos estaria pronta para começar com o meu entusiasmo habitual, pelo que me deitei num divã, e caí num estado quieto e passivo, mas sem qual quer intenção de adormecer.

Subitamente ouvi um "golpe" tremendo, tão alto que pareceu como se alguém tivesse exercido grande força ao produzi-lo. Duvido que conseguisse produzir um som tão alto batendo em qual quer um dos móveis do quarto com os nós dos meus dedos. O "bater" pareceu vir do centro do quarto, no espaço, tanto quanto conseguia distinguir.

Clamei: — *Está bem, não estou a ser preguiçosa; estou apenas a descansar por escassos minutos*, — mas imediatamente após o ter feito pressenti que o som me tinha sido dado como um sinal para me preparar para alguma manifestação pretendida. Deitei-me tão passivamente, mental e fisicamente, quanto possivelmente conseguia. Após dois ou três minutos terem passado, vi com bastante clareza, a apenas escassos pés de distância, uma grande imagem do meu marido a desdobrar-se perante os meus olhos; não imóvel e sem vida, como numa fotografia ou pintura comum, mas sim como um grande plano num filme cinematográfico. Era em tamanho real, a cores, e ele encontrava-se sentado num pequeno sofá, o qual não existia no meu próprio quarto, e fora evidentemente trazido ou fabricado para o propósito.

O Fred estava sentado ligeiramente de lado nele, e as suas mãos estavam dobradas sobre um pequeno animal que segurava nos seus joelhos, e evidentemente tinha alguma dificuldade em controlar. Supus que era um dos nossos animais de estimação, mas não o conseguia ver, visto que a "imagem" se tornava nevoenta em manchas, especialmente nas extremidades exteriores. Estava mais clara no

centro, e conseguia ver cada detalhe da aparência do meu marido no que dizia respeito à cabeça, rosto e corpo. Parecia bem e feliz, e mais tarde fiz imediatamente um registo da ocorrência no meu diário de acontecimentos psíquicos, o qual está diante de mim agora enquanto escrevo estas palavras, e nele vejo que escrevi:

"Ele parecia bem, ligeiramente bronzeado, rosto bem preenchido, não abatido. Parecia sério, pacífico e um tanto autoconsciente, como se estivesse a posar para uma fotografia. Na verdade, toda a coisa parecia como que 'organizada' ou 'posada', como uma imagem colorida grande, em tamanho real. Apenas a vi por escassos segundos. Tinha estado a resmungar por não ver o Fred ultimamente. Isto foi muito claro. Tão contente. Penso que o golpe foi para me preparar. O Fred não olhou para mim.

Quase pareceu como se ele não estivesse ciente de mim, no entanto estava a 'posar' especialmente para mim. Consigo ouvir o fogo de artilharia pesado enquanto estou a escrever isto, também peças de artilharia antiaérea. Comboio naval justamente do outro lado do mar. Ouço um avião agora. Peças mais fortes. Não consigo ver nada a acontecer. Penso que será melhor não fazer quaisquer notas sobre este tipo de coisas, pois este livro poderia cair em mãos inimigas. A pessoa não consegue saber. Poderia não importar, mas poderia."

É interessante ler estas palavras agora, um ano mais tarde, e penso que o que se seguiu imediatamente na terra, a atividade no ar — e consequentemente no éter —, cortou através da manifestação e provavelmente a encurtou. Senti que poderia ter visto mais se as condições tivessem permanecido corretas, mas estava grata por aquilo que me tinha sido dado.

Alguns meses mais tarde, quando tinha por fim cessado de resistir e de obstruir os esforços dos meus conselheiros espirituais para me atraírem para o norte de Inglaterra, tive outra prova, embora não tão marcante, da presença e interesse continuados do meu marido, e do seu desejo de me fazer saber que estava perto, e a ajudar-me. Não me encontrava bem, tendo novamente sucumbido à exaustão que parecia

seguir-se a cada viagem que realizava na altura, e que se devia evidentemente à tensão invulgar causada por tentar colocar todo o meu peso numa perna enquanto lidava com a bagagem no caminho, e o desempacotar após alcançar o meu destino.

Estava na cama, mas amparada por almofadas, e as minhas amigas Alice e Ruth Plant tinham entrado para me fazer uma curta visita, e encontravam-se sentadas perto do fundo da minha cama. No dia anterior tínhamos ido inspecionar um pequeno chalé de madeira, o qual ocupámos mais tarde, e estávamos a brincar sobre as suas comodidades e arredores um tanto primitivos. Ficava a cerca de oito ou nove milhas de quaisquer lojas e, tanto quanto sabíamos, estaria a alguma distância de um médico ou telefone. Havia apenas escassas casas dispersas a uma distância razoável.

A Sra. Plant sugeriu que poderia ser bastante complicado se tivéssemos uma forte queda de neve enquanto lá vivêssemos, e especialmente se qual quer uma de nós calhasse estar doente. A Ruth coroou estes pressentimentos sombrios observando esperançosa: — *Seria pior se estivéssemos todas doentes ao mesmo tempo, e ninguém soubesse.* —

Ri-me e disse: — *Bem, se estivéssemos todas seriamente doentes ao mesmo tempo, tudo o que poderíamos fazer seria ficar na cama e morrer quietamente lá. Temos aqueles a quem amamos à nossa espera no Outro Lado e, enquanto estivéssemos a morrer, poderíamos chamar umas pelas outras, dado que o lugar é tão pequeno e os quartos perto uns dos outros, e comentar sobre que progresso estávamos a fazer. Tu, Alice, provavelmente chamarias por mim: "Consigno ver o George e o Ralph à espera. Consegues ver o Fred?", e eu responderia num sussurro fraco, rouco, mas feliz: "Sim, claro que consigo", e assim poderíamos todas derivar pacificamente para Eles sem qual quer alvoroço ou luta para permanecermos aqui.* —

Todas rebentámos a rir perante esta imagem verbal da nossa partida desimpedida desta terra; e, enquanto o fazíamos, a minha atenção foi subitamente atraída para um grande retrato de perfil do

meu marido, que se encontrava erguido sobre uma cómoda em frente de mim.

Nesta fotografia a sua expressão é séria e agora, para meu espanto, vi uma curiosa mancha de um material de aspeto ténue e nevoento, com cerca de quatro polegadas quadradas, aparecer sobre a boca, como se uma mão invisível a tivesse colocado ali. Tão fino era este material que eu conseguia ainda ver vagamente a linha dos lábios através dele. Depois, enquanto olhava, vi os lábios, e a parte do rosto perto deles — os músculos da bochecha e a linha que desce para o queixo — mudarem por completo de expressão. Os lábios voltaram-se para cima nos cantos e um amplo sorriso apareceu no retrato. O efeito era estranho, dado que o sorriso e as linhas e rugas resultantes apenas apareciam onde a mancha clara se tinha sobreposto ao rosto, mas sugeria uma apreciação sincera e humorística da nossa conversa. Era um sorriso feliz e malicioso.

Um acontecimento trivial e fútil? Não para mim. Não para quem quer que se lembre de cada linha e expressão preciosas num rosto amado; que se lembre dos estragos causados nele pela doença e pelo sofrimento durante as últimas etapas na terra, e que agora o vê mais uma vez como costumava ser, há muito tempo, quando a saúde física e a felicidade reinavam supremas.

Como é que o Outro Lado consegue tais resultados? Não sei, e não quero particularmente saber. Um tal conhecimento poderia implicar anos de estudo intensivo, e não ajudaria materialmente a pessoa, penso eu, porque é a prova que se recebeu que ajuda, e é um sinal nunca-a-esquecer da Misericórdia de Deus, da Sua piedade por, e compreensão de, as necessidades das nossas pobres mentes humanas.

Penso que, a menos que tenhamos o tempo e os meios à nossa disposição para estudar tais assuntos num verdadeiro espírito e maneira científicos, é melhor aceitar as suas tentativas de uma explicação simples, se bem que incompleta, quando Eles nos dizem que produzem tais resultados carregando o éter imediatamente ao redor — e possivelmente interpenetrando — o objeto em si, e aquela

parte da nossa atmosfera na qual eles se estão a esforçar por manifestar. É justamente tão natural para eles tentarem fazer isto como seria para eles televisionarem os seus retratos para nós, se estivessem separados de nós durante a vida terrena por uma longa distância, e tivessem a oportunidade dada para o fazerem. No último caso, quão gratos estaríamos por receber esta dádiva, e certamente não levantaríamos objeções quanto a como tais resultados foram obtidos, nem nos sentiríamos indevidamente curiosos relativamente ao *modus operandi* empregue.

Além destes fenómenos de natureza transitória, os quais são propositadamente produzidos pelos nossos amigos no Outro Lado, penso que existem outras impressões de um tipo mais permanente fotografadas no éter, as quais são invisíveis até que algo aconteça que as traga à superfície, por assim dizer. O facto de isto ocasionalmente acontecer pode dever-se à presença de alguma pessoa fortemente mediúnica, cujo poder psíquico se torna subitamente desprendido e ativo e, portanto, instrumental em trazer a imagem oculta e dormente no éter à existência de novo.

Pode ser que o éter tenha uma inteligência própria, instintiva no entanto inconsciente até que algum poder psíquico humano ativo o desperte para a vida, pelo que este projeta, por assim dizer, as impressões que nele foram indelevelmente gravadas por acontecimentos passados, ou talvez devesse dizer pelas reações mentais a tais acontecimentos por parte de alguma pessoa que possuísse o poder psíquico e emocional necessário para registar os seus pensamentos e sentimentos no éter na altura. É-nos dito do Outro Lado, por aqueles que estudaram o assunto quando aqui na terra, que ainda não compreendemos plenamente a natureza exata do éter nem as suas potencialidades.

Quando o fizermos, teremos muitas maravilhas e poderes ocultos revelados a nós os quais provavelmente não estamos ainda prontos para usar com sabedoria. A discrição e a sabedoria para lidar com tais armas devem ser desenvolvidas antes de estarmos dignos de as possuir, de outro modo poderíamos dar-lhes um uso destrutivo em vez

de construtivo, e o mundo ficaria numa situação pior em vez de melhor do que antes da sua descoberta.

Os comunicantes do Além parecem sugerir que o éter não é apenas uma substância física, mas é um veículo ou meio para o pensamento. Não só formou um lugar de armazenamento para pensamentos e memórias de acontecimentos terrenos passados, mas os registos do Plano Divino para o bem-estar futuro da humanidade estão também contidos nele.

Este facto pode ser de grande assistência para os nossos comunicantes do Outro Lado quando eles se estão a esforçar por nos transmitir uma tal informação relativamente ao Plano conforme seja permissível, porque frequentemente observam que encontram alguma dificuldade em trazer a informação direto do seu próprio plano de consciência para o nosso. Por vezes, à medida que se aproximam do nosso plano, a sua memória de factos e detalhes corre o perigo de se perder enquanto estão a tentar ajustar-se às nossas condições e diferente ritmo de vibrações. Indubitavelmente, muitas dificuldades existem relativamente a comunicações entre os dois mundos as quais nem nós, nem eles, compreendemos plenamente ainda, mas que a experiência ajudará a vencer eventualmente.

Esta experiência apenas pode ser obtida quando tivermos vencido o preconceito e a ignorância relativamente a este assunto que ainda existem, embora estejam a diminuir gradualmente. A Ciência está a martelar à porta da ignorância, a qual está destinada a ceder mais cedo ou mais tarde. É-nos dito que o Reino dos Céus é tomado por violência, e é bom ser zeloso, ativo e entusiasta nestes assuntos de importância vital.

CAPÍTULO 37

AQUELE PERPLEXIZANTE

ELEMENTO-TEMPO

Há quatro anos tive uma experiência que pareceu confirmar a teoria que avancei (muito hesitantemente) quanto à possibilidade de o éter ser o meio no qual os acontecimentos futuros, bem como os passados, podem estar impressos.

A minha sobrinha Rita e eu estávamos alojadas numa casa em Conway, nas margens do rio. Uma noite, por volta das oito e meia, decidimos caminhar ao longo das areias em direção ao mar, a apenas uma curta distância. No lado oposto (como todos os que conhecem o rio Conway se lembrarão) fica a colina e a estrada que conduz a Llandudno. Parece uma distância tão curta até Llandudno em linha reta, no entanto, quando queríamos ir lá, tínhamos de ir até Conway, passar a ponte e fazer várias milhas por estrada a fim de chegar à cidade. Esta era uma viagem bastante enfadonha e dispendiosa de autocarro, e era torturante ver o nosso objetivo tão perto de nós, justamente do outro lado do rio, o qual parecia tão estreito na maré baixa que sentíamos que quase podíamos cruzar a vau. Isto, claro, teria sido impossível, mas menciono-o para mostrar quão perto Llandudno aparentava estar. Nenhuma de nós tinha gostado de comentar sobre este assunto, dado que a nossa muito generosa anfitriã teria imediatamente oferecido enviar-nos de carro, e não desejávamos que ela incorresse nesta despesa por nossa causa.

Nesta bela noite de verão iniciámos a nossa caminhada ao longo das areias. Após termos percorrido escassas centenas de jardas, olhei subitamente para cima e, para meu espanto e satisfação, vi que uma longa ponte de pedra se estendia através do rio a partir de um ponto a não mais de uma centena de jardas ou pouco mais de onde nos encontrávamos, até ao lado de Llandudno. A Rita viu-a no mesmo momento. Ouvi-a exclamar enquanto eu olhava para ela:

— *Gladys, está ali uma ponte. Por que razão ninguém nos falou sobre ela? Que quantidade de tempo teríamos poupado se o tivessem feito!* —

Concordei com ela, e ambas permanecemos por escassos momentos a olhar para a ponte e a marcar mentalmente o local exato

onde esta terminava na margem oposta, o qual notámos ficar a uma distância fácil da estrada que conduzia direto para Llandudno. Observámos que as nossas expedições de compras seriam agora tornadas mais fáceis, e desejámos ter tomado a oportunidade mais cedo de caminhar ao longo das areias e descobrir esta ponte conveniente. Ali mesmo combinámos visitar Llandudno na manhã seguinte, por meio da ponte, quer caminhando pela estrada acima que tão claramente conseguíamos ver no lado oposto, quer apanhando o autocarro para a muito pequena distância restante.

Resolvido o nosso pequeno problema pessoal de forma tão feliz e inesperada, passámos um momento ou pouco mais a admirar a ponte. Notei que era feita de grandes blocos de pedra, uma estrutura bela e maciça, inclinando-se numa curva suave e harmoniosa em direção a cada extremidade.

Afastámo-nos e retomámos a nossa caminhada em direção ao mar, mas não avançámos muito, visto que a Rita, ao olhar para o seu relógio, verificou ser um pouco mais tarde do que esperávamos, e a casa onde estávamos alojadas guardava horários muito adiantados. Voltámo-nos para trás, e eu estava prestes a observar: "Que bom pensar que podemos justamente caminhar por aqui de manhã e passar pela ponte", quando a Rita me sobressaltou com um grito de consternação.

Olhei na direção para a qual o olhar dela estava dirigido, e fiquei espantada ao ver que não havia sinal de uma ponte de qual quer espécie. Era inacreditável. Ficámos paradas, olhando uma para a outra em total espanto ou perscrutando o rio em busca do objeto maciço que se tinha estendido através dele escassos momentos antes.

— *Para onde foi ela?* — perguntei fraca e tolamente. A Rita abanou a cabeça mudamente. O argumento e a discussão eram inúteis, fúteis. A ponte tinha estado ali, e agora não estava, e não conseguíamos ver explicação possível para este fenómeno extraordinário. Durante os dias seguintes realizámos uma ou duas perguntas aos habitantes mais idosos quanto a se uma tal ponte

alguma vez tinha existido sobre o Conway, mas eles abanaram as suas cabeças, dizendo que nada sabiam sobre ponte qual quer exceto a existente, a qual ficava provavelmente a pelo menos três quartos de milha de distância daquela que tínhamos visto. Nunca elucidámos o mistério, embora tenhamos frequentemente falado sobre isso e perguntado se terá outrora existido uma ponte a cruzar, cuja existência fosse desconhecida para as pessoas a quem fizemos as nossas perguntas.

A única teoria alternativa é a de que é uma estrutura do futuro o que ambas vimos, o que parece apontar para o facto de que o passado, o futuro e o presente são na verdade um só, conforme afirmado pelos modernos expoentes do "elemento tempo", o qual confesso estar além da minha compreensão.

CAPÍTULO 38

ESPÍRITOS MAUS?

— Não tem medo de entrar em contacto com espíritos maus quando estabelece comunicação com o Próximo Mundo? —

Esta é uma pergunta frequentemente colocada a mim por pessoas que não têm tido muita, ou qual quer, experiência prática elas próprias, e é habitualmente seguida por uma segunda: *— Se contacta espíritos desencarnados, não pode inconscientemente colocar-se no poder deles e correr o perigo de ser obsidiada, ou possuída, por eles?*

—

À primeira pergunta respondo sem hesitação:

— Não, de todo. Por que haveria de ter? Não desejo o intercuro com tais seres e, sendo isto assim, eles não têm ponto de contacto comigo. —

Existem espíritos maus, tanto na terra como no Mundo dos Espíritos, mas este último não estaria povoado por eles se nós, na terra, não os enviássemos para lá. O "espírito mau" do Lado de Lá é apenas o produto de um viver errado, de um pensar errado, na terra. Basta-nos olhar ao redor hoje para ver muitas pessoas más no nosso próprio plano físico; pessoas que vivem unicamente para fomentarem o seu próprio amor ao poder, e a ganância, a inveja, o ciúme que estão na raiz de todo o ódio, contenda e conflito desencadeados que existem neste plano físico. Estas são as almas que, após a morte, aumentam as fileiras dos espíritos maus no Outro Lado.

Os espíritos maus não são fabricados do Lado de Lá. A terra é a fábrica feita pelo homem onde eles são produzidos.

Deus não tem parte na criação do mal.

Nós, os seres humanos neste plano, dotados com o poder do livre-arbítrio, somos os únicos responsáveis pela presença e manutenção de qual quer mal que exista no universo. Quando usamos o nosso livre-arbítrio no serviço dos outros, na criação de melhores condições para aqueles menos afortunadamente situados do que nós próprios, e assim cooperamos com o Plano de Deus para a elevação e melhoria da humanidade, haverá um número cada vez menor de pessoas más a existirem na terra.

Se os homens ou as mulheres causaram persistente e voluntariamente dano e dor aos outros, e se recusam a alterar os seus caminhos, ou a tentarem desfazer alguns dos males pelos quais têm sido responsáveis — em outras palavras, se permanecem deliberadamente não regenerados até que a morte os reclame —, serão exatamente os mesmos quando acordarem no Além.

Nem uma única característica será alterada. A única diferença será — que o poder e a oportunidade para fazer dano desapareceram. No mundo físico tais pessoas têm sido frequentemente capazes de

comprar ou comandar o poder sobre os outros, em virtude das posses ou posições que conseguiram apropriar através da sua excessiva ambição pelo poder, e determinação em satisfazê-lo. Estas táticas não servem de nada do Lado de Lá, e tais pessoas dão consigo condenadas por si mesmas a uma existência onde são incapazes de exercer qualquer influência até que percebam o erro dos seus caminhos passados e desejem sinceramente fazer as pazes.

Tenho visitado o plano onde estas almas não iluminadas vivem, ou antes, existem. É sombrio e cinzento; a própria atmosfera é colorida pelas vibrações da alma e do pensamento dos seus habitantes. Desaparecido está o glamour e o brilho, e quaisquer vantagens da vida que fossem capazes de possuir na terra. Encontraram o seu nível e estão com pessoas do seu próprio género. Já não conseguem mascarar-se de benfeitores da humanidade, como muitos deles foram bem-sucedidos a fazer enquanto viveram na terra. Não existem farsantes ou hipócritas ou lobos em pele de cordeiro do Lado de Lá.

A hipocrisia morre de morte natural com o corpo físico no qual foi criada, e o orgulho e o egotismo morrem gradualmente de fome no Outro Lado porque não existem condições ali com que se possam alimentar. É aqui, na terra, que tais traços são fomentados, não apenas pelos indivíduos que os possuem, mas pelas criaturas de mente fraca ao seu redor as quais, balançadas pelo medo e emoções semelhantes, os lisonjeiam e amparam a uma tal extensão que há alturas em que eles próprios podem ser iludidos a acreditarem que são exatamente aquilo que têm estado a fingir ser.

Ao alcançarem o Outro Lado veem-se como realmente são. Veem-se refletidos naqueles ao seu redor, os quais são afins a eles, os seus únicos companheiros sob estas novas condições, e cada um e todos estes companheiros se tornam para eles como um espelho, no qual aprendem a ver-se finalmente no seu verdadeiro estado. É aí, e apenas aí, que surge la possibilidade de progresso. O primeiro vislumbre de verdade, de autorrevelação, mostra-lhes o primeiro passo na estrada para o desenvolvimento espiritual e liberdade.

Imediatamente isto acontece eles descobrem que existem espíritos ministrantes ao seu redor, à espera para encorajar, aconselhar e assistir. É o meu conhecimento dos factos precedentes que me permite responder pela negativa à segunda pergunta, quanto a se nos colocamos no poder de espíritos maus enquanto tentamos comunicar com o Outro Lado.

Não, o mais enfaticamente possível, não tenho medo do poder de qual quer espírito mau desencarnado. Estou cheia de piedade por ele, e se conhecesse um pessoalmente oraria por ele e pelo seu despertar e progressão espirituais. Tenho muito mais medo — ou talvez devesse dizer apreensão — do poder do mal naqueles que me rodeiam na terra. É o mal em nós próprios, aqui no plano físico, que é responsável por todos os males e problemas no nosso meio. Na Epístola de Tiago, Capítulo 4, encontramos:

"Donde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura não vêm disto, a saber, dos vossos deleites que nos vossos membros guerreiam? Cobiçais, e nada tendes; matais, e sois invejosos, e não podeis alcançar; combateis e guerreais, e nada tendes, porque não pedis. Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites."

E se nos permitirmos deliberadamente acalentar ambições e pensamentos maus, é possível que venhamos a atrair os pensamentos correspondentes da parte de uma alma não evoluída no Outro Lado. Mas por que razão deveríamos fazer isto? "Cada ovelha com sua parrelha", e se não nos importamos com a companhia de pessoas más na terra, por que razão haveríamos de procurar a sociedade de tais, simplesmente porque passaram para o Lado de Lá? A menos que os procuremos, ou estabeleçamos qual quer ponto de contacto com eles, eles são impotentes para nos controlarem ou influenciarem de qual quer maneira que seja. O assunto repousa inteiramente connosco.

A comunhão com as almas boas e evoluídas no Além é uma salvaguarda e proteção contra tais perigos. Os espíritos esclarecidos estão cientes da existência dos não esclarecidos nos reinos inferiores e

mais escuros; mas eles, tal como nós próprios, não correm perigo qual quer de serem influenciados por eles. Conforme afirmei antes, estão sempre prontos e dispostos a ajudá-los assim que veem qual quer sinal da sua prontidão para lucrarem com uma tal ajuda, exatamente como estão constantemente a tentar ajudar-nos, no entanto sem interferirem com o nosso livre-arbítrio. É com a cooperação, e não com a coação, que eles visam.

Sei que muitas pessoas discordam da minha afirmação de que não precisamos de temer a influência de espíritos maus. Apoiam frequentemente a sua contenção de que existe necessidade para um tal medo citando o mesmíssimo texto que usei no primeiro capítulo deste livro, isto é, o 12.º versículo do 6.º capítulo da epístola de São Paulo aos Efésios. Irei repeti-lo para que os meus leitores não necessitem de ter o trabalho de voltar atrás para o lerem:

"Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais."

Na minha opinião, São Paulo queria dizer que a maldade espiritual existia no nosso lado. Ele avisa-nos contra os príncipes das trevas deste século. Não quererá ele dizer o plano da terra quando usou estas palavras? Sabemos que tais "príncipes das trevas" existem, e que as "hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais" são a causa do presente conflito na terra, a guerra que está a travar-se ao nosso redor, e o caos e destruição que dela advêm.

Existe uma causa muito subtil para a ideia de que espíritos maus habitam a atmosfera ao nosso redor, e são capazes de exercer alguma medida de poder sobre nós se nos abrirmos a isso ao nos esforçarmos por estabelecer comunicação com o Mundo Invisível.

Já falei sobre o éter, esse meio elástico e sensibilizado que permeia todo o espaço, e referi-me à possibilidade de que todos os grandes acontecimentos, todas as emoções pungentes, tenham gravado indelevelmente a sua imagem nesta substância. Estas impressões

jazem ali, de forma invisível, até que algo aconteça que as reviva — trazendo-as à superfície, por assim dizer. Os acontecimentos maus, bem como os bons, existem no éter e, quando as condições más são proeminentes na terra, acredito que os dois atuam e reagem um sobre o outro até certo ponto. Parece como se os pensamentos maus libertados na terra se juntassem ao mal dormente no éter, e lhe infundissem nova vida, embora apenas temporariamente. Assim, pelo tempo que for, enquanto existir o mal na terra que possa afetar o éter dessa maneira, é verdade que existe uma condição má que é de natureza psíquica e invisível, no entanto possui o poder de reagir nos indivíduos, caso estes se coloquem na posição em que estão propensos a serem afetados assim.

O abuso excessivo do álcool pode provocar este resultado, ou o uso de certas drogas ou narcóticos pode induzir um estado de recetividade não natural a elementos invisíveis no éter. Muitos psicólogos dizem-nos que o ébrio bebe a fim de escapar às realidades da vida. Se faz isto, para onde escapa ele ou a sua consciência? Frequentemente para um mundo de faz-de-conta, o qual ele encara através de lentes cor-de-rosa, ou cinzentas escuras, de acordo com a sua tendência temperamental para reagir a tais condições. Quanto mais recorre a estimulantes mais se desprende da realidade. Comentamos frequentemente ao ver um amigo sob a influência do álcool: — *Ele não é ele próprio.* —

Não, ele não é ele próprio, não o seu eu normal, porque o seu corpo etérico moveu-se até certo ponto para fora da sua posição habitual no corpo físico. Qual quer forma de narcótico ou droga tem esta tendência, e uma que produza anestesia completa compele o corpo etérico a desocupar o físico por completo pelo tempo que for. Mesmo o mais ligeiro desalojamento do corpo etérico torna a pessoa aberta a impressões de um mundo invisível. Sob condições psíquicas normais e saudáveis isto deveria conduzir ao conhecimento dos Planos Mais Elevados e ao intercurso com as almas evoluídas que existem neles, mas quando acontece a uma pessoa cuja vida interior está em desarmonia com tais condições, ela abrir-se-á provavelmente a

quaisquer das memórias ocultas no éter, e ressuscitará de entre elas aquelas que estiverem sintonizadas com as vibrações da sua alma.

Durante um ataque de *delirium tremens* um homem descreverá minuciosamente a aparência dos monstros que vê ao seu redor. Como qual quer pessoa sabe que tenha testemunhado os mesmos, as vítimas de *delirium tremens* nem sempre deitam espuma pela boca, ou se atiram violentamente de um lado para o outro, mas por vezes agem de uma maneira quieta, aparentemente contida.

Há alguns anos estava alojada numa grande casa na qual existiam várias alas de quartos mobilados. Uma destas era ocupada por um conferencista e professor extremamente inteligente, um homem jovem que poderia ter tido uma carreira brilhante não tivesse ele infelizmente sido dado ao uso excessivo do álcool. Ele raramente estava embriagado exatamente, ou impotente devido à bebida, mas consumia consistentemente em excesso sempre que a oportunidade se oferecia.

Uma manhã estava a praticar quietamente ao piano quando ele bateu à minha porta, colocou a cabeça dentro do quarto em resposta ao meu "Entre", e disse-me na sua maneira habitual quieta e natural: — *Olha, importas-te de vir ao meu quarto e dar uma olhada a esta besta extraordinária que insiste em sentar-se no meu sofá?* —

Levantei-me e fui com ele para a sua sala de estar e olhei para o sofá, mas claro que nada vi nele. Disse isto ao homem, e ele olhou para mim num espanto inacreditável.

— *Não consegues vê-lo?* —

— *Não,* — disse eu, — *não está nada ali.* — Ele procedeu então a descrever em detalhe o monstro verde que insistia estar a ocupar todo o espaço disponível no seu divã. Conseguia ver pela sua maneira que ele acreditava firmemente que esta criatura realmente existia, e nada do que eu pudesse dizer o convenceria do contrário. Na verdade, à luz das minhas experiências psíquicas posteriores, estou inclinada a pensar que ele o via sim, e que se tinha aberto a alguma fotografia de um tal monstro no éter. As criaturas descritas por tais pessoas bem podem ser as imagens etéricas de alguns animais pré-históricos. Isto é

apenas uma teoria minha, apresentada muito humildemente e a título de ensaio, mas tem sido apoiada por afirmações do Outro Lado.

Quando progredirmos no nosso conhecimento da Lei Espiritual aprenderemos como identificar-nos com as coisas e aspetos benéficos do passado. Seremos capazes de fazer uso destas imagens ocultas no éter, e de obter inspirações a partir delas, sempre que necessitarmos de uma tal ajuda, como algumas pessoas são capazes de fazer agora — embora de forma espasmódica e ao acaso, por assim dizer, porque não compreendemos ainda as leis e condições que controlam tais coisas. Quando compreendermos, as glórias e maravilhas, os feitos heroicos e nobres do passado serão trazidos à luz, e seguramente aqueles que foram os principais atores neles se regozijarão por as suas contribuições para a dignidade, a beleza da vida não terem sido desperdiçadas, mas estarem a formar a base de uma beleza ainda maior, à medida que as suas memórias são desenterradas, extraídas do éter, pelas mentes recetivas que estão em harmonia com elas.

Quando as condições são inimigas de o fazer, é muito imprudente contactar deliberadamente os planos mais elevados viajando no corpo etérico da pessoa durante o sono. É muito melhor esperar pacientemente até que aqueles no Outro Lado vejam a oportunidade certa, quando a agarrarão e farão uso dela, quer para nos visitarem quer para nos ajudarem a sair ter com eles. Se existir qual quer incerteza relativamente ao assunto, é melhor deixar as coisas em paz por enquanto.

Notei que quando os bombardeamentos se tornaram mais frequentes e aumentaram em violência encontrei uma maior dificuldade em sair do meu corpo físico e visitar o meu marido; e ao dissociar-me do físico não era capaz de viajar mais além do que o estado de transição, onde estava na realidade consciente dos efeitos do caos na terra e das suas repercussões no mundo etérico. (Já toquei neste assunto nos capítulos anteriores deste livro.) As más condições dramatizam-se no éter de forma tão vívida que, não importa quão experiente a pessoa possa ser em tais assuntos, pode dar consigo "apanhada" por elas.

Na manhã de sexta-feira, 18 de abril de 1941, realizei um registro no meu diário de experiências psíquicas pessoais:

"Quinta-feira, 17 de abril, antes de ir dormir, ou de tentar, pedi para poder visitar o Fred, se possível. Não dormi senão por volta das duas ou três da manhã. Depois dei comigo no estado de transição com o Fred e outras pessoas, pessoas despeitadas, obstinadas, difíceis, travessas. Senti uma tendência para ficar zangada, até duvidando da lealdade do Fred ao vê-lo em contacto estreito com algumas destas pessoas horríveis. Gradualmente, a compreensão do que aquilo realmente significava veio-me parcialmente. Em vez de ceder a estes sentimentos de ciúme, ressentimento e antipatia, senti que iria afirmar o meu sentido de justiça e endireitar as coisas explicando ao Fred quão erradas elas estavam, o quanto contra o eu realizar qual quer trabalho espiritual, ou o ele fazê-lo.

Pareceu que lhe apontei isto (aparentemente ele não tinha estado até então consciente da existência destas pessoas desagradáveis), e ele pareceu tomar conta dos assuntos, e começou a afastar as pessoas do local em que nos encontrávamos. Um sentimento mais límpido, mais satisfeito e mais feliz pareceu agora preencher a atmosfera. Acordei, e lembrei-me imediatamente do que ele me tinha dito antes sobre as condições durante o tempo de guerra, isto é, relativamente à maneira como as condições conflituosas na terra se reproduzem no mundo astral.

Percebi que as pessoas estúpidas e travessas não tinham realidade, mas eram simplesmente os pensamentos dramatizados da terra, a que me referi acima, por vezes aumentados por condições semelhantes e correspondentes já existentes no éter."

Uma tal combinação de condições más bem pode dar origem à ideia da existência de espíritos maus com quem é apenas demasiado fácil estabelecer comunicação, e que têm o poder de nos influenciar, e talvez ferir. Estou certa de que isto é uma falácia absoluta, e espero ter tornado claro que — na minha opinião — somos nós, na terra, que

criamos e afetamos as condições nos Planos Astrais Inferiores, e não estes últimos que criam o mal na terra.

CAPÍTULO 39

MORTO — PELO PÃO

A presente guerra surgiu através da ambição anormal e ganância pelo poder do homem na terra, mas uma dispensação misericordiosa decreta que a Mente Divina acabará por guiar até este gigantesco holocausto feito pelo homem para canais que provarão ser benéficos para nós a longo prazo. Quando essa altura chegar devemos desempenhar o nosso papel na reconstrução da civilização pela cooperação com o Plano à medida que este se desdobra para nós. Isto apenas pode ser feito quando estivermos prontos e dispostos a afundar preconceitos raciais, de classe e outros preconceitos individuais, e agirmos pelo bem da comunidade como um todo, e no serviço dos outros.

— *Será que a guerra alguma vez resulta em trazer melhores resultados na terra?* — oiço alguém perguntar. — *Não era a última guerra suposta fazer da Grã-Bretanha uma terra própria para heróis viverem — e fê-lo?* —

Bem, se não fez uma terra própria para heróis viverem, fez certamente uma na qual os seres humanos conseguem existir em circunstâncias consideravelmente melhores do que aquelas que prevaleciam antes da guerra de 1914-1918. Por favor não saltem para a conclusão de que eu penso que a guerra é um mal necessário, ou que deveríamos ocasionalmente fabricar uma na esperança de que pudesse conduzir a uma melhoria das condições sociais! Não, a guerra é uma coisa má em si mesma, surgindo do mal no homem; mas dela, como de todo o sofrimento, podemos emergir mais fortes e mais sábios se tivermos a vontade de o fazer, e estivermos prontos para começar de novo um novo capítulo no livro da evolução.

Consigo falar por experiência pessoal sobre as condições durante os escassos anos que precederam a guerra de 1914-1918.

Nesse período estava a sentir o forte impulso para desenvolver os meus poderes psíquicos, os quais me tinham frequentemente dito que possuía. Nessa altura o meu marido e eu estávamos no palco, e a vida incerta, e a mudança e viagem constantes pareciam tornar muito difícil para mim alcançar o meu objetivo. Dei voltas à cabeça para tentar encontrar qual quer maneira de obter um emprego fixo em Londres, para que pudesse encontrar pessoas com interesses semelhantes, e talvez juntar-me a um círculo de desenvolvimento.

Como não possuía treino especial em nada, a perspectiva de o fazer parecia bastante desesperada. Tinha tentado trabalho fixo no palco em Londres, mas a competição era demasiado grande, e a oferta excedia a procura muitas vezes mais. Se via um anúncio de qual quer outro tipo de emprego que pensava poder estar dentro dos meus poderes, encontrava uma longa fila de candidatos à espera dele, todos armados com experiência e credenciais que a mim me faltavam. Um dia na City vi uma longa fila de mulheres à espera fora de um edifício. Ao perguntar foi-me dito que algumas delas tinham estado à espera ali por três horas, e que se estavam a candidatar para trabalho de limpeza e esfrega de um bloco de escritórios, em resposta a um anúncio numa janela nessa manhã. Apenas uma mulher era pretendida, mas pelo menos duas centenas encontravam-se na fila.

Sabendo do meu desejo por uma vida fixa, e a razão para ela, o meu marido tentou o seu melhor para obter qual quer trabalho fora do palco. Ele chegou a responder pessoalmente a um anúncio para um homem para lavar carros numa garagem, salário de uma libra por semana; mas quando declarou a sua ocupação anterior foi rapidamente rejeitado. Para este trabalho também havia uma longa fila de candidatos.

Depois, o que eu fatuamente encarei como uma ideia luminosa veio a mim. Tinha tido muito pouca experiência de corte e costura ou de costura, mas aluguei uma máquina de costura de pedal por um

xelim e seis cêntimos por semana, e comprei um pedaço de material barato mas atraente, do qual fabriquei uma blusa bastante vistosa. Como este resultado foi alcançado não faço ideia; penso que foi uma sorte extraordinária. Quase nada sabia sobre o mecanismo ou funcionamento de uma máquina de costura, e tive de a manipular com a ajuda do livro de instruções emitido com ela, e de uma lição de uma instrutora sobrecarregada de trabalho que entrou a correr por escassos minutos, e saiu de novo. Suponho que devo ter usado qual quer capacidade artística que calhasse possuir na blusa, a qual fiz para assentar — e servir — a mim própria. Embrulhei-a cuidadosamente em papel de seda, juntamente com uma lista de armazéns de venda por grosso na City, a qual tinha copiado de um jornal da especialidade, e levei-a para o West End comigo, onde tinha um encontro com um agente teatral para o início dessa tarde. Esta, sentia eu, ia ser a minha última oportunidade, e certamente a minha última tentativa para conseguir um contrato teatral em Londres. Se não se materializasse, a minha intenção era mascatear a minha blusa caseira por alguns dos armazéns da minha lista.

Como de costume, nada adveio da minha entrevista com o agente, e caminhei a pé a distância desde a Shaftesbury Avenue até à City, para poupar o dinheiro do autocarro. Tentei dois ou três dos locais anunciados, mas foi-me dito que apenas queriam pessoas para trabalhar nas instalações, ao passo que a minha ambição era realizar o trabalho em casa, de modo a que pudesse arrebatat algum tempo livre durante o dia para prosseguir os meus estudos psíquicos.

Finalmente, quando tinha quase perdido a esperança, cheguei a um dos locais da minha lista e fui entrevistada por uma capataz morena e extremamente bela — uma judia, deveria eu imaginar. Olhou para mim fixamente, sem falar, por um momento ou dois, e pareceu bastante surpreendeste quando lhe expliquei a tarefa à qual tinha vindo. Continuou sem dizer nada, mas tirou a blusa do seu invólucro e experimentou-a num "manequim" de costureira que se encontrava ali perto.

Para meu deleite, ficou ainda melhor no manequim do que na mão. A capataz evidentemente pensou o mesmo, pois sem mais delongas voltou-se para mim e disse: — *Sim, consigo dar-lhe bastante trabalho para realizar em casa, penso eu. Esta blusa está bastante bem feita. Quer levar algum material consigo de volta agora?* —

Disse alegremente que sim, e ela trouxe-me um pacote de fazenda que disse serem as partes já cortadas para uma dúzia de blusas. Estas tinham de ser unidas cuidadosamente, e as frentes elaboradamente plissadas, antes de serem agregadas na máquina de costura. A remuneração pela feitura destes vestuários era de um xelim e oito cêntimos por uma dúzia de blusas, e a trabalhadora tinha de comprar a sua própria linha! Nada desanimada por estes termos, aceitei de bom grado o trabalho. Tivesse sido dois cêntimos a dúzia em vez de um e oito cêntimos, e penso que teria aceitado. Era trabalho. Prometia ser regular. Na minha profunda ignorância quanto ao que aquilo realmente implicava, caminhei para casa com o meu pesado fardo em pés que iam alados de esperança.

Plissava as frentes; costurava as diferentes partes juntas de acordo com o melhor — ou o pior — das minhas capacidades. O que eu não tinha compreendido era que se tornava necessário para mim possuir um manequim de costureira de tamanho padrão a fim de ajustar cada blusa e ver se esta assentava e caía corretamente. Todas as partes eram cortadas à máquina e algumas delas, tais como os colarinhos, não vinham cortadas no tamanho exato, e era esperado da infeliz maquinista que as cortasse no tamanho de pescoço especificado na blusa de amostra, a qual a pessoa nem sempre podia levar da fábrica, tendo de realizar um desenho rápido da mesma e tomar nota de quaisquer pontos particulares. Tinha visto a amostra a partir da qual as minhas blusas iam ser copiadas, e pensava possuir uma boa ideia do seu aspeto; mas na luta de lidar com os mistérios de meias-frentes, meias-costas, meias-mangas, meios-punhos, tiras de pescoço, e uma extraordinária parte entestada chamada um "croydon", que parecia possuir o dom próprio para partir as agulhas da máquina, perdi toda a lembrança dos seus outros detalhes.

Após quatro dias de trabalho árduo, labutando por catorze horas de entre as vinte e quatro, empacotei os vestuários terminados — "terminados" em mais do que um sentido — e levei-os de volta à fábrica. A minha amiga de olhos escuros da visita anterior saudou-me amavelmente, pegou no meu fardo e abriu-o sobre uma mesa justamente atrás de um biombo de madeira. Não conseguia ver a sua expressão enquanto o fazia, mas ouvi um arquejo. Depois houve um silêncio ominoso por escassos minutos antes de ela surgir ao redor da esquina, segurando a amostra original numa mão e uma das minhas estranhas misturas na outra.

Quando vi as duas blusas juntas fiquei horrorizada. No lugar das seis pregas belas e direitas em cada lado da abertura frontal, eu tinha realizado umas linhas em ziguezague e desiguais que prosseguiram o seu próprio curso gracioso por qual quer lado e de qual quer maneira fazendo abaixo. O pescoço parecia que teria servido a um elefante e certamente ser humano qual quer conseguiria ter-se esgueirado para dentro das cavas e das mangas. A capataz fitou-me sem fala por um momento. Talvez tenha visto o meu olhar de horror e vergonha perante a minha obra, porque os seus olhos suavizaram-se e ela disse quietamente: — *Tu não tens estado habituada a este tipo de trabalho, pois não?* —

— *Não,* — respondi. — *Mas tenho de o fazer, se possivelmente conseguir.* —

Continuou a olhar para mim, depois: — *Está bem,* — disse ela, e afastou-se, para regressar bastante cedo com uma blusa de amostra diferente e alguma fazenda nova. Em escassas frases concisas e claras, explicou-me onde eu tinha cometido os erros, e mostrou-me como evitá-los de futuro. Guardei cada palavra na minha mente, cumpri-as à letra, e o resultado foi uma dúzia de vestuários bastante apresentáveis, feitos em três dias de catorze horas cada, em vez de quatro.

Quando o meu trabalho foi passado, e até aprovado, e me foi confiada uma nova remessa de material, senti que tinha realmente feito um começo.

Pobre idiota cega que eu era. Não percebia que me tinha apanhado num sistema desesperado e terrível. A fim de ganhar escassos xelins por semana, levantava-me às seis horas da manhã e trabalhava febrilmente até à noite, chegando mesmo ocasionalmente a continuar até às duas da manhã do dia seguinte a fim de terminar qualquer trabalho. Não havia tempo para relaxar, para estudar ou fazer exercício. Cada dia ficava preenchido com o esforço frenético de realizar o máximo possível durante o período entre o levantar e o ir para a cama, e arrebatando qual quer comida que a pessoa conseguisse obter que não necessitasse de ser cozinhada. Uma pequena quantidade de carne de vaca em lata já cozinhada, cebolas de conserva, uma fatia de pão, empurrados por chá forte e barato para me manter acordada, era a minha dieta básica nessa altura. Aluguei uma segunda máquina de costura e o meu longânimo marido instalou-se de boa vontade para fazer a sua quota-parte daquela existência de galés a que nos estava a condenar a ele e a mim própria.

Com o passar do tempo fui altamente elogiada pela qualidade do meu trabalho mas, após muitos meses de experiência, o máximo que alguma vez ganhámos numa única semana foi a soma de dezassete xelins e seis cêntimos. Habitualmente a média rondava escassos doze xelins semanais. Para piorar as coisas, tínhamos de trabalhar durante duas semanas antes de sermos pagos pelo trabalho realizado na primeira semana! Este sistema prendia eficazmente a pessoa.

Por que razão era imposto aos infelizes e desafortunados seres envolvidos, não sei, mas o resultado era que o trabalhador que ansiava por se libertar dava consigo forçado a continuar a fim de receber a mísera soma devida pelo trabalho da semana anterior, da qual se necessitava sempre desesperadamente para fornecer os escassos bens necessários da vida, ou para pagar a renda do único quarto em que se dormia, comia e trabalhava, como nós próprios fazíamos.

justamente antes do tempo de que escrevo, tínhamos estado alojados com uma família extremamente amável, industriosa e respeitável, que se encontrava toda ela engajada em trabalho semelhante — "trabalho à peça para o exterior", como lhe chamavam.

Alguns elementos da família faziam vestuário de bebé a escassos cêntimos a dúzia; outros encontravam-se ocupados no fabrico de caixas. Até a velha avó, com oitenta anos pelo menos, participava nesta ocupação.

Uma das pessoas da família, uma mulher quieta, requintada e de meia-idade, preferia trabalhar sozinha. Num pequeno quarto, com cerca de sete pés de comprimento por cinco pés de largura, ela dormia, lavava-se, vestia-se e fazia caixas das mais elaboradas e atraentes, forradas com papel rendado de prata e branco, por dois xelins e seis cêntimos a grossa. A vivacidade sempre presente de cada membro desta família era maravilhosa. Foi algo que nunca vi igualado em toda a minha vida, mas conseguia ver que as condições sob as quais existiam estavam gradualmente a minar-lhes a vida e as forças.

Como navios que passam na noite, deparei-me com muitas dessas vítimas das condições económicas dessa altura; labutando do início ao fim do ano, sob condições que eram uma vergonha para o resto de uma comunidade civilizada. Não existia subsídio de desemprego em existência então, nem pensão de velhice, embora esta última tenha entrado em vigor logo depois, para grande deleite da velha senhora das caixas, que foi uma das primeiras em Inglaterra a reclamar os seus cinco xelins semanais. Nunca esquecerei o deleite trémulo, quase inacreditável, com que recebeu a notícia de que tinha realmente direito à pensão. Para meu divertimento, ela libertou-se da família e do fabrico de caixas e mergulhou de forma quase temerária numa vida que significava emancipação e liberdade. Tomou um quarto por uma renda de três xelins por semana e existia — "realeza", afirmava ela sempre — com os dois restantes, suplementados por um xelim e seis cêntimos, e ocasionais pequenos pacotes de chá dados pelos seus parentes que, com a sua tolerância habitual e sentido de camaradagem, simpatizavam com o desejo dela de ter um "lar próprio de novo".

A avó mantinha o seu quarto impecável. No fim de semana, sustentada pelo conhecimento de que mais uma vez os preciosos cinco xelins tinham vindo milagrosamente parar à sua posse, sentava-se em sumos cuidados, com uma fita brilhante na sua touca, o rosto

densamente empoado com qual quer material disponível, embora nem sempre adequado, de que conseguisse deitar mão e, para usar o seu próprio resumo da situação, ela "não trocaria de lugar com a própria Rainha".

Este pequeno grupo de pessoas formava uma espécie de oásis de vivacidade num deserto de miséria. Não eram religiosos em qual quer sentido ortodoxo. Nunca iam à igreja, mas os seus corações transbordavam de boa vontade para com os outros e de uma tolerância relativamente a tudo e a toda a gente com quem entravam em contacto. Uma palavra azeda nunca era proferida no seu lar; pareciam estar em harmonia com tudo no seu pequeno universo, até mesmo com a pobreza abrasadora, as longas horas de escravidão, a doença ou a própria morte. Eram únicos na sua maneira, mas não eram os únicos que suportavam as privações dos tempos com uma aquiescência — ou talvez submissão seja a melhor palavra — que compele a nossa admiração, no entanto foi provavelmente responsável pela falta de progresso realizado na melhoria de tais condições.

Vi muitas tragédias nesses dias, cenas que nunca esquecerei, nem desejo fazê-lo, porque aprendi muitas lições que me permitiram compreender a vida como um todo e talvez, pelo menos assim o espero, ajudar os outros de uma maneira que não poderia ter feito se não tivesse eu própria passado pela escola do sofrimento. Poderia escrever volumes sobre as vidas íntimas dos pobres daqueles dias, mas não é necessário fazê-lo neste presente livro, mas apenas tocar na franja do assunto a fim de mostrar que a última guerra conduziu de facto a certas melhorias no padrão geral de vida entre os trabalhadores, tanto qualificados como não qualificados.

Aos últimos, os chamados não qualificados, pertencia a classe de trabalhadores que vos descrevi; as maquinistas, os fabricantes de caixas e muitos outros cujo trabalho implicava concentração, cuidado, esmero e destreza de mão e de mente. Tudo trabalho não qualificado.

E em troca, uma ninharia, uma soma infinitesimal que em muitos casos nunca pagava sequer as escassas necessidades da vida. A

comida, barata e abundante como era então, nunca podia ser comprada em quantidades suficientes para realmente nutrir os seus corpos. Eles certamente não "viviam para comer", nem sequer comiam para viver; nem trabalhavam para existir, mas existiam a fim de trabalhar, ou então perecer na tentativa. Algumas destas pessoas desafortunadas não estavam a viver, certamente não vivendo no sentido desse termo conforme compreendido pela maioria das pessoas. Já estavam mortas; mortas para toda a beleza, todo o entusiasmo e alegria da vida. Mortas — pelo pão.

* * *

Neste país, a guerra de 1914-1918 uniu homens e mulheres numa humanidade comum, uma luta comum da qual emergiram com uma melhor compreensão das perspectivas, objetivos e necessidades uns dos outros e, de tudo isso, surgiram muitas reformas, incluindo o subsídio de desemprego — essa bola de futebol no campo da opinião.

Não terá havido muitos abusos desta medida? Sim, claro. Haverá sempre abusos de qual quer nova ordem que contribua para a melhoria do mais desfavorecido até que este tenha aprendido a reagir corretamente perante tais melhorias, o que não terá lugar até que as decências da vida se tornem uma parte natural da sua existência, quando as tratará com a mesma razoabilidade e respeito que já dedica a outras coisas que lhe são habituais. Tais abusos conforme ocorrem (ouvimos falar demasiado facilmente sobre estes, as exceções, e nada sobre a vasta maioria que faz o melhor uso possível de quaisquer vantagens que lhe surjam no caminho) desaparecerão à medida que a familiaridade com as comodidades da vida aumente.

Espero não ter dado aos meus leitores a impressão de que o bem surge dos males da guerra, ou de que uma guerra é necessária a fim de que o bem possa surgir dela. Não acredito que o bem surja alguma vez do mal.

O que eu acredito é que o bem surge dos esforços heroicos realizados pelo homem para combater e vencer o mal, mas não do mal em si.

Aqueles que procuram justificar as suas ações erradas aos seus próprios olhos ou na opinião dos outros sustentando que são compelidos a fazer o mal para que o bem possa advir, acabarão por descobrir que têm estado a empunhar cegamente uma espada de dois gumes, um instrumento perigoso que corta em ambos os sentidos em pura verdade, e provará ser a sua própria ruína, quer na terra quer no próximo mundo.

O próximo mundo? Será que ele realmente existe? É esta incerteza relativamente à realidade do próximo plano de vida — a próxima página da existência que está oculta aos olhos deles hoje até que a mão de amanhã a vire — que faz com que tais pessoas persistam nos seus métodos errados, nos seus princípios especiosos mas perigosos, os quais estão fundados na conveniência, e não num código espiritual ou moral sólido.

CAPÍTULO 40

O INDIVÍDUO E O PROPÓSITO

A presente guerra acabará por trazer melhores condições à terra, mais ainda do que a última guerra. A Grã-Bretanha e os seus Aliados estão a travar uma batalha única na história do homem. Em guerras anteriores, os exércitos encontravam-se e combatiam outros exércitos no campo de batalha, os navios trocavam hostilidades nos mares, até o ar se tornou um campo de batalha comum. A maioria das nossas guerras passadas surgiu a fim de resolver disputas relativas à propriedade de certos territórios, à demarcação de fronteiras; devido a diferenças políticas e até religiosas.

Todos estes foram objetivos definidos pelos quais combater na esperança de obter uma resolução satisfatória e justa. Eram batalhas de forças físicas definidas para objetivos materiais definidos. Carne e sangue, como São Paulo lhe chamou, contra carne e sangue, combatendo pelas coisas terrenas que contribuem para a manutenção dos corpos terrenos. Aqueles no Outro Lado dizem-nos que nesta presente guerra, mais do que em qual quer outra, estamos a combater

contra as forças subtis, espirituais e mentais, que jazem na raiz dos objetivos daqueles que buscam a dominação mundial a fim de satisfazerem as tendências luciferinas que permitiram crescer sem controlo dentro de si próprios.

Reportando-nos à epístola de São Paulo aos Efésios, são estas pessoas que são os "principados, as potestades, os príncipes das trevas deste século", e devemos vencer e frustrar as suas maquinações revestindo-nos de toda a "armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; e calçados os pés na preparação do evangelho da paz."

Que esplêndido conselho está contido nestas palavras. Elas são ecoadas em cada mensagem que vem das almas avançadas no Outro Lado. Permanecei firmes, seguramente envolvidos na armadura de Deus, a armadura da verdade, da justiça e da determinação e, acima de tudo, preparando, desde já, o verdadeiro evangelho da paz e da boa vontade para com toda a humanidade.

Sim, exatamente como da última guerra surgiram melhores condições, também deste presente levantamento devemos erguer-nos de novo, fortalecidos e purificados pelos fogos espirituais e materiais através dos quais passámos, e fazermos um mundo mais belo para todo o género e todas as condições de pessoas.

E agora uma palavra para aqueles que, devido à idade ou a limitações físicas, são incapazes de tomar qual quer parte ativa na luta pela liberdade, e que interiormente se rebelam contra o seu estado forçado de ineficácia. Há muito que podem fazer, se o quiserem. O facto de existir um lado espiritual e mental, bem como um lado material nesta guerra, dá-lhes a oportunidade de ajudarem por meios espirituais e mentais. Pela oração, pela afirmação constante de que o bem acabará por triunfar sobre o mal, de que a fé no Plano e Propósito de Deus para o nosso bem-estar animará cada ser humano, implantando a esperança onde o desespero tem reinado.

Sir Oliver Lodge, ao falar-me do Outro Lado no que respeita ao presente infeliz estado de coisas, disse que devemos guardar-nos contra a "tendência para o ceticismo que é inerente à mente humana, e tem sido fomentada por gerações de pensamento errado, a nossa falta de fé e a nossa relutância em vislumbrar o verdadeiro e o belo."

Aquelas pessoas de quem falei, os idosos, os inválidos e aqueles que são compelidos a ficar em casa e a realizar as tarefas humildes e comuns da vida diária, podem fazer uma grande quantidade de coisas para ajudar as outras pessoas a "vislumbrar o verdadeiro e o belo", embora possam não se mover uma única polegada das suas próprias lareiras a fim de o fazerem. Os seus pensamentos saíam para o éter, levando a sua mensagem a qual quer mente humana que esteja sintonizada e aberta a eles; nem um único será desperdiçado.

E cada um e todos nós, qual quer que seja o nosso trabalho, onde quer que vivamos, ou como, podemos edificar a qualidade das nossas próprias almas, aperfeiçoando-nos pouco a pouco, dia a dia, até minuto a minuto. O desenvolvimento do nosso poder da alma não nos custa nada. Está inteiramente nas nossas próprias mãos.

Thomas Carlyle disse: "Redimir um mundo afundado na desonestidade não te foi dado; unicamente sobre um homem nele tens um poder bastante absoluto e incontrolável; redime-o a ele, torna-o honesto a ele; será qual quer coisa, será muito, e a tua vida e labuta não terão sido em vão."

Se cada um de nós fizesse isto, criaríamos um mundo novo. Do Outro Lado relembram-nos continuamente de que a regeneração do mundo deve começar com o indivíduo, porque é apenas a partir de dentro que podemos alguma vez alcançar o progresso real. À medida que nos tornamos individualmente mais evoluídos, os nossos pensamentos aumentarão correspondentemente a sua capacidade de alcançar e influenciar os outros que responderão, com o resultado de que o éter — a região intermédia entre os planos físico e espiritual — fica infetado, e se tornará um verdadeiro armazém de bons pensamentos que podem ser extraídos por pessoas de qual quer um

dos lados da vida. No entanto, lembrem-se, a sua origem brotou do indivíduo, e o seu suprimento é mantido pelo indivíduo.

O poder para ajudar o resto do mundo e a nós próprios repousa inteiramente com cada indivíduo e, à medida que as vibrações da sua alma são fortalecidas pela percepção desta verdade, e o desejo de progredir aumenta, assim atrairão para si próprios outras almas no Outro Lado cujo trabalho é ajudar a evolução da raça humana na terra. Não prosseguiremos o nosso curso sozinhos, uma vez que tenhamos cooperado com aqueles no Além, e os frutos da sua experiência podem beneficiar-nos se conseguirmos cortar das nossas vidas diárias algum tempo para a quietude e a reflexão.

Alguém disse que podemos aprender a sabedoria por três métodos, e que o mais amargo deles, e o caminho que a maioria das pessoas escolhe, é pela experiência; o mais triste é pela imitação, e o mais nobre pela reflexão.

Para mim parece que o método mais nobre provará também, no fim, ter sido o mais fácil. Certamente é o mais direto e, na minha experiência, o mais rápido a produzir resultados. É a tendência para pensar como as outras pessoas fazem, sem pensar por si próprio, que deixa a pessoa "em seco", sem alicerces espirituais ou convicções próprias, quando o desgosto ou o problema batem à nossa porta.

Os comunicantes experientes no Outro Lado estão continuamente a aconselhar-nos a deixar as nossas crianças saberem os factos simples e fundamentais da vida o mais cedo possível. É particularmente importante dar-lhes alguma informação definida relativamente à imortalidade da vida. Isto dissiparia muita da agonia de mente desnecessária que muitas crianças sofrem através do medo do escuro, e da morte. Podemos pensar que nada sabem da morte porque nós — os seus pais ou guardiões — não lhes contamos nós próprios. Infelizmente, ouvem falar dela frequentemente através de canais indesejáveis, tal como ouvem sobre o sexo, e obtêm uma impressão errada e distorcida relativamente à mesma, a qual pode afetar a sua perspetiva espiritual e moral pelo resto das suas vidas.

Acima de tudo, é essencial que a pessoa que as instrui possua ela própria uma crença firme na verdade que está a transmitir. A insinceridade é pressentida muito rapidamente pelas crianças, cujas mentes trabalham intuitivamente antes de aprenderem a trocar este processo pelo do raciocínio.

Quando era uma criança pequena tinha um anseio insaciável de aprender tudo o que pudesse relativamente a Deus e ao mistério da morte. O meu pai tinha insistido em que eu frequentasse a Igreja regularmente. Expressava visões muito ortodoxas sobre a religião nas raras ocasiões em que mencionava um assunto aparentemente tão embaraçoso e desconfortável como Deus.

Não demorou muito para me dar conta de que ele próprio não tinha qual quer convicção real quanto à realidade da existência de Deus, mas fazia-me ir à Igreja e observar quaisquer outras práticas da religião convencional, justamente para o caso de "afinal poder haver ali qual quer coisa" e — se assim fosse — não desejava ter na sua consciência a responsabilidade de me ter fechado do lado de fora disso. Isto confessou-me ele em anos posteriores, quando nos tínhamos tornado bons amigos em vez de meramente pai e filha, mas entretanto eu tinha passado por infernos de dúvida e medo.

Quanto significaria para todos nós — crianças crescidas como na realidade somos — se pudéssemos apenas perceber que Deus — o Espírito e Mente Infinitos por trás de todo o Universo, é na realidade um Pai bondoso e amoroso, o Chefe da Casa, e que podemos colocar confiança absoluta no Seu amor por nós se apenas consentirmos em comportar-nos como crianças decentes e obedientes o devem fazer!

Charles Kingsley disse que Deus fez os animais para seguirem as suas naturezas, cada um de acordo com a sua espécie, e para fazerem cada um o que gostasse sem pecado. Mas fez o homem para fazer mais do que isto, para fazer mais do que aquilo de que gosta — a saber, para fazer o que deve. Deus fez o homem para O amar, para Lhe obedecer, para O copiar fazendo a Sua vontade, levando a vida de

Deus amorosamente, alegremente e *de seu próprio livre-arbítrio*, como um filho segue um pai cuja vontade se deleita em fazer.

Coloquei as palavras — *de seu próprio livre-arbítrio* — em itálico porque nos tem sido frequentemente apontado — do Outro Lado — que o homem está inclinado a considerar a obediência a Deus como uma forma de escravidão, ao passo que esta nos conduz na realidade à verdadeira liberdade e a um poder maior.

"Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados. Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada." (Romanos, Cap. VIII, versículos xiv-xviii.)

Esta é a mensagem que fui influenciada a dar-vos neste livro simples das minhas experiências em ambos os lados do véu. Se ao menos estivermos dispostos a aceitar a ajuda de Deus, sem questionar, ela é nossa bastando pedir. Esvaziemos as nossas mentes de todas as dúvidas e picuinhas passadas, e vejamos o que acontece por nós próprios. "Transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus."

Vós notareis que São Paulo disse que poderíamos "provar" o que a vontade de Deus, e a nossa cooperação com ela, poderia significar para nós. Não nos demora muito tempo fazê-lo, uma vez que estejamos determinados a limpar algum do lixo e das coisas supérfluas dos cantos poeirentos das nossas mentes.

Aquelas almas que nos conheceram na terra, e que habitam agora nos Planos Mais Elevados do Além, estão ansiosas por nos ajudar a fazer isto. Já aprenderam as suas próprias lições do Lado de Lá. Reclamaram a sua condição de filhos ao perceberem a existência do

seu Pai, respondendo ao Seu Amor e cooperando com o Seu Propósito, dia a dia, passo a passo, à medida que este lhes é revelado; mas não dependamos delas para revelar a totalidade do Plano à nossa compreensão mais limitada. Não está no poder delas fazê-lo, nem é desejável ou necessário. A consciência da sua proximidade, do seu pensamento e cuidado por nós, do seu desejo pelo nosso progresso, faz-nos perceber que nunca estamos sozinhos sob quaisquer circunstâncias em que possamos necessitar de ajuda.

Esta guerra — e mesmo as dificuldades que possam surgir após ela ter terminado — passará. As nossas aflições parecem de facto dolorosas por enquanto, mas devemos lembrar-nos de que a guerra, tal como a própria morte, apenas significa que estamos a passar sob uma ponte coberta e, não importa quão escuro possa parecer enquanto estamos sob ela, é apenas uma breve escuridão. Sairemos para a luz da paz novamente, armados com uma compreensão mais profunda de nós próprios, dos nossos vizinhos, de Deus e do Seu propósito.